



Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

**O ECOSSISTEMA FUNDAMENTAL DA LÍNGUA MAMBAE:
ASPECTOS ENDOECOLÓGICOS E EXOECOLÓGICOS DE UMA LÍNGUA
AUSTRONÉSIA DE TIMOR-LESTE**

HELEM ANDRESSA DE OLIVEIRA FOGAÇA

Brasília

2017

Helem Andressa de Oliveira Fogaça

**O ECOSISTEMA FUNDAMENTAL DA LÍNGUA MAMBAE:
ASPECTOS ENDOECOLÓGICOS E EXOECOLÓGICOS DE UMA LÍNGUA
AUSTRONÉSIA DE TIMOR-LESTE**

Tese apresentada ao Departamento de Linguística,
Português e Línguas Clássicas da Universidade de
Brasília, como parte dos requisitos para a obtenção do
grau de Doutor em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Hildo Honório do Couto

Brasília

2017

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Fe Fogaça, Helem Andressa de Oliveira
O Ecossistema Fundamental da Língua Mambae: Aspectos
Endoecológicos e Exoecológicos de uma Língua Austronésia de
Timor-Leste / Helem Andressa de Oliveira Fogaça; orientador
Hildo Honório do Couto. -- Brasília, 2017.
297 p.

Tese (Doutorado - Doutorado em Linguística) -
Universidade de Brasília, 2017.

1. Mambae. 2. Timor-Leste. 3. Ecolinguística. 4.
Gramática. I. Couto, Hildo Honório do, orient. II. Título.

Helem Andressa de Oliveira Fogaça

O ECOSSISTEMA FUNDAMENTAL DA LÍNGUA MAMBAE: ASPECTOS ENDOECOLÓGICOS E EXOECOLÓGICOS DE UMA LÍNGUA AUSTRONÉSIA DE TIMOR-LESTE

Tese apresentada ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Doutor em Linguística.

Brasília, 17 de novembro de 2017.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Hildo Honório do Couto (UnB) - Presidente

Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira (UFG) – Membro externo

Prof. Dr. Gilberto Paulino de Araújo (UFT) – Membro externo

Prof. Dr. Kleber Aparecido da Silva (UnB) – Membro interno

Profa. Dra. Mariney Pereira Conceição (UnB) - Membro suplente

AGRADECIMENTOS

Esta tese não poderia ter sido escrita sem a ajuda de muitas pessoas que me assistiram, suportaram, guiaram e me encorajaram ao longo desses anos de estudo.

Ao meu orientador, Prof Dr Hildo, muito obrigado pela tranquilidade e sabedoria com as quais me orientou. Aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística - UnB, que deste o início me incentivaram nesta jornada acadêmica. À Renata e a Ângela que sempre estiveram prontas a ajudar nas "perguntas difíceis". À CAPES/DS pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa.

À Australian National University – ANU que nos recebeu como *academic visitors* por três meses. Sou grata ao supervisor Dr. Mark Donohue, ao diretor Dr. I Wayan Arka e ao Dr. James Fox por nos acolherem, compartilharem idéias e sugestões para esta pesquisa. Em especial ao Dr. Charles Grimes por organizar este período na ANU e compartilhar seu conhecimento e vasta experiência nas línguas austronésias.

Ao Instituto Nacional de Linguística de Timor-Leste, na pessoa de seu diretor, Dr. Benjamin Araújo Corte-Real pelo apoio e licença para a pesquisa no ano de 2014.

Ao meu principal consultor Mambae, Pdt Carlos Marçal, pelo apoio na coleta e tradução dos dados. Ao maun Asau pela transcrição dos audios em Mambae. À tia Maria Marçal por sempre me acolher em sua casa durante as viagens a Same. Ao sr. Paulino, tio Chico, sra Rita, Pdt Anjelina, sr Manuel, e tantos outros que ajudaram com as gravações.

À amiga Kê Simas por sempre estar disposta a me ajudar com toda a parte burocrática quando eu estava no trabalho de campo; à mana Simone Assis por dividir seu *office* comigo. À ibu Emma pela hospitalidade na Indonésia e à família Guthrie por nos acolher na Austrália. À ibu Barbara e Ausil pelo incentivo na pesquisa. Aos amigos de São Paulo, Brasília e Minas que nos suportaram durante este período de estudos. À todos os amigos que, como nós, vão Além das fronteiras por uma causa maior - muito obrigado pelo apoio!

Aos meus pais, Tiago e Vanda pelo amor e por sempre me apoiarem nos estudos. À minha irmã, sogra e sogro. Todos vocês fazem parte de algo que vai além da formação acadêmica. Muito obrigado!

Às duas principais pessoas de minha vida hoje: meu marido, Jessé, e minha filha, Rebeca. Sem o apoio de vocês não concluiria este doutorado. Sou eternamente grata a Deus por ter esta família que não mede esforços no suporte mútuo. Obrigado por me apoiarem quando estava difícil, me ajudar a levantar quando caía. Obrigado pelo abrigo quando perdemos algumas estrelinhas e me ajudarem a prosseguir em frente quando não havia mais forças. Este doutorado é de vocês também!

E acima de tudo e de todos, ao eterno criador da vida. À Deus.

Porque dele, por meio dele e para Ele são todas as coisas.

A Ele, pois, a glória eternamente. Amém!

RESUMO

Esta tese é uma descrição do Ecosistema Fundamental da Língua Mambae, uma língua austronésia falada por cerca de 190 mil pessoas que vivem na região central montanhosa de Timor-Leste. O principal objetivo é apresentar a análise da língua Mambae através da descrição da língua (análise endoecológica) e um panorama da situação ecolinguística (análise exoecológica), buscando responder as questões primárias desta pesquisa: Quem fala qual língua Mambae? Para quem? Quando? Onde? A abordagem utilizada é a da ecolinguística e seus diferentes métodos de análise, contemplando o tripé que compõe o ecossistema linguístico Mambae: Povo – Língua – Território. Após a introdução, o primeiro capítulo faz uma revisão bibliográfica da ecolinguística e detalha a metodologia utilizada no desenvolvimento da pesquisa. O segundo capítulo descreve o Ecosistema Fundamental da Língua Mambae e o terceiro capítulo apresenta uma comparação lexical identificando as diferentes variedades do Mambae: Noroeste, Nordeste-Central e Mambae Sul. Do quarto ao décimo capítulo apresenta-se a descrição gramatical endoecológica da língua Mambae, utilizando a teoria básica da linguística. O décimo primeiro capítulo traz um estudo ecolinguístico, identificando as atitudes, o domínio de uso e a dinâmica sociolinguística do povo Mambae dentro de uma visão exoecológica, esboçando um perfil da situação de uso da língua, os padrões de convivência e os processos de deslocamento dentro deste ambiente multilíngue. Após as considerações finais, encontram-se nos apêndices os dados da comparação lexical e um vocabulário Mambae-Português.

Palavras-chave: Mambae. Timor-Leste. Ecolinguística. Gramática.

ABSTRACT

This thesis is a description of the Fundamental Ecosystem of the Mambae Language, an Austronesian language spoken by approximately 190 thousand people living in the central mountainous region of Timor-Leste. The main goal is to present an analysis of the Mambae Language through the description of the language (endoecological analysis) and an overview of the ecolinguistic situation (exoecológica analysis), aiming to answer the following questions: Who speaks which Mambae? To whom? When? Where? The approach used herein is the ecolinguistic and its different methods of analysis, contemplating the tripod that composes the Mambae's linguistic ecosystem: People - Language - Territory. After the introduction of this thesis, chapter 1 makes a bibliographical review of the ecologistics and details the methodology used on the development of this research. Chapter 2 describes the Fundamental Ecosystem of the Mambae Language and chapter 3 presents a lexical comparison identifying the different varieties of the Mambae: Northwest, Northeast-Central and South Mambae. From chapter 4 to 10 there is an endoecological grammatical description of the Mambae language, using the basic theory of linguistics. Chapter 11 presents an ecological study, identifying the attitudes, the domain of use and the sociolinguistic dynamics of the Mambae people within an exoecological vision, outlining a setting of the context of use of the language, patterns of coexistence and the processes of displacement within this multilingual environment. After the conclusion, the lexical comparison data and a Mambae-Portuguese vocabulary can be found in the appendix.

Keywords: Mambae. Timor-Leste. Ecolinguistics. Grammar.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

'	Acento	IMPERF	Imperfectivo
AHB	Ainaro – Hatu- Builico	INCEP	Inceptivo
AHU	Ainaro – Hatu-Udo	INCL	Inclusivo
AL	Aileu – Laulara	INDEF	Indefinido
ALI	Aileu – Liquidoe	INDF	Indefinido
ANT	Anterior	INL	Instituto Nacional de Linguística
AV	Aileu – Vila	INT	Intensificador
CF	Comunidade de Fala	INTENS	Intensificador
CFM	Comunidade de Fala Mambae	L	Língua
CL	Comunidade de Língua	LB	Liquiça – Barzatete
CLASS	Classificador	L-DIST	Locativo Distal
COMPL	Completivo	LOC	Locativo
CONJ	Conjunção	L-PROX	Locativo Proximal
CONT	Contínuo	MGM	Mambae
D-DIST	Demonstrativo Distal	MSB	Manufahi – Same – Betano
DEF	Definido	MSL	Manufahi – Same – Letefoho
DEIT	Dêítico	NEG	Negação
DET	Determinate	P	Povo
D-PROX	Demonstrativo Proximal	PASR	Passado Recente
EFL	Ecossistema Fundamental da Língua	PASS	Passado
EFLM	Ecossistema Fundamental da Língua Mambae	PERF	Perfectivo
EH	Ermera – Hatulia	PERFC	Perfeito Completivo
ER	Ermera – Railaco	PERFT	Perfeito
EXCL	Exclusivo	PL	Plural
FOC	Focalizador	PLU-PERF	Plu-Perfeito
Forma-M	Forma metátese	POSS	Possessivo
Forma-NM	Forma não-metátese	PREP	Preposição
FUT	Futuro	QUANT	Quantificador
HUM	Humano	REAL	Realis
IMP	Imperativo	RECP	Recíproco
		REL	Relativizador
		S	Singular
		T	Território
		TDT	Tetun Dili

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.1 - A Relação Entre Bilinguismo E Diglossia.	39
Tabela 1.2 - Descrição Sobre Os Dados Gravados.	48
Tabela 2.1 Falantes De Mambae Como Língua Materna Dentro Do Território Mambae	70
Tabela 2.2 - Comparação Lexical Da Língua Mambae Com Outras Três Línguas Austronésias.	73
Tabela 3.1 - Variedades Mambae Analisadas	82
Tabela 3.2 - Sistema Numérico Nas Diferentes Línguas Mambae.	91
Tabela 3.3 - Pronomes Nas Diferentes Línguas Mambae.	91
Tabela 3.4 - Diferente Léxico Nas Línguas Mambae.	92
Tabela 3.5 - Comparação De Falso Cognatos.	93
Tabela 4.1 - Fones Consonantais Da Língua Mambae.	95
Tabela 4.2 - Fones Vocálicos Da Língua Mambae.	96
Tabela 4.3 - Fonemas Consonantais Da Língua Mambae.	96
Tabela 4.4 - Fonemas Vocálicos Da Língua Mambae.	104
Tabela 4.5 - Combinação De Sequências Vocálicas	106
Tabela 4.6 - Distribuição Fonotática Das Consoantes No Ataque Silábico	111
Tabela 4.7 - Exemplos De Distribuição Fonotática Do Ataque	112
Tabela 4.8 - Distribuição Fonotática Das Vogais Como Núcleo Das Sílabas.	113
Tabela 4.9 - Distribuição Fonotática Das Consoantes Na Posição Da Coda.	114
Tabela 4.10 - Raiz Lexical Com Um Pé Métrico.	115
Tabela 4.11 - Raiz Lexical Com Um Pé Métrico E Uma Consoante Extra.	116
Tabela 4.12 - Raiz Lexical Com Um Pé Métrico E Uma Consoante Extra.	116
Tabela 4.13 - Metátese Em Mambae.	122
Tabela 4.14 - Metátese Em Mambae.	122
Tabela 4.15 - Raiz Lexical Com Um Pé Métrico E Uma Consoante Extra.	124
Tabela 4.16 - Os Fones [P] E [F] Em Mambae.	125
Tabela 4.17 - Comparação De Mudança Fonética	126
Tabela 4.18 - Convenções Ortográficas Para O Mambae	127
Tabela 5.1 - Classificação Tipológica Mambae	129
Tabela 5.2 - Causativização Em Mambae.	134
Tabela 5.3 - Processo Morfológico De Metátese Nos Nomes-Verbos.	136
Tabela 6.1 - Estrutura Simples Do Sintagma Nominal	137
Tabela 6.2 - Pronomes Pessoais Em Mambae	140
Tabela 6.3 - Construção De Posse Alienável Em Mambae	144
Tabela 6.4 - Construção De Posse Inalienável Em Mambae	146
Tabela 6.5 - Categorias De Adjetivos Em Mambae	149
Tabela 6.6 - Os Numerais De 1-10 Em Proto-Austronésio E Cinco Descendentes	150
Tabela 6.7 - Números Cardinais Básicos Em Mambae	151
Tabela 6.8 - Fórmula Para Números Complexos Em Mambae.	152
Tabela 6.9 - Classificadores Numéricos Em Mambae.	154
Tabela 6.10 - Sistema Dêitico Mambae.	155
Tabela 6.11 - Demonstrativos Em Mambae.	156

Tabela 6.12 - Locativos Em Mambae.	157
Tabela 6.13 - Quantificadores Universais.	158
Tabela 6.14 - Quantificadores De Alcance Médio.	159
Tabela 7.1 - Verbos Monovalentes Em Mambae	163
Tabela 7.2 - Verbos Bivalentes Em Mambae	164
Tabela 7.3 - Verbos Trivalentes Em Mambae	165
Tabela 7.4 - Preposições Em Mambae	170
Tabela 8.1 - Advérbios De Tempo	182
Tabela 8.2 - Advérbios De Lugar	183
Tabela 8.3 - Advérbios De Modo	184
Tabela 8.4 - Advérbios De Intensidade	184
Tabela 9.1 - Conjunções Em Mambae	189
Tabela 10.1 - Conectivos Discursivos Em Mambae.	204
Tabela 11.1 - Transmissão Intergeracional Da Língua	208
Tabela 11.2 - Proporção De Falantes Dentro Da População Total.	209
Tabela 11.3 - Falantes De Mambae E Tetun Por Município.	210
Tabela 11.4 - Mudança Nos Domínios De Uso Da Língua.	212
Tabela 11.5 - Resposta Aos Novos Domínios E Mídia	213
Tabela 11.6 - Materiais Para A Educação E Alfabetização Na Língua.	214
Tabela 11.7 - Política E Atitudes Da Língua Institucional E Governamental, Incluindo Seu Status Oficial E De Uso.	215
Tabela 11.8 - Atitude Dos Membros Da Comunidade Em Relação A Sua Própria Língua.	216
Tabela 11.9 - Quantidade E Qualidade Da Documentação.	217
Tabela 11.10 - Os Nove Fatores Aplicados Ao Mambae.	218

LISTA DE FIGURAS E MAPAS

Figura 1.1 - Estrutura Do Ecosistema Linguístico	28
Figura 1.2 - Ecosistema Fundamental Da Língua.	29
Figura 1.3 - Estrutura Do Ecosistema Linguístico Mambae.	31
Figura 1.4 - Níveis Taxonômicos De Similaridade Lexical	36
Figura 2.1 Liurai Mambae Dom Aleixo Corte-Real Em 1938.	62
Figura 2.2 - Orientação Territorial-Espacial Dos Mambae.	67
Figura 2.3 - Sub-Agrupamento Das Línguas Austronésias Encontradas Em Timor-Leste (TI) E Na Província De Nusa Tenggara (Ntt).	72
Figura 3.1 - Encadeamento De Comunidades De Fala.	79
Figura 3.2 - Padrão De Encadeamento Proposto Por Simons	79
Figura 3.3 - Padrão De Convergência Básica.	80
Figura 3.4 - Convergência Esporádica Em Um Padrão De Encadeamento	81
Figura 3.5 - Matriz Léxico-Estatística E Diagrama Dos Grupos Mambae	83
Figura 3.6 - : Dendograma Lexical Das Variantes Mambae	83
Figura 3.7 - Árvore Lexical Das Variantes Mambae.	84
Figura 3.8 - Matriz Léxico-Estatística Do Mambae Noroeste	85
Figura 3.9 - Diagrama Do Mambae Noroeste	85
Figura 3.10 - Diagrama Histórico Do Mambae Noroeste	86
Figura 3.11 - Matriz Léxico-Estatística Do Mambae Nordeste-Central	87
Figura 3.12 - Diagrama Do Mambae Nordeste-Central	88
Figura 3.13 - Matriz Léxico-Estatística Do Mambae Sul	89
Figura 3.14 - Diagrama Histórico Do Mambae Noroeste	90
Figura 8.1 - Tempo Absoluto Em Mambae	173
Figura 8.2 - Tempo Relativo Em Mambae	175
Mapa 1.1 Os Ecosistemas Linguísticos Timorenses	27
Mapa 2.1 - As Migrações Em Timor-Leste Baseadas Nas Afinidades Linguísticas	56
Mapa 2.2 - Migrações Austronésias Na Ásia.	57
Mapa 2.3 - Mapa Político Com Demarcação Do Povo Mambae.	64
Mapa 2.4 - O Relevo Da Ilha De Timor.	65
Mapa 2.5 - Mapa Linguístico De Timor-Leste.	71
Mapa 2.6 - A Divisão Entre Wmp E Cemp	72
Mapa 3.1 - Mambae Noroeste.	85
Mapa 3.2 - Mambae Nordeste-Central	87
Mapa 3.3 – Mambae Sul	89

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 A ECOLINGUÍSTICA: TEORIA E METODOLOGIA	25
1.1 A LINGUÍSTICA ECOSISTÊMICA	26
1.1.1 O ECOSISTEMA FUNDAMENTAL DA LÍNGUA - EFL	28
1.1.2 COMUNIDADES DE FALA VERSUS COMUNIDADE DE LÍNGUA	29
1.1.3 ENDOECOLOGIA E EXOECOLOGIA	31
1.1.4 A ECOLOGIA DO CONTATO DE LÍNGUAS	32
1.2 A METODOLOGIA EM ECOLINGUÍSTICA	45
1.2.1 A COLETA DE DADOS	46
1.2.2 1.2.2 QUADRO ANALÍTICO	49
1.3 SÍNTESE	54
2 O ECOSISTEMA FUNDAMENTAL DA LÍNGUA MAMBAE	55
2.1 O POVO MAMBAE	55
2.2 O TERRITÓRIO MAMBAE	63
2.3 A LÍNGUA MAMBAE	69
2.4 SÍNTESE	73
3 O MAMBAE E SUA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA	75
3.1 DEFININDO A IDENTIDADE ÉTNICA MAMBAE	75
3.2 COMPARAÇÃO LEXICAL	78
3.2.1 PADRÕES LÉXICO-ESTATÍSTICOS	78
3.2.2 CLASSIFICAÇÃO	81
3.3 AS COMUNIDADES DE FALA MAMBAE	82
3.3.1 MAMBAE NOROESTE	84
3.3.2 MAMBAE NORDESTE - CENTRAL	86
3.3.3 MAMBAE SUL	88
3.3.4 OBSERVAÇÕES LEXICAIS	90
3.4 SÍNTESE	93
4 FONOLOGIA	95
4.1 OBSERVAÇÕES FONÉTICAS	95
4.2 FONEMAS CONSONANTAIS	96
4.2.1 CONTRASTE FONÊMICO DAS CONSOANTES	96
4.2.2 FONEMAS OCLUSIVOS	98
4.2.3 FONEMAS NASAIS	100

4.2.4	FONEMA VIBRANTE MÚLTIPLO	102
4.2.5	FONEMAS FRICATIVOS	102
4.2.6	FONEMA APROXIMANTE LATERAL	104
4.3	FONEMAS VOCÁLICOS	104
4.3.1	CONTRASTE FONÊMICO DAS VOGAIS	105
4.3.2	SEQUÊNCIA VOCÁLICA	106
4.3.3	QUANTIFICAÇÃO DA DURAÇÃO DE SEQUÊNCIA VOCÁLICA IDÊNTICA	107
4.4	FONOTÁTICA	109
4.4.1	A ESTRUTURA SILÁBICA	109
4.4.2	O ATAQUE	111
4.4.3	O NÚCLEO	112
4.4.4	A CODA	114
4.4.5	ESTRUTURA FONOLÓGICA DA PALAVRA	114
4.5	ACENTO LEXICAL	118
4.6	PROCESSOS FONOLÓGICOS	119
4.6.1	APAGAMENTO	120
4.6.2	COALESCÊNCIA	121
4.6.3	PRÓTESE	121
4.6.4	METÁTESE	121
4.7	EMPRÉSTIMOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS NO MAMBAE	123
4.7.1	FONEMAS CONSONANTAIS EMPRESTADOS	123
4.7.2	FONEMAS VOCÁLICOS NO LÉXICO EMPRESTADO	124
4.7.3	ESTRUTURA SILÁBICA EM EMPRÉSTIMOS LEXICAIS	124
4.8	OBSERVAÇÕES FONÉTICAS-FONOLÓGICAS NAS LÍNGUAS MAMBAE.	125
4.9	ORTOGRAFIA	127
4.10	SÍNTESE	128
5	<u>FORMAÇÃO DE PALAVRAS</u>	<u>129</u>
5.1	COMPOSIÇÃO	130
5.2	LEXICALIZAÇÃO	132
5.3	REDUPLICAÇÃO	132
5.4	DERIVAÇÃO	134
5.4.1	O PREFIXO A-	134
5.4.2	O SUFIXO -DOOR	135
5.4.3	O SUFIXO -TEE	135
5.4.4	O SUFIXO -N	135
5.5	METÁTESE	136
6	<u>SINTAGMA NOMINAL</u>	<u>137</u>
6.1	NÚCLEO DO SINTAGMA NOMINAL	138
6.1.1	SINTAGMA NOMINAL DESCRITIVO	138

6.2 PRONOMES	139
6.2.1 PRONOMES PESSOAIS	139
6.2.2 PRONOMES POSSESSIVOS	141
6.2.3 PRONOME REFLEXIVO	142
6.2.4 PRONOME RECÍPROCO	143
6.3 POSSESSIVOS	144
6.3.1 POSSE ALIENÁVEL	144
6.3.2 POSSE INALIENÁVEL	145
6.3.3 NOMINALIZAÇÃO	148
6.4 ADJETIVOS	148
6.5 NUMERAIS	150
6.5.1 NÚMEROS CARDINAIS	150
6.5.2 NÚMEROS ORDINAIS	152
6.5.3 CLASSIFICADORES NUMÉRICOS	154
6.5.4 FUNÇÃO ADICIONAL DO IID 'UM'	154
6.6 DEMONSTRATIVOS E LOCATIVOS	155
6.6.1 DEMONSTRATIVOS	155
6.6.2 LOCATIVOS	157
6.7 QUANTIFICADORES	158
<u>7 ORAÇÃO</u>	<u>161</u>
7.1 ORAÇÃO VERBAL	161
7.2 ORAÇÕES INTRANSITIVA E TRANSITIVA	162
7.2.1 ORAÇÕES VERBAIS COM VERBOS MONOVALENTES	162
7.2.2 ORAÇÕES VERBAIS COM VERBOS BIVALENTES	164
7.2.3 ORAÇÕES VERBAIS COM VERBOS TRIVALENTES	165
7.2.4 ORAÇÕES VERBAIS COM REDUÇÃO DE VALÊNCIA	166
7.3 ORAÇÕES CAUSATIVAS	167
7.4 ORAÇÕES POSSESSIVAS	168
7.5 PREPOSIÇÕES	169
<u>8 MODIFICADORES DA ORAÇÃO</u>	<u>173</u>
8.1 TEMPO	173
8.2 ASPECTO	176
8.3 MODALIDADE	180
8.4 ADVÉRBIOS	181
8.4.1 ADVÉRBIOS DE TEMPO	181
8.4.2 ADVÉRBIOS DE LUGAR	182
8.4.3 ADVÉRBIOS DE MODO	183
8.4.4 ADVÉRBIOS DE INTENSIDADE	184

9	ORAÇÕES COMPLEXAS	187
9.1	VERBOS SERIAIS	187
9.2	CONJUNÇÕES	189
9.3	ORAÇÕES COORDENADAS	190
9.4	ORAÇÕES SUBORDINADAS	192
9.5	OUTROS TIPOS DE ORAÇÕES	194
9.5.1	IMPERATIVAS	194
9.5.2	INTERROGATIVAS	195
9.5.3	NEGAÇÃO	196
10	ASPECTOS DO DISCURSO	199
10.1	FOCO	199
10.2	TÓPICO	200
10.2.1	TÓPICO SINTÁTICO	200
10.2.2	TÓPICO DISCURSIVO	201
10.3	CONECTIVOS DISCURSIVOS	203
11	OUTROS ASPECTOS ECOLINGUÍSTICOS	207
11.1	A VITALIDADE ETNOLINGUÍSTICA	207
11.2	USO DA LÍNGUA	210
11.3	ATITUDES LINGUÍSTICAS	214
11.4	STATUS E DOCUMENTAÇÃO DA LÍNGUA	216
11.5	SINTESE	217
12	CONSIDERAÇÕES FINAIS	219
12.1	REVISITANDO PERGUNTAS, OBJETIVOS E HIPÓTESES	219
12.2	LIMITAÇÕES DO ESTUDO E SUGESTÕES DE PESQUISAS FUTURAS	220
12.3	RELEVÂNCIA E APLICAÇÃO DESTA PESQUISA	221
	APÊNDICE A: LISTA DE PALAVRAS COMPARATIVA	223
	APÊNDICE B: LISTA DE PALAVRAS E SENTENÇAS	253
	APÊNDICE C: MAMBAE – PORTUGUÊS	261
	REFERÊNCIAS	289

INTRODUÇÃO

A ilha de Timor, em uma de suas representações míticas, é descrita como um crocodilo semi submerso, cauteloso e à espera. Em outra representação mítica, Timor é a mãe terra em si, aceitando, pacientemente, apoio de todos os que dependem dela. Geologicamente, Timor tem sido descrito como um "caos tectônico. Linguisticamente, a ilha é uma babel de línguas e dialetos. Historicamente, durante séculos, tem sido uma ilha dividida e uma fonte de disputa contínua. Seus povos locais têm resistido longamente a interferência externa e têm defendido ferozmente suas diferentes tradições culturais locais. A partir destas perspectivas, Timor não é um lugar, mas muitos. (FOX, 2003a, p. 1)¹.

É neste contexto descrito por Fox que Timor-Leste e o povo Mambae² se localizam. Timor-Leste é um país independente localizado na parte leste da ilha do Timor, no Sudeste Asiático. Para entender o que lá ocorre é necessário olhar para a ilha do Timor como um todo, com a devida atenção às distintas tradições culturais que formam a base da resiliência local e da fonte de múltiplas identidades.

Os povos de Timor-Leste possuem características culturais e linguísticas de grupos tradicionais. Os primeiros habitantes da ilha de Timor, assim como seus descendentes, eram povos de cultura ágrafa, ou seja, povos que não desenvolveram a tradição da escrita, preservando a tradição da oralidade – tradição e características que permanecem fortemente presentes nos dias atuais.

Estes diferentes povos e línguas que coexistem em Timor-Leste possuem atributos de um multilinguismo territorial (COUTO, 2009, p.115). O número de línguas existentes ainda é discutível variando de 16 a 20. A publicação mais recente é do Ethnologue (LEWIS, SIMONS e FENNIG, 2014), que aponta 20 línguas, sendo 19 vivas e 1 extinta, e são classificadas como línguas Austronésias ou Trans-New Guinea (com exceção da língua portuguesa).

¹ "The island of Timor, in one of its mythic representations, is described as a half-submerged crocodile wary and waiting. In another mythic representation, Timor is mother earth itself, accepting, long-suffering, supportive of all who rely upon her. Geologically, Timor has been described as a 'tectonic chaos'. Linguistically, the island is a babel of languages and dialects. Historically, for centuries, it has been a divided island and a source of continuing dispute. Its local populations long resisted outside interference and have been fiercely defensive of their different local cultural traditions. From these perspectives, Timor is not one place, but many."

² Optou-se neste trabalho pela grafia *Mambae*, adotada pelo ISO 639-3: mgm. Muitos pesquisadores (TRAUBE, 1980, 1986; HULL, 1994) utilizam '*Mambai*', mas as pesquisas mais recentes sobre as línguas do Timor-Leste (HULL, 2001, p.7; THOMAZ, 2002, p. 165, LEWIS, SIMONS E FENNIG, 2014) utilizam '*Mambae*'. Segundo Corte-Real (1998, p. 35), ao considerar a pronúncia do povo, a forma '*Mambae*' é preferida. Os malaios e os portugueses adotam a forma *Mambai* por terminar em 'ai', pois não há em suas línguas palavras terminadas em 'ae'. Esta grafia também é preferida para diferenciar a língua timorense da língua *Mambai* falada na divisa entre Camarões e Chad, no continente africano (ISO 639-3: mcs). Outros nomes alternativos encontrados referentes ao povo Mambae timorense: *Mambai*, *Manbae*.

Mesmo havendo tantas línguas, não significa que há timorenses bilíngues ou plurilíngues de fato. Cada grupo tem sua própria língua, coexistindo num mesmo país com várias outras línguas, sem que, necessariamente, todas as pessoas desses grupos façam uso de todas elas com regularidade. Segundo Bernard (p. 142, 1996), aproximadamente 97% das pessoas do mundo falam cerca de 4% das línguas do mundo, e no inverso, cerca de 96% das línguas do mundo são faladas por cerca de 3% da população mundial.

Considera-se que uma língua está em perigo quando seus falantes deixam de usá-la ou o fazem cada vez menos em seus domínios de uso, deixando de transmiti-las para a próxima geração. De acordo com os dados da UNESCO (2003, p. 2), línguas com milhares de falantes não estão sendo transmitidas para as crianças. Isto representa que aproximadamente cerca de 50% das mais de 6 mil línguas estão perdendo seus falantes – o que, segundo estes dados, possivelmente levará a substituição de cerca de 90% das línguas minoritárias por línguas dominantes até o final do século 21.

A comunicação é a função básica da língua. Não há comunicação sem língua. Em muitas partes do mundo membros de sociedades de línguas minoritárias estão cada vez mais abandonando sua língua materna em favor de uma língua dominante ou com maior prestígio, especialmente na criação dos filhos e na educação formal. Isto frequentemente está relacionado com as pressões socioeconômicas de uma comunidade de fala dominante.

Este é o caso de Timor-Leste. Diante dos problemas enfrentados politicamente pela diversidade etnolinguística, o governo de Timor-Leste resolveu investir principalmente no ensino e difusão da língua Tetun, uma das línguas oficiais, como meio de proporcionar a união da nação timorense. Assim como em outros países multilíngues, os representantes do estado leste timorense vêem nesta heterogeneidade linguística um problema para sua desejada unidade timorense, mesmo considerando a mesma como uma diversidade e riqueza cultural como descrito na última Política Nacional da Cultura aprovada (2009), que menciona as línguas timorenses como parte da cultura local.

Sabe-se que o status oficial de uma língua em seu país não garante sua preservação e nem sua vitalidade a longo prazo. Mas não reconhecer sua importância é negar sua vitalidade. O Timor-Leste é um país multilíngue que não apresenta uma distribuição desigual de línguas, no que se refere às línguas não oficiais. As línguas não oficiais possuem o mesmo status diante da sociedade timorense. Entretanto, a política linguística tem feito com que os timorenses abandonem suas línguas maternas e se concentrem somente nas línguas oficiais, o Tetun e o Português. Isto ocorre porque o domínio de uso destas línguas é maior (escola, universidade, mercado, interação com pessoas de outros grupos linguísticos), enquanto as línguas maternas

se restringem ao convívio familiar e a religião tradicional. Grande parte dos adultos timorenses com mais de trinta anos fala estas línguas não-oficiais. Contudo, ao ter um filho, os pais têm duas escolhas: ensinar sua língua materna ou ensinar as línguas oficiais, o Tetun e o Português. Mais de 50% da população hoje opta pela segunda escolha, interrompendo a transmissão da sua língua materna, tornando-a secundária e imperfeita, pois a criança escuta ocasionalmente esta língua, e esse contato limitado não é suficiente para adquirir a proficiência linguística da mesma.

Segundo Hill (apud COUTO, 2009, p. 85), quando as línguas são usadas em poucos domínios, por poucos falantes, elas estão em processo de obsolescência. De acordo com o último Censo realizado em 2010 (RDTL 2013a), a língua Mambae está neste processo, de restrição do seu domínio de uso e os pais não se comunicam mais com as crianças em Mambae, mas na língua Tetun, observando-se que hoje nos territórios de Same e Ainaro há mais falantes de Tetun do que de Mambae³. Diante dos dados apresentados neste cenário, a língua Mambae está num processo de obsolescência, que ainda está no início, mas que pode ser revertido com um planejamento e trabalho de política linguística.

Ao estudar como território, povo e a língua Mambae estão num ecossistema holístico ameaçado pelas questões políticas do planejamento linguístico, este trabalho procura proporcionar ferramentas ao governo timorense para que este possa buscar meios para desenvolver e aprofundar os debates sobre o desenvolvimento e políticas linguísticas e educacionais, temas de extrema relevância no contextual atual do Timor-Leste, que almeja preservar suas línguas e sua identidade.

Objetivo do estudo e metodologia

Diante dos fatos acima apresentados, este trabalho tem como principal objetivo apresentar a análise da língua Mambae através da descrição da língua e panorama da situação ecolinguística, procurando responder as questões primárias desta pesquisa:

Quem fala a língua Mambae? Qual Mambae? Para quem? Quando? Onde?

A fim de alcançar este foco principal, esta pesquisa apresenta um estudo da Ecologia Fundamental da Língua Mambae, contemplando o tripé Povo - Língua - Território; uma descrição da língua, identificando as diferentes variedades do Mambae; e um estudo

³ Nos demais locais o Mambae é ainda a língua mais falada.

ecolinguístico, identificando as atitudes, o domínio de uso e a dinâmica sociolinguística do povo Mambae dentro de uma visão exoecológica, esboçando um perfil da situação de uso da língua, os padrões de convivência e os processos de deslocamento dentro deste ambiente multilíngue.

A abordagem utilizada é a da ecolinguística, como detalhada no capítulo 1. Isto se justifica pelo fato de não ser possível estudar a língua fora de seu nicho ecológico, ou seja, sem estudar a relação da língua com o meio ambiente no qual está inserida (Couto, 2007). No caso da língua Mambae, é necessário ter uma visão ampla, considerando que esta está inserida num ecossistema maior, Timor-Leste, e que, conseqüentemente, está dentro de um ecossistema ainda maior, a ilha de Timor.

Considerando a multimetodologia proposta pela ecolinguística, detalhada no capítulo 1, nesta pesquisa optou-se por métodos quantitativos, através da coleta de dados por meio da lista de palavras e gravação de textos; e métodos qualitativos, utilizando questionários, entrevistas e a observação participante. Os dados utilizados foram coletados através do trabalho de campo nos anos de 2014 a 2016, quando a autora viveu no Timor-Leste, convivendo com o povo Mambae do mar norte ao mar sul.

Justificativa

A comunicação é a função básica da língua. Não há comunicação sem língua. Para Hale (1992), uma língua é classificada como ameaçada de extinção a partir do momento que possui menos de 100.000 falantes. Deste modo, a maioria das línguas de Timor-Leste estão ameaçadas.

A extinção de uma língua resulta na perda irrecuperável de conhecimentos históricos, culturais e ecológicos. Cada língua é uma expressão única da experiência humana no mundo. Toda vez que uma língua morre, temos menos evidência para a compreensão de padrões da estrutura e função da linguagem humana, além da perda de ecossistemas diversificados. Falantes destas línguas perdem não somente sua língua, mas a sua identidade étnica e cultural.

Em muitas partes do mundo membros de sociedades de línguas minoritárias estão cada vez mais abandonando sua língua materna em favor de uma língua dominante ou com maior prestígio, especialmente na criação dos filhos e na educação formal. Isto frequentemente está relacionado com as pressões socioeconômicas de uma comunidade de fala dominante.

Atualmente no Timor-Leste é utilizado como meio de comunicação nas escolas, universidade, mercados, repartições públicas, entre outros, somente as línguas oficiais, Tétum e Português, juntamente com o Inglês, ameaçando gradativamente o uso e, conseqüentemente, o desaparecimento das línguas nativas.

Contudo, quando uma língua nativa começa a ser ensinada nas escolas e utilizada em outros domínios de uso estará protegida da ameaça de redução do número de falantes, servirá como um instrumento para a comunidade manter e eternizar suas tradições e formas de pensamento, terá sua identidade e prestígio social valorizado, e estará devidamente documentada contribuindo para futuros estudos da linguagem.

Na dissertação de mestrado em Linguística, na Universidade de Brasília, realizamos a descrição fonética e fonológica da língua Mambae do Timor-Leste. Contudo, durante as pesquisas realizadas e com a experiência vivenciada no Timor-Leste, deparamos com uma situação linguística delicada. Deste modo, procurei o professor Hildo Honório do Couto da linha de pesquisa *Língua, Interação Sociocultural e Letramento* (que tem como foco estudos sociolinguísticos de línguas e dialetos em contato na perspectiva da macro e microsociolinguística e na análise e aprofundamento de debates sobre políticas lingüísticas), pois o mesmo possui experiências com as línguas do Timor-Leste e vem desenvolvendo na Universidade de Brasília pesquisas na área chamada Linguística Ecosistêmica. Sua experiência acadêmica e contato com a área de pesquisa proposta neste projeto contribuíram para sua conclusão com sucesso.

Este trabalho de pesquisa ecolinguística ao estudar como o território, povo e língua Mambae estão num ecossistema holístico ameaçado pelas questões políticas do planejamento lingüístico, procurando proporcionar ferramentas ao governo timorense para que este possa buscar meios para desenvolver e aprofundar os debates sobre o desenvolvimento e políticas lingüísticas e educacionais, temas de extrema relevância no contextual atual do Timor-Leste, que almeja preservar suas línguas e sua identidade.

Além disso, este trabalho busca contribuir, incentivar e evidenciar a necessidade urgente de pesquisas e documentações das línguas timorenses, pois estas fazem parte do patrimônio lingüístico e cultural da humanidade. Como linguistas, todos nós compartilhamos a responsabilidade de assegurar que nenhuma língua, em especial as línguas do Timor-Leste, desapareça e que elas possam ser mantidas e perpetuadas em gerações futuras.

Estudos Anteriores

Existem poucos estudos referentes ao povo Mambae. Elizabeth G. Traube foi a primeira a estudá-los (1980a, 1980b, 1986, 2007). A principal pesquisa foi sua tese intitulada “*Cosmology and Social Life: ritual exchange among the Mambai of East Timor*”, publicada em

1986 pela *The University of Chicago Press*, resultado de dois anos de vivência entre o povo Mambae de Aileu, que traz os aspectos antropológicos focados nas práticas ritualísticas, os quais o Mambae considera central em seu modo de vida.

James J. Fox, antropólogo formado em Harvard, tem estudos concentrados na história e antropologia da Indonésia e Timor-Leste. Orientador de Traube em seu doutorado, hoje atua na Universidade Nacional da Austrália, com diversas publicações relatando aspectos do povo Mambae, como "*The Flow of Life: Essays on Eastern Indonesia*" (1980), "*Out of Ashes*" (FOX and SOARES, 2003), entre outros.

Valente de Araújo (2010), um timorense Mambae, em sua dissertação de mestrado pela Universidade de Lisboa, intitulada "*Um estudo sobre o rito de tradição oral ai-hulun e as suas actuais práticas religiosas e mágicas no suco de Mauchiga*", aborda o *Ai-hulun*, um dos ritos culturais de tradição oral pelo qual o Mambae cultua Maromak através dos seus antepassados, implorando saúde e abundância.

No que se refere a língua Mambae, há o trabalho do dr. Benjamim de Araújo e Corte-Real, diretor do Instituto Nacional de Linguística - INL, de Timor-Leste, que concluiu seu doutorado em Linguística na *Macquarie University*, em Sydney, 1998, com o título "*Mambae and its verbal art genres — A cultural reflection of Suro-Ainaro, East Timor*".

Há também dois trabalhos do dr. Geoffrey Hull "*Mambai - language manual*" (2001) e "*Southern Mambai*" (2003), que são uma breve descrição fonológica e morfossintática da língua Mambae falada em Ainaro; uma dissertação de mestrado de Helem Fogaça (2013) intitulada "*Estudo fonético e fonológico do Mambae de Same*"; e o ensaio de Davi Albuquerque (2013), "*Ecologia dos contatos linguísticos em Manbae*", no qual analisa as influências na língua Mambae do contato entre os diferentes povos no Timor-Leste.

Esboço do estudo

Esta tese está organizada em doze capítulos, que podem ser divididos em três partes. A primeira parte, um panorama geral do trabalho, envolve os capítulos 1 e 2. O capítulo 1 aborda a teoria ecolinguística, pontuando os conceitos que nesta tese serão destacados, como endoecologia e exoecologia da língua; comunidade de fala versus comunidade de língua; língua e dialeto; multilinguismo, bilinguismo e diglossia; uso, atitudes e vitalidade linguísticas. A metodologia em ecolinguística também é tratada no capítulo 1, bem como o processo de coleta e análise dos dados aqui utilizados. O capítulo 2 traz então a Ecologia Fundamental da Língua

Mambae (EFLM), discorrendo sobre o território no qual este se localiza; o povo Mambae e sua história; e a língua Mambae, com suas características e classificação.

A segunda parte trata-se da endoecologia da Língua Mambae, com os capítulos de 3 a 10. No capítulo 3 é discutido a questão da diversidade da língua Mambae, suas variedades e a influência do contato com outras línguas. O principal foco deste capítulo é, através da análise principalmente do léxico, discutir se o Mambae é hoje uma língua com diferentes variedades ou duas línguas distintas (com suas variedades). Do capítulo 4 ao 10 têm-se a descrição gramatical da língua Mambae.

A terceira e última parte - correspondente a exoecologia da Língua Mambae- é abordada no capítulo 11, trazendo outros aspectos ecolinguísticos como o status da língua Mambae, análise da sua vitalidade, seus domínios de uso, as atitudes linguísticas e a relação da língua com a identidade étnica do povo Mambae.

Limitações

Devido ao tamanho do grupo Mambae, este trabalho é focado nos aspectos do Ecossistema Fundamental da Língua Mambae, trazendo uma análise exoecológica geral do EFLM e uma descrição endoecológica específica do Mambae Sul, falado no posto administrativo de Same, fazendo referência, quando possível, as demais variedades Mambae apresentadas no capítulo 3 desta pesquisa.

1 A ECOLINGUÍSTICA: TEORIA E METODOLOGIA

O primeiro a falar sobre a relação entre língua e meio ambiente foi Edward Sapir em 1911, numa conferência intitulada "língua e meio ambiente"⁴. Entretanto, foi Haugen (1972) que ficou conhecido como o instituidor da Ecologia da Língua. Segundo ele (1972, p. 325), "a ecologia de uma língua é determinada primeiramente pelas pessoas que a aprendem, a usam e a transmitem para outros"⁵. A língua existe na mente dos seus falantes, e suas funções estão interligadas com outros falantes e com sua natureza, com seu ambiente natural.

O termo Ecolinguística foi utilizado pela primeira vez três anos após a publicação de Haugen, em um artigo de Marcellesi (1995), com o termo em francês *écolinguistique*. Contudo, Makkai afirma que o próprio Haugen já havia lhe sugerido, oralmente, este termo durante um congresso em Chicago em 1972⁶.

Desde Haugen, muitos nomes, vertentes e modelos teóricos e metodológicos têm sido desenvolvidos e apresentados para a abordagem ecológica da língua, como o modelo evolucionário de (MUFWENE, 2001), a ecolinguística crítica (GOATLY, 2001; HALLIDAY, 2001; TRAMPE, 2001); a linguística ambiental (HARRÉ, BROCKMEIER e MÜHLHÄUSLER, 1999; RAMOS 2009; COUTO 2017); modelo gravitacional (CALVET, 2006); a ecolinguística dialética (DØØR e BANG, 2007); a linguística ecossistêmica (TRAMPE, 1990; FINKE, 1996; STROHNER, 1996; BASTARDAS I BOADA, 2000; COUTO, 2007, 2009 e 2012), a multimetodologia ecolinguística (NASH, 2011; COUTO, 2013) entre outros.

Assim, esta pesquisa é baseada na linguística ecossistêmica adotada pela Escola Ecolinguística de Brasília (COUTO, 2013), como tratada no tópico 1.1. Devido às diferentes terminologias existentes, segue-se a apresentada na linguística ecossistêmica por Couto (2007, p. 42):

1. **Ecolinguística:** termo geral para designar o estudo das relações entre língua e meio ambiente.
2. **Ecologia linguística:** estudo das relações entre língua e questões 'ecológicas', tais como diversidade, problemas ambientais. Designação alternativa: linguística ambiental.
3. **Ecologia da língua:** estudo das relações entre língua e meio ambiente (social, mental e físico).

⁴ "Language and Environment" (SAPIR, 1912).

⁵ "The ecology of a language is determined primarily by the people who learn it, use it, and transmit it to others".

⁶ COUTO, 2013, p. 278

4. **Ecologia das línguas**: estudo das inter-relações entre as línguas, tais como pidginização, crioulização, obsolescência e morte de língua, empréstimo e outras.

1.1 A Linguística Ecológica

A linguística ecológica foi introduzida por Couto na academia de Brasília no ano de 2004, adquirindo maior destaque com a realização do I Encontro Brasileiro de Ecolinguística em 2012. Como o próprio nome já diz, a linguística ecológica é a ecolinguística que tem por base o ecossistema⁷.

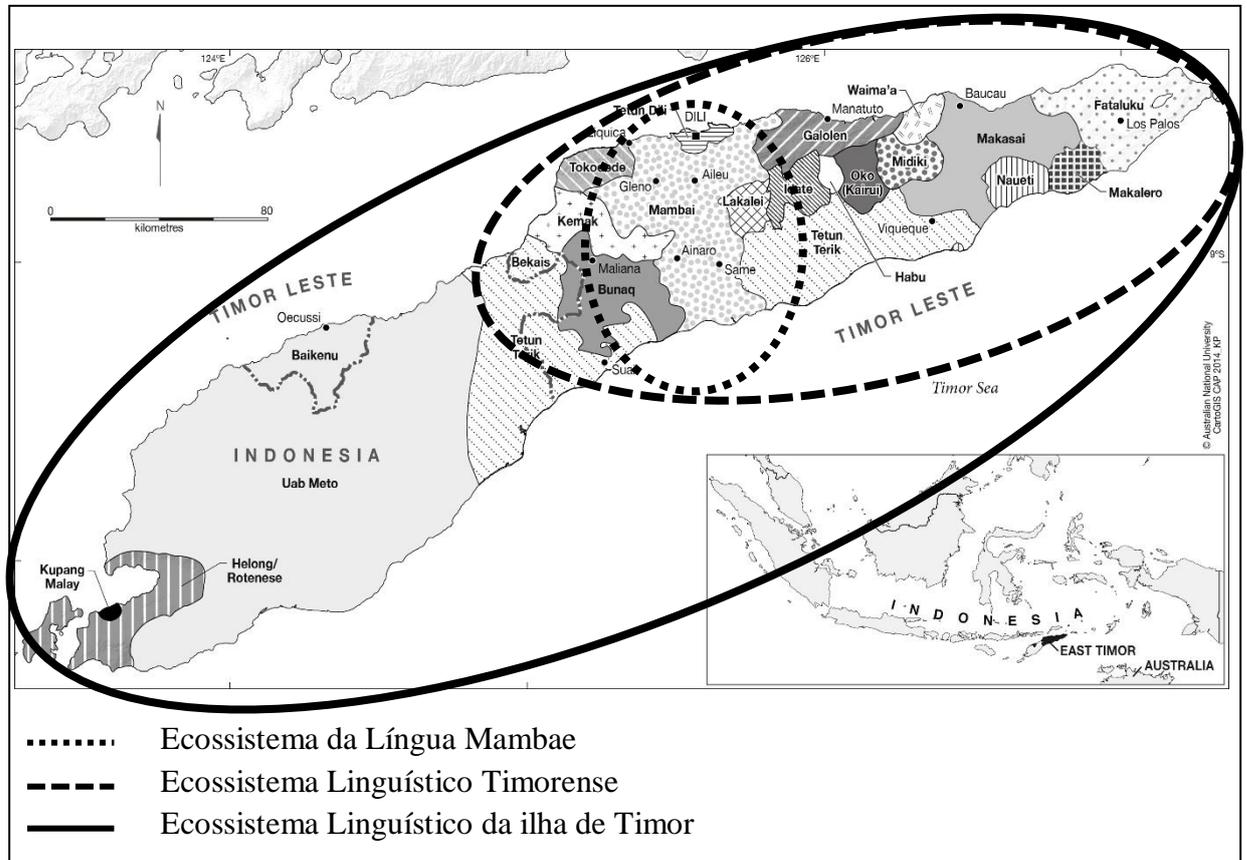
Mas, antes de falar da linguística ecológica, é necessário definir primeiramente alguns conceitos oriundos da Ecologia propriamente dita. A palavra **ecossistema** deriva do grego *casa + sistema*, significando, portanto, algo como "sistema no qual se vive" ou "*o conjunto formado pelos seres vivos e seu meio ambiente, considerados como um todo*" (COUTO, 2007, p. 26). Definido pelo botânico Tansley (1935), este termo é mais utilizado nas ciências biológicas, nas quais é considerado a unidade básica. Segundo ele, um ecossistema pode ter diferentes tamanhos, se sobreporem e interagirem uns com os outros, isto é, pode de ir do tamanho do universo como um todo até o tamanho de um átomo.

Outros conceitos a serem definidos são os componentes de um ecossistema. Para tal, seguiremos as definições apresentadas pelo ecolinguista Couto (2007, 2012). **Meio ambiente** é o lugar no qual uma espécie ou um grupo de espécies vivem e interagem entre si; **habitat** (ou território) é o espaço, o local em que vive a espécie; e **nicho ecológico** é o modo de vida ou o papel desempenhado por uma espécie dentro de um ecossistema. Assim, pode-se afirmar que ecossistema é então composto por uma população de organismos e suas interações num respectivo habitat.

Considerando estes conceitos, a Linguística Ecológica considera o ecossistema como ponto de partida e de chegada na análise de uma língua. É nesse ecossistema que se dão as inter-relações linguísticas no ambiente social, mental e natural (COUTO, 2007). A língua é, portanto, um encadeamento de interações: é um ecossistema que contém ecossistemas em seu interior. No caso desta pesquisa, vê-se que o ecossistema da língua Mambae está inserido dentro do ecossistema linguístico do Timor-Leste que, por sua vez, está inserido dentro do ecossistema linguístico da ilha de Timor, como se vê no mapa abaixo:

⁷ COUTO, loc. cit.

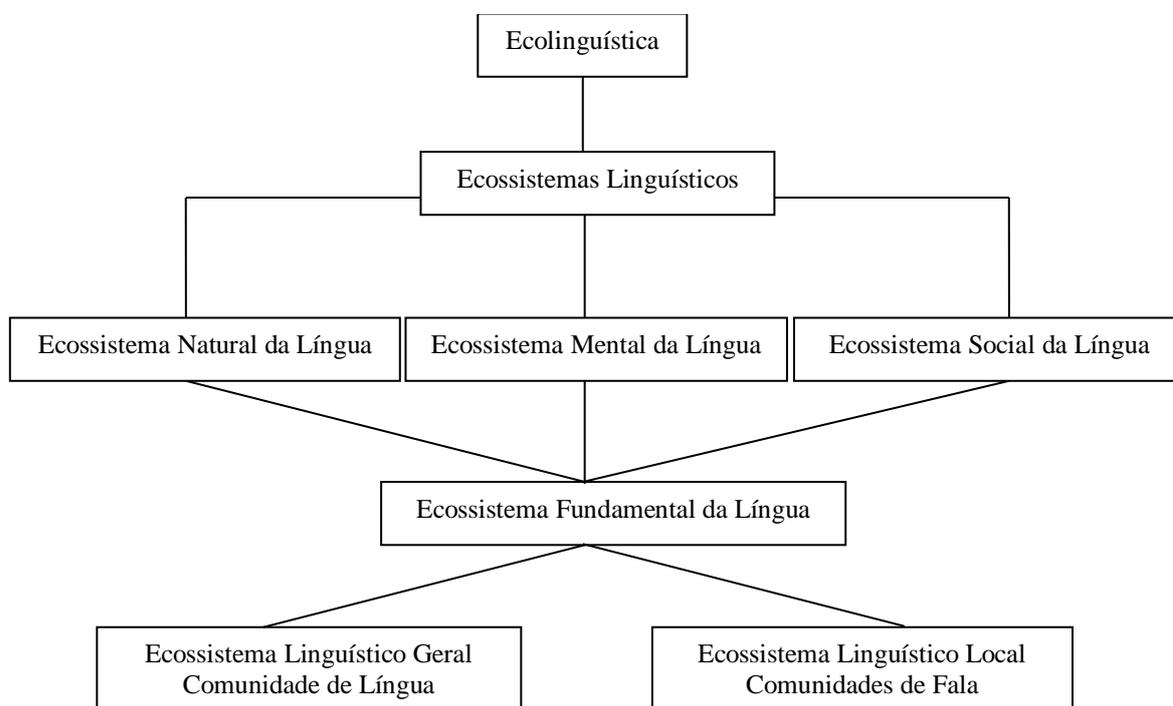
Mapa 1.1 - Os Ecosystemas Linguísticos Timorenses



Fonte: Adaptado de: <http://asiapacific.anu.edu.au/mapsonline>.

Segundo Couto (2013), os ecossistemas linguísticos compreendem o **ecossistema natural, o mental e o social**, que convergem para o que denomina de **ecossistema fundamental da língua**. A partir daí, afirma que o ecossistema fundamental da língua pode ser estudado a partir da perspectiva da comunidade de língua (**ecossistema linguístico geral**) e da comunidade de fala (**ecossistema linguístico local**), como na figura abaixo:

Figura 1.1 - Estrutura do Ecosistema Linguístico



Fonte: Couto, 2013, p. 293.

Considerando que esta tese tem por base o Ecosistema Fundamental da Língua Mambae, os próximos tópicos deste capítulo aprofundam a questão do Ecosistema Fundamental da Língua, Comunidade de língua e fala e outros conceitos que são abordados ao longo deste trabalho.

1.1.1 O Ecosistema Fundamental da Língua - EFL⁸

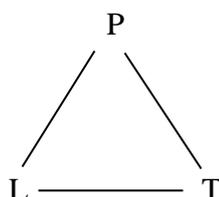
Quando uma pessoa ouve o nome de uma determinada língua, ela se pergunta: que língua é esta? Quem fala esta língua? Onde está língua é falada? Ou seja, para haver uma **língua** (L), é necessário que exista também um **povo** (P) que a fale e que este conviva num determinado **território** (T). Esta totalidade formada por L, P e T constitui o Ecosistema Fundamental da Língua (EFL)⁹. Estes elementos formam um *continuum* dentro do EFL e estão interligados de

⁸ O EFL também é encontrado na ecolinguística como Comunidade (de fala ou de língua, como detalhado abaixo), Ecologia Fundamental da Língua, Ecologia Fundacional da Língua ou ainda Entorno Fundamental da Língua. São apenas diferentes nomenclaturas para o mesmo conceito.

⁹ COUTO, 2007, p. 89.

tal forma ao estudar uma língua é quase impossível não considerar esse continuum, como mostra a figura 1.2.

Figura 1.3 - Ecosistema Fundamental da Língua.



Fonte: COUTO, 2007, p. 91.

Dentro do EFL, P (povo ou população) é o conjunto de indivíduos que falam uma determinada língua; T é o meio físico no qual os membros da população convivem; e L é o modo pelo qual um povo se comunica, é um fenômeno social, de interação pelos membros de uma população.

O EFL da língua Mambae (EFLM) é composto por uma população de mais de 100 mil pessoas, vivendo no território montanhoso do Timor-Leste. O EFLM é detalhado no capítulo 2 desta pesquisa.

1.1.2 Comunidades de Fala versus Comunidade de Língua

Couto propõe que o EFL é o mesmo que Comunidade¹⁰ e pode ser analisado através do ponto de vista da Comunidade de Língua - CL e da Comunidades de Fala - CF. Esta divisão tem por base a distinção feita, primeiramente, por Saussure (2006) entre *langue* (língua) e *parole* (fala).

Gumperz (1964) define CF como os membros que dividem pelo menos uma variedade da fala e apresentem as normas para o uso apropriado da mesma. Fishman (1970), por sua vez, destaca que comunidade de fala não é onde todos falam a mesma língua mas, segundo Gumperz (1964a), são comunidades realçadas pela densidade de comunicação e/ou pela integração simbólica no que se refere à competência comunicativa, independentemente do número de línguas ou variedades empregadas.

¹⁰ COUTO (2017).

Outra característica que Fishman (1964) e Gumperz (1970) trazem sobre o termo CF é o papel da linguagem em comunidades de fala tradicional, onde é provável que haja mais função compartimentalizada, onde os papéis sociais são convertidos em funções verbais. Quando uma pessoa fala uma língua ou variedade A ele toma o cuidado de não passar para a variedade B ou mesmo não escorregar em traços de B, seja fonológica, morfológica ou sintaticamente. Cada variedade é mantida separada sem se contaminar uma com a outra, assim como é com cada função (FISHMAN, 1970, p 34).

Sobre CL, Gumperz (1968, p. 463 no qual emprega o termo Comunidade Linguística) define como um grupo social que pode ser monolíngual ou multilíngual, que permanece junto pelos padrões de interação social, consistindo de grupos pequenos limitados pelo contato presencial ou cobrindo grandes regiões, dependendo do nível de abstração a que se quer chegar. A comunicação social é então vista nesta comunidade pelos papéis funcionais que são o modo de ação permitidos ao indivíduo dentro de uma sociedade.

Romaine (1994, p. 22) também distingue CF e CL dizendo que

Uma comunidade de fala é um grupo de pessoas que não necessariamente compartilham a mesma língua, mas compartilham um conjunto de normas e regras para o uso da linguagem. As fronteiras entre comunidades de fala são essencialmente sociais e não linguística¹¹.

Couto (2013) diz que a CL – que ele denomina de **ecossistema linguístico geral** - equivale ao domínio do sistema. Um exemplo é a CL portuguesa, abrange todos os lugares em que esse sistema é usado, como Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor Leste. Já CF, ou **ecossistema linguístico local** (também chamado de **comunidade de interação**), é o nicho em que se insere a **ecologia da interação comunicativa**, no qual são produzidos os **atos de interação comunicativa** concretos. Para ele, os fatores que importam para definir uma CF são a delimitação territorial, "sistema monetário próprio, forças armadas independentes, sistema viário, correios, sistema educacional, meios de comunicação em massa e assim por diante" (COUTO, 2007, p.95).

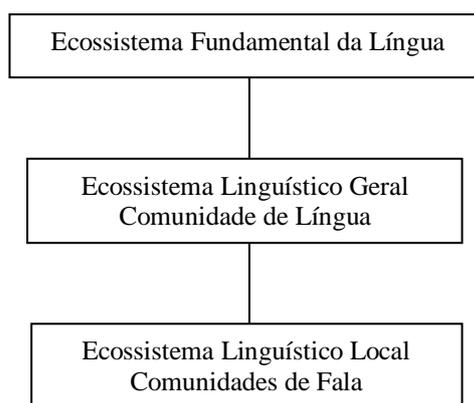
Ao analisar a língua Mambae e utilizar os conceitos mais recentes propostos por Couto (2013) de **ecossistema linguístico geral** (para Comunidade de Língua - CL) e **ecossistema linguístico local** (para Comunidades de Fala - CF) e, considerando a fala de Romaine acima descrita de que "as fronteiras entre comunidades de fala são essencialmente sociais e não

¹¹ "A speech community is a group of people who do not necessarily share the same language, but share a set of norms and rules for the use of language. The boundaries between speech communities are essentially social rather than linguistic."

linguísticas", percebe-se que, mesmo estando o povo Mambae em um mesmo território, eles estão organizados em diferentes comunidades de fala.

Assim, no caso do Mambae, propõem-se uma diferente visão para a estrutura do seu ecossistema linguístico, no qual a fronteira entre as diferentes Comunidades de Fala está baseada na sua organização social, como descrito em §3.1.

Figura 1.5 - Estrutura do Ecossistema Linguístico Mambae.



(Fonte: Adaptado de Couto, 2007)

É necessário observar que a estrutura da Fig. 1.3 aplica-se à língua Mambae devida sua organização ecolinguística. Diferentemente de uma CF portuguesa, como o próprio Timor-Leste, não é necessário estudar as diferentes CF portuguesa para se entender a CL portuguesa ou mesmo ainda, quando se estuda a CF portuguesa no Brasil, não é necessário estudar a CF de Angola, Moçambique ou outros. Contudo, não há a possibilidade de falar do Ecossistema Linguístico Local da Língua Mambae de Same, por exemplo, sem abordar as outras CF Mambae e o Ecossistema Linguístico Geral (CL Mambae) da mesma¹².

1.1.3 Endoecologia e exoecologia

Haugen (1972, p. 325) afirma que ao se estudar uma língua, deve se considerar os diferentes aspectos da ecologia que a envolve: psicologicamente, a interação que há das línguas na mente dos falantes bilíngues ou multilíngues; sociologicamente, a interação da língua com a sociedade em que esta funciona como meio de comunicação.

¹² As diferentes CF Mambae são tratadas no item 2.3 do capítulo 2 e capítulo 3.

Esta divisão inicialmente proposta por Haugen no estudo da ecologia de uma língua é atualmente encontrada em grande parte da literatura¹³ como **ecologia externa** e **ecologia interna**. Mufwene (1997), Calvet (2006), Ansaldo (2009) distinguem ecologia externa como sendo o estudo das atitudes e disposição dos falantes diante de línguas e dialetos diferentes do seu repertório, ou ainda como o estudo dos padrões sociais, políticos, culturais e históricos que podem influenciar o uso da língua; e ecologia interna como o conjunto de recursos disponíveis para falantes em um ambiente multilíngue ou o estudo das variações dialetais.

Couto (2013, p. 301) propõe que assim como todo ecossistema é composto por partes, a linguística ecossistêmica divide-se então em exoecologia e endoecologia. A exoecologia (ou ecologia externa) "*se dedica às relações da língua com seu meio, ou seja, com outras línguas, com os usuários, com o território etc. É o que a tradição considerava como atribuição da linguística externa*". Já endoecologia (ou ecologia interna) ele define como tudo que inclui o que for interior à língua, como questões do léxico, fonologia, morfologia, sintaxe, isto é, o estudo do sistema, estrutura da língua (abrangendo também o estudo das variações dialetais)

Seguindo então a proposta de Couto, esta pesquisa aborda a endoecologia (a estrutura da língua e suas diferentes variedades dialetais) e a exoecologia da língua Mambae (o contato do Mambae com outras línguas e outros aspectos ecolinguísticos).

1.1.4 A Ecologia do Contato de Línguas

Como visto acima, quando se fala de uma língua, pressupõem-se um povo e um território, ou seja, um EFL. Portanto, pode se dizer que o contato de línguas é o resultado do encontro de dois ou mais povos em um determinado território, isto é, quando membros de uma EFL entram em contato com membros de outra EFL. Couto (2007, p. 284) define então que a **Ecologia do Contato de Línguas** constitui este contato de línguas que se dá na mente dos falantes, considerando todo o ecossistema no qual está convive as inter-relações entre L, P e T.

O contato de línguas resulta então em alterações no EFL. Essas são resultados de contato intralinguísticos - contato de indivíduos falantes da mesma língua - ou contato interlinguístico - entre diferentes povos falantes de diversas línguas (COUTO, 2009).

O Mambae está localizado dentro de um país multilíngue, circundado por diferentes línguas como visto no mapa 1.1. O estudo da exoecologia da língua Mambae envolve então a

¹³ Na literatura, em sua maioria de língua inglesa, os termos são *external ecology* e *internal ecology*.

ecologia do contato de línguas, necessitando-se definir aqui alguns conceitos que são centrais no estudo da exoecologia da língua Mambae.

1.1.4.1 Língua e dialeto

A distinção entre **língua** e **dialeto**, ou a definição do que sejam, tem sido um debate que se perpetua ao longo de séculos. Muitos perguntam: "há quantos dialetos em Timor-Leste?" ou ainda "Mambae é uma língua ou dialeto?". Muitos linguistas afirmam que não há uma clara resposta para este questionamento.

Segundo Haugen (1972, p. 238), o termo língua (em Inglês, *language*) é oriundo do Latim *linguaticum*, remotando ao século XII; enquanto o termo dialeto, originado na Grécia, foi dado às variedades gregas de escrita especializadas em certos usos literários, recebendo o nome da sua região de origem: *Ionic* para a literatura, *Doric* para o lírico e *Attic* para tragédia.

Smith (1984, p. 43) afirma que língua implica na falta de inteligibilidade mútua, enquanto dialeto seria a presença de inteligibilidade mútua - restrito ao caso de uma cadeia de dialetos dentro de uma língua. Já Lingualinks (2001, apud BOUWER, 2003, p. 46) define língua como “uma variedade de fala que é muitas vezes tão diferente linguisticamente de outras variedades que chega a ser ininteligível para os falantes destas variedades”.¹⁴

O Ethnologue (LEWIS, SIMONS, & FENNIG, 2014) ao tratar sobre língua e dialeto, traz uma abordagem mais ampla, afirmando que cada língua é caracterizada pela variação dentro das comunidades de fala que a utilizam, podendo estas variedades partilharem características semelhantes e divergirem uma da outra em diferentes graus, sendo estas diferentes variedades definidas como dialetos. Em alguns casos, podem ser diferentes o suficiente para que alguns consideram que sejam línguas distintas, podendo seus falantes até nomeá-las diferentemente.

O ISO 639-3 (LEWIS, SIMONS e FENNIG, 2014) define três critérios para a definição de uma língua em relação as variedades que podem ser consideradas dialetos:

¹⁴ A speech variety which is often so linguistically dissimilar to other varieties as to be unintelligible to speakers of those varieties.

1) Duas variedades relacionadas são normalmente consideradas variedades da mesma língua se falantes de cada variedade tiverem entendimento inerente à outra variedade a nível funcional (isto é, podem se entenderem com base no conhecimento de sua própria variedade, sem a necessidade de aprender a outra variedade). 2) Onde a inteligibilidade oral entre variedades é marginal, a existência de uma literatura comum ou de uma identidade etnolinguística comum com uma variedade central que ambos entendem pode ser um forte indicador de que eles devem, contudo, ser considerados variedades da mesma língua. 3) Onde há inteligibilidade suficiente entre variedades para permitir a comunicação, a existência de identidades etnolinguísticas distintas bem estabelecidas pode ser um forte indicador de que eles devem, contudo, ser considerados diferentes línguas. (LEWIS, SIMONS, & FENNIG, 2014)¹⁵

Considerando as acepções acima, pode-se perceber que, linguisticamente falando, é fácil se definir língua e dialeto. Língua é a fala utilizada por uma Comunidade para comunicar-se entre si (dentro de um EFL), se diferenciando de outras línguas (ou de outros EFL) pela sua ininteligibilidade, enquanto dialetos seriam as diferentes variações inteligíveis desta língua, dentro de um mesmo EFL.

Contudo, a realidade é que são mais fatores sociais e políticos do que linguísticos que determinam o que é considerado língua ou dialeto. Um exemplo é o próprio Timor-Leste. O site oficial do governo da RDTL (2014) relata que há 15 línguas nativas, enquanto no último censo realizado pelo governo timorense no ano de 2015 (RDTL, 2017b) há uma lista de 32 línguas. O Ethnologue (LEWIS, SIMONS e FENNIG, 2014) aponta 20 línguas timorenses. Sabe-se que este conflito nos dados é referente também a falta de estudo e análise da situação linguística do país.

Ao conversar com timorenses de diferentes grupos linguísticos, eles se sentem orgulhosos em falar que seu país tem mais de 30 dialetos e, quando pergunta-se "então aqui há mais de 30 línguas?" eles reafirmam "mais de 30 dialetos". Entretanto, muito dos timorenses não aceitam que seu "dialeto" seja uma variante de outra determinada língua, como no caso de Atauro, no qual o Ethnologue (LEWIS, SIMONS e FENNIG, 2014) afirma haver uma língua, *Adabe*, com 4 dialetos, *Munaseli Pandai*, *Rahesuk*, *Raklungu*, *Resuk*, enquanto o povo insiste que lá há 4 línguas diferentes.

¹⁵ "1) Two related varieties are normally considered varieties of the same language if speakers of each variety have inherent understanding of the other variety at a functional level (that is, can understand based on knowledge of their own variety without needing to learn the other variety). 2) Where spoken intelligibility between varieties is marginal, the existence of a common literature or of a common ethnolinguistic identity with a central variety that both understand can be a strong indicator that they should nevertheless be considered varieties of the same language. 3) Where there is enough intelligibility between varieties to enable communication, the existence of well-established distinct ethnolinguistic identities can be a strong indicator that they should nevertheless be considered to be different languages."

Para explicar tal situação, Couto (2007) traz uma metáfora apresentada por Weinreich que teria dito "*A shprakh iz a diyalekt mit an armey um a flot*", traduzido por ele como "*a língua é um dialeto com um exército e uma marinha*", ou seja, "*a variedade cujos falantes tem força para se impor como língua será considerada língua. A que não a tiver será considerada dialeto*". (COUTO, 2007, p. 323)

Considerando as diferentes definições acima apresentadas, esta pesquisa utiliza-se do termo 'língua' para o EFL e 'variedade' para as diferentes variações que, na perspectiva da ecolinguística, são as Comunidades de Fala. Este tópico será alvo de discussão no capítulo 3 "o Mambae e sua diversidade linguística".

1.1.4.2 Similaridade Lexical

O estudo por meio de lista de palavras tem sido ao longo dos anos - mesmo com as críticas pesadas - um instrumento de grande utilidade para a linguística comparativa e histórica, especialmente na análise de estatísticas fonológicas e lexicais. São também muito úteis na identificação de isoglossas para determinar fronteiras linguísticas.

A lista de palavras deve ser contextualizada para o ecossistema linguístico que está sendo estudado e deve, de preferência, ser utilizada com falantes da língua materna que residem por um longo período na área da língua em estudo. Segundo Rensch (1992), dois tipos de inconsistência frequentemente ocorrem na coleta e processamento das listas de palavras: 1) palavras diferentes são fornecidas nas listas de palavras que, quando comparada, são na verdade palavras semelhantes com o mesmo uso; e 2) pares de palavras são inconsistentemente classificadas como similar ou diferentes por diferentes membros do time.

Com base em estudos realizados no Sudeste Asiático, Rensch (1992) ressalta que ao considerar pares de diletos similares, de cinco a dez por cento dos itens numa lista de palavras não são necessariamente diferentes. Diferentes formas são dadas quando existem palavras similares com uso regular. Ele diz que isto acontece quando a elicitación de palavras é na língua com maior alcance; uma lista pode ter palavras genéricas e outra ser mais específica; as palavras serem sinônimos; ou ainda a pessoa que compilou a lista de palavras pode ter não compreendido a palavra usada na elicitación. Isto ocorreu durante a coleta de dados com o povo Mambae. Por serem bilíngues e a língua Mambae ser uma língua aparentada a língua Tetun Dili, muitas vezes eles recorriam a palavras do Tetun Dili e depois mudavam para o Mambae.

Taber (1993) afirma que para a comparação de similaridade lexical entre línguas, uma definição da taxonomia linguística é útil para uma aproximação de como as línguas podem estar

relacionadas sincronicamente. Por um lado, segundo Grimes and Grimes (1987), qualquer tentativa de determinar limites de porcentagem para níveis taxonômicos é arbitrária.

Ao mesmo tempo, quando se trabalha com grandes números de dados, alguns padrões e agrupamentos tornam-se evidentes, providenciando indicadores que determinam os níveis taxonômicos.

Desta forma, os limiares da similaridade lexical que parecem significantes para este estudo são definidos pelos níveis taxonômicos abaixo, adaptados a partir da proposta de Smith (1984):

Figura 1.8 - Níveis Taxonômicos de Similaridade Lexical



Fonte: Adaptado de Smith, 1984.

Na figura acima não há um limite absoluto entre os níveis taxonômicos pois para cada análise há diferentes fatores a serem considerados, daí o fato de ser um contínuo e não algo estanque. Com estes parâmetros é possível ter uma visão mais ampla no qual o Ecosistema Fundamental da Língua, que no caso desta pesquisa refere-se a língua Mambae, está inserido. O resultado da análise das similaridades lexicais das variedades Mambae são apresentadas no capítulo 3 desta tese.

1.1.4.3 Multilinguismo

Esta seção trata tanto do multilinguismo territorial, quanto do bi- ou multilinguismo individual dentro de um EFL. É importante destacar também que, de acordo com Weinreich (1953), não há uma distinção específica entre multilinguismo e bilinguismo, uma vez que o último é apenas um aspecto do primeiro.

Para Gumperz (1968, p. 463), bi- ou multilinguismo parece ser a regra em muitas sociedades atuais e que não há, deste modo, nada que force a definir Comunidades de Fala como o lugar no qual todos os membros falam uma única língua. Ele mostra que geralmente é a distribuição linguística dentro de um espaço social ou geográfico que pode ser descrita em termos de Comunidades de Fala.

Relembrando o conceito de Comunidades de Fala apresentado por Romaine (1994) e abordado no item 1.1.2, uma CF é caracterizado por um grupo de pessoas que não necessariamente compartilham uma única língua, mas sim um conjunto de normas e regras para o uso da linguagem, sendo assim as fronteiras entre comunidades de fala essencialmente social e não linguística.

O conceito de multilinguismo na linguística ecossistêmica é baseado no conceito do EFL. Quando há um EFL "intocado", sem haver o contato com outros povos de diferentes EFL, Couto (2009) denomina de **ecologia linguística simples**. Assim como Gumperz, Couto afirma que as situações em que existe apenas uma língua são a exceção e não a regra, não havendo quase mais este tipo, "talvez alguns grupos ameríndios sejam dos últimos remanescentes dessa situação original" (Couto, 2009, p. 114). Quando há o contato de diferentes EFL, surgem então o que ele designa de **ecologias linguísticas complexas**, caracterizadas pelo bilinguismo, multilinguismo e multidialetalismo.

O Timor-Leste é uma das situações de multilinguismo territorial, ou seja, é uma ecologia linguística complexa. A constituição da República Democrática de Timor-Leste reconhece como línguas oficiais o Tetun e o Português, e como línguas de trabalho o Inglês e o Indonésio. Há ainda as línguas locais timorenses que, de acordo com a publicação mais recente do Ethnologue (LEWIS, SIMONS e FENNIG, 2014), são cerca de 18 línguas classificadas como línguas Austronésias ou Trans-New Guinea.

Assim como em outros países multilíngues, o governo timorense tentou nos seus dez primeiros anos de independência construir uma nação centrada principalmente em uma única língua, o Tetun, tendo como prioridade o uso e aplicação das línguas Portuguesa e Tetun no sistema educacional. Os resultados não atenderam às expectativas educacionais e as línguas locais entraram em estado de obsolescência.

Visando reverter este quadro, até 2020, o Ministério da Educação de Timor-Leste almeja fazer uso de todas as línguas locais no processo de alfabetização, visando uma melhor transição no aprendizado das línguas oficiais. Desta forma, iniciou no ano de 2013 o projeto "Educação Multilíngue baseada na Língua Materna". Este projeto está sendo aplicado, como piloto, nas línguas Fataluku, Galolen e Baikeno.

Tudo o que foi dito até aqui sobre o bi- ou multilinguismo territorial se aplica também ao bi- ou multilinguismo individual, tema que será abordado agora. Numa situação multilíngue como Timor-Leste, os timorenses, em sua maioria, adquirem no mínimo duas línguas: sua língua materna e a língua oficial, que geralmente é o Tetun. Há ainda alguns monolíngues, que são geralmente as crianças pequenas (menores de 5 anos) e algumas pessoas mais velhas (maiores de 55 anos).

Durante a coleta de dados desta pesquisa, a maioria dos entrevistados eram falantes de Mambae como primeira língua, Tetun como segunda língua, e muitos eram falantes de Indonésio e/ou Português como terceira língua. Há também os que dominam a língua inglesa ou ainda outra língua timorense, caracterizando-os como indivíduos plurilíngues. Ao mesmo tempo, no processo de pesquisa gravou-se uma senhora (de Same) e um senhor (de Aileu) que eram monolíngues, ambos com mais de 55 anos, no qual um outro timorense falante de Tetun traduzia as perguntas para o entrevistado (nestes casos a pesquisadora se comunicava com o timorense em Tetun).

Quando um indivíduo timorense se confronta com duas línguas que utiliza, pode ocorrer a chamada **mistura de línguas** (code mixing) ou a **alternância de código** (code switching). Isto pode ocorrer quando as pessoas envolvidas na conversa sabem duas ou mais línguas em comum. Durante o trabalho de campo, muitos dos timorenses pesquisados no início das gravações faziam a alternância de código durante suas respostas, especialmente por estarem acostumados a conversarem com uma pessoa "não-Mambae" sempre na língua Tetun.

Outra característica presente na Comunidade de Língua Mambae e em Timor-Leste como todo é a diglossia, um aspecto muito presente nas comunidades bi- ou multilíngues. Ferguson (1959) foi quem difundiu o conceito de diglossia como sendo a coexistência de duas formas de uma mesma língua em uma comunidade, que ele se refere como variedade baixa (estigmatizada) e variedade alta (com prestígio). Ele caracteriza as situações de diglossia pela divisão funcional dos usos; prestígio; variedade padronizada e adquirida na escola, entre outros.

Anos depois Fishman (1967) expande o conceito de diglossia de Ferguson ao distinguir bilinguismo como o uso de duas ou mais línguas por um indivíduo, e diglossia como o uso de duas ou mais línguas dentro de uma sociedade, assim como o faz posteriormente Martinet (1970). Ele afirma que bilinguismo e diglossia podem ou não coexistirem numa mesma sociedade, como se vê na tabela abaixo:

Tabela 1.1 - A Relação entre Bilinguismo e Diglossia.

Diglossia Bilinguismo	+	-
+	Ambos diglossia e bilinguismo	Bilinguismo sem diglossia
-	Diglossia sem bilinguismo	Sem bilinguismo e sem diglossia

Fonte: Fishman, 1967.

No caso do EFL Mambae e do ecossistema leste timorense como um todo, encontramos ambos, o bilinguismo e a diglossia, que envolvem as línguas oficiais - consideradas por muitos como línguas de prestígio -, e as línguas locais - consideradas como variedades estigmatizadas. Como Fishman (1967) aborda, esta diferenciação ocorre mais pela função e pelo domínio de uso que as línguas exercem dentro de um EFL. Este assunto será retomado e detalhado dentro do contexto Mambae no capítulo 11 desta tese.

1.1.4.4 Uso da língua

Outra meta das pesquisas linguísticas é a investigação dos padrões de uso da língua de uma comunidade em um EFL. O uso da língua estuda o que as pessoas fazem com a língua, como, quando, onde e porque a utilizam desta forma, descrevendo a escolha que as pessoas fazem sobre qual língua ou variante usar em determinadas situações (Blair, 1990). Khubchandani (1983, p. 40 apud Blair, 1990, p. 107) utiliza três diferentes termos para explicar o uso da língua. Ele define "uso da língua" (em inglês, *language use*) para se referir a observação do comportamento das pessoas com relação a língua; "imagem da língua" (*language image*) para o pensamento que as pessoas têm sobre suas habilidades e comportamentos da língua que dominam; e "postura da língua" (*language posture*) para as reivindicações que as pessoas fazem de suas habilidades e comportamentos em relação a língua que dominam.

As situações nos quais os indivíduos encontram-se frequentemente tem uma grande influência na variedade de fala que eles escolhem usar. Estas situações são conhecidas na linguística como "domínios de uso". Segundo Fasold (1984), um domínio é um contexto institucional em que uma variedade da língua é mais apropriada do que outra. Quando duas

peças conversam num domínio específico geralmente há uma relação entre o domínio e a variedade da fala utilizada. Os domínios podem ser a família, vizinhança, escola, religião, governo, mídia, trabalho, etc.

Outro fator que afeta a escolha do uso da língua é a percepção individual em relação a uma determinada situação. Herman (1968) descreve três situações psicológicas que comumente ocorrem quando domínios se sobrepõem: 1) situação de interação interpessoal em foco; 2) identificação grupal em foco; e 3) tarefas compartilhadas em foco.

Os estudos de uso da língua classificam as variedades da fala usadas por uma comunidade de acordo com o domínio em que eles são usados pelos membros desta comunidade. Exceções para classificar são frequentes quando os domínios se sobrepõem. Nestes casos, uma compreensão da situação psicológica em que os falantes se encontra providencia uma certa clarificação.

Na pesquisa sobre o uso da língua, métodos de questionamento diretos são inadequados para eliciar um quadro acurado do uso da língua devido a natureza subjetivo da atividade estudada e dos níveis variados entre os falantes da língua que usam em uma situação particular. Desta forma a observação participante é o método mais utilizado neste tipo de estudo.

1.1.4.5 Atitudes Linguísticas

Muitas pessoas sentem que sua língua materna é a mais expressiva no mundo todo, enquanto alguns sentem que sua língua é o fim para o avanço econômico e social de seu grupo. Quando uma pesquisa indaga o porquê de determinada comunidade considerar certa variedade da fala ou língua mais apropriada para alguns contextos está começando a investigar as atitudes linguísticas.

Muitas pessoas pensam que aprender uma segunda língua resolverá todos os problemas de sua vida. Há aqueles que sentem que se aprenderem outra língua eles devem rejeitar sua língua materna. Outros tentam balancear a situação no qual veem sua língua materna como um caminho apropriado para determinadas situações e uma segunda língua para a comunicação com outros de fora do seu EFL.

De acordo com Grimes (1995), estudar atitudes linguísticas é tentar conhecer e entender sobre a diversidade e intensidade das atitudes que os membros de um grupo linguístico compartilham de sua própria língua e de outras. Geralmente este tipo de estudo não é o maior objetivo de uma pesquisa, mas traz informações importantes especialmente em duas situações elencadas por Grimes abaixo.

A primeira é quando os falantes de uma determinada língua materna enxergam sua própria língua negativamente, e preferem outra que eles não falam realmente com fluência. Ou ainda quanto os falantes decidem adotar uma língua que eles pensam ser o caminho para o avanço econômico sem se dar conta de que eles podem estar eliminando suas raízes culturais e espirituais até o ponto de ser tarde demais para voltar atrás. Segundo Grimes (1995), a fala, não importa qual seja a língua, tem suas vantagens sociais e pessoais que os que estão de fora não sabem e os de dentro se esquecem.

A segunda situação onde um detalhe para entender as atitudes pode fazer a diferença se refere à inteligibilidade entre variedades de fala de uma determinada língua, que geralmente por razões sociais e históricas as comunidades envolvidas simplesmente não se relacionam uma com as outras.

Segundo Fasold (1984), existem duas visões principais sobre as atitudes. Primeiramente uma visão mentalista - no qual a atitude é um estado de prontidão; uma variável interveniente entre um estímulo afetando uma pessoa e a sua resposta e iria para fins experimentais ser dependente de dados auto relatados -, e segundo uma visão comportamentalista - as atitudes encontram-se nas respostas das pessoas diante das situações sociais, tornando-se possível observar, tabular e analisar o comportamento, mas não podendo ser utilizado para prever outros comportamentos.

Pesquisadores estão interessados em estudar as atitudes linguísticas, que incluem as atitudes do falante em relação a uma língua ou dialeto particular; em relação à manutenção de uma língua; e em relação aos esforços do planejamento linguístico. Fasold (1984) mostra que as atitudes de um grupo em relação a uma língua podem afetar: a mudança de sons; as atitudes com outros grupos étnicos; como os professores tratam seus alunos; o aprendizado de uma segunda língua; contratação e demissão; inteligibilidade e a organização dentro de um ecossistema linguístico.

Atitudes linguísticas são importantes indicadores para o estudo da vitalidade linguística. Métodos diretos e indiretos são usados para determinar as atitudes linguísticas, como questionamentos indiretos durante uma entrevista, questionários, entrevistas diretas e observação. Segundo Bouwer (2003), a observação é o método mais legítimo para descobrir as atitudes linguísticas pois o uso da língua é parte da observação na relação atitudes linguísticas - uso da língua, e é uma indicação concreta destas atitudes.

Tanto o uso da língua quanto as atitudes linguísticas têm influência direta na organização do ecossistema fundamental da língua, sendo que as decisões tomadas pelos

falantes podem afetar diretamente a vitalidade deste ecossistema, restringindo ou ampliando o mesmo.

1.1.4.6 Identidade Étnica

O conceito de identidade étnica tem sido cuidadosamente considerado nesta pesquisa para entender a complexidade da variedade linguística e organização entre os Mambae. Este fator é muito importante para entender o uso e escolha das línguas, bem como a vitalidade etnolinguística dentro do Ecossistema Fundamental da Língua Mambae.

Identidade é um termo oriundo do latim *idem*, que significa igualdade, continuidade. Segundo Plummer (1996, p 369), o termo é aplicado pela filosofia como "a permanência em meio à mudança e a unidade em meio a diversidade". Para a sociologia, o conceito de identidade é multifacetado, podendo ser abordado de muitas maneiras. De forma geral, a identidade está relacionada com os entendimentos que as pessoas têm acerca de quem são e do que é importante para elas. Segundo Giddens (2001), estes entendimentos constituem-se pela função de certos atributos que são prioritários em relação a outras fontes geradoras de sentido. Ele diz que na sociologia há, sobretudo, dois tipos de identidade que se pode aplicar ao contexto Mambae: a identidade social e a identidade pessoal que, embora sejam analiticamente distintas, estão profundamente relacionadas.

A identidade social são "as características que os outros atribuem a um indivíduo" (Giddens, 2001, p. 29). São marcadores que de forma geral indicam quem esta pessoa é e, ao mesmo tempo, posicionam esta pessoa em relação a outros indivíduos com os quais compartilha as mesmas características. Já a identidade individual diz respeito ao processo de desenvolvimento pessoal por meio do qual as pessoas formulam uma noção intrínseca de si próprios e do relacionamento com o mundo a sua volta.

Para esta pesquisa, identidade étnica e atitudes linguísticas devem ser conectadas num caminho significativo. Hatfield e Lewis (1996, p. 43) dizem que

o objetivo da pesquisa de identidade étnica e língua não deve ser apenas determina por uma identidade singular de um grupo, mas mais para determinar que as múltiplas identidades que avaliam um grupo são mais salientes para o grupo embaixo de determinadas circunstâncias e para identificar a língua que está associada com aquela identidade.¹⁶

¹⁶ "The goal of research into ethnic identity and language must be not so much to determine a single identity for a group, but rather to determine which of the multiple identities available to a group is most salient for that group under what circumstances and to identify the language which is associated with that identity."

Variedade linguística e identidade étnica estão diretamente relacionadas em relação ao povo Mambae, como detalhado no item 3.1 desta pesquisa. Fishman (1977) entende etnicidade como um aspecto de uma coletividade de reconhecimento próprio, bem como um aspecto do reconhecimento de um olhar externo.

Para ele, a identidade étnica (ou a etnicidade) é baseada em três fatores. O primeiro fator é a **paternidade**, no qual a língua é vista como uma herança biológica e que explica o porquê de a língua estar sempre relacionada como símbolo primário da etnicidade. O segundo fator é o **patrimônio**, que explica a história dos grupos étnicos e a membresia num determinado grupo étnico. O terceiro fator é a **fenomenologia**, que considera a interpretação dos membros dos grupos étnicos no que concerne a herança e comportamento étnico.

Já para Giles, Bourhis e Taylor (1977), os grupos étnicos são um exemplo de excelência de categorização linguística desde que eles estejam frequentemente manifestando suas diferenças uns dos outros por meio de uma separação significativa de línguas e dialetos. Mann (2000) destaca quatro atributos críticos relacionados a relação entre etnicidade e língua: a) uma língua é a marcar de membresia de um grupo; b) uma importante pista para a categorização étnica; c) uma dimensão emocional de etnicidade e d) o significado de facilitação de coesão intragrupal.

Mann ainda resume etnicidade, língua e relações intergrupais. Para ele, todo grupo étnico geralmente possui uma língua que é utilizada na transmissão de suas origens, histórias, tradições, valores e visão de mundo; sendo esta língua utilizada também para distinções intergrupais e servindo como símbolo da identidade e fidelidade étnica. Mann destaca que esta relação entre língua e etnicidade é, contudo, mutável.

Na ecolinguística, o tripé do EFL expressa que a identidade de um Povo está associada a uma Língua e um Território. Esta questão da identidade étnica do grupo Mambae será descrito numa visão geral no capítulo 2 e especificamente no capítulo 3.

1.1.4.7 Vitalidade Ecolinguística

A vitalidade ecolinguística é um termo novo aqui proposto para os estudos da conhecida vitalidade etnolinguística da linguística tradicional sob a ótica da Ecolinguística. Este assunto não foi abordado anteriormente por nenhum ecolinguista, então será feita aqui uma análise da já conhecida vitalidade etnolinguística com os devidos apontamentos dentro da linguística ecossistêmica.

Couto (2009) cita o comparatista August Schleicher que, no final do século XIX já dizia que "as línguas são como plantas: elas nascem, crescem e morrem". Considerando dentro da perspectiva da ecolinguística, as línguas são uma espécie parasita da população, pois por si só não existem, mas dependem de um povo (P) que está em um determinado território (T).

A obsolescência e morte de uma língua é mais uma consequência do contato de línguas e dos deslocamentos de povos e seus dialetos. Atualmente tem -se levantado inúmeros esforços para preservar as línguas existentes. E quando se discute sobre este assunto, a primeira coisa que vem à tona é os grupos minoritários. Isto corrobora com a definição de Giles, Bourhis e Taylor (1977, p. 308) que

A vitalidade de um grupo etnolinguístico é o que faz com que um grupo provavelmente comporte-se como uma entidade coletiva distinta e ativa em situações intergrupais. A partir disso, argumenta-se que as minorias etnolinguísticas que têm pouco ou nenhuma vitalidade grupal acabem por deixar de existirem como grupos distintos.¹⁷

Giles, Bourhis e Taylor (1977) desenvolveram o termo vitalidade etnolinguística num esforço de medir os indicadores de sobrevivência e mudança de língua. Eles avaliaram as línguas em relação ao seu status, representação demográfica e suporte institucional. Contudo, não conseguiram sistematizar uma escala objetiva que contasse as atitudes intergrupais dos membros do grupo, habilidades e motivações para o aprendizado de uma segunda língua, atitudes em relação ao uso da língua, e as estratégias de mudança do código em uso (Bouwer, 2003, p. 60).

Quase quinze anos mais tarde, Fishman (1991), propõe então a conhecida *Graded Intergenerational Disruption Scale* (GIDS), uma escala composta de 8 níveis que possibilitam a classificação da vitalidade de uma língua frente a um rompimento intergeracional. Esta escala proposta por Fishman centra-se sobre o papel chave da transmissão entre gerações na manutenção de uma língua. A escala GIDs não leva apenas em conta que a transmissão entre gerações é uma decisão individual, feita pelos pais, mas também que as escolhas sociais e institucionais são fundamentais para influenciar as decisões dos pais sobre seu comportamento em relação a linguagem de seus filhos.

A partir da proposta de Fishman, Hatfield e Lewis (1996) propõem uma escala composta então com 9 níveis que foi então reformulada pela UNESCO em 2003. Todas estas propostas

¹⁷ "The vitality of an ethnolinguistic group is that which makes a group likely to behave as a distinctive and active collective entity in intergroup situations. From this, it is argued that ethnolinguistic minorities that have little or no group vitality would eventually cease to exist as distinctive groups."

objetivam analisar a vitalidade e a obsolescência das línguas buscando documentá-las e, de alguma forma, preservar e incentivar o uso das mesmas.

Em relação ao termo vitalidade etnolinguística, Mann (2000) descreve um certo número de fraquezas na concepção da proposta de Giles, Bourhis e Taylor (1977), pois ele vê como fundamentalmente válido medir o grau de vida de uma língua dentro de uma sociedade, mas como falho sistematizar a mesma regra para todos os casos linguísticos, pois o conceito não possibilita a análise de línguas onde a vitalidade subjetiva é alta em relação ao baixo status, baixa demografia, baixo suporte institucional, que é o caso de muitos crioulos e pidgins. Desta forma, Mann sugere o termo vitalidade sociolinguística, não como um substitutivo, mas como um complemento, propondo então a hipótese da necessidade sociocomunicacional para avaliar a vitalidade de línguas pidgins e crioulas.

A maioria dos autores referem-se simplesmente a vitalidade da língua como a extensão da função da língua para a necessidade dos falantes. Quando uma língua perde sua importância, significado ou função em uma comunidade, perde então sua vitalidade (Bouwer, 2003, p. 62).

Considerando que a língua faz parte de um ecossistema, nesta pesquisa se utilizará o termo vitalidade ecolinguística. A vitalidade ecolinguística é baseada em três fatores que são o tripé do Ecossistema Fundamental da Língua: língua - povo - território. Quando um EFL entra em contato com outro EFL, sua estrutura pode ser alterada: seu povo pode diminuir ou aumentar com as migrações, seu território pode ser outro, e a língua entrará em contato com outra na mente do falante. Toda a estrutura do ecossistema tem que ser considerada ao analisar a vitalidade de uma determinada língua.

A escala de análise da vitalidade de uma língua que mais se aproxima da proposta da vitalidade ecolinguística é a da Unesco (2003), que desenvolveu um método no qual identifica seis fatores para avaliar a vitalidade e o estado de risco de uma língua, dois fatores avaliam a atitude linguística e um fator para avaliar a urgência da documentação. Juntos, estes nove fatores são especialmente úteis para caracterizar um panorama da situação ecolinguística, que será aplicado ao contexto Mambae no capítulo 11 desta tese.

1.2 A Metodologia em Ecolinguística

A Ecolinguística se difere da linguística tradicional em diferentes direções. A pesquisa de campo ecolinguística não é restrita a coleta de dados e documentação da língua, mas inclui a observação participante, na qual o pesquisador vive dentro do ecossistema da língua

juntamente com a comunidade e participa de suas atividades diárias. É neste contexto que o uso da língua é natural, claro e primorosos dados podem ser obtidos.

Conforme Couto (2013), a ecolinguística é uma ciência que possui uma visão holística de seu objeto de estudo - neste caso a língua-, não se limitando a uma visão única do seu objeto. Couto (2017), propõe o termo ecometodologia, que é eminentemente uma multimetodologia, pois não recorre a uma única teoria ou metodologia, mas faz uso de diferentes metodologias que estão relacionadas a ela.

Como será visto na seção §1.2.2.4 sobre etnografia, a observação participante do método etnográfico é um dos métodos que mais se aproxima da proposta ecolinguística. Nash (2011) afirma que a etnografia focada na língua em seu contexto, considerando a coleta e arquivamento dos dados com os componentes sociais da língua em uso, é uma análise que possui parâmetros pré-determinados para a coleta de dados, tornando-a reducionista.

Por outro lado, quando realizada sob a perspectiva da ecolinguística, a observação participante utiliza ferramentas da coleta de dados da etnografia, mas amplia esta análise ao considerar parâmetros não presentes na análise etnográfica, isto porque o primeiro aspecto da ecolinguística consiste nas inter-relações, interconexões e na comunhão dentro de um ecossistema, e não em categorias e classificações. O que acontece em um ecossistema linguístico pode não acontecer em um outro ecossistema.

Desta forma, propõe-se neste trabalho que a metodologia do trabalho de campo ecolinguístico tenha como base a presença e a participação do pesquisador dentro da comunidade, baseando-se no princípio da comunhão proposto por Couto (2009) no qual alega ser esta uma "das condições para que a interação ocorra". Para tal, é necessário que o pesquisador invista tempo na construção de relações confiáveis, respeitando a diversidade do ecossistema no qual está se inserindo.

Nesta pesquisa adotou-se então a proposta multimetodológica da ecolinguística proposta por Couto (2013). Desta forma, nesta seção são descritos os procedimentos da coleta de dados; um quadro analítico no qual é apresentads e discutido as metodologias da presente pesquisa; e como estes dados serão analisados e interpretados.

1.2.1 A Coleta de Dados

Como observa-se no capítulo 2, o Ecossistema Fundamental da Língua Mambae – EFLM, é vasto e complexo, sendo constituído por diferentes Comunidades de Fala da língua Mambae - CFM. Assim, para a análise deste EFLM, optou-se pela observação participante da

pesquisadora nestas diferentes CFM em ordem de coletar dados suficientes para uma análise adequada. O trabalho de campo constitui-se pelo modo intensivo e marcado por muitas viagens às diferentes CFM, dividido em três períodos: o primeiro período de novembro de 2013 a julho de 2014 (nove meses), o segundo período de novembro de 2014 a março de 2015 (cinco meses) e o terceiro período de julho a novembro de 2016 (5 meses).

O primeiro passo ao chegar no Timor-Leste, em novembro de 2013, foi reaprender a língua Tetun Dili¹⁸, uma das línguas oficiais, para o melhor contato com a população timorense, considerando que, mesmo sendo a língua Portuguesa uma das línguas oficiais, grande parte do povo Mambae não a fala¹⁹. Assim a língua Tetun Dili foi utilizada como meio de comunicação para a elicitación dos dados aqui obtidos.

Tendo como base a cidade de Dili (uma das CFM como detalhado no capítulo 2), o segundo passo foi iniciar o processo para obtenção da permissão da pesquisa conforme o decreto 1/2004, artigo 4o. parágrafo 4, que afirma "*os linguistas e estudiosos estrangeiros devem obter do INL²⁰ autorização para levar a cabo as suas atividades de pesquisa, com submissão e aprovação do projeto de investigação a desenvolver, sob pena de ilegalidade manifesta*". (RDTL, 2004). Este processo iniciou-se no início de dezembro de 2013 quando se conversou com o presidente do INL que pediu para procurá-lo novamente em janeiro de 2014. No final de janeiro conseguiu-se reunir com o mesmo no qual foi lhe entregue o projeto de pesquisa, que foi analisado e aprovado no dia 28 de fevereiro, quando se obteve a carteirinha de autorização para a pesquisa. Durante este período aproveitou-se para reativar os contatos anteriormente estabelecidos, bem como aprimorar o aprendizado da língua Tetun Dili.

No primeiro e segundo período de pesquisa visitou-se 5 municípios (Aileu, Ainaro, Dili, Ermera e Manufahi) dos 7 nos quais a língua Mambae é falada. Partindo dos amigos e colegas timorenses conhecidos, iniciou-se então o processo da coleta de dados. Por ser o EFLM um ecossistema amplo foi necessário delimitar a população da pesquisa, sendo adotado a amostragem por quota. Numa amostragem por quota a população é separado por estratos (Bouwer, 2003), que neste caso se referiam as diferentes CFM. Coletou-se dados de alguns dos 20 postos administrativos Mambae e línguas fronteiriças, através das listas de palavras, gravações de textos espontâneas e entrevistas para a análise endoecológica da língua.

¹⁸ Reaprender, pois a autora já viveu no Timor-Leste nos anos de 2007 e 2008 quando participou do *Programa de Qualificação de Docente e Ensino de Língua Portuguesa no Timor-Leste*, uma parceria do governo brasileiro com o governo timorense, supervisionado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

¹⁹ RDTL, 2010.

²⁰ Instituto Nacional de Linguística.

Para o alcance de dados suficientes para a análise da diversidade da língua Mambae optou-se pela gravação da lista de palavras elicitada, de histórias diversas e conversas com pelo menos uma pessoa de cada posto administrativo Mambae para a pesquisa comparativa, seguindo os dados obtidos pelo Censo 2010 (RDTL, 2010).

A escolha dos participantes não era feita pela pesquisadora, mas pelos timorenses que introduziam a mesma à CFM pesquisada. Quando o timorense era um jovem, ele introduzia a pesquisadora ao grupo de adolescentes e jovens e, de outro lado, quando o timorense facilitador era uma pessoa com mais de 35/40 anos, o grupo era caracterizado por pessoas mais velhas, os *katuas*²¹, ou de grande importância social, como os *liurais*²². Cuidou-se, entretanto, de haver participantes de diferentes gêneros (feminino e masculino); diferentes grupos de idade (14-25; 26-40; mais velhos); e pessoas com ou sem escolarização formal.

Tabela 1.2 - Descrição sobre os dados gravados.

Município	Posto Administrativo	Lista de Palavras	Gravação de textos e entrevistas	Duração das gravações	Informantes
Aileu	Aileu Vila	X		36 minutos	1
	Laulara	X		41 minutos	1
	Lequidoe	X	X	1 hora e 22 minutos	3
	Remexio	X		16 minutos	1
Ainaro	Ainaro	X	X	51 minutos	2
	Hato-Udo	X	X	37 minutos	1
	Hatu-Builico	X	X	35 minutos	1
	Maubisse		X	10 minutos	1
Dili	Metinaro				
	Cristo Rei				
Ermera	Ermera				
	Atsabe				
	Hatulia	X	X	42 minutos	1
	Letefoho				
Liquiça	Railaco	X	X	50 minutos	5
	Liquiça				
Manatuto	Bazartete	X	X	53 minutos	1
	Laclo				
Manufahi	Same	X	X	5 horas e 42 minutos	12
	Turiscail				
Total		7	7	13 horas e 15 minutos	30

O terceiro e último período de pesquisa foi caracterizado por visitas as comunidades de fala Mambae não para gravar dados, mas para analisar os padrões sociais, uso e atitudes

²¹ Na língua Tetun "velho" ou "idoso"

²² Na língua Tetun "rei"

linguísticas entre eles. Foi nesta etapa que entrevistas foram realizadas para a análise exoecológica da língua Mambae, apresentada no capítulo 11.

1.2.2 Quadro analítico

Esta pesquisa utiliza os dois principais métodos de análise de dados: quantitativo e qualitativo. Através da combinação de metodologias mistas principalmente da linguística com a etnografia e antropologia, a análise quantitativa desenvolve um enfoque mais qualitativo.²³ Como resultado, todos os dados quantitativos recolhidos só são significativos através das percepções trazidas pela pesquisa qualitativa intensiva e zelosa.

Os métodos quantitativos utilizados nesta pesquisa são as listas de palavras e a gravação de textos. Os métodos qualitativos que foram utilizados nesta tese: questionários e entrevistas, e a observação participante etnográfica. O ato de fazer perguntas nunca foi usado como uma técnica única, mas como parte de todos os níveis de investigação. A observação participante é um método útil para fazer questionamentos sobre a escolha, uso e atitudes da língua, e para entender a situação sociolinguística de uma CF.

1.2.2.1 Lista de palavras: Identificando as variedades da língua

A lista de palavras consiste em um certo número de palavras, escolhidos pela sua função como conceitos básicos, que são adequados para comparação de itens lexicais entre diferentes culturas ou ecologias. Listas longas são usadas para estudos históricos, comparativos, enquanto listas curtas são mais adequadas para se ter uma ideia das variedades da língua em um EFL.

O uso da lista de palavras, neste caso, é para uma léxico-estatística, que mede o grau de similaridade no vocabulário básico entre línguas. As listas mais famosas são a de Swadesh de 100 e 200 palavras. A lista de palavras aqui utilizada foi compilada para este estudo a partir da lista de Swadesh 200-palavras e da lista de palavras comparativa para línguas Austronésias de Grimes (1990). Assim a lista final deste estudo contém um total de 370 palavras e 69 sentenças. (ver apêndice B).

O estudo da lista de palavras foi feito para responder a seguinte questão: "Quantas e quais são as diferentes Comunidades de Fala encontrados no Ecosistema Fundamental a Língua Mambae?" Sanders (1977) menciona os diferentes usos da léxico-estatística para classificar dialetos, línguas, famílias de línguas, entre outros. Ele sugere que a lista de palavras

²³ Nash, 2011, p. 82.

seja usada onde um quadro inicial das CF é necessário. Esta análise é utilizada no capítulo 3 desta tese, onde se analisa as diferentes CF da língua Mambae.

A lista de palavras foi gravada com os falantes da língua Mambae oriundos de diferentes CF dentro do EFLM. Na maioria das vezes a comunicação com os falantes ocorria na língua Tetun Dili, ou por meio da tradução de um falante bilíngue Mambae - Tetun Dili. A lista de palavras também foi gravada nas línguas Tokodede, Bunaq, Tetun Terik, Tetun Dili e Idate, línguas fronteiras com o Mambae.

Primeiramente foi lhes explicado o objetivo da pesquisa e como os dados seriam coletados. Os dados foram gravados no formato MP3 utilizando um gravador Sony ou no formato de vídeo, utilizando uma câmera DSLR Nikon D7100. Em ambos os casos os informantes sabiam e davam permissão para as gravações. Os dados foram transcritos pela pesquisadora.

Para análise dos dados utilizou-se o método de inspeção proposto por Sander (1977, p. 33). Neste método, os cognatos lexicais são determinados com base na similariedade fonética, em vez dos regulares conjuntos correspondentes. Este é o método mais recomendado para um estudo sincrônico como o do Mambae, em que se analisa a similariedade fonética e não a herança genética da língua. O método de inspeção foi esboçado a primeira vez por Gudschinsky em 1956.

Sander descreve dois critérios para a decisão de cognatos dentro do método de inspeção. Neste trabalho utilizou-se o critério de Dutton (Sander, 1977, p. 34) para determinar a similaridade fonética. Dutton considera que duas formas são cognatos se os seus sons

"diferem um do outro em não mais do que um dos seguintes aspectos: (a) para consoantes: ponto e modo de articulação; (b) para vogais: altura da língua e posição anterior e posterior". Ele também escolheu ignorar pequenas mudanças como "pré-nasalização, não vozeamento, etc.". A ausência de um som foi contada como sendo uma diferença. (SANDER, 1977, p.34)²⁴

Este procedimento é um pouco mais rigoroso do que simplesmente determinar formas semelhantes por inspeção sem alguma regra como guia. Este tem sido um dos métodos mais utilizados nas análises de estudo sincrônico.

Assim, o método de inspeção foi utilizado para fazer os agrupamentos iniciais para determinar as porcentagens de similariedade lexical nos dados coletados. Isto foi efetuado para

²⁴ "differed from one another in no more than one of the following respects: (a) for consoants: point and manner of articulation; (b) for vowels: tongue height and forward or back positon". He also chose to ignore minor changes like "pre-nasalization, devoicing, etc". The absence of a sound was counted as being one difference.

agrupar as palavras que eram consideradas fonética e semanticamente similares dentro de possíveis conjuntos de cognatos. O programa WordSurv 7, versão 7.0.0 foi usado para organizar o agrupamento inicial e obter uma matriz com as porcentagens de similaridade lexical a partir dos dados analisados e classificados pela pesquisadora. A partir do resultado obtido utilizou-se o programa Cog, versão 1.3.0.1 para com os dados obter um dendograma e uma árvore lexical aproximada do quadro (como este programa não permite uma análise manual dos dados, os resultados do dendograma e da árvore lexical obtidos são proximais).

Para reconhecer os padrões e análise da matriz de léxico-estatística obtida utilizou-se a proposta de Simons (1977). A análise e o resultado encontram-se no capítulo 3 - O Mambae e sua diversidade linguística.

1.2.2.2 Textos gravados: a análise gramatical

Outro método quantitativo utilizado foi a gravação de textos, histórias, receitas, etc. através de conversas espontâneas ou entrevistas nas vilas, nas casas, no campo ou mesmo a beira mar. Procurou-se aproveitar a vivência e a experiência para a gravação dos dados, sempre levando em consideração o ecossistema que a língua se encontra.

Para a transcrição dos dados contou-se com o auxílio de um falante da língua Mambae do CFM de Same, do sexo masculino, 30 anos. A pesquisadora o ensinou a transcrever com o auxílio do programa SayMore, versão 3.0.194, e a traduzir para a língua Tetun Dili. As transcrições foram revisadas pela pesquisadora juntamente com o seu auxiliar.

Os dados dos textos gravados foram utilizados para a análise endoecológica, através de uma descrição gramatical e construção de um breve dicionário da Língua Mambae, com base no Mambae Sul. Como visto na introdução, não há ainda um trabalho de descrição gramatical da língua Mambae devido à complexidade de seu EFL²⁵. Assim optou-se pela análise do Mambae Sul, destacando (quando possível) traços das outras CFM.

Para esta análise endoecológica utilizou-se a proposta de Dixon (2010, p. 5), a Basic Linguistic Theory²⁶ - BLT, que a considera como "a teoria da linguística como uma ciência natural²⁷", consistindo no estudo e comparação dos padrões gramaticais de línguas individualmente. Para Dixon, cada língua possui suas particularidades, não sendo possível aplicar uma única padrão teórico para sua análise integral.

²⁵ Olhar o capítulo 2 - Ecossistema Fundamental da Língua Mambae.

²⁶ teoria básica da linguística

²⁷ the theory of linguistics as a natural science (Dixon, 2010, p. 5)

De acordo com Pawley (2014, p. 9-10), a BLT não é uma coisa fixa. As ferramentas de análise gramatical e fonológica continuam a evoluir e o pesquisador deve estar pronto para assumir conceitos novos e úteis. Dado que essa mudança é inevitável e saudável, provavelmente não é realista esperar que qualquer gramática escrita hoje seja fácil de ler em tão pouco tempo. Mas, definindo cuidadosamente os principais conceitos analíticos, um gramático pode facilitar o caminho para os leitores - foco desta pesquisa ao disponibilizar uma gramática do Mambae, uma língua até então não descrita.

Dentro da ecolinguística pode-se afirmar que a BLT, de proposta multi-teórica, é a que melhor se aplica pois respeita que cada língua possui seu ecossistema, com características únicas e tem por foco os leitores deste ecossistema. O resultado desta análise se dá do capítulo 4 à 10 desta tese.

1.2.2.3 Entrevistas.

As entrevistas foram usadas na análise exoecológica Mambae, investigando o uso da língua, as atitudes linguísticas e os padrões sociais. As questões norteadoras foram baseadas nos questionários formulados por Stalder e Bergmans (1996), Bouwer (2003) e UNESCO (2003), que são de natureza demográfica e sociolinguística, providenciando informações sobre escolas, mercados e serviços governamentais sobre bilinguismo, atitudes linguísticas, diferenças das diferentes variedades da língua, vitalidade e uso da língua. As informações coletadas possibilitaram um panorama das Comunidades de Fala Mambae quanto a sua demografia, informações culturais, opinião sobre a política linguística, e a visão do falante de Mambae sobre sua língua em relação as outras variedades e as línguas oficiais.

Devido ao tamanho do ecossistema fundamental da língua Mambae, as entrevistas foram com falantes dos 7 municípios nos quais a língua Mambae é falada, mas não necessariamente com falantes de todas as CFM. As entrevistas foram orais, utilizando a língua Tetun Dili para as questões e respostas.

As entrevistas foram analisadas pelos indicadores propostos por Hatfield e Lewis (1996) e pela proposta da UNESCO (2003), observando as questões de uso e atitudes da Língua. A questão do contato de línguas foi abordada pelo modelo de ecologia das línguas proposto por Couto (2009). O resultado desta é apresentado no capítulo 11 desta tese.

1.2.2.4 Etnografia: a observação participante

Como visto no início da seção 1.2, outro método qualitativo que está sendo utilizado nesta pesquisa é a observação participante, parte da etnografia intensiva proposta por Mauss (1993). Esta foi parte presente durante toda a pesquisa de campo. A etnografia intensiva, segundo Mauss, consiste numa observação aprofundada de um grupo social, desenvolvendo-se ao máximo possível, sem alguma omissão. Diferente de outros métodos, a etnografia intensiva demanda tempo, um estudo exaustivo a longo prazo, no qual os diferentes fenômenos sociais devem ser abordados e respeitados.

A proposta de Mauss se aproxima da proposta do Ecosistema Fundamental da Língua proposto por Couto (2007), pois ele propõe um plano de estudo de uma sociedade dividido em três principais partes: 1º - Morfologia Social: estuda a "massa humana" no seu terreno, compreendendo a Demografia, Geografia Humana e Tecno-morfologia. 2º - Fisiologia Social: aborda os fenômenos em si próprios e nos seus movimentos, envolvendo as Técnicas, Estética, Economia, Direito, Religião e Ciências. 3º - Fenômenos Gerais: abarca as questões da Língua, dos Fenômenos nacionais e internacionais e da Etologia coletiva.

Para ser ter sucesso na observação participante é necessário obter-se a aceitação da comunidade, saber pelo menos o básico da língua e estar atento aos detalhes da estrutura do EFL (Bouwer, 2003). Isto ficou evidente quando a pesquisadora esteve nas vilas e, num primeiro momento, muitos olhavam com desconfiança para a *malae*²⁸ que estava ali. Contudo, ao tentar falar com eles em Mambae, depois explicar para eles a pesquisa utilizando a língua Tetun, sendo introduzida por um timorense que tenha o respeito da comunidade, a pesquisadora era tratada diferente. Quanto mais visitas as vilas e mais momentos de "cafés" nas casas timorenses, maior era a aceitação e o resultado obtido.

De acordo com Becker (1997), um dos problemas da observação participante é o *problema do bias*. É muito difícil para um observador participante a longo prazo conseguir realizar uma pesquisa neutra de suas hipóteses e sentimentos, visto que após um período é difícil evitar que a amizade, lealdade e obrigação entre o grupo interfira na sua pesquisa. Becker sugere buscar reproduzir atenciosamente uma descrição completa de todos os eventos e suas variedades observadas.

²⁸ *Malae* (Tetun), significa, no literal, 'estrangeiro'. Antropologicamente, é aquele "que não é igual ao nós" - isto porque os indonésios não são considerados *malaes*, por serem fisicamente e socialmente semelhantes.

1.3 Síntese

O capítulo 1 tem a intenção de esclarecer ao leitor a filosofia da pesquisa e os diferentes métodos e procedimentos seguidos (ou que ainda serão) durante a pesquisa. Destacou-se a necessidade da multimetodologia ecolinguística que aqui se faz necessária para descrever o Ecossistema Fundamental da Língua Mambae que é vasto e complexo como está detalhado no capítulo 2. Os métodos aqui escolhidos não são aleatórios, mas possuem uma relação de complementação, possibilitando diferentes visões para a análise do Ecossistema Fundamental da Língua Mambae. Como visto acima, os métodos e a estrutura de análise dos dados seguem a teoria "tradicional" de cada área específica estudada, destacando-se dentro de cada uma a abordagem ecolinguística.

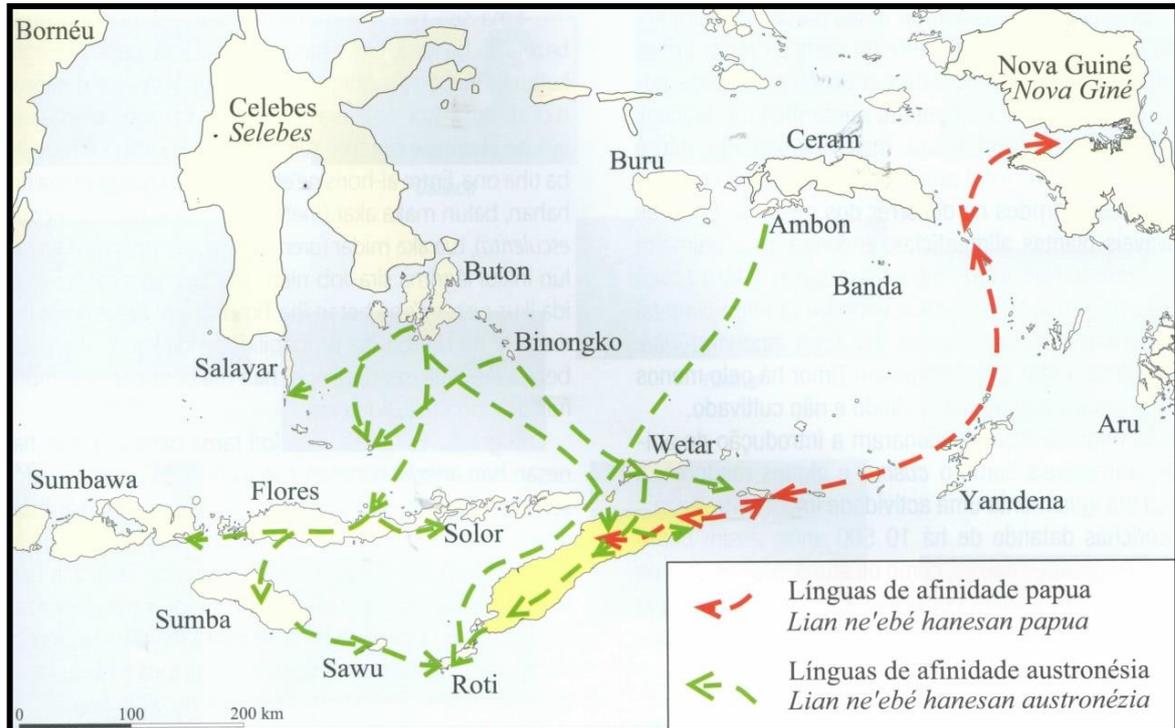
2 O ECOSISTEMA FUNDAMENTAL DA LÍNGUA MAMBAE

Este capítulo descreve o Ecosistema Fundamental da Língua Mambae. Como visto no capítulo anterior, o EFL é formado pelo continuum Língua (L) - Povo (P) - Território (T). Estes elementos estão interligados de tal forma que ao estudar uma língua é quase impossível não considerar este todo. Este capítulo procura expor a língua Mambae, o povo que a fala e onde é falada, evidenciando a forte relação que há entre estes elementos. Apresenta-se então o povo Mambae (2.1), sua origem e organização, seguida da descrição do seu território (2.2), objeto este decisivo na organização e estrutura do povo e língua Mambae. Expor o povo Mambae e seu território em dois tópicos separados é um desafio, pois ambos estão totalmente interligados, como observa-se a seguir. Por último, o tópico 2.3 trata-se das características gerais da língua Mambae e do contexto no qual está inserida, considerando que os capítulos 3 e 4 abordarão com mais profundidade a descrição da mesma.

2.1 O Povo Mambae

A ilha de Timor tem sido frequentemente citada como sendo uma possível rota de migração humana para a Austrália e Melanésia (Glover, 1986, p. 4): sua história de migrações e a convergência de pessoas com distintas tradições culturais refletem a situação linguística presente na ilha timorense. A ilha de Timor é ocupada por falantes de duas famílias linguísticas distintas: as Austronésias e as não-Austronésias –atualmente classificadas como línguas da família Trans-New Guinea. A população da ilha de Timor, em sua maioria, é falante de línguas Austronésias. Com exceção do Bunaq, que se situa na fronteira entre Timor-Leste e Oeste (Indonésia), os grupos não-Austronésios concentram-se no extremo leste da ilha. Ross (2005) sugere que a migração Trans-New Guinea alcançou o Timor antes dos Austronésios.

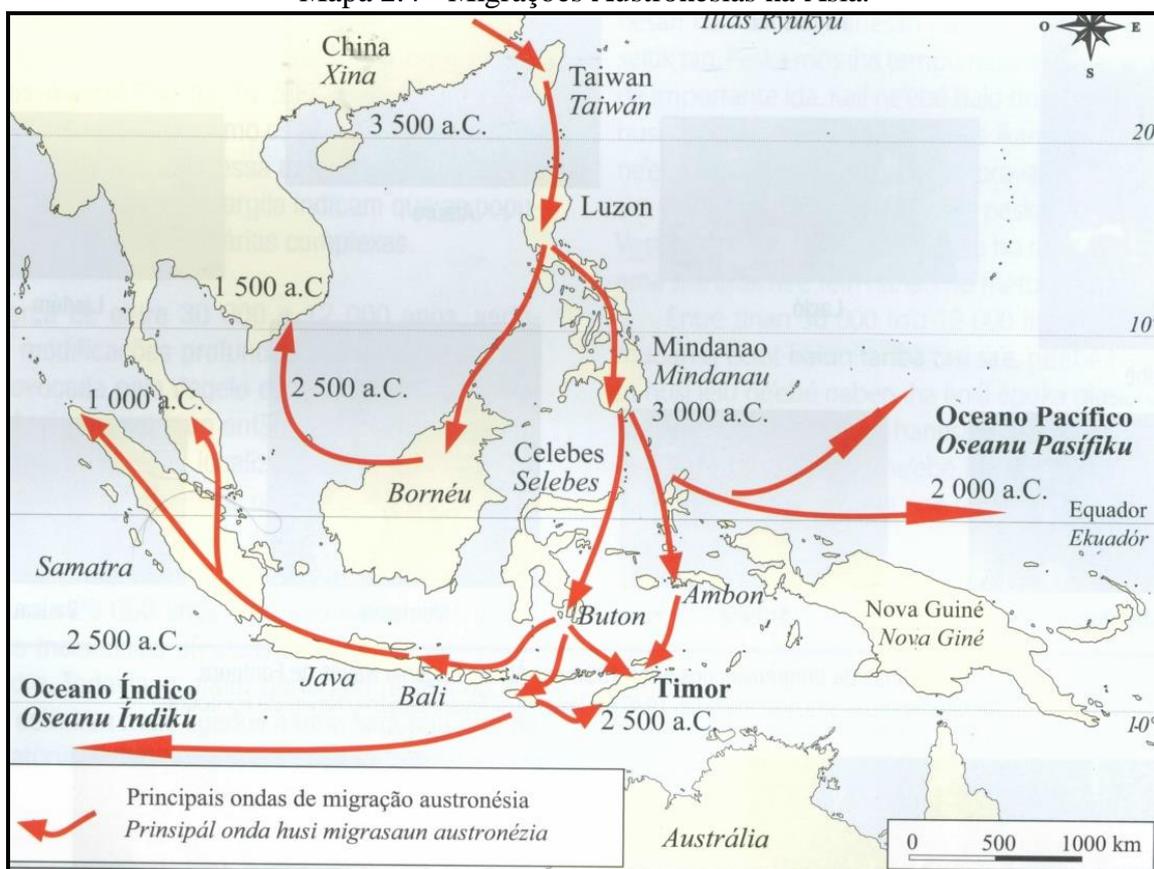
Mapa 2.1 - As migrações em Timor-Leste baseadas nas afinidades linguísticas



Fonte: Durand, 2009, p. 25.

Segundo Tryon (2006, p. 37), os primeiros austronésios são originalmente do sul da China e se locomoveram ao largo do continente asiático para se estabelecerem em algum lugar sobre Taiwan cerca de 5000 anos atrás. Ali se situaram até que uma das comunidades Taiwan-Austronésias, possivelmente oriunda de Formosa, migrar para o sul das Filipinas. A partir dali um grupo migrou para o sudoeste, por meio de Borneu até Sumatra e Java, com grupos penetrando a Península Malaia, partes orientais do Vietnã e do Camboja. A segunda migração foi de Filipinas para Sulawesi, ao sul. De lá, acredita-se ter seguido dois grandes caminhos, um através de Sulawesi para a área de Seram-Ambon e Timor, e a outra em direção Halmahera e Irian Jaya. De Sulawesi, supõe-se que os Austronésios se locomoveram para o leste ao longo da costa norte de Papua Nova Guiné, terminando no arquipélago de Bismarck (New Britain e Nova Irlanda), onde a comunidade pré-Proto-Oceanic é considerada ter se mantido isolada até eles se moverem pelo Pacífico, cerca de 4000 anos atrás, como apresentado no mapa 2.2.

Mapa 2.4 - Migrações Austronésias na Ásia.



Fonte: Durand, 2009, p. 28.

Foram estas últimas incursões que inseriram a ilha de Timor no extenso mundo austronésio, que atualmente abrange uma longa área que vai de Formosa (ao norte) à Nova Zelândia (ao sul), Madagascar (ao oeste) à Ilha da Páscoa (ao leste), e originaram as línguas austronésias do leste timorense, como o Tetun, Galolen, Mambae, Tokodede, entre outros.

Os Austronésios trouxeram com eles muitas contribuições que possivelmente modificaram e enriqueceram as culturas pré-existentes na ilha timorense como a técnica da olaria, muitos animais (cão, porco, gado, cabras e veado) e certamente a difusão do arroz, hoje um dos pratos principais no Timor-Leste.

O povo Mambae possui cerca de 195 mil pessoas falantes de Mambae como língua materna²⁹, representando 16,59% da população leste timorense (RDTL, 2017b), espalhados por sete municípios: Aileu, Ainaro, Dili, Ermera, Liquiça, Manatuto e Manufahi. Há poucos estudos sobre a origem e organização do povo da ilha de Timor, e pouquíssimos descrevendo o povo

²⁹ É importante destacar que nem todos da etnia Mambae são falantes da língua Mambae, como abordado no tópico 3.1 Identidade étnica.

Mambae³⁰, que são classificados como Austronésios por compartilharem linguística e antropologicamente muitas características semelhantes aos primeiros.

Segundo Fox (2006, p. 230), a religião nas sociedades austronésias ocidentais tem recebido influência de diversas religiões como o Islamismo, Hinduísmo e o Budismo; o Cristianismo teve a sua influência no mundo austronésio de Madagascar para o Havaí e das Filipinas para Timor. Há também populações austronésias que não estiveram em contato com nenhuma religião do mundo externo aos austronésios ou, até mesmo, rejeitaram tais possibilidades. Tais populações são geralmente identificadas como *animistas*. Estes grupos compartilham uma crença geral na vida e na inter-relação nas diferentes formas da vida. No mundo Austronésio, a mesquita, o templo, a igreja, ou simplesmente uma árvore em meio a uma pilha de pedras é parte da diversidade da vida social.

Em Timor-Leste, cerca de 97.5% da população se intitulam católicos (RDTL, 2017c), havendo comunidades minoritárias de protestantes e muçulmanos. Contudo, grande parte da população preserva suas religiões tradicionais. Segundo Araújo (2010, p. 20), os timorenses são tradicionalmente animistas: cultuam aos seus antepassados e acreditam num ser maior, que nomeiam com um nome próprio de acordo com as suas respectivas línguas. Em Mambae, designam por *Maromak* (ARAÚJO, 201, p. 37).

As tradições orais são essenciais na cultura timorense e, para Araújo, o grupo étnico falante de Mambae sempre foi "visto como um dos principais focos de resistência da tradição oral animista, apesar da repressão da igreja católica" (Araújo, 2010, p. 20). A religião animista do povo Mambae conseguiu sobreviver ao longo destes anos por meio da tradição oral como o Añhulun e outros. Para ele, os ritos de tradição oral eram vistos pela igreja católica como heresias, paganismo e feitiçarias, construindo uma imagem negativa do Mambae e da sua cultura. É importante lembrar que o reconhecimento dos ritos culturais de tradição oral pela igreja católica de Timor-Leste é muito recente.

Conceito de origem

O conceito de origem dos povos austronésios e, conseqüentemente, do povo Mambae é bem distante do conceito ocidental, pois enquanto os ocidentais olham para o conceito unitário de origem, os austronésios toleram a noção de múltiplas origens. De acordo com Fox (2006, p. 231), essa multiplicidade pode derivar de uma unidade inicial que é quebrada: desde a

³⁰ Os poucos trabalhos conhecidos sobre o povo Mambae são Traube (1980a, 1980b, 1986, 2007), Fox (1980) e (FOX and SOARES, 2003) e Araújo (2010).

destruição de uma árvore cósmica, a ruptura interna de um ovo universal ou ainda a separação de um casal primário. Contudo, uma vez que esta unidade é quebrada, a preocupação é com a multiplicidade de entidades. Embora esta noção geral pode ser aplicada a todos os seres, Fox limita sua abordagem para as ideias sobre a origem da humanidade e suas implicações para a estruturação da sociedade.

Fox (2006) alega que a diversidade de origens dentro da mesma sociedade cria uma diversidade de possibilidades. Para muitos austronésios, o conceito de origem está relacionado a alguma forma de crescimento, derivando de uma fonte, raiz ou tronco. Nesta estrutura o crescimento é para cima ou para fora em direção a uma ponta ou ponto apical. Segundo ele, o Rotinense, o Weyewa de Sumba, o Atoni de Timor Ocidental e o Mambae utilizam esta metáfora para descrever suas origens (FOX, 2006, p. 233)

De acordo com a mitologia de origens comuns, todos os povos do mundo são descendentes especialmente de divindades feminina e/ou masculina e são parentes de seres não-humanos. O Mambae considera-se o grupo mais velho da humanidade, aqueles dos quais dependem todos os outros povos, sendo seu status original expresso também por termos de um modelo espacial que o situa no centro da ilha de Timor para cooperar com todo tipo de vida, classificando os outros povos a partir de sua distância do centro simbólico do universo Mambae (Traube, 1986, p. 28).

O povo Mambae foi estudado antropologicamente por Elizabeth Traube, que produziu o que até hoje é considerado o melhor trabalho antropológico sobre um povo de Timor-Leste: a obra *Cosmology and social life* (1986). Esta e suas pesquisas consequentes embasam a análise aqui apresentada sobre este povo.

O Mambae está profundamente envolvido na mitologia de origens comuns. Sua vida e história está ligada na sua relação com a terra. Eles se identificam como os habitantes originais da terra e seus guardiões por direito de nascimento possuindo, conseqüentemente, a obrigação de realizar rituais em direção ao resto da humanidade, pois acreditam que somente eles podem promover a vida para a humanidade como um todo.

Para o Mambae, não somente a humanidade, mas toda a natureza – incluindo plantas, rochas, animais e a própria terra – são descendentes da Mãe Terra e do Pai Céu (os quais os mais velhos afirmam serem anteriormente uma única unidade). A montanha *Tat Mai Lau* (ou como nominado em português, Ramelau), que se localiza no interior central do território Mambae, é identificada como a primeira terra seca, sendo antes rodeada por água e mar. Lá se centraliza o cosmos e é o lugar no qual a Mãe Terra trouxe à vida os diversos habitantes da terra. Segundo a pesquisa de Traube (2011), a narrativa Mambae afirma que os primeiros

descendentes da Mãe Terra são os fenômenos não-humanos da natureza, que são considerados pelos seres humanos como “irmãos mais velhos”, como descrito a seguir:

No início, o Mambae diz, os irmãos mais velhos eram animados, e as árvores e gramíneas gritavam quando as pessoas tentavam cortá-las para construir suas casas. Então o Pai Céu impôs que os falantes denominam de ‘banir o interior’ (*badu hoha nin*), removendo o poder de fala de seus filhos mais velhos, assim os mais novos poderiam usá-los como meios de subsistência. Os seres humanos, distinguidos como ‘bocas falantes’ (*kuku kasen*), foram autorizados a explorar as ‘bocas silenciosas’ (*kuku molun*), mas era esperado deles mostrarem respeito. De acordo com a ética de reciprocidade, as ‘bocas falantes’ oferecem um ritual de restituição para o sofrimento que causam aos seus irmãos mais velhos silenciosos. Como o Mambae diz dessa obrigação: ‘Nós devemos reembolsá-los por sua fadiga’ (*Aim ten de seul ro ni kolen*). (Traube, 2011, p. 121)³¹

No que se refere aos ancestrais humanos, a narrativa Mambae afirma que eles são internamente diferenciados pelo patrimônio recebido do Pai Céu. O primogênito – ou como nomeado em Mambae ‘homem-cabeça’ - *Au Sa* recebeu um prego e martelo, fole e forja; se afastou para o oeste e teve uma participação mínima segundo os relatos de Traube (2011). O segundo filho ou, como conta a história, o ‘homem do meio’, *Ki Sa*, é considerado como o ancestral fundador das casas de Hohul e Raimaus, dos quais o Mambae descende, a quem foi concedido poderes místicos de sorte e fortuna. O filho mais novo, o ‘homem-cauda’, *Loer Sa*, de quem os estrangeiros (*malaes*) descendem, foi à uma nascente tirar água limpa e, ao aproveitar seu patrimônio, desapareceu pelo mar (Segundo Traube, 2011, alguns mais velhos afirmam que *Loer Sa* cruzou o mar pelo caminho da porta interior da montanha *Tat Mai Lau*, indo pelo caminho dos espíritos da morte).

³¹ “At first, Mambai say, their elder siblings were animated, and the trees and grasses screamed when people tried to cut them to build their houses. Then Father Heaven imposed what tellers called the ‘ban of the interior’ (*badu hoha nin*), removing the power of speech from his elder children, so that the younger ones could use them for their own livelihoods. Human beings, henceforth distinguished as ‘speaking mouths’ (*kuku kasen*), are authorised to exploit the ‘silent mouths’ (*kuku molun*), but they are also expected to show them respect. According to an ethic of reciprocity, the ‘speaking mouths’ offer ritual restitution for the suffering they inflict upon their silent elder kin.⁴ As Mambai say of these obligations: ‘We must repay them for their fatigue’ (*Aim ten de seul ro ni kolen*)”.

Organização social e política

Antes da chegada dos portugueses no século XVI, em Timor-Leste encontrava-se uma sociedade tradicional organizada em reinos que, de acordo com Menezes (2006, p. 69), era estruturada em três níveis hierárquicos comuns a todos os grupos timorenses de origem austronésia – incluindo o Mambae: 1) a nobreza e os *datos*: os *liurais*, chefes de suco e os chefes das povoações; 2) *ema*: o povo, entre os quais os chefes políticos, que possuíam obrigações para com os *datos* (a exemplo do contexto feudal); e 3) os escravos: geralmente prisioneiros das guerras ou comprados. Havia dois tipos de escravos, os de propriedade individual (*atan*) e os de propriedade comunitária (*lutuhum*), sendo estes últimos não passíveis de venda, podiam ser libertados mediante pagamento de taxas ao *liurai*, passando a pertencer a classe social do seu senhor.

Os portugueses ao chegarem em Timor-Leste respeitaram a estratificação social presente. Contudo, sua chegada originou uma nova classe, as dos Topasses ou Forasteiros, formada pelos estrangeiros, indivíduos provenientes de outros reinos e ilhas, (MENEZES, 2006, p. 177). Atualmente não há a classe dos escravos, mesmo que alguns timorenses ainda aludem a certos indivíduos procedentes desta classe em suas conversas. Já a classe de forasteiros foi renomeada para *malaia* (em Tetun Dili, *malae*) – maneira como denominam os não-timorenses (ou os não iguais a eles).

Já divisão político-administrativa tradicional Mambae era baseada numa pequena pirâmide dividida em duas partes. No topo havia o reino (ou regulado), tendo o *liurai* amplos poderes. Estes geralmente pertenciam a linhagens nobres ou dos *datos*, com linhagens sucessivas e seletiva. Segundo Traube (1986, p. 259), o *liurai* na cultura Mambae simboliza a masculinidade e a mobilidade. Sua linhagem era considerada de origem divina, tidos por filhos do Sol. Na base da pirâmide estavam os chefes de aldeias de origem (p. 101).

O povo Mambae sempre teve grandes reinos com *liurais* poderosos e influentes. Os dois mais conhecidos devido a recente história são Dom Boaventura da Costa Sotto-Mayor, *liurai* de Manufahi que liderou a rebelião de Manufahi contra a corte portuguesa em 1911-1912, e Dom Aleixo Corte-Real, do reino de *Suru* (Ainaro), que lutou a favor da coroa portuguesa contra a invasão das tropas japonesas durante a Segunda Guerra Mundial (1942-1943).

Figura 2.2 *Liurai* Mambae Dom Aleixo Corte-Real em 1938.



(Fonte: Durand, 2009, p. 106).

Segundo Traube (1986, p. 100), esta estrutura permaneceu até as autoridades portuguesas iniciarem a reestruturação administrativa da colônia em 1906 e, gradualmente, imporem um sistema administrativo baseado no modelo do Tetun, nos quais clãs/ sucos possuem o mesmo nome dos municípios (na época, conselhos), constituindo-os unidades políticas maiores. Assim, a estrutura imposta pela colônia portuguesa era de quatro camadas: 1) certo número de casas agrupados resultavam em uma aldeia (povoação), liderada pelo chefe da aldeia; 2) um grupo de aldeias formavam um suco, liderado pelo chefe de suco; 3) um posto administrativo era constituído pelo agrupamento de sucos, e 4) que agrupado a outros postos compunham os conselhos (hoje nominados de municípios).

Esta estrutura foi difícil de ser aceita pelo povo Mambae. Para estes, os chefes de "reino" eram considerados como governantes legítimos, sendo seus reinos tradicionais formados por aldeias de origem, e não por sucos. O governo colonial nomeava os responsáveis das unidades maiores (postos administrativos e conselhos), deixando aos *liurais* o cargo de chefe de suco.

Mesmo com esta nova divisão política-administrativa, o povo Mambae manteve algumas características de sua divisão tradicional de reinos, uma das explicações para as diferentes variações linguística encontrada entre eles, como será observado no capítulo 3 desta tese.

2.2 O Território Mambae

Timor-Leste ocupa apenas metade da conhecida "ilha de Timor", sendo a parte ocidental integrada a Indonésia. Timor-Leste possui um território³² de aproximadamente 15.000 quilômetros quadrados, divididos em quatro áreas distintas, sendo a metade leste da ilha de Timor com 14000 km², o enclave de Oecussi-Ambeno com 815 km², a ilha de Atauro com 141 km² e o ilhéu de Jaco com 11 km². É a menor e a mais oriental das ilhas do arquipélago malaio, situada aproximadamente a 550 km ao norte da Austrália. Seu território é de tamanho similar a Vanuatu, duas vezes maior que Chipre e Brunei e metade do tamanho de Lesotho e Armênia. Segundo o último censo (RDTL, 2013), possui uma população de pouco mais de 1 milhão de habitantes, sendo o único país independente na Ásia de língua oficial portuguesa.

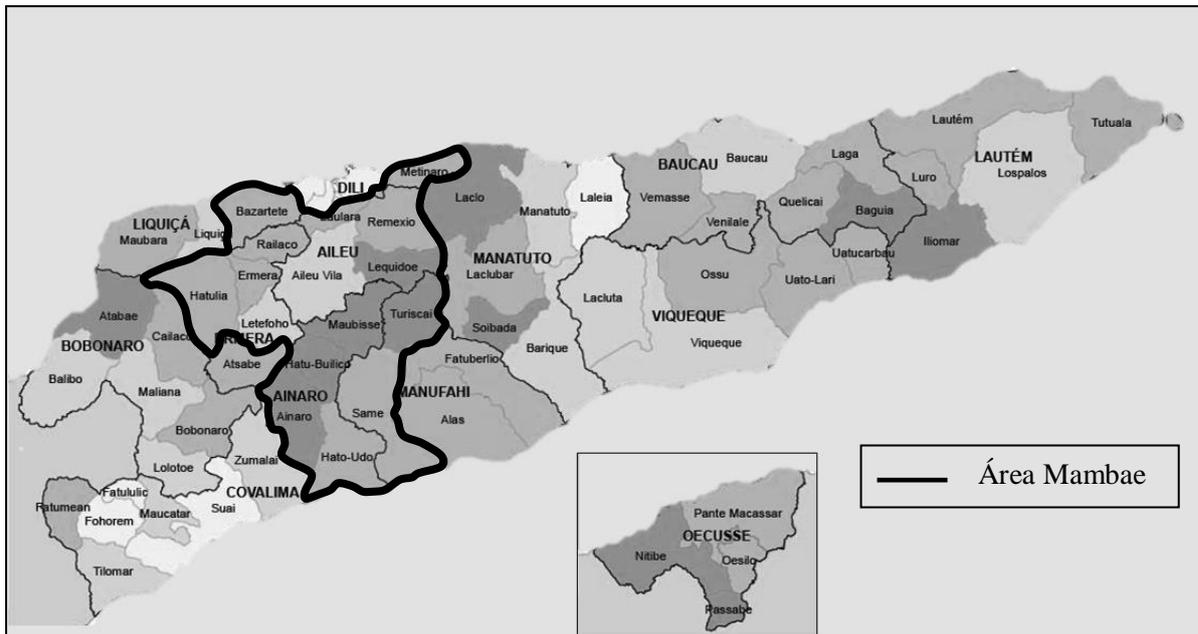
A cidade de Dili, localizada no município homônimo, é a capital de Timor-Leste. O país é dividido em 13 municípios e 67 postos administrativos, sendo seu sistema de governo República Parlamentarista.

O povo Mambae é predominantemente um povo que habita nas regiões das montanhas, espalhando-se pela zona central de Timor-Leste, formando um arco a partir da capital de Dili³³, estendendo-se até a costa sul. Hoje o território Mambae abrange sete municípios e dezessete postos administrativos: Aileu, os postos administrativos de Aileu, Laulara, Lequidoe e Remexio; Ainaro, os postos administrativos de Ainaro, Hatu-Udo, Hatu Builico e Maubisse; Dili, o posto administrativo de Metinaro; Ermera, os postos administrativos de Ermera, Hatulia, Letefofo e Railaco; Liquiça, o posto administrativo de Bazartete; Manatuto, o posto administrativo de Lacro; e Manufahi, os postos administrativos de Turiscai e Same, como observa-se no mapa abaixo.

³² RDTL, 2014^a.

³³ A capital Dili já foi território Mambae. Durante o processo colonizatório, tornou-se o centro administrativo da colônia portuguesa, no qual foi ocupada por diferentes grupos timorenses e portugueses, virando um território neutro, tendo o Tetun como língua franca. Atualmente o Tetun Dili, língua falada pelo povo que ali habita, está em processo de crioulização, com sua primeira geração de crianças tendo-o como língua materna.

Mapa 2.7 - Mapa político com demarcação do povo Mambae.

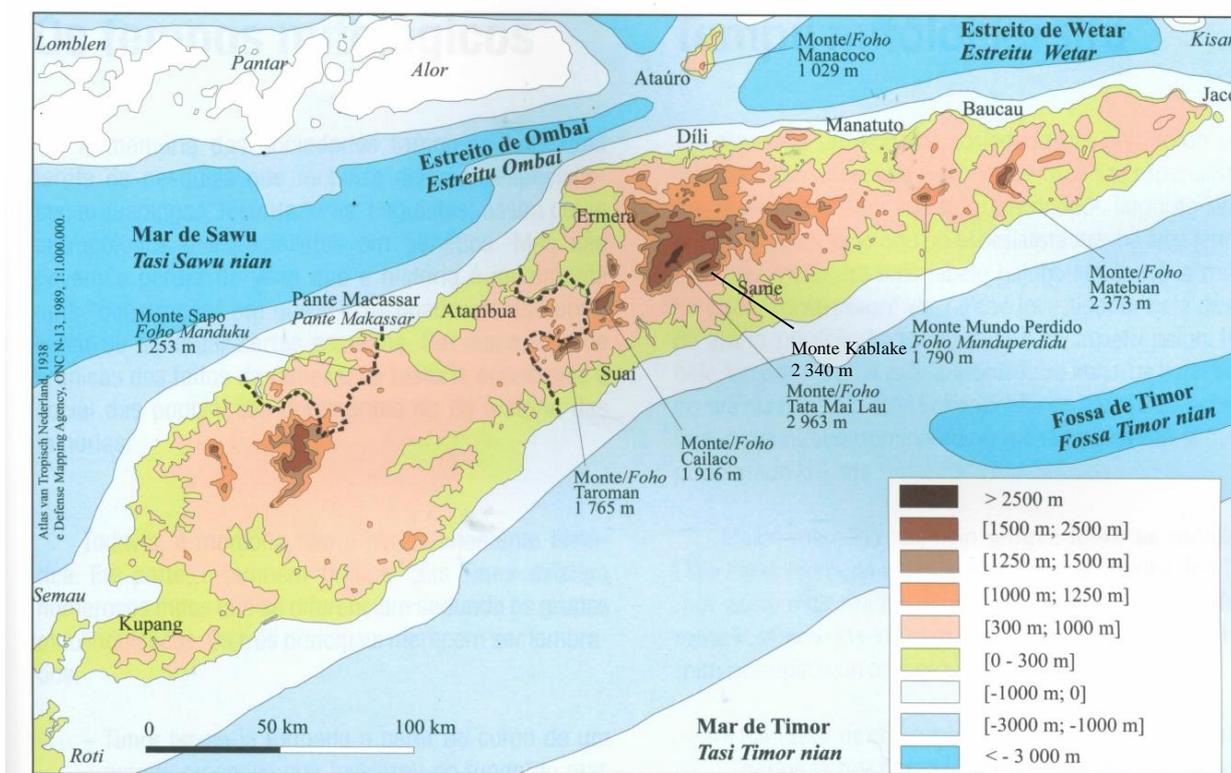


(Fonte: Adaptado de RDTL, 2013a)

O Território Mambae é caracterizado por montanhas e vales, que vão do mar norte (*tasi feto*) ao mar sul (*tasi mane*) de Timor-Leste, criando três principais zonas: um planalto central cercado por duas planícies costeiras, sendo a costa norte estreita e árida, enquanto a costa sul possui uma maior precipitação e características tropicais. A região central possui grandes montanhas escarpadas, pontilhadas com formações rochosas que se alternam com mais suavidade em colinas e campos abertos. Nas montanhas o solo é impermeável e propenso a erosão, sofrendo dessecação durante o período da seca.

A região montanhosa é dominada por duas grandes cordilheiras: a *Tata Mai Lau*, incluindo a mais alta montanha de Timor-Leste, que leva o mesmo nome (também conhecida pelos portugueses como monte Ramelau) com altitude de 2963 metros, localizado no posto administrativo de Hatu-Builico. A Kablake, um pouco ao sul do primeiro, estende-se por três postos administrativos distintos (Maubisse, Hatu-Builico e Ainaro), e é caracterizada por uma corrente de picos como o monte Kablake, Kaikassa e Berelaka.

Mapa 2.10 - O Relevo da ilha de Timor.



(Fonte: Modificado de Durand, 2009, p. 15)

Segundo Castro (2010, p. 24), “as montanhas perfilam um conjunto de vales que actuam como unidades ecológico-sociais, exercendo em tempos passados, um papel condicionante na conjugação política”. Para Magalhães (1999), a diversificação cultural e etnolinguística encontrada entre o povo Mambae é favorecida devido a vida nas montanhas, no qual as pessoas vivem em pequenos grupos de 3 a 7 casas, com comunicação limitada entre as comunidades.

A vegetação é uma mistura de cerrado e savana florestal, características de uma anterior floresta tropical. As espécies mais características da vegetação são a acácia, o eucalipto branco das savanas, e o eucalipto preto que domina a floresta secundária nas encostas das montanhas. O clima de Timor é regido pelas monções tropicais, que se alternam entre a estação da seca e a estação das chuvas, apresentando esta última uma precipitação média de 2500mm por ano, concentrando-se de novembro a abril. Na estação da seca pode haver variação do clima por conta da altitude.

Para Castro (2010), a vegetação timorense tem experimentado transformações viscerais que tem alterado a fisionomia natural da floresta, com graves problemas de desflorestamento, que ficam mais perceptíveis nos períodos de seca, no qual o manto verde que cobre a floresta no período úmido passa a cor ocre, evidenciando o problema.

Traube (1986, p. 28) descreve a vida Mambae em sua ligação com a terra, com seu território. Como eles próprios dizem “A Terra que é a nossa base”, “A Terra nos mantém”³⁴. A mais sagrada das tradições Mambae são as que seguem as origens da terra nos mínimos detalhes.

Os Mambae identificam-se como os habitantes originais da terra, e seus guardiões por direito de nascimento. Para Traube (1986), esta autoimagem coletiva molda sua visão em suas relações com outros grupos étnicos. Em Timor, onde os vários povos identificam-se várias vezes como autóctones ou imigrantes, o limite territorial Mambae define-os como os únicos com obrigações ritualísticas em relação ao resto da humanidade. Assim, seu ritual tem um alcance universal, realizado para o benefício de todos os habitantes do mundo. No pensamento Mambae, eles são os provedores da vida para a humanidade como um todo (p. 27).

Traube (1986, p.28) afirma que há dois sistemas de orientação que são utilizados para coordenar a terra e seus habitantes. O primeiro sistema baseia-se nas coordenadas interior x mar, que são alinhados ao longo do eixo norte-sul e tem um valor excepcional no pensamento Mambae. O contraste geográfico entre as montanhas do interior sul e sua extensão até o mar do norte é projetada sobre espaço de vários níveis, incluindo a terra, a comunidade e a moradia. Para o Mambae, a geografia simbólica da terra é o modelo para todas as outras estruturas espaciais e é em si concebido em termos antropomórficos. A topografia do terreno, alta e montanhosa no interior e inclinada do norte para as planícies costeiras, é representado como uma figura sentada, “olhando” para o norte. Existe uma correspondência entre certas localizações territoriais e partes do corpo:

As montanhas mais altas no sul correspondem à cabeça, ombros e torso de uma pessoa; onde a terra começa o seu declive corresponde ao colo e panturilhas, e as planícies costeiras são os pés que pisam de volta no mar. Se leste e oeste são adicionados ao esquema, eles correspondem a braços direito e esquerdo de uma pessoa.³⁵ (TRAUBE, 1986, p.28)

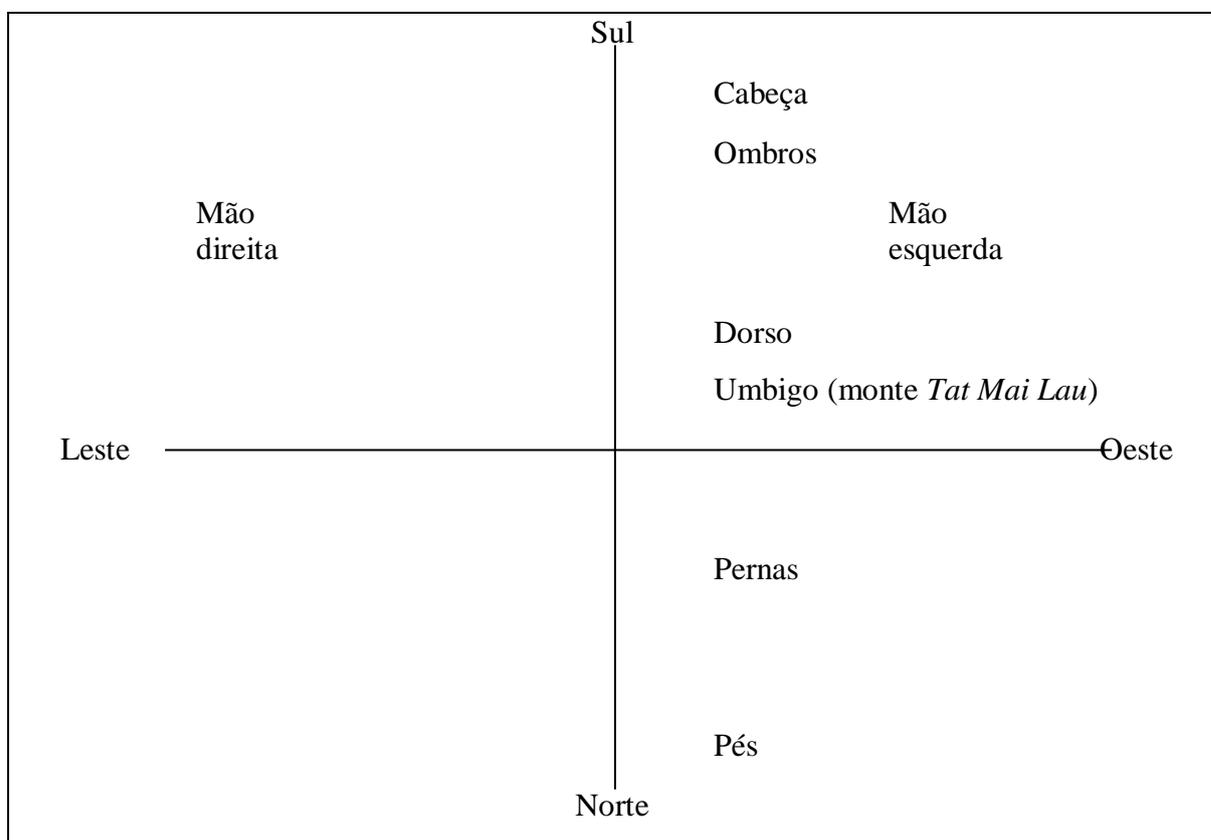
Este sistema de orientação é o mais comumente usado pelo povo Mambae. Qualquer objeto ritualmente significativo, como um cadáver, uma árvore, um morteiro, é orientada com a sua cabeça ou superior para o sul e seu pé ou fundo para o norte. Um Mambae pode acionar

³⁴ “It is the Earth which is our base” and “the Earth holds us” (TRAUBE, 1986, pg. 27).

³⁵ “The tallest mountains in the south correspond to the head, shoulders, and torso of a person; where the land begins its downward slope it corresponds to the lap and calves, and the coastal lowlands are the feet which tread back the sea. If east and west are added to the scheme, they correspond to a person's right and left arms.”

qualquer localidade em Timor utilizando o modelo da figura abaixo. Algumas pessoas afirmam orientar-se desta forma quando se deitam para dormir.

Figura 2.4 - Orientação territorial-espacial dos Mambae.



(Fonte: Modificado de TRAUBE, 1986, p. 28)

O segundo sistema de orientação apresentado por Traube (1986) é expresso como um esquema de quatro pontos. Neste sistema, leste é o "sol nascente" ou "cabeça terra", e oeste é "sol se pondo" ou "pé terra"³⁶. A "Cabeça" e "pé" da terra são utilizados às vezes em linguagem de ritual com determinados pontos geográficos de referência. De acordo com as designações cabeça-pé para leste e oeste, é possível distinguir o norte e o sul como esquerda e direita, respectivamente. No entanto, o povo Mambae raramente usam o simbolismo lateral.

Assim como outros grupos timorenses, o Mambae normalmente refere-se ao mar norte como "mar mulher" (*tais-hina*), por ser mais calmo e ao mar sul como "mar-homem" (*tais-mane*), por ser mais agitado, como observa-se na narrativa mítica abaixo:

³⁶ Este segundo sistema é mais utilizado por grupos timorenses litorâneos que acreditam na narrativa de que são procedentes do crocodilo, e que, de acordo com o formato da ilha, o leste seria a cabeça do crocodilo e o Oeste seria a cauda.

A narrativa descreve como uma rainha sagrada (liurai fetu lulik), que tinha dois filhos, Oha Taluk e Bui Taluk, foi um dia tecendo o mar como uma mulher comum pode tecer um pedaço de pano, exceto que no caso dela o segmento era composto de nuvens que pendiam do céu. Este pano-de-mar tornou-se muito longo e a rainha estava cada vez mais irritada com um de seus filhos que continuava brincando ao seu redor e distraíndo-a de seu trabalho. Várias vezes ela pediu a criança para parar com suas travessuras, mas a criança continuou. Uma vez, a mãe estava tão exasperada que ela acertou para fora a criança com sua lançadeira, perdendo e, inadvertidamente, cortando o pano em duas partes, que é como o mar único dividiu-se em dois, o mar feminino para o norte e para o mar masculino para o ao sul, com a ilha de Timor ao meio.³⁷ (HICKS, 2004, p. 30).

É da terra também que o Mambae tira o alimento para sua sobrevivência. A base econômica essencial é a agricultura camponesa para autoconsumo, direcionando para o mercado o excedente ou a produção focada na venda. Devido a orografia montanhosa, o acesso hídrico estacional, tipo de solo e clima delimitam as possibilidades da produção agrícola, que são caracterizadas por cultivos de temporada ou cultivos permanentes.

A atividade agrícola é organizada de acordo com o período de chuvas. A maior produção é de milho e mandioca, mas há também o cultivo de batata doce, algumas variedades de feijão bravo e inhame. Milho, tubérculos, grãos e legumes são cultivados juntos em parcelas itinerantes minúsculos no alto de colinas. A produção de café se concentra nas grandes altitudes, como Maubisse, Letefoho (Ermera) e Aileu, e traz um grande retorno para a renda familiar. Diferentemente das outras regiões de Timor-Leste, a produção de arroz no território Mambae é quase inexistente.

A derrubada e a queimada da roça começam no final de agosto. O plantio é programado para coincidir com o período de chuvas, pois é nesta estação chuvosa que a atividade de plantação se intensifica, entrelaçado com o ciclo anual dos rituais agrícolas. Ambos os sexos participam no trabalho agrícola. Os homens executam a parte pesada de limpeza do terreno enquanto as mulheres são responsáveis pela maior parte da remoção de ervas daninhas. O plantio e a colheita são realizados por ambos, homens e mulheres.

³⁷ "The narrative describes how a sacred queen (liurai fetu lulik), who had two children, Oha Taluk and Bui Taluk, was one day weaving the sea as an ordinary woman might weave a piece of cloth, except that in her case the thread was made up of clouds that dangled down from the sky. This sea-cloth became very long and the queen became increasingly vexed by one of her brood who kept playing around her and distracting the queen from her work. Several times she told the child to spot its antics, but the child continued playing. Eventually the mother was so exasperated she struck out at the child with her shuttle, missed, and inadvertently cut the cloth into two parts, which is how the single sea became divided into two, the female sea to the north and the male sea to the south, with the island of Timor in between".

O povo Mambae cultiva uma grande variedade de legumes, como tomate, pepino, abóbora, nabo, couve, espinafre, verdes, ervilhas e frutas como goiabas, bananas, mangas mexericas e abacaxi. Estes são principalmente as culturas de rendimento, que são vendidos tanto no mercado semanal nos postos administrativos ou, em alguns casos, levados para o mercado de Dili.

Na pecuária o Mambae possui pequenos rebanhos de búfalos, cabras, porcos, cavalos e algumas aves como galos, galinhas e pombos. Galinhas, cabras e porcos são ocasionalmente vendidos no mercado, mas a maioria das pessoas usam sua criação para trocas cerimoniais.

Em termos de produtividade, o território Mambae é desfavorável se comparado com outras áreas de Timor, como as planícies férteis do sudeste e as planícies do leste – no cultivo do arroz. O coração do território Mambae é extremamente pobre. O solo é impermeável e sujeito a erosão e grande parte das áreas montanhosas apresentam sinais de deterioração da roça. A vida nas montanhas não é fácil, e a pobreza de sua terra é um elemento importante nas representações do processo ritualístico Mambae.

2.3 A Língua Mambae

O povo Mambae consta de cerca 195 mil pessoas de acordo com o último censo realizado em 2015 (RDTL, 2017b), o que o torna o maior grupo etnolinguístico leste timorense. O grupo Mambae está espalhado por sete dos treze municípios de Timor-Leste, sendo possível também encontrar poucos Mambaes nos demais municípios – por consequência de sua organização social.

Tabela 2.1 Falantes de Mambae como língua materna dentro do Território Mambae

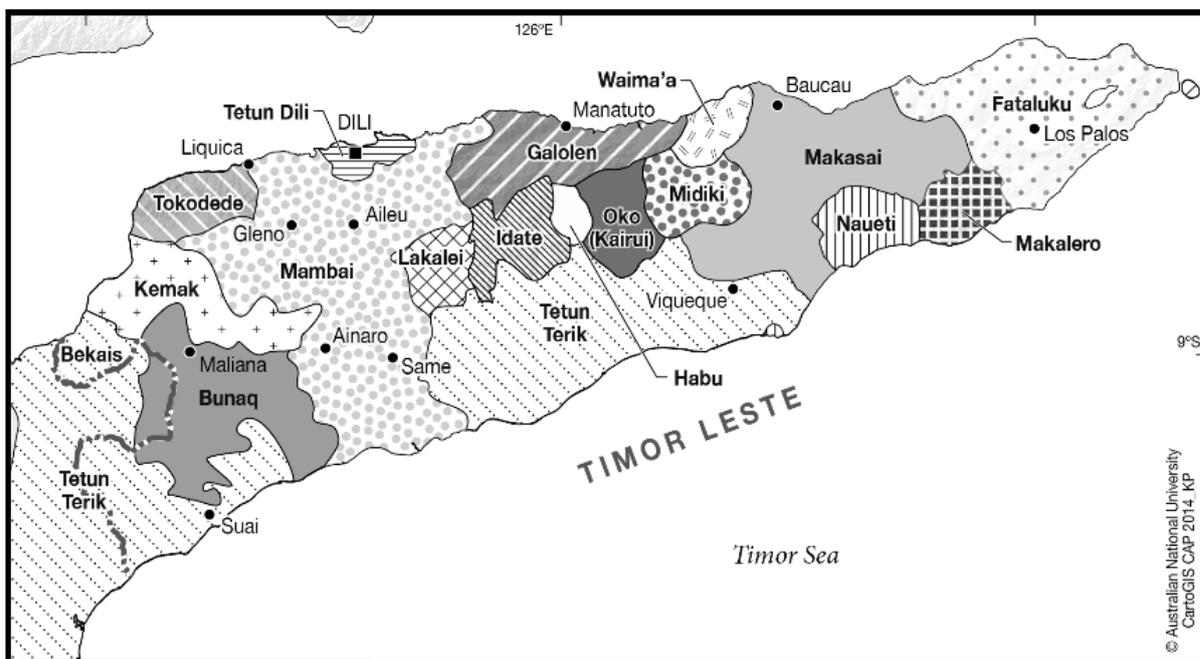
Município	Posto administrativo	População total do município acima de 6 anos	Total de falantes	% de falantes de Mambae
Aileu	Aileu Vila	17042	6295	36.94
	Laulara	5923	581	9.81
	Lequidoe	5240	4936	94.2
	Remexio	8264	6028	72.94
			17840	
Ainaro	Ainaro	11848	1454	12.27
	Hato-Udo	7939	4873	61.38
	Hatu-Builico	9233	6754	73.15
	Maubisse	17665	15964	90.37
			29045	
Dili	Metinaro	3910	2000	51.15
	Cristo Rei	44638	1599	3.58
			3599	
Ermera	Ermera	27393	4647	16.96
	Atsabe	14107	746	5.29
	Hatulia	28189	12991	46.09
	Letefoho	17405	13378	76.86
	Railaco	8420	2990	35.51
			34752	
Liquiça	Liquiça	17314	474	2.74
	Bazartete	19625	7602	38.74
			8076	
Manatuto	Laclo	6089	1893	31.09
			1893	
Manufahi	Same	22763	9442	41.48
	Turiscail	5783	3591	62.10
			13033	
Total:			108238	

(Fonte: Adaptado de RDTL, censos, 2013)

Sua língua, também chamada Mambae, forma um contínuo etnolinguístico com as línguas que o rodeia³⁸, como Tetun Terik ao Sul, Idate, Lakalei e Galolen ao Leste, Kemak ao Oeste e Tetun Dili e Tokodede ao Norte, como se observa no mapa abaixo:

³⁸ Com exceção do Bunaq, língua classificada como não-Austronésia (Schapper, 2009).

Mapa 2.13 - Mapa Linguístico de Timor-Leste.



(Fonte: <http://asiapacific.anu.edu.au/mapsonline>)

Timor-Leste, assim como a província de Nusa Tenggara (NTT-Indonésia), se encontra na região de contato entre os dois maiores grupos de línguas que não possuem alguma relação entre si. Estes dois grupos são conhecidos como a família das línguas Austronésias [AN] e a família das línguas não-Austronésias [Non-AN ou Trans-New Guinea]. Em Timor-Leste há, como observado no mapa 2.5, as seguintes línguas Austronésias: Baikeno, Tetun (Terik), Kemak, Tokodede, Mambae, Habun, Lakalei, Idate, Galolen, Waima'a, Kairui, Midiki, Nauete, e as línguas Trans-New Guinea: Bunaq, Makasae, Fataluko e Makalero.

Como visto no tópico 2.1 deste capítulo, os austronésios estão espalhados desde Madagascar até a ilha de Páscoa. Segundo Grimes (1997), muitos pesquisadores defendem que as línguas austronésias fora de Taiwan podem ser denominadas pelo termo Malaio-Polinésio³⁹, sendo o ancestral de todas estas línguas o Proto Malaio-Polinésio [PMP]⁴⁰. O PMP parece ter encadeado o seu caminho para o sul através das Filipinas e depois por meio arquipélago indonésio, seguindo para o leste do Pacífico. Este encadeamento tem levantado certas questões para seu sub-agrupamento interno.

Atualmente, o sub-agrupamento mais comumente usado é a divisão das línguas Malaio Polinésio entre Malaio-Polinésio Ocidental (WMP)⁴¹ e Malaio-Polinésio Centro-Leste

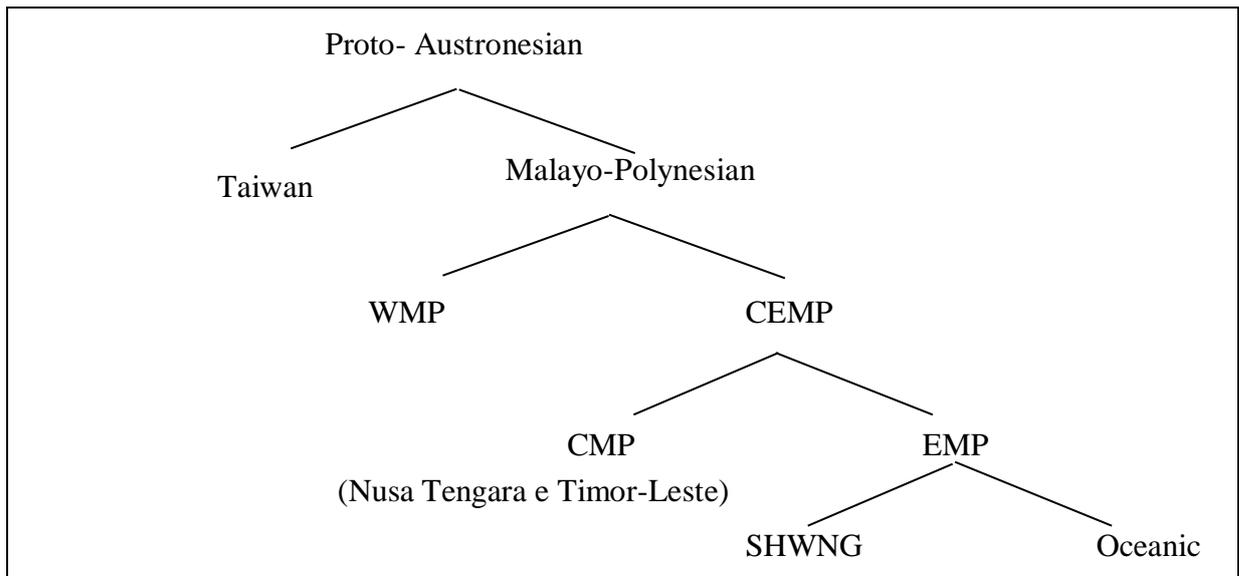
³⁹ "Malayo-Polynesian."

⁴⁰ "Proto Malayo-Polynesian [PMP]."

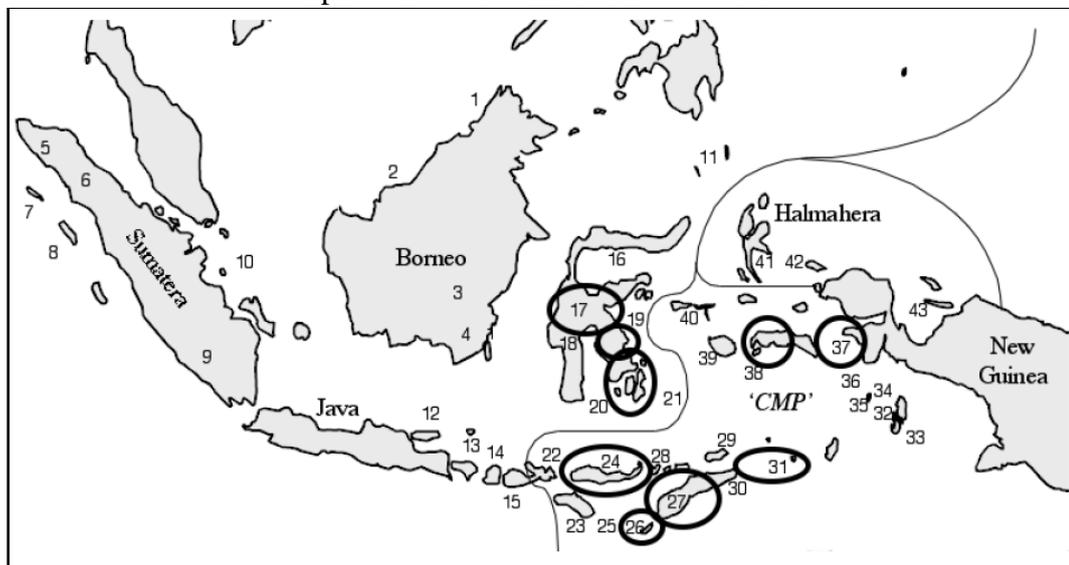
⁴¹ "Western Malayo Polynesian."

(CEMP)⁴². Seguindo Donohue e Grimes (2008), as línguas agrupadas em CEMP se subdivide em Malaio-Polinésio Central (CMP)⁴³ e Malaio-Polinésio do Leste (EMP)⁴⁴. Como observa-se na figura e no mapa abaixo, as línguas austronésias de Timor-Leste são agrupadas no CMP.

Figura 2.5 - Sub-agrupamento das línguas austronésias encontradas em Timor-Leste (TL) e na província de Nusa Tenggara (NTT).



Mapa 2.16 - A divisão entre WMP e CEMP



(Fonte: DONOHUE; GRIMES, 2008, p. 119)

⁴² "Central-Eastern Malayo-Polynesian."

⁴³ "Central Malayo-Polynesian."

⁴⁴ "Eastern Malayo-Polynesian."

Como afirmam Tryon (2006, p. 36) e Donohue & Grimes (2008, p. 152), as línguas de Timor não possuem um estudo específico para maior detalhamento de seu agrupamento. Entretanto, os poucos estudos que há permitem uma certa classificação geral, como observado acima.

A língua Mambae possui muitas características e traços das línguas austronésias. Similaridades lexicais e fonológicas são um dos meios utilizados para comparação e agrupamento das línguas. Na tabela abaixo observa-se a clara evidencia de similaridade lexical e fonológica da língua Mambae com outras línguas Austronésias de localidades distintas.

Tabela 2.2 - Comparação lexical da língua Mambae com outras três línguas austronésias.

Mambae	Malaio	Fiji	Havaiano	Português
<i>mata</i>	<i>mata</i>	<i>mata</i>	<i>maka</i>	‘olho’
<i>uut</i>	<i>kutu</i>	<i>kutu</i>	<i>ʔuku</i>	‘piolho’
<i>ikan</i>	<i>ikan</i>	<i>ika</i>	<i>iʔa</i>	‘peixe’
<i>leolau</i>	<i>lanjġt</i>	<i>lomā-lanġi</i>	<i>lanġi</i>	‘céu’
<i>lita</i>	<i>kulġt</i>	<i>kulġi</i>	<i>ʔilġi</i>	‘pele’
<i>suus</i>	<i>susu</i>	<i>suđu</i>	<i>ũ</i>	‘mama’
<i>ate</i>	<i>hati</i>	<i>yate</i>	<i>ake</i>	‘fígado’
<i>aef</i>	<i>api</i>	<i>bukawaŋga</i>	<i>ahi</i>	‘fogo’
<i>eer</i>	<i>air</i>	<i>wai</i>	<i>wai</i>	‘água’ (fresca)
<i>ruu</i>	<i>dua</i>	<i>rua</i>	<i>lua</i>	‘dois’
<i>teul</i>	<i>tiga</i>	<i>tolu</i>	<i>kolu</i>	‘três’
<i>faat</i>	<i>əmpat</i>	<i>va</i>	<i>ha</i>	‘quarto’
<i>liim</i>	<i>lima</i>	<i>lima</i>	<i>lima</i>	‘cinco’
<i>iit</i>	<i>ia</i>	<i>koya</i>	<i>ia</i>	‘3SG’

(Baseado em Blust, 2009, p. 678)

Por ser uma língua falada em um território tão vasto, o Mambae possui algumas variações. Alguns autores mencionam três (HULL, 2001) ou até quatro (Traube, 1986) variedades do Mambae. Este assunto, um dos objetivos desta pesquisa, será detalhadamente abordado no próximo capítulo, “O Mambae e sua diversidade linguística”.

2.4 Síntese

Este capítulo traz um panorama detalhado do Ecossistema Fundamental da Língua Mambae, caracterizado como um ecossistema linguístico complexo por estar em um território multilíngue extenso e em constante contato com outros ecossistemas linguísticos timorenses. Suas características peculiares só se mantiveram ao longo de todos estes anos graças ao seu

território montanhoso, o qual dificulta a mobilidade e o contato com outros povos, resultando nas diversas variedades da língua Mambae, como observa-se no capítulo 3 desta tese.

Uma característica importante a se destacar é que a língua Mambae é falada no território Mambae, mas não por todas as pessoas Mambae. Como visto no tópico 2.1, o conceito de origem é único para todo o povo Mambae, mas sua divisão política em reinos influenciou na difusão de sua língua, onde determinados reinos falam Mambae e outros não. Este assunto será abordado no capítulo 3 – O Mambae e sua diversidade linguística, seção 3.1 - Identidade Étnica.

3 O MAMBAE E SUA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA

O mosaico etnolinguístico tradicionalmente intitulado ‘Mambae’ não está deslocado de uma região específica; ainda, considerando o tamanho relativo de sua população (cerca de 195 mil)⁴⁵ e o tamanho da área geográfica que ocupa, as variedades Mambae foram pouco ou praticamente não descritas.

Segundo Bradley (apud PELKEY, 2001), o primeiro passo para a documentação de línguas em risco em uma região é a identificação e definição de quais línguas são candidatas a este risco. Considerando uma abordagem à partir da perspectiva de uma diversidade não documentada, de um pontecial risco de extinção ou de descrição tipológica, chega-se ao mesmo ponto de necessidade: de uma identificação linguística do grupo Mambae.

Para tal, é necessária uma análise da identidade etnolinguística, inteligibilidade mútua e contato de línguas, aliadas as percepções do falante e ao método de pesquisa linguística. Como visto em §1.2, ambas análises quantitativas e qualitativas e agrupação histórica são usadas para adequada interpretação dos dados.

Como descrito no primeiro capítulo, os dados aqui analisados foram coletados em postos administrativos em que há falantes Mambae usando uma lista com 370 palavras e 69 sentenças⁴⁶ como instrumento principal. Os resultados obtidos ajudaram a responder, através de uma análise lexical sincrônica, algumas questões como (1) o número de línguas e suas variantes faladas pelo povo Mambae, (2) suas fronteiras, e (3) sua relação com as línguas fronteiriças.

3.1 Definindo a Identidade Étnica Mambae

Durante o trabalho de campo era comum ouvir dos falantes Mambae que eles eram mutualmente inteligíveis, principalmente com falantes Mambae de aldeias próximas. Contudo, estes mesmos afirmavam se comunicar com grupos Mambae de aldeias distantes sempre na língua Tetun, pois receavam não serem bem compreendidos.

Se não possuem o mesmo canal de comunicação e não são uma única comunidade de fala, o que define a identidade étnica Mambae? São os diferentes reinos que no passado existiram? Algum agrupamento histórico?

⁴⁵ RDTL, 2017b.

⁴⁶ A lista de palavras e sentenças se encontram no Apêndice B.

Como discutido em §1.1.4.6, a identidade étnica é um fator chave na identificação linguística. A identidade étnica não é simplesmente uma questão de categorias e nomenclatura; nem as identidades podem ser pesquisadas de forma redutiva como se fossem fenômenos comunicacionais de primeira ordem. Um determinado grupo pode afirmar seu status único através de qualquer variedade de símbolos, incluindo valores distintivos, rituais, tradições, festivais, vestimenta étnica e outros aspectos diversos da cultura material. Segundo observado em §1.1.4.6, a identidade é mais profundamente associada à linguagem; e, na medida em que a linguagem depende da identidade étnica para uma definição adequada, as avaliações das categorias étnicas e a nomenclatura fornecem informações fundamentais sobre as distinções de identidade etnolinguística percebidas, úteis para uma definição sincrônica da língua.

Mahapatra (1981 apud Pattanayak, 1990), discutindo etnicidade, identidade e língua mostra que, em muitos casos, etnicidade é o foco primário da identidade de um grupo, e que língua e etnicidade são co-extensivos. Assim, em alguns casos, o fator cultural pode ser mais identitário do que a própria língua.

Nesta perspectiva, uma das definições de melhor aplicabilidade ao ecossistema Mambae é a de Giddens (2001) sobre identidade e seus atributos, nos quais a identidade está relacionada com o entendimento que as pessoas têm acerca de quem são e do que é importante para elas. Este entendimento constitui-se pela função de certos atributos que são prioritários em relação a outras fontes geradoras de sentido. Giddens (2001) afirma que na sociologia há dois tipos de identidade que podem ser usados aqui para explicar a unidade e diversidade Mambae: a identidade social e a identidade pessoal respectivamente, que embora sejam analiticamente distintas, estão profundamente relacionadas.

A identidade social constitui-se das “características que os outros atribuem a um indivíduo” (Giddens, 2001, p. 29). São marcadores que, de forma geral, indicam quem é esta pessoa e, ao mesmo tempo, posicionam esta em relação a outros indivíduos com os quais compartilha as mesmas características. No caso do povo Mambae estas características são atribuídas por sua concepção cosmológica.

Todos aqueles que se declaram Mambae, não necessariamente falam uma língua Mambae, mas possuem uma identidade distinta: compreender e conservar o cosmos, e se identificarem como os únicos guardiões de céu e da terra, distinguindo-os de todas outras pessoas da ilha de Timor. Traube (1986, p. 48) afirma que a identidade coletiva (social) Mambae é definida em termos de privilégios e responsabilidades nos rituais destes em nome de todos os outros habitantes da terra.

Referente a identidade individual, Giddens (2001) afirma ser este o processo de desenvolvimento pessoal por meio do qual as pessoas formulam uma noção intrínseca de si próprios e do relacionamento com o mundo a sua volta. No povo Mambae, a identidade individual é caracterizada por sua genealogia, ou seja, por sua *uma lisan*⁴⁷ de origem dentro do povo Mambae.

Isto evidenciou-se durante a pesquisa de campo, quando um dos entrevistados afirmou que nos postos administrativos de Remexio e Liquidoe, município de Aileu, todos falavam o mesmo Mambae. Quando indagado do por quê, afirmou que eles são oriundos de Raimaus, lugar onde se localiza as *uma lisan* do povo destas duas regiões. Conforme o encaminhamento da pesquisa, notou-se que esta informação condizia com os resultados obtidos também pela análise lexical que será vista na próxima seção.

A *uma lisan* representa a origem genealógica timorense, que no caso do povo Mambae é de linhagem patrilinear, reforçando a identidade através da relação entre a pessoa e sua família, e o laço desta com os seus antepassados. A definição de *uma lisan* não é muito clara por não haverem estudos sobre esta e por sua concepção estar entrelaçada com a *uma lulik*⁴⁸ - casa relacionada com a prática de rituais e crenças timorenses -, sendo o ponto focal do protocolo cerimonial.

Os textos que descrevem sobre este assunto afirmam que *uma lisan* e *uma lulik* são a mesma coisa. Contudo, nenhum dos timorenses entrevistados confirmaram tal afirmação. Pelo contrário, explicaram as diferenças entre as duas ‘casas’ como já explanado acima.

Segundo Fox (2011, p. 252), ao longo dos anos, novas *uma lulik* foram surgindo de diferentes grupos, mas não por conta própria, mas sempre em relação a uma outra *uma lulik*. Ele afirma que cada *uma lulik* faz parte de uma rede conectada às outras *uma lulik*, permitindo que grupos e indivíduos rastreiem sua origem, sua fonte comum e, ao mesmo tempo, fornecer a base para a cooperação ritual do presente (2011, p 254).

Entretanto, salienta-se aqui que nem toda *uma lisan* Mambae possui falantes de uma língua Mambae. Como visto no capítulo anterior, há entre o povo Mambae aqueles que são falantes de Tetun e dizem ser oriundos de uma *uma lisan* Tetun. Acredita-se que isso se deve a fatores históricos, possivelmente por conta dos antigos reinos que ali coexistiram.

Diante disto, conclui-se que a identidade social do povo Mambae é marcada por sua cosmologia, enquanto sua identidade individual pela sua genealogia e, conseqüentemente, sua língua. Deste modo, a hipótese que surge é que uma pessoa Mambae pode ser de uma *uma lisan*

⁴⁷ lit. casa tradicional.

⁴⁸ lit. casa de rituais.

de língua Tetun ou de *uma lisan* de língua Mambae. Esta hipótese precisa de um estudo mais aprofundado, que poderá ser abordado numa pesquisa posterior.

Esta concepção é corroborada pela percepção de Edwards (1994, pág. 128), no qual a identidade étnica é a lealdade de um grupo com os seus ancestrais. Não há necessidade de uma continuação, ao longo de gerações, da mesma socialização ou padrões culturais, mas um senso de um limite do grupo deve permanecer. Isso pode ser sustentado por características compartilhadas (linguagem, religião, etc.) ou por contribuições mais subjetivas para um senso de "grupo" ou por alguma combinação de ambos.

Hatfield e Lewis (1996, p. 43) afirmam que ao pesquisar sobre identidade étnica e língua, deve se observar as múltiplas identidades e, debaixo de determinadas circunstâncias, como uma língua está relacionada com aquela identidade - que no caso do povo Mambae, pode-se encontrar falantes de Mambae e Tetun dentro de uma visão cosmológica unificada.

3.2 Comparação Lexical

Considerando o tamanho geográfico de seu território e a dificuldade de o povo Mambae comunicar-se entre si, comparar o vocabulário de diferentes comunidades de fala Mambae foi muito produtivo dentro da proposta de entender a situação linguística entre o povo Mambae. Como resultado deste estudo, um primeiro agrupamento linguístico foi feito com o objetivo de responder: “Quem fala qual Mambae?”, identificando possíveis fronteiras entre as diferentes variedades Mambae.

3.2.1 Padrões Léxico-estatísticos

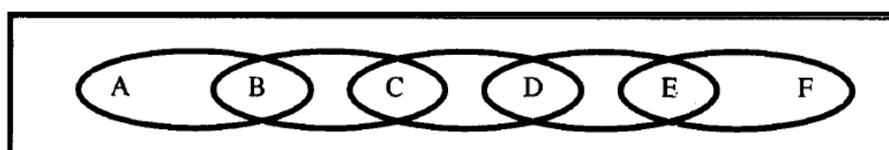
Simons (1977) levanta alguns padrões de convergência e divergência na análise de uma matriz de léxico-estatística que envolva mais que três grupos de fala: divergência, convergência básica, encadeamento, domínio e convergência esporádica⁴⁹. Dentro destes padrões, o que pode ser observado nos dados aqui apresentados são o padrão de encadeamento, convergência básica e convergência esporádica.

⁴⁹ “divergence, basic convergence, chaining, dominance and sporadic convergence” (Simons 1997, p. 116)

3.2.1.1 Encadeamento

No padrão de encadeamento, as comunidades de fala estão geograficamente situadas em um agrupamento quase que contíguo. Pessoas conseguem frequentemente se comunicar com aqueles que são de comunidades de fala (CF) adjacentes, mas não com aqueles de CF distantes. Como observa-se na figura abaixo, pessoas de uma determinada comunidade de fala A consegue comunicar-se diretamente com seus vizinhos da comunidade de fala B, parcialmente com os de C, mas dificilmente se comunica com as comunidades D, E e F. Eles podem compartilhar o mesmo ecossistema, a mesma identidade étnica, possuir a mesma origem, terem as mesmas crenças, mas dificilmente conseguem se comunicar usando a mesma língua.

Figura 3.1 - Encadeamento de Comunidades de Fala.



(Fonte: Grimes, 1997, p. 4)

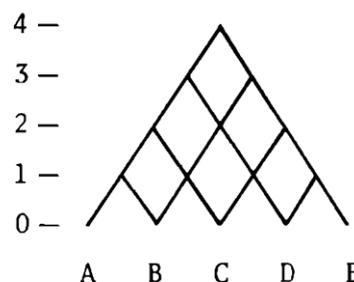
Para Simons (1977, p. 116.), o padrão de encadeamento resulta nas relações de léxico-estatística no qual uma comunidade de fala mostrará uma porcentagem de cognatos altíssima com as comunidades de fala adjacentes do encadeamento. Conforme os grupos vão se afastando neste encadeamento, a relação léxico-estatística entre eles se torna cada vez menor. Quando a relação léxico-estatística de um encadeamento é colocada nas colunas e linhas adjacentes da matriz, o padrão que surge é o seguinte: a maior relação léxico-estatística ocorrerá na diagonal e a menor relação ocorrerá no canto. Quando proceder do canto para a diagonal, observa-se que os valores na matriz se tornar sucessivamente maiores. Este é o modelo para o padrão de encadeamento, que é exemplificado na figura abaixo.

Figura 3.3 - Padrão de encadeamento proposto por Simons

Em termos de porcentagem de cognatos

A				
90	B			
81	90	C		
73	81	90	D	
67	73	81	90	E

Em termos de um diagrama de árvore



(Fonte: Simons, 1977, p.116)

O padrão de encadeamento pode ser observado na tabela 3.1, no qual todo o grupo Mambae possui uma maior porcentagem de cognatos com as comunidades de fala mais próxima e quanto maior a distância menor esta porcentagem.

3.2.1.2 Convergência Básica

A convergência Básica geralmente ocorre na comparação de três comunidades de fala, no qual duas terão porcentagens altas iguais e uma baixa. Esta é a situação de convergência básica apresentada por Simons (1977, p.114):

Figura 3.4 - Padrão de Convergência Básica.

Em termos de profundidade de tempo

A		
1	B	
2	1	C

Em termos de porcentagem de cognatos

A		
90	B	
81	90	C

(Fonte: Simons, 1977, P.114)

O padrão de convergência básica pode ser observado nos grupos Mambae Noroeste e Mambae Sul.

3.2.1.3 Convergência Esporádica

Segundo Simons, o padrão de convergência esporádica pode ocorrer em casos isolados e é reconhecido por um valor de porcentagem que é anormalmente alta no meio de valores mais baixos. Isto pode ocorrer inclusive em padrões de encadeamento. Neste caso precisa-se olhar por de trás da convergência esporádica para enxergar o padrão proposto, ainda dentro do agrupamento proposto. A figura 3.2 representa um padrão de encadeamento, no qual 81% entre A e E está destacado. Isto representa desproporcionalmente o forte vínculo de convergência entre A e E.

Figura 3.5 - Convergência Esporádica em um Padrão de Encadeamento

90	B				
81	90	C			
73	81	90	D		
81	73	81	90	E	
60	67	73	81	90	F

(Fonte: Simons, 1977, p.119)

Pode se observar o caso de convergência esporádica na análise do grupo Nordeste-Central em §3.3.2

3.2.2 Classificação

Para a proposta de comparação de similariedade lexical entre línguas e suas variedades, a definição de limites taxonômicos é essencial para mostrar uma idéia de quão próximas as línguas estão relacionadas sincronicamente. Contudo, existem alguns fatores que dificultam estabelecer uma porcentagem universal para níveis taxonômicos (proporção de mudança linguística, tamanho e conteúdo da lista de palavras, etc). Por outro lado, Smith (1984, p.2) afirma que ao trabalhar com uma grande quantidade de dados, alguns padrões e agrupamentos se evidenciam por si só, indicando desta forma alguns níveis taxonômicos. Desta forma, Smith propõe uma classificação baseada em sete níveis distintivos, que são apresentados em §1.4 Similariedade Lexical.

Baseando-se na proposta de Smith (1984), no presente estudo os dados obtidos entre 75-80% são considerados variedades relacionadas muito próximas, possibilitando uma inteligibilidade mútua. Segundo Blair (1990, p. 23), se a porcentagem de similaridade lexical for acima de 80%, a inteligibilidade mútua é alta; se abaixo de 80% as comunidades de fala podem ser consideradas variedades não próximas ou ainda línguas diferentes se a inteligibilidade mútua for baixa. Similaridade lexical abaixo de 60% indica línguas diferentes, onde o teste de inteligibilidade não é necessário. Testes de compreensão de texto não foram aplicados, por isso esta análise precisa de maior investigação para determinar o grau de compreensão e inteligibilidade entre as variedades relacionadas. Os dados utilizados na análise aqui apresentada encontram-se no Apêndice A deste trabalho.

3.3 As Comunidades de Fala Mambae

A análise dos dados apresentados aqui mostra a relação entre dez variedades de Mambae faladas em Timor-Leste (ver mapa 2.5). A tabela 3.1 apresenta sua relação léxico-estatística.

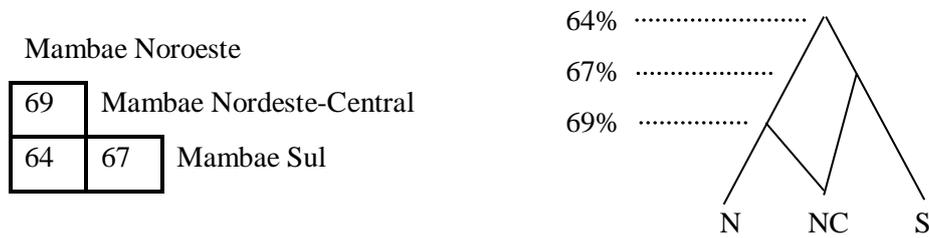
Tabela 3.1 - Variedades Mambae Analisadas

Liquiça - Bazartete										Grupo Noroeste	
81	Ermera – Hatulia										
78	81	Ermera - Railaco									
74	75	76	Aileu - Laulara							Grupo Nordeste-Central	
74	76	76	85	Aileu – Vila							
71	73	70	81	83	Ainaro - Hatu-Builico						
69	69	70	82	80	82	Aileu - Liquidoe					
63	64	64	67	68	68	67	Manufahi - Same – Letefoho				Grupo Sul
63	65	65	68	70	68	66	82	Ainaro - Hato-Udo			
63	66	63	66	68	67	65	80	82	Manufahi - Same – Betano		

Observa-se na tabela acima a porcentagem de relação de cognatos. Dentro dos dados obtidos e analisados, evidenciou-se a distinção entre as diferentes comunidades de fala. Utilizando a classificação taxonômica proposta por Simons (1977) e Grimes (1989), observa-se que o grupo como um todo encontra-se acima da porcentagem de 63%, o que indica que todas as variantes pertencem a mesma subfamília (60-75%).

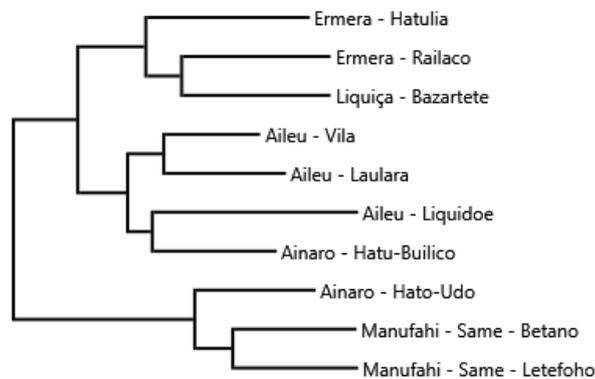
Considerando que a similaridade lexical acima de 80% indica variantes de uma língua comum, a partir dos dados acima organizou-se as variantes Mambae coletadas em três grupos distintos - o grupo Noroeste, o grupo Nordeste-Central e grupo Sul. A tabela abaixo é uma redução dos dados acima e que evidencia esta organização.

Figura 3.6 - Matriz Léxico-Estatística e Diagrama dos grupos Mambae



O grupo Noroeste é formado pelas variantes do município de Ermera, posto administrativo de Hatulia e Railaco e pelo município de Liquiça, posto administrativo de Bazartete. O grupo Nordeste-Central é composto pelo município de Aileu e pelo posto Administrativo de Hatu-Builico do município de Ainaro. E o grupo Sul é formado pelo posto administrativo de Same, do Suco de Letefoho ao Sul e pelo posto administrativo de Hato-Udo no município de Ainaro.

Figura 3.7 - : Dendograma Lexical das Variantes Mambae



No dendograma acima (fig 3.3) e na árvore lexical abaixo (fig. 3.4) observa-se que os grupos Noroeste e Nordeste-Central estão mais próximos, e o grupo Sul mais distante. Observando a tabela 3.1 novamente nota-se que os dois primeiros possuem um percentual de similaridade lexical mais próximo, acima de 69%. Contudo, junto com a análise léxico-estatística a pesquisa de campo evidenciou que estes dois grupos ao Norte não dividem a mesma identidade individual (§3.1), o que permitiu classificá-los em dois grupos distintos.

Figura 3.8 - Árvore Lexical das Variantes Mambae.

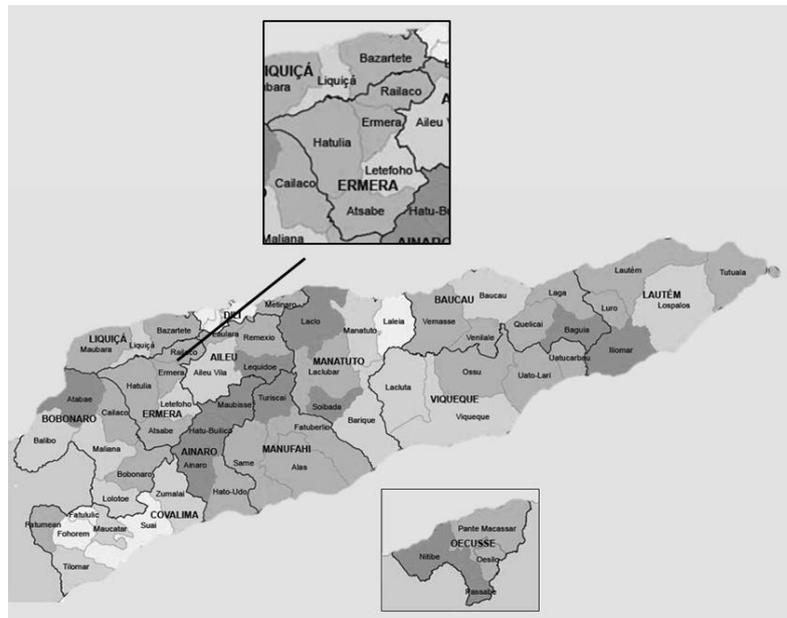


Observa-se que embora as comunidades de fala geograficamente mais próximas apresentem uma similaridade lexical alta (Railaco e Laulara ou Hato-Builico e Hato-Udo) – o que confirma o padrão de encadeamento –, eles são classificados em grupos distintos por possuírem uma estrutura lexical distinta. Segue abaixo uma análise detalhada dos grupos Mambae Noroeste, Nordeste-Central e Sul.

3.3.1 Mambae Noroeste

O Mambae Noroeste é formado pelo posto administrativo de Bazartete, município de Liquiça, e pelos postos administrativos de Railaco, Ermera, Hatulia e Letefoho no município de Ermera, com cerca de 43 mil falantes de Mambae (RDTL, 2013a).

Mapa 3.2 - Mambae Noroeste.



A matriz de porcentagem abaixo mostra a relação de algumas das variantes dessa região baseada nas listas de palavras coletadas nesta pesquisa.

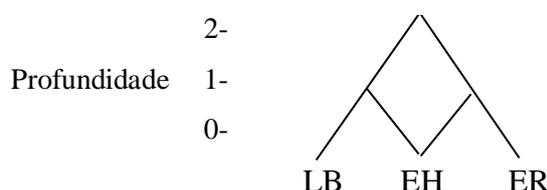
Figura 3.10 - Matriz Léxico-Estatística do Mambae Noroeste

Liquiça - Bazartete

81	Ermera Hatulia
78	81 Ermera Railaco

Observa-se nestes dados uma convergência básica dos dados, no qual há dois valores maiores iguais e um menor. Há taxa de similaridade está na margem proposta por Smith (1984) e Grimes (1989) de 80% para variedades mutualmente inteligíveis. Um diagrama padrão de convergência básica para análise destes dados seria como o da figura 3.9.

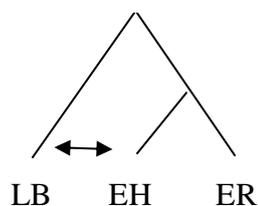
Figura 3.11 - Diagrama do Mambae Noroeste



Segundo Simons (1977, p. 114), quando um padrão de convergência básica ocorre como na figura acima, existem três possibilidades para uma explicação de relação histórica entre estas três comunidades de fala. Das três a que melhor se encaixa é que eram um único grupo e por questões históricas o primeiro grupo se separou (LB), depois os outros dois grupos se separaram (EH e ER), no qual o grupo do meio teve um contato igualitário com ambos os outros grupos.

Esta interpretação é possível por a variante de Liquiça sofrer a influência de sua língua de fronteira, o Tokodede. Assim, um plausível diagrama histórico para interpretar este padrão de convergência seria o da figura 3.10.

Figura 3.14 - Diagrama Histórico do Mambae Noroeste

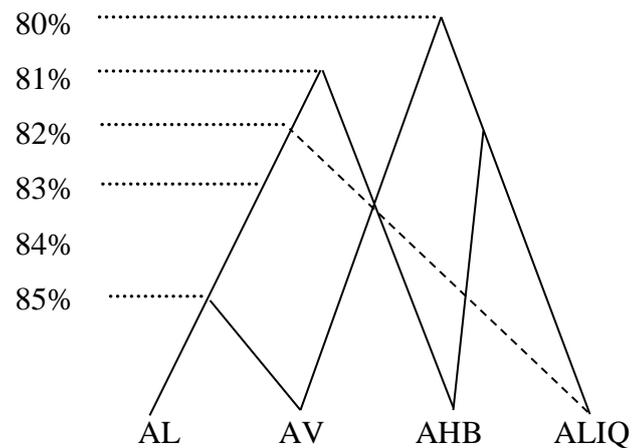


Os dados de léxico-estatística não podem por si só trazer resultados precisos. É necessário observar dados históricos e comparações linguísticas para uma adequada interpretação dos dados, como foi feito no caso acima.

3.3.2 Mambae Nordeste - Central

O Mambae Nordeste-Central é formado pelo posto administrativo de Metinaro, município de Dili, os postos administrativos de Remexio, Laulara, Liquidoe e Aileu Vila no município de Aileu, o posto administrativo de Lacro (região fronteiriça) no Município de Manatuto, os postos administrativos de Maubisse e Hatu-Builico no município de Ainaro, os postos administrativos de Turisca e Norte de Same (até o suco de Holarua) no município de Manufahi. Esta área possui cerca de 50 mil falantes de Mambae (RDTL, 2013a).

Figura 3.17 - Diagrama do Mambae Nordeste-Central



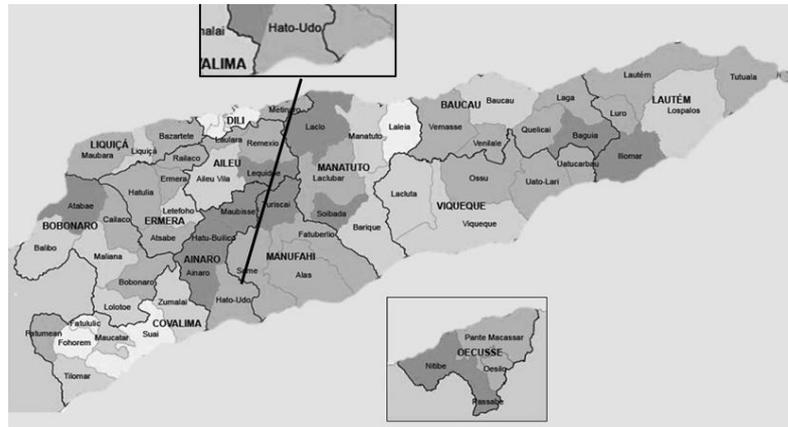
O Mambae Nordeste-Central é o mais extensivo em termos de território. A estrutura e o léxico é muito próximo, com porcentual maior que 80%. Contudo, falantes da região de Remexio e Liquidoe afirmam não poder se comunicar em Mambae com 100% de inteligibilidade com falantes de outras aldeias distantes. Observa-se pelos dados que realmente há uma maior similariedade com as comunidades de fala adjacente do que com as mais distantes.

Embora este grupo possua uma similariedade acima de 80% que indique uma possível inteligibilidade mútua (BLAIR, 1990, p. 23), uma pesquisa mais específica é necessária neste grupo para confirmar os dados obtidos com o relato dos falantes desta região.

3.3.3 Mambae Sul

O Mambae Sul é formado pelo posto administrativo de Same (do suco de Letefoho até o mar sul) no município de Manufahi, e pelos postos administrativos de Ainaro e Hato-Udo no município de Ainaro, com cerca de 16 mil falantes de Mambae (RDTL, 2013a).

Mapa 3.8 – Mambae Sul



A matriz de porcentagem abaixo mostra a relação de algumas das variantes dessa região baseada nas listas de palavras coletadas nesta pesquisa.

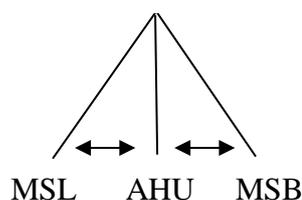
Figura 3.18 - Matriz Léxico-Estatística do Mambae Sul

Manufahi – Same - Letefoho

82	Ainaro – Hato-Udo
80	82 Manufahi – Same - Betano

Observa-se nestes dados que, assim como no grupo Noroeste, o Mambae Sul possui uma convergência básica dos dados, no qual há dois valores maiores iguais e um menor. A mesma possibilidade de uma explicação de relação histórica entre estas três comunidades de fala é a que melhor se aplica. Como se sabe, historicamente tanto o reino de Manufahi quanto o de Ainaro eram considerados grandes e importantes, o que possibilita a interpretação de que eram um único grupo e por questões históricas e políticas os três grupos se separaram, mas tiveram contatos, no qual o grupo do meio teve um contato mais igualitário com ambos os outros grupos. Um plausível diagrama histórico para interpretar este padrão de convergência seria o da figura 3.14.

Figura 3.19 - Diagrama Histórico do Mambae Noroeste



Esta interpretação é possível também devido aos contatos linguísticos fronteiriços, no qual a variante de Same-Letefoho sofre a influência das línguas Lakelei e Idate, Same-Betano da língua Tetun Terik e Ainaro da língua Bunaq

3.3.4 Observações lexicais

Dizer que duas palavras são *cognatos* pode significar duas coisas diferentes, dependendo se é uma abordagem sincrônica ou diacrônica. Sincronicamente, *cognatos* são palavras foneticamente similares; diacronicamente, *cognatos* são palavras que descendem de uma mesma forma parental. Palavras podem ser geneticamente relacionadas e não ter alguma relação fonética. Em ordem de apresentar uma abordagem sincrônica, foi utilizado na análise dos dados o método de inspeção proposto por Sander (1977), como já descrito em 1.2.2.1.

Contudo, mesmo utilizando o método quantitativo para classificar e agrupar as variantes Mambae, foi necessária uma análise semântica dos dados e uma reflexão sobre a identidade étnica do povo para um resultado mais preciso.

Durante a análise das listas de palavras coletadas, pode-se observar algumas semelhanças e diferenças lexicais consistentes entre os três grupos Mambae Noroeste, Nordeste-Central e Sul. Destaca-se que os três grupos possuem o mesmo léxico para partes do corpo e para a maioria dos verbos.

Entretanto, evidenciou-se também algumas diferenças lexicais importantes, como, por exemplo, o sistema numérico ordinal. O Mambae Nordeste-Central possui um sistema numérico decimal (igual a língua Tetun Dili), enquanto o Mambae Noroeste e Sul possuem um sistema numérico quinário distinto, como observa-se na tabela abaixo.

Tabela 3.2 - Sistema Numérico nas diferentes línguas Mambae.

Números ordinais	Mambae Nordeste-Central	Mambae Noroeste	Mambae Sul
<i>1</i>	<i>iid</i>	<i>iid</i>	<i>iid</i>
<i>2</i>	<i>ruu</i>	<i>ruu</i>	<i>ruu</i>
<i>3</i>	<i>teul</i>	<i>teul</i>	<i>teul</i>
<i>4</i>	<i>faat</i>	<i>paat</i>	<i>faat/paat</i>
<i>5</i>	<i>liim</i>	<i>liim</i>	<i>liim</i>
<i>6</i>	<i>neen</i>	<i>hohon iid</i>	<i>liim nai-ida</i>
<i>7</i>	<i>hitu</i>	<i>hohon ruu</i>	<i>liim nai-rua</i>
<i>8</i>	<i>ualu</i>	<i>hoho teul</i>	<i>liim nai-telu</i>
<i>9</i>	<i>sia</i>	<i>hoho paat</i>	<i>liim nai-fata/pata</i>
<i>10</i>	<i>saguul</i>	<i>sakuul</i>	<i>saguul</i>
<i>20</i>	<i>rua nuul</i>	<i>guul ruu</i>	<i>(saguul) haet rua</i>
<i>30</i>	<i>teul nuul</i>	<i>guul teul</i>	<i>(saguul) haet teul</i>
<i>40</i>	<i>faat nuul</i>	<i>guul paat</i>	<i>(saguul) haet faat/paat</i>
<i>50</i>	<i>lima nuul</i>	<i>guul liim</i>	<i>(saguul) haet liim</i>

Quanto aos pronomes observa-se uma diferença apenas na terceira pessoa do singular e do plural. Apesar de parecer algo insignificante, esta diferença é significativa e será detalhada adiante.

Tabela 3.3 - Pronomes nas diferentes línguas Mambae.

	Mambae Nordeste-Central	Mambae Noroeste	Mambae Sul
Singular	1 ^a	<i>au</i>	<i>au</i>
	2 ^a	<i>iit</i>	<i>iit</i>
	3 ^a	<i>ua</i>	<i>ura</i>
Plural	1 ^a inclusivo	<i>iit</i>	<i>iit</i>
	1 ^a exclusivo	<i>aem</i>	<i>aem</i>
	2 ^a	<i>iim</i>	<i>iim</i>
	3 ^a	<i>roo</i>	<i>room</i>

Na tabela abaixo destaca-se outras diferenças lexicais consistentes nas três línguas Mambae .

Tabela 3.4 - Diferente léxico nas línguas Mambae.

Mambae Noroeste	Mambae Nordeste- Central	Mambae Sul	Português
<i>pada</i>	<i>fada</i>	<i>uum</i>	‘casa’
<i>bloko</i>	<i>pada</i>	<i>bada</i>	‘curto’
<i>broe</i>	<i>tita</i>	<i>era</i>	‘molhado’
<i>kiniri</i>	<i>rae</i>	<i>foer</i>	‘sujo’
<i>doto</i>	<i>klen</i>	<i>rini</i>	‘muito’
<i>bea</i>	<i>rau</i>	<i>halaet</i>	‘mentir’
<i>mua</i>	<i>muu</i>	<i>aa</i>	‘comer’
<i>muka</i>	<i>mua</i>	<i>muu</i>	‘banana’

Ao olhar a tabela acima, nota-se que alguns itens lexicais são parecidos, mas aqui destaca-se algumas questões sobre *falso cognatos*. Crystal (2008, p. 83) refere *cognato* a uma língua ou forma linguística historicamente derivada da mesma fonte de outra língua/forma, ou seja, possuem a mesma etimologia e *falsos cognatos* (ou falso amigos) como um termo referente a palavras de diferentes línguas que possuem a mesma forma, mas que expressam diferentes significados (Crystal, 2008, p. 185).

O exemplo mais claro nos dados da tabela acima é o de ‘comer’ e ‘banana’. Observa-se que há uma similariedade lexical muito próxima das palavras em Mambae para ‘comer’, mas que pode ser confundido com ‘banana’, como no exemplo abaixo.

Mambae Nordeste Central: *au muu* ‘eu como’

Mambae Sul: *au muu* ‘minha banana’

Algo comum no Mambae Noroeste é a troca do fone [f] para [p]. Isto é muito corrente nas línguas Austronésias, o que poderia aqui ser considerado como apenas uma variação não significativa como em alguns léxicos. Contudo, há exceções. A palavra *pada* na região Noroeste significa ‘casa’ e na região Nordeste-Central ‘curto’.

O mesmo acontece com os pronomes vistos na tabela 3.5. Os pronomes em 3ª pessoa *ura* do Mambae Sul e *roo* dos Mambae Noroeste e Nordeste-Central possuem outro significado nas outras regiões reciprocamente. Outra palavra é *hula* que no Mambae Sul significa delicioso e nos outros Mambae ‘lua’.

Tabela 3.5 - Comparação de falso cognatos.

Mambae Noroeste	Mambae Nordeste- Central	Mambae Sul	Português
<i>ura</i>	<i>ura</i>	<i>uur</i>	‘panela’
<i>ua</i>	<i>ua</i>	<i>ura</i>	3S
<i>roo</i>	<i>roo</i>	<i>room</i>	3PL
<i>proa</i>	<i>froa</i>	<i>roo</i>	‘barco’
		<i>hula</i>	‘delicioso’
<i>hula</i>	<i>hula</i>	<i>hulai</i>	‘lua’

Estas observações foram pontuais para a classificação da similariedade lexical, pois mesmo sendo cognatos foneticamente próximos, semanticamente distanciam estas línguas.

3.4 Síntese

Baseando-se nos dados apresentados e analisados neste capítulo, afirma-se que o povo Mambae possui hoje, numa análise sincrônica, variedades que parecem se agrupar em três diferentes línguas, que não são mutualmente inteligíveis, mas que estão relacionadas entre si, provavelmente oriundas de uma mesma proto-língua que ao longo dos anos, devido ao seu ecossistema e contato com outras comunidades de fala, foi se alterando. Segundo Mufwene, (apud COUTO, 2007, p. 296), “a mudança linguística é inintencional, é consequência de ‘replicação imperfeita’ nas interações de falantes individuais à medida que adaptam as estratégias comunicativas de uns às dos outros ou a novas necessidades”.

É necessário ainda uma análise comparativa de maior escala, envolvendo todas as línguas que circundam o ecossistema Mambae para se entender melhor as relações entre os diferentes ecossistemas linguísticos que co-existem em Timor-Leste.

4 FONOLOGIA

A partir deste capítulo até o capítulo 10 descreve-se o estudo da endoecologia Mambae que, segundo Couto (2007, p. 38) é “o estudo estrutural da língua”. Inicia-se aqui os primeiros passos em direção a descrição gramatical do Mambae Sul. A descrição fonológica do Mambae é uma orientação para os capítulos seguintes, reconhecendo que muitos dos processos aqui descritos estão totalmente ligados aos traços gramaticais desta língua.

A análise fonológica aqui apresentada é baseada numa lista de palavras de mais de 1000 entradas lexicais retiradas dos textos coletados e apresentados no dicionário no Apêndice D desta tese. Na primeira seção, os fonemas são identificados, começando pelas consoantes e então as vogais, seguido pela discussão fonotática. Na seção seguinte descreve-se a sílaba em Mambae e alguns traços prosódicos da língua: o acento. E finalmente alguns processos morfofonológicos que envolve os fonemas do Mambae como apagamento, metátese, assimilação, entre outros.

4.1 Observações Fonéticas

Antes de começar a análise fonológica, apresenta-se aqui o contexto fonético do sistema sonoro do Mambae para contextualizar o leitor na análise a seguir. O Mambae possui 17 fones consonantais e 12 fones vocálicos. Este grande conjunto de sons são agrupados em um conjunto menor de fonemas nas páginas seguintes.

Tabela 4.1 - Fones Consonantais da Língua Mambae.

	Bilabial	Labiodental	Alveolar		Velar		Glotal
Oclusiva	b		t	d	k	g	
	b'		t'	d'	k'		
Nasal	m			n			
Vibrante múltiplo				r			
Vibrante Simples				r			
Fricativa		f	s				h
Aproximante lateral				l			

Tabela 4.2 - Fones Vocálicos da Língua Mambae.

	Anterior	Central	Posterior
Fechada	i i:		u u:
Média fechada	e e:		o o:
Média aberta	ɛ ɛ:		ɔ ɔ:
Aberta		a a:	

4.2 Fonemas Consonantais

A análise fonêmica básica possibilita simplificar grandes conjuntos de fones em conjuntos de fonemas mais organizados e manejáveis por meio da noção de contrastes. A tabela abaixo mostra os 12 fonemas consonantais do Mambae. O sistema consiste de cinco oclusivas, duas nasais, uma vibrante múltipla, três fricativas e uma aproximante lateral.

Tabela 4.3 - Fonemas Consonantais da Língua Mambae.

	Bilabial	Labiodenta	Alveolar	Velar	Glotal
		l			
Oclusivo	b		t d	k	g
Nasal	m		n		
Vibrante Múltipla			r		
Fricativo		f	s		h
Aproximante lateral			l		

4.2.1 Contraste fonêmico das consoantes

Os fonemas consonantais da tabela 4.3 foram definidos por meio de pares mínimos com base em contrastes em ambientes idênticos (CAI) e ambientes análogos (CAA), como observa-se nos dados abaixo.

/b/ /f/	[¹ bi:l]	<i>biil</i>	‘embrulhar’
	[¹ fi:l]	<i>fiil</i>	‘quanto’
	[¹ bu:]	<i>buu</i>	‘noz de betel’
	[¹ fu:]	<i>fuu</i>	‘soprar’

/b/ /m/	[¹ bai]	<i>bai</i>	‘barriga’
	[¹ mai]	<i>mai</i>	‘idoso’
	[¹ bou]	<i>bou</i>	‘irmão mais velho’
	[¹ mou]	<i>mou</i>	‘atravessar’
/m/ /n/	[¹ ama]	<i>ama</i>	‘pai’
	[¹ ana]	<i>ana</i>	‘filho’
	[¹ mɔ:]	<i>moo</i>	‘limpo’
	[¹ nɔ:]	<i>noo</i>	‘coco’
/t/ /d/	[¹ ata]	<i>ata</i>	‘escravo’
	[¹ ada]	<i>ada</i>	‘amanhã’
	[¹ i:tʰ]	<i>iit</i>	‘você’
	[¹ i:dʰ]	<i>iid</i>	‘um’
/t/ /s/	[¹ futu]	<i>futu</i>	‘junto’
	[¹ fusu]	<i>fusu</i>	‘central’
	[¹ ha:tʰ]	<i>haat</i>	‘deitar’
	[¹ ha:s]	<i>haas</i>	‘lavar’
/d/ /n/	[¹ ada]	<i>ada</i>	‘amanhã’
	[¹ ana]	<i>ana</i>	‘filho’
	[¹ ida]	<i>ida</i>	‘um’
	[¹ ina]	<i>ina</i>	‘mãe’
/d/ /r/	[¹ dɔ:]	<i>doo</i>	‘curandeiro’
	[¹ rɔ:]	<i>roo</i>	‘longe’
	[¹ du:]	<i>duu</i>	‘descer’
	[¹ ru:]	<i>ruu</i>	‘dois’

/d/ /l/	[da ¹ lai]	<i>dalai</i>	‘tremer’
	[la ¹ lai]	<i>lalai</i>	‘andar’
	[¹ kɔde]	<i>kode</i>	‘bom’
	[¹ kɔle]	<i>kole</i>	‘cansado’
/k/ /g/	[¹ kiak ^ˀ]	<i>kiak</i>	‘pobre’
	[mi ¹ gia]	<i>migia</i>	‘repulsar’
	[¹ dega]	<i>dega</i>	‘falar’
	[¹ huka]	<i>huka</i>	‘machucado’
/k/ /h/	[¹ keul]	<i>keul</i>	‘vento’
	[¹ heul]	<i>heul</i>	‘separar’
	[¹ meki]	<i>meki</i>	‘cheiroso’
	[¹ mehi]	<i>mehi</i>	‘sonhar’

4.2.2 Fonemas oclusivos

4.2.2.1 O /b/

O fonema /b/ possui dois alofones: [b] e [b^ˀ]. O alofone [b] ocorre em posição de ataque da sílaba no início e meio da palavra. Quando em sequência de consoantes ocorre como primeira consoante na sílaba. O alofone [b^ˀ] ocorre somente em coda no final de palavra antes do silêncio.

	/B/	[B ^ˀ]	/_#
	[B]	/ N.D.A.	
(01)	[¹ bisa]	<i>bisa</i>	‘frio’
(02)	[¹ batar]	<i>batar</i>	‘milho’
(03)	[¹ biub ^ˀ]	<i>biub</i>	‘cabra’
(04)	[¹ saub ^ˀ]	<i>saub</i>	‘bruxo’
(05)	[¹ bruis]	<i>bruis</i>	‘quente’
(06)	[¹ broe]	<i>broe</i>	‘podre’

4.2.2.2 O /t/

O fonema /t/ possui dois alofones: [t] e [t̚]. O alofone [t] ocorre em posição de ataque da sílaba no início e meio da palavra. O alofone [t̚] ocorre somente em coda no final de palavra antes do silêncio.

/t/ → [t̚] / _#

[T] / N.D.A.

(07)	[¹ tu:]	<i>tuu</i>	‘grande’
(08)	[¹ to:n]	<i>toon</i>	‘ano’
(09)	[¹ mata]	<i>mata</i>	‘olho’
(10)	[¹ ate]	<i>ate</i>	‘fígado’
(11)	[¹ beut̚]	<i>beut</i>	‘chutar’
(12)	[¹ daot̚]	<i>daot</i>	‘rei’

4.2.2.3 O /d/

O fonema /d/ possui dois alofones: [d] e [d̚]. O alofone [d] ocorre em posição de ataque da sílaba no início e meio da palavra e o alofone [d̚] ocorre somente em coda no final de palavra antes do silêncio.

/d/ → [d̚] / _#

[D] / N.D.A.

(13)	[¹ daor]	<i>daor</i>	‘mexirica’
(14)	[¹ doim]	<i>doim</i>	‘amar’
(15)	[¹ ada]	<i>ada</i>	‘amanhã’
(16)	[¹ kɔde]	<i>kode</i>	‘bom’
(17)	[a ¹ tu:d̚]	<i>atuud</i>	‘mostrar’
(18)	[¹ i:d̚]	<i>iid</i>	‘um’

4.2.2.4 O /k/

O fonema /k/ possui dois alofones: [k] e [k̚]. O alofone [k] ocorre em posição de ataque da sílaba no início e meio da palavra. Quando em sequência de consoantes ocorre como primeira consoante na sílaba. O alofone [k̚] ocorre somente em coda no final de palavra antes do silêncio.

/k/ → [k̚] / _#

[K] / N.D.A.

(19)	[¹ ku:d̚]	<i>kuud</i>	‘cavalo’
(20)	[¹ kase]	<i>kase</i>	‘falar’
(21)	[¹ klao]	<i>klao</i>	‘mal’
(22)	[¹ krau]	<i>krau</i>	‘confiscar’
(23)	[¹ manku]	<i>manku</i>	‘taca’
(24)	[¹ ikan]	<i>ikan</i>	‘peixe’
(25)	[¹ fli:k̚]	<i>fliik</i>	‘ouvir’
(26)	[¹ bo:k̚]	<i>book</i>	‘testar’

4.2.2.5 O /g/

O fonema /g/ ocorre na posição de ataque da sílaba mas não no início de palavra, com exceção de palavras emprestadas do Português (olhar em § 4.2.7)

(27)	[mi ¹ gja]	<i>migia</i>	‘repulsar’
(28)	[me ¹ gesa]	<i>megesa</i>	‘igual’
(29)	[me ¹ ge:]	<i>megee</i>	‘amarelo’
(30)	[¹ dega]	<i>dega</i>	‘falar’

4.2.3 Fonemas Nasais

As consoantes nasais em Mambae são /m/ e /n/.

4.2.3.1 O /m/

O fonema /m/ ocorre nas posições de ataque e coda quando diante de silêncio.

- | | | | |
|------|---------------------------------------|----------------|------------|
| (31) | [^l manaru] | <i>manaru</i> | ‘comprido’ |
| (32) | [ma ^l romak ^ˀ] | <i>maromak</i> | ‘Deus’ |
| (33) | [^l mai] | <i>mai</i> | ‘idoso’ |
| (34) | [^l li:m] | <i>liim</i> | ‘cinco’ |
| (35) | [^l aem] | <i>aem</i> | ‘abelha’ |
| (36) | [^l ku:m] | <i>kuum</i> | ‘pombo’ |

Em algumas palavras trissílabas iniciadas com /m/, ocorre o apagamento da vogal que precede o mesmo, fazendo com que o /m/ ocupe a posição de núcleo nesta sílaba.

- | | | | |
|------|-------------------------------------|--------------|------------|
| (37) | [m ^l deda] | <i>mdeda</i> | ‘pesado’ |
| (38) | [m ^l dei] | <i>mdei</i> | ‘sentar’ |
| (39) | [m ^l niro] | <i>mniro</i> | ‘azedo’ |
| (40) | [m ^l rao] | <i>mrao</i> | ‘horta’ |
| (41) | [m ^l liuk ^ˀ] | <i>mliuk</i> | ‘esquecer’ |
| (42) | [m ^l lai] | <i>mlai</i> | ‘suave’ |

4.2.3.2 O /n/

O fonema /n/ ocorre nas posições de ataque e coda quando diante de silêncio.

- | | | | |
|------|-------------------------------------|--------------|-----------|
| (37) | [^l neor] | <i>neor</i> | ‘faca’ |
| (38) | [^l nɔ:] | <i>noo</i> | ‘coco’ |
| (39) | [^l henek ^ˀ] | <i>henek</i> | ‘areia’ |
| (40) | [^l benu] | <i>benu</i> | ‘cheio’ |
| (41) | [^l ikan] | <i>ikan</i> | ‘peixe’ |
| (42) | [^l maun] | <i>maun</i> | ‘pássaro’ |

4.2.4 Fonema Vibrante Múltiplo

4.2.4.1 O /r/

O fonema /r/ possui dois alofones: [r] e [r̥]. O alofone [r] ocorre em posição de ataque da sílaba no início da palavra. O alofone [r̥] ocorre em posição de ataque da sílaba na posição medial da palavra, em coda e como segunda consoante numa sequência de ataque CC:

/r/ → [r] / #_

[r̥] / N.D.A.

(43)	[¹ bɛrɔ]	<i>bero</i>	‘canao’
(44)	[m ¹ rao]	<i>mrao</i>	‘horta’
(45)	[¹ keor]	<i>keor</i>	‘vento’
(46)	[¹ batar]	<i>batar</i>	‘milho’
(47)	[¹ bruis]	<i>bruis</i>	‘quente’
(48)	[¹ broe]	<i>broe</i>	‘podre’

4.2.5 Fonemas Fricativos

4.2.5.1 O /f/

O fonema /f/ ocorre na posição de ataque da sílaba, como primeira consoante numa sequência de ataque CC e como coda.

(49)	[¹ fa:t̚]	<i>faat</i>	‘quatro’
(50)	[¹ fu:]	<i>fiu</i>	‘soprar’
(51)	[ar ¹ fi:l]	<i>arfiil</i>	‘quando’
(52)	[na ¹ fai]	<i>nafai</i>	‘hoje’
(53)	[fli:k̚]	<i>fliik</i>	‘ouvir’
(54)	[¹ fre:]	<i>free</i>	‘ancorar’
(55)	[¹ ko:f]	<i>koof</i>	‘abraçar’
(56)	[¹ aɛf]	<i>aef</i>	‘fogo’

Em algumas palavras trissílabas iniciadas com /f/, ocorre o apagamento da vogal que precede o mesmo, fazendo com que o /f/ ocupe a posição de núcleo nesta sílaba.

- | | | | |
|------|----------|--------------|----------|
| (57) | [f'desi] | <i>fdesi</i> | ‘perto’ |
| (58) | [f'nao] | <i>fnao</i> | ‘ladrão’ |
| (59) | [f'nori] | <i>fnori</i> | ‘fim’ |

4.2.5.2 O /s/

O fonema /s/ ocorre na posição de ataque da sílaba e como coda.

- | | | | |
|------|----------------------|-------------|---------|
| (60) | [¹ si:] | <i>sii</i> | ‘sal’ |
| (61) | [¹ soro] | <i>soro</i> | ‘caçar’ |
| (62) | [¹ besu] | <i>besu</i> | ‘cheio’ |
| (63) | [¹ kase] | <i>kase</i> | ‘falar’ |
| (64) | [¹ si:s] | <i>siis</i> | ‘carne’ |
| (65) | [¹ ma:s] | <i>maas</i> | ‘seco’ |

Em algumas palavras trissílabas iniciadas com /s/, ocorre o apagamento da vogal que precede o mesmo, fazendo com que o /s/ ocupe a posição de núcleo nesta sílaba.

- | | | | |
|------|--|-----------------|--------------|
| (66) | [sa ¹ bai ¹ lau] → [s ¹ bai ¹ lau] | <i>sbai lau</i> | ‘nuvem’ |
| (67) | [sa ¹ maga] → [s ¹ maga] | <i>smaga</i> | ‘alma’ |
| (68) | [su ¹ nuga] → [s ¹ nuga] | <i>snuga</i> | ‘respiração’ |

4.2.5.3 O /h/

O fonema /h/ ocorre na posição de ataque da sílaba e como coda.

- | | | | |
|------|--------------------------------------|---------------|------------|
| (69) | [ha ¹ laet ¹] | <i>halaet</i> | ‘mentir’ |
| (70) | [¹ hi:n] | <i>hiin</i> | ‘mulher’ |
| (71) | [hai ¹ hu:] | <i>haihuu</i> | ‘prostrar’ |
| (72) | [¹ haeh] | <i>haeh</i> | ‘porco’ |
| (73) | [¹ ha:h] | <i>haah</i> | ‘chamar’ |
| (74) | [¹ laoh] | <i>laoh</i> | ‘rato’ |

Em algumas palavras trissílabas iniciadas com /h/, ocorre o apagamento da vogal que precede o mesmo, fazendo com que o /h/ ocupe a posição de núcleo nesta sílaba.

- (75) [h¹leu] *hleu* ‘cercar’
 (76) [h¹lai] *hlai* ‘escrever’
 (77) [h¹le:h] *hleeh* ‘surpreender’

4.2.6 Fonema Aproximante Lateral

4.2.6.1 O /l/

O fonema /l/ ocorre na posição de ataque da sílaba, como segunda consoante numa sequência de ataque CC e como coda.

- (78) [l¹loet^ˀ] *loet* ‘matar’
 (79) [l¹laoh] *laoh* ‘rato’
 (80) [l¹bali] *bali* ‘guardar’
 (81) [l¹faluk^ˀ] *faluk* ‘viuva’
 (82) [l¹klao] *klao* ‘mal’
 (83) [l¹fli:k^ˀ] *fliik* ‘ouvir’
 (84) [l¹fael] *fael* ‘pescar’
 (85) [l¹leol] *leol* ‘sol’

4.3 Fonemas Vocálicos

Existem 7 fonemas vocálicos em Mambae, organizados na tabela abaixo.

Tabela 4.4 - Fonemas Vocálicos da Língua Mambae.

	Anterior	Central	Posterior
Fechada	i		u
Média fechada	e		o
Média aberta	ɛ		ɔ
Aberta		a	

4.3.1 Contraste fonêmico das vogais

Os fonemas vocálicos da tabela 4.4 foram definidos por meio de pares mínimos com base em contrastes em ambientes idênticos (CAI) e ambientes análogos (CAA), como observa-se nos dados abaixo.

/i/ /e/	[ma ¹ lai]	<i>malai</i>	‘leve’
	[ma ¹ lae]	<i>malae</i>	‘estrangeiro’
	[¹ boi]	<i>boi</i>	‘recusar’
	[¹ boe]	<i>boe</i>	‘deitar’
	[¹ hina]	<i>hina</i>	‘agora mesmo’
	[¹ hena]	<i>hena</i>	‘tecido’
/e/ /ɛ/	[¹ aem]	<i>aem</i>	‘abelha’
	[¹ aɛm]	<i>aem</i>	‘nos (exclusivo)’
	[¹ leta]	<i>leta</i>	‘meio’
	[¹ ɛta]	<i>eta</i>	‘corpo’
	[¹ fae]	<i>fae</i>	‘arranjar’
	[¹ faɛl]	<i>fael</i>	‘pescar’
/ɛ/ /a/	[¹ ɛta]	<i>eta</i>	‘corpo’
	[¹ ata]	<i>ata</i>	‘escravo’
	[¹ mɛta]	<i>meta</i>	‘preto’
	[¹ mata]	<i>mata</i>	‘olho’
	[¹ mɛra]	<i>mera</i>	‘vermelho’
	[¹ marɛ]	<i>mara</i>	‘maduro’
/a/ /ɔ/	[¹ ada]	<i>ada</i>	‘amanhã’
	[¹ hɔda]	<i>hoda</i>	‘noite’
	[¹ kaben]	<i>kaben</i>	‘casar’
	[¹ dɔben]	<i>doben</i>	‘amado’
	[¹ aba]	<i>aba</i>	‘saliva’
	[¹ lɔba]	<i>loba</i>	‘pequeno’

/ɔ/ /o/	[¹ hoban]	<i>hoban</i>	‘mergulhar’
	[¹ hɔda]	<i>hoda</i>	‘noite’
	[¹ soro]	<i>soro</i>	‘caçar’
	[¹ mɔro]	<i>moro</i>	‘verde’

/o/ /u/	[¹ fuil]	<i>fuil</i>	‘matar’
	[¹ foil]	<i>foil</i>	‘insultar’
	[¹ hui]	<i>hui</i>	‘selvagem’
	[¹ hoi]	<i>hoi</i>	‘morder’
	[¹ leub ^ˀ]	<i>leub</i>	‘poço’
	[¹ leob ^ˀ]	<i>leob</i>	‘poder’

4.3.2 Sequência vocálica

Sequência vocálica ocorre frequentemente na língua Mambae em muitas possíveis combinações. A duração fonética de uma sequência vocálica é a mesma para sequências de vogais ambíguas e não-ambíguas. A tabela abaixo ilustra com exemplos cada uma das possíveis combinações vocálicas em Mambae.

Tabela 4.5 - Combinação de sequências vocálicas

	i	e	ɛ	a	ɔ	o	u
i	liim ‘cinco’			kiak^ˀ ‘pobre’			hiut ‘estrela’
e	fei ‘ver’	blee ‘acordar’		hean ‘remar’		leob^ˀ ‘poder’	eun ‘beber’
ɛ			ɛɛr ‘água’		ɛɔ^ˀ ‘encontrar’		
a	ai ‘árvore’	aem ‘abelha’		aa ‘comer’		daot^ˀ ‘rei’	au ‘eu’
ɔ			ɔɛ ‘pé’		ɔɔs ‘dinheiro’		
o	doim ‘amar’	boe ‘deitar’		koa ‘buraco’		koof ‘abraçar’	mou ‘cair’
u	hui ‘selvagem’			hua ‘coração’			muu ‘banana’

Observa-se que existem 25 diferentes combinações de sequência vocálica em Mambae *ii, ia, iu, ei, ee, ea, eo, eu, εε, εο, ai, ae, aa, ao, au, οε, οο, oi, oe, ao, oo, ou, ui, ua, uu*. Segundo Burquest (2006) quando uma língua possui um conjunto não-restrito dessas sequências, com variedade de agrupamentos vocálicos com vogais altas, médias e baixa ocorrendo tanto em posição de primeira ou segunda vogal, a interpretação adequada é de uma sequência VV, descartando ditongos ou VC (vogais altas como glides). Esta é uma estrutura comum encontrada nas línguas austronésias, tais como Buru (Grimes, 1992), Tetun Fehan (Williams-van Klinken, 1999), Amarasi (Edwards, 2016) e Papuan Malay (Kluge, 2017).

Esta interpretação corrobora com os dados obtidos em Mambae, pois muitas destas sequências encontradas são fruto do processo de metátese que ocorre na língua (olhar 4.6), o que suporta a análise e interpretação de sequências vocálicas idênticas VV como núcleos de sílabas sepadas.

- (86)
- | | | | | | | | | |
|-------------|----------|--------|-------------|----------|----------|-------------|--|--|
| σ | σ | | | σ | σ | | | |
| | | | | | | | | |
| (C)V(C)V(C) | | | (C)V(C)V(C) | | | (C)V(C)V(C) | | |
| d o | i m | ‘amar’ | d o | m i | ‘amor’ | | | |
- (87)
- | | | | | | | | | |
|-------------|----------|----------|-------------|----------|----------|-------------|--|--|
| σ | σ | | | σ | σ | | | |
| | | | | | | | | |
| (C)V(C)V(C) | | | (C)V(C)V(C) | | | (C)V(C)V(C) | | |
| m a | e t | ‘morrer’ | m a | t e | ‘morte’ | | | |

4.3.3 Quantificação da duração de sequência vocálica idêntica

Assim como na maioria das línguas Austronésias, há no Mambae sequência de vogais ambíguas que são manifestadas por duração fonética longa [V:] e estão em contraste com vogais simples [V], que são foneticamente de duração curta.

- (88)
- | | | |
|-------|------------|--------|
| [ma:] | <i>maa</i> | ‘vir’ |
| [ma] | <i>ma</i> | ‘para’ |
- (89)
- | | | |
|--------|-------------|--------|
| [ma:s] | <i>maas</i> | ‘seco’ |
| [mas] | <i>mas</i> | ‘mas’ |

(90) [la:] *laa* ‘ir’
 [la] *la* ‘para’

(91) [ke:] *kee* ‘cavar’
 [ke] *ke* ‘que’

Observa-se nos exemplos 92 e 93 que há o contraste fonético da vogal simples com a vogal longa e outras sequências vocálicas. Destaca-se também que nos exemplos 94 e 95 a vogal longa ocorre por conta do processo de metátese que ocorre no Mambae. Contudo, nos dados observa-se que a sequência de duas vogais idênticas é geralmente pronunciada foneticamente longa do que uma vogal simples. Considerando este e outros fatores como a acentuação e pé métrico, conclui-se que em Mambae um fone vocálico alongado [V:] é equivalente a dois fonemas vocálicos idênticos /VV/.

(92) σ σ

 (C)V(C)V(C)
 m a ‘para’
 m a a ‘vir’
 m a i ‘idoso’
 m a u ‘pessoa’
 m a u n ‘pássaro’

(93) σ σ

 (C)V(C)V(C)
 k e ‘que’
 k e e ‘cavar’
 k e e r ‘intensificador’
 f e i ‘ver’
 l e o ‘estar acesso’
 h e u ‘novo’

- (94)
- | | |
|--|--|
| $\begin{array}{c} \sigma \quad \sigma \\ \diagup \quad \diagdown \quad \diagup \quad \diagdown \\ (C)V(C)V(C) \\ \text{ɔ s a} \end{array}$ | $\begin{array}{c} \sigma \quad \sigma \\ \diagup \quad \diagdown \quad \diagup \quad \diagdown \\ (C)V(C)V(C) \\ \text{ɔ ɔ s} \end{array} \quad \text{'dinheiro'}$ |
|--|--|
-
- (95)
- | | |
|--|--|
| $\begin{array}{c} \sigma \quad \sigma \\ \diagup \quad \diagdown \quad \diagup \quad \diagdown \\ (C)V(C)V(C) \\ \text{u m a} \end{array}$ | $\begin{array}{c} \sigma \quad \sigma \\ \diagup \quad \diagdown \quad \diagup \quad \diagdown \\ (C)V(C)V(C) \\ \text{u u m} \end{array} \quad \text{'casa'}$ |
|--|--|

Maiores detalhes sobre a estrutura silábica, acentuação das palavras e processo de metátese são discutidos nas próximas seções.

4.4 Fonotática

Esta seção descreve como os segmentos em Mambae combinam para formar sílabas e como as sílabas combinam em palavras. A estrutura e os tipos de sílaba estão em §4.4.1, a distribuição e sequência de fonemas consonantais e vocálicos são apresentados em ataque §4.4.2, núcleo §4.4.3 e coda §4.4.4, e a estrutura lexical em Mambae em §4.4.5.

4.4.1 A estrutura silábica

Observa-se na língua Mambae a seguinte estrutura silábica:

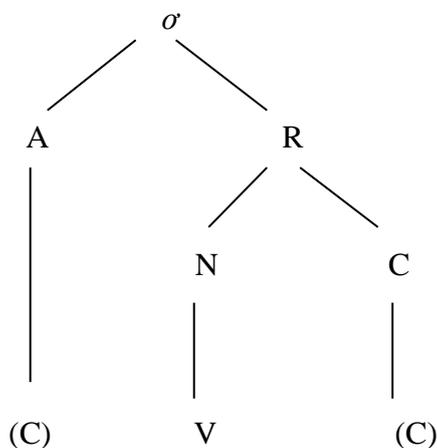
σ - Sílaba

A - ATAQUE (ONSET)

R - Rima

N - Núcleo

C - Coda



Em Mambae a sílaba mínima é composta por um núcleo V. E a sílaba máxima é (C)V(C). Baseado no modelo acima obtém-se 5 possibilidades de combinações de sílabas em Mambae. A sílaba mais comum nesta língua é a sequência CV. Abaixo, alguns exemplos das possibilidades silábicas no Mambae.

4.4.1.1 Sílabas abertas

V

(96)	[i.kan]	<i>ikan</i>	‘peixe’
(97)	[u.lu]	<i>ulu</i>	‘cabelo’
(98)	[kla.o]	<i>klao</i>	‘mal’
(99)	[ɔ.ɛ]	<i>oe</i>	‘pé’
(100)	[i.ɔ]	<i>io</i>	‘rabo’
(101)	[hu.a]	<i>hua</i>	‘coração’
(102)	[a.u]	<i>au</i>	‘eu’

CV

(103)	[bi.sa]	<i>bisa</i>	‘frio’
(104)	[ka.se]	<i>kase</i>	‘falar’
(105)	[da.or]	<i>daor</i>	‘laranja’
(106)	[u.bu]	<i>ubu</i>	‘senhor’
(107)	[hɛ.la]	<i>hela</i>	‘morar’
(108)	[ra.e]	<i>rae</i>	‘terra’
(109)	[i.si]	<i>isi</i>	‘essência’

CCV

(110)	[kla.o]	<i>klao</i>	‘mal’
(111)	[kli.a]	<i>klia</i>	‘seca’
(112)	[bru.is]	<i>bruis</i>	‘quente’
(113)	[bro.e]	<i>broe</i>	‘podre’

4.4.1.2 Sílabas Fechadas

VC

(114)	[e.un]	<i>eun</i>	‘beber’
(115)	[u.us]	<i>uus</i>	‘chuva’
(116)	[ɔ.ɔs]	<i>oos</i>	‘dinheiro’
(117)	[a.ɛf]	<i>aef</i>	‘fogo’
(118)	[he.an]	<i>hean</i>	‘remar’
(119)	[i.im]	<i>iim</i>	‘1pl inclusivo’

(120) ['te.ul] *teul* ‘três’

CVC

- (121) ['dɔ.ben] *doben* ‘querido’
 (122) ['ho.ban] *hoban* ‘mergulhar’
 (123) ['fa.luḱ] *faluk* ‘viuva’
 (124) ['kal.man] *kalman* ‘aproximadamente’
 (125) ['ka.ben] *kaben* ‘casar’
 (126) [ma.'ro.maḱ] *maromak* ‘deus’
 (127) ['ba.tar] *batar* ‘milho’
 (128) ['la.len] *lalen* ‘espelho’

Existem três tipos de sílabas abertas – V, CV e CCV -, e dois de sílabas fechadas – VC e CVC. Os tipos silábicos V, CV, CVC e CCV podem ser encontrados em posição acentuada. A sílaba CV ocorre em todas as posições na palavra: inicial, medial e final.

4.4.2 O ataque

Palavras na língua Mambae podem começar com sílabas que não tenham ataque, ou seja, este não é um elemento obrigatório. O ataque pode ter duas posições preenchidas por consoantes como observa-se na tabela abaixo.

Tabela 4.6 - Distribuição Fonotática Das Consoantes No Ataque Silábico

	#_[V]	._[V]	_[C][V]	[C]_[V]
b	x	x	x	
t	x	x		
d	x	x		
k	x	x	x	
g		x		
m	x	x		
n	x	x		
r	x			
ɾ		x		x
f	x	x	x	
s	x	x		
h	x	x		
l	x	x		x

Quase todas as consoantes podem ocupar a posição de ataque em uma sílaba CV em início de palavra, com exceção de [r] que é um alofone de /r/ e do fonema /g/. Em ataques CC, a primeira posição C é preenchida pelos fonemas oclusivos /b/ e /k/ e pelo fonema fricativo /f/. A segunda posição C do ataque é preenchida pelo fonema consonantal /l/ e pelo alofone [r] (do fonema consonantal /r/).

Tabela 4.7 - Exemplos de distribuição fonotática do ataque

	Ataque em posição inicial da palavra	Ataque em posição interna da palavra	Ataque CC
b	<i>be.nu</i> ‘cheio’	<i>a.ba</i> ‘cuspe’	<i>bru.is</i> ‘quente’ <i>ble.e</i> ‘acordar’
t	<i>te.or</i> ‘palavra’	<i>e.ta</i> ‘corpo’	
d	<i>di.u</i> ‘chifre’	<i>a.da</i> ‘amanhã’	
k	<i>ko.de</i> ‘bom’	<i>di.ku</i> ‘ajoelhar’	<i>kru.u</i> ‘plantar’ <i>kla.o</i> ‘mal’
g		<i>de.ga</i> ‘falar’	
m	<i>ma.ta</i> ‘olho’	<i>la.ma</i> ‘língua’	
n	<i>na.ha</i> ‘buscar’	<i>i.na</i> ‘mãe’	
r	<i>ru.u</i> ‘dois’		
l		<i>bi.ra</i> ‘raio’	
f	<i>fu.tu</i> ‘junto’	<i>a.fo</i> ‘esmiuçado’	<i>fre.si</i> ‘discutir’ <i>fli.ik</i> ‘ouvir’
s	<i>so.ro</i> ‘caçar’	<i>bi.sa</i> ‘frio’	
h	<i>hi.in</i> ‘mulher’	<i>me.hi</i> ‘sonhar’	
l	<i>li.im</i> ‘cinco’	<i>ka.la</i> ‘nome’	

4.4.3 O núcleo

Todas as sete vogais ocorrem como núcleo em sílabas acentuadas ou não, sílabas abertas ou fechadas, como observa-se na tabela abaixo.

Tabela 4.8 - Distribuição fonotática das vogais como núcleo das sílabas.

	#_	[C]_	[C][C]_	[C]_[C]	_[C]	_#
i	x	x	x	x	x	x
e	x	x	x	x	x	x
ɛ	x	x			x	x
a	x	x	x	x	x	x
ɔ	x	x	x	x	x	x
o	x	x	x	x	x	x
u	x	x	x	x	x	x

Segmentos vocálicos podem ocorrer em uma sequência de vogais V.V, como já descrito em §4.3.2.

Notou-se nos dados obtidos que em algumas palavras trissílabas, pode ocorrer na sílaba inicial a perda do fonema vocálico. Neste caso o fonema consonantal que era ataque torna-se núcleo desta sílaba.

- (129)
- | | | | |
|-----------------------------------|--|---|---------------|
| σ

CVC
<i>m a</i> | σ σ

CVCVC
<i>l a e</i> | σ σ σ

C - CVCVC
<i>ṃ l a e</i> | ‘estrangeiro’ |
|-----------------------------------|--|---|---------------|

- (130)
- | | | | |
|-----------------------------------|--|---|------------|
| σ

CVC
<i>h a</i> | σ σ

CVCVC
<i>l a i</i> | σ σ σ

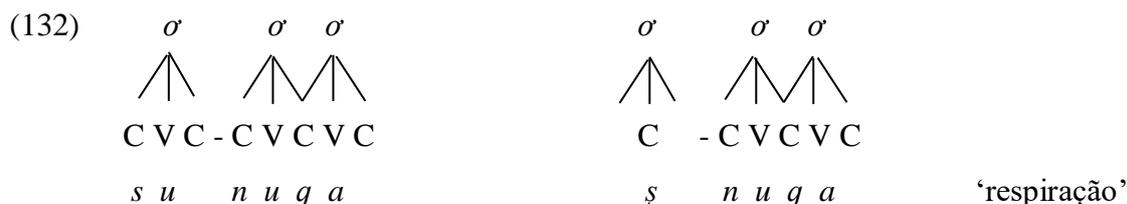
C - CVCVC
<i>ḥ l a i</i> | ‘escrever’ |
|-----------------------------------|--|---|------------|

- (131)
- | | | | |
|-----------------------------------|--|---|----------|
| σ

CVC
<i>m e</i> | σ σ

CVCVC
<i>d e d a</i> | σ σ σ

C - CVCVC
<i>ṃ d e d a</i> | ‘pesado’ |
|-----------------------------------|--|---|----------|



Este parece ser um processo que está ocorrendo na língua Mambae e pode ser que numa análise posterior diacrônica encontre-se diferentes modelos silábicos.

4.4.4 A coda

Em Mambae a coda silábica pode ser preenchida por onze consoantes. A coda geralmente ocorre em sílabas no final de palavras Mambae, antecedendo o silêncio. Contudo, como visto anteriormente, a coda pode aparecer na penúltima sílaba em palavras emprestadas do Português ou do Indonésio (ver §4.2.7). A posição de coda é preenchida pelas seguintes consoantes dentro do inventário fonológico da língua Mambae.

Tabela 4.9 - Distribuição fonotática das consoantes na posição da coda.

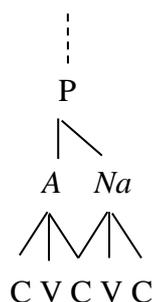
	b'	t'	d'	k'	m	n	r	f	s	h	l
_#	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

4.4.5 Estrutura Fonológica da Palavra

A raiz lexical mínima em Mambae possui um pé métrico (duas sílabas) e a maior dois pés métricos (quatro sílabas). A estrutura mínima é composta de um pé CVCVC. Contudo, alguns elementos de função sintática não necessariamente são compostos de um pé métrico, podendo conter apenas uma vogal ou uma sílaba CV (ver §4.4.5.4).

O modelo para a palavra prosódica mínima é formada de um um pé binário, de cabeça esquerda (133), onde P representa o pé métrico, A representa a sílaba acentuada e Na a sílaba não acentuada.

(133) Palavra mínima



4.4.5.1 A palavra com um pé métrico

As palavras com um pé métrico são as mais comuns no corpus coletado. A posição C pode ser vazia em Mambae, como visto §4.4.1, podendo a raiz lexical ser preenchida ao máximo como CVCVC, com todas as posições C preenchidas, e minimamente como _V_V_.

Tabela 4.10 - Raiz lexical com um pé métrico.

Pé Métrico	Raiz	Glossa
CVCVC	<i>butar</i>	‘enganar’
CVCV_	<i>hoda</i>	‘noite’
CV_V	<i>hua</i>	‘coração’
CV_VC	<i>maun</i>	‘pássaro’
_V_V_	<i>ai</i>	‘árvore’
VCV	<i>ilu</i>	‘nariz’
_V_VC	<i>aus</i>	‘cão’
_VCVC	<i>ikan</i>	‘peixe’

Encontrou-se nos dados apenas três palavras Mambae com a estrutura CVC.CV(C), tais como *kirlil* ‘gritar’, *mambae* ‘por quê’ e *tonka* ‘sustentar’.

Há também palavras que consistem em um pé métrico precedido por uma consoante extra, formando uma sequência consonantal CC no início da raiz lexical. Foram encontrados três tipos de estrutura nos dados: C|CVCV_, C|CV_V_, C|CV_VC onde | indica a fronteira do pé métrico.

Tabela 4.11 - Raiz lexical com um pé métrico e uma consoante extra.

Pé Métrico	Raiz	Glossa
C CVCV_	'fresi	'discutir'
C CV_V_	'klia	'seca'
C CV_VC	'bruís	'quente'

Na primeira posição C ocorrem as consoantes oclusivas /b/ e /k/ e a consoante fricativa /f/. A segunda posição C é limitada, sendo preenchida pelo fonema aproximante lateral /l/ e pelo fone vibrante simples [r].

4.4.5.2 A Palavra com uma sílaba mais um pé métrico

Há nos dados palavras trissílaba, compostas de um pé métrico precedido por uma sílaba (134). As estruturas encontradas em Mambae são apresentadas na tabela 4.12.

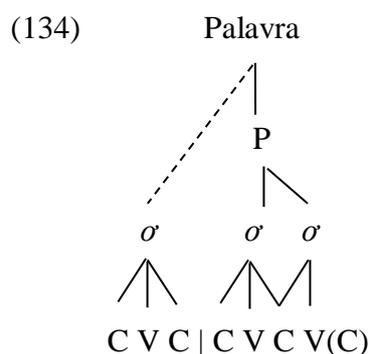
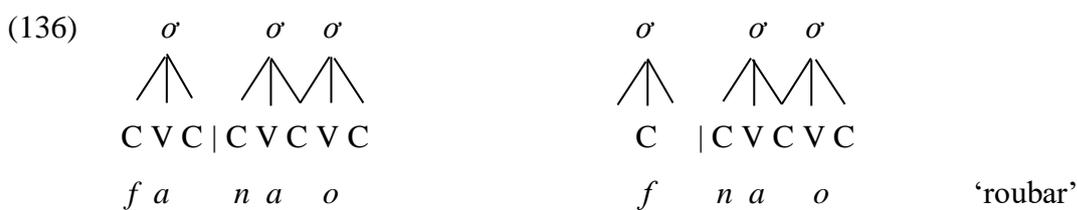
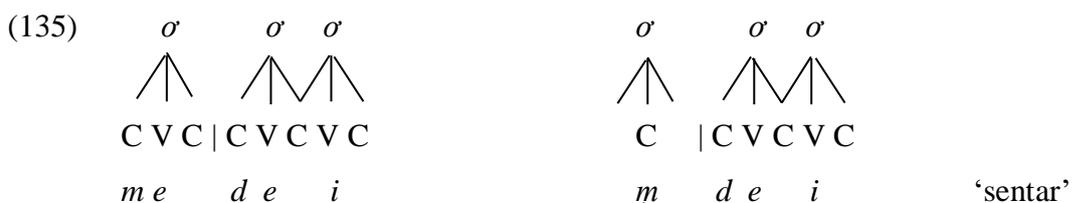


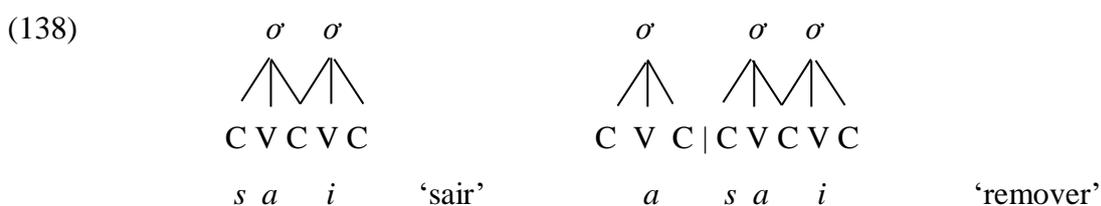
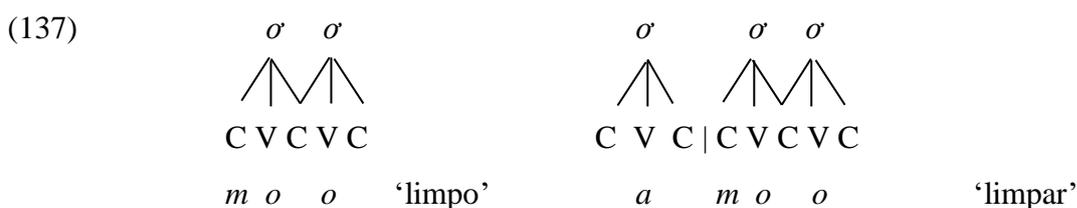
Tabela 4.12 - Raiz lexical com um pé métrico e uma consoante extra.

Pé Métrico	Raiz	Glossa
CVC CVCV_	bas'kari	'espalhar'
CVC CV_V_	fak'lau	'muito'
CV_ CV_V_	fã'nao	'roubar'
CV_ CV_VC	fê'deis	'aproximar'
CV_ CVCVC	na'bilan	'brilhar'
CV_ CVCV_	me'deda	'pesado'
_VC CV_VC	ar'fiil	'quando'
_VC CV_V_	ar'bau	'búfalo'

O processo fonológico de síncope foi encontrado em palavras trissilábicas iniciadas com sílaba CV. Este apagamento ocorre na vogal da primeira sílaba da palavra, ocasionando uma sequência consonantal, interpretada aqui como não ambígua, pois os falantes pronunciam estas consoantes separadamente, ressilabificando a primeira consoante. Por ser um processo ainda não estável no Mambae, optou-se por continuar considerando estas palavras como trissilábicas.



Há também nos dados processo de derivação, pelo prefixo causativo {a-}, que é adicionado a adjetivos ou a verbos intransitivos, transformando palavras com apenas um pé métrico em palavras com sílaba mais um pé métrico.



Este tópico de derivação será aprofundado no próximo capítulo que aborda as questões morfológicas da língua Mambae.

4.4.5.3 A Palavra com dois pés métricos

Não se encontrou nos dados palavras Mambae compostas de dois pés métricos (com quatro sílabas), com exceção de palavras formadas por composição (ver§5.2.1) ou palavras emprestadas de outras línguas (§4.7).

4.4.5.4 Léxico com uma sílaba.

Raízes que são menores que um pé métrico e contem uma única sílaba exercem função sintática no corpus de dados coletados em Mambae. Exemplos incluem *ba* que é um clítico de negação, as preposições *ma* e *la* e o relativizador *ke*.

4.4.5.5 Reduplicação

A reduplicação em Mambae providencia o suporte na identificação do pé métrico, da sílaba CVC e ainda a estrutura máxima da palavra em Mambae, que é de uma sílaba mais um pé métrico, como visto em §4.4.5.2.

O único tipo de reduplicação encontrada foi reduplicação parcial, no qual a palavra é copiada e prefixada ao pé métrico, mas reduzindo a vogal foneticamente alongada para uma vogal foneticamente simples, como observa-se nos exemplos abaixo

- (139)
- | | |
|--|---|
| σ σ

C V C V C
<i>h e e l</i> ‘devagar’ | σ σ σ

C V C- C V C V C
<i>h e l - h e e l</i> ‘lentamente’ |
|--|---|

- (140)
- | | |
|---|--|
| σ σ

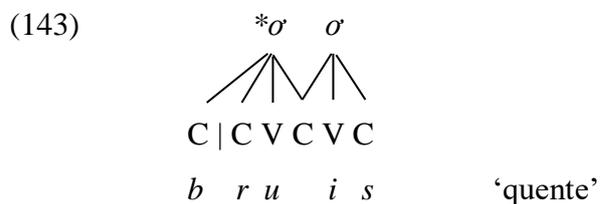
C V C V C
<i>i i d</i> ‘um’ | σ σ σ

C V C- C V C V C
<i>i d - i i d</i> ‘cada um’ |
|---|--|

4.5 Acento Lexical

O acento lexical em Mambae ocorre sempre na sílaba à esquerda do pé métrico. Isso significa que o penúltimo segmento vocálico é acentudado. Portanto, não distingue palavras.

Uma vogal acentuada é comumente realizada com intensidade aumentada e de duração um pouco maior se comparada com vogais não acentuadas. A sílaba acentuada é identificada por $*\sigma$.



4.6 Processos Fonológicos

Esta seção aborda alguns processos fonológicos identificados em Mambae que permeiam sílabas, morfemas e fronteira de palavras, tais como apagamento, coalescência, prótese, metátese e assimilação, como descrito nos tópicos abaixo.

4.6.1 Apagamento

Na língua Mambae ocorre dois tipos de apagamento: síncope e apócope

4.6.1.1 Síncope

A síncope é um processo de apagamento no qual a perda da vogal se realiza no meio da palavra. Como visto em §4.4.5.2, este processo ocorre na primeira sílaba de palavras trissílabas, produzindo encontros consonantais que a língua não possui. Em Mambae, estas consoantes acabam se ressilabificando e tornando-se o núcleo da primeira sílaba, não alterando a acentuação da palavra (ver §4.4.3).

- (145) [fa' não] > [f' não] 'roubar'
 (146) [ma' lae] > [m' lae] 'estrangeiro'
 (147) [do' loo] > [d' loo] 'verdade'
 (148) [ha' leu] > [h' leu] 'cercar'
 (149) [me' dei] > [m' dei] 'sentar'
 (150) [sa' maga] > [s' maga] 'alma'

4.6.1.2 Apócope

Apócope é o nome dado à perda da vogal final de uma palavra. Isto é uma mudança muito comum nas línguas do mundo e, observa-se, que na língua Mambae isto ocorre em dois dados de palavras compostas, no qual a primeira palavra perde a última vogal quando em composição de palavras.

- (151) [an' maɛn] 'menino' < /'ana 'maɛn/
 (152) [ɛr' tiris] 'cachoeira' < /'ɛra 'tiris/

4.6.2 Coalescência

A coalescência ocorre com dois fonemas consonantais idênticos na fronteira de duas palavras quando em composição de palavras. No corpus Mambae encontrou-se apenas uma ocorrência deste tipo de processo morfofonêmico.

(153) [leo'lau] 'céu' < /leoI-lau/

4.6.3 Prótese

Em Mambae, ocorre a adição do som [ʔ] no início da palavra que comece com uma vogal quando esta vier antecedida por uma palavra que termine em vogal ou com as consoantes [r] e [s], para a formação de uma palavra composta.

(154) [ni'ʔubu] 'sobrinho'

(155) [la'ʔuri] 'aqui'

(156) [er'ʔina] 'lago'

(157) [aus'ʔina] 'cadela'

4.6.4 Metátese

Metátese é um processo fonológico que ocorre pela simples mudança na ordem dos sons que ocorre em uma palavra. Em Mambae esta mudança ocorre na última sílaba CV que se torna VC em alguns ambientes. No Mambae Sul a metátese pode ser condicionada fonológica, morfológica ou sintaticamente. Nesta seção aborda-se a metátese como processo fonológico e o processo de assimilação que ocorre por conta deste. Nos próximos capítulos se abordará o processo de metátese condicionado morfológica e sintaticamente.

Tabela 4.13 - Metátese em Mambae.

Forma Não-Metátese	Forma-Metátese	Glossa
<i>etu</i>	<i>eut</i>	‘arroz’
<i>mane</i>	<i>maen</i>	‘masculino’
<i>dato</i>	<i>daot</i>	‘classe nobre’
<i>brusi</i>	<i>bruis</i>	‘quente’
<i>kode</i>	<i>koed</i>	‘bom’
<i>fata</i>	<i>faat</i>	‘quatro’
<i>futu</i>	<i>fuut</i>	‘junto’
<i>era</i>	<i>eer</i>	‘água’
<i>sisá</i>	<i>siis</i>	‘carne’
<i>osa</i>	<i>oos</i>	‘dinheiro’

Observa-se na tabela acima que a primeira coluna se refere as palavras com a forma não-metátese (forma-NM) CV e a segunda coluna a forma metátese (forma-M) ocorre transformando a última sílaba em VC. Este processo é claro nos cinco primeiros dados da tabela.

Nos últimos cinco dados da tabela, observa-se que na forma-M faz com que ocorra uma sequência de vogais VV idênticas ocorra. Contudo, isso não é um processo homogêneo. No sexto e sétimo dado, a sequência de vogais idênticas ocorre pela simples ocorrência do processo de metátese. Já nos dados oitavo, nono e décimo, esta sequência VV idêntica ocorre por conta do processo de assimilação que ocorre.

Este processo de assimilação é restrito, e só ocorre com palavras terminadas em /a/ quando esta sofre o processo de metátese, no qual esta vogal /a/ tende a assimilar os traços da vogal anterior, se tornando idêntica a primeira vogal da sequência VV.

Tabela 4.14 - Metátese em Mambae.

Forma Não-Metátese	Forma-Metátese	Glossa
<i>arfila</i>	<i>arfiil</i>	‘quando’
<i>ina</i>	<i>iin</i>	‘mãe’
<i>ida</i>	<i>iid</i>	‘um’
<i>kuda</i>	<i>kuud</i>	‘cavalo’
<i>uma</i>	<i>uum</i>	‘casa’
<i>orsida</i>	<i>orsiid</i>	‘depois’
<i>hina</i>	<i>hiin</i>	‘mulher’
<i>usa</i>	<i>uus</i>	‘chuva’

Observa-se que há na língua outras sequências VV em que o /a/ ocorre como segunda vogal. O processo de assimilação descrito acima é restrito a palavras com forma-M.

(158)	<i>kli</i>	‘seca’
(159)	<i>kiak</i>	‘pobre’
(160)	<i>tia</i>	‘pele’
(161)	<i>hean</i>	‘remar’
(162)	<i>mlua</i>	‘amplo’
(163)	<i>hua</i>	‘coração’
(164)	<i>koa</i>	‘buraco’

4.7 Empréstimos Fonético-Fonológicos no Mambae

Como já observado anteriormente, o Mambae está em contato com as línguas dos ecossistemas à sua volta, especialmente com as línguas oficiais - o Tetun e o Português - e o Indonésio, com o qual muitos tiveram contato na época escolar. Mesmo a língua inglesa estando presente no território timorense, não observou-se nenhuma influência de contato da mesma com o Mambae.

4.7.1 Fonemas consonantais emprestados

Os fonemas consonantais emprestados usados em Mambae são em sua maioria oriundos do Português, mas que foram incorporados ao Mambae via Tetun Dili. Há ainda algumas palavras de origem Indonésia. Os fonemas consonantais /p/, /v/, /z/ e /ʒ/ só aparecem em dados lexicais emprestados e sua assimilação difere de falante para falante.

/p/	[im' postu]	impostu	‘imposto’
	['grupu]	grupu	‘grupo’
	[de' pois]	depois	‘depois’
	['dapur]	dapur	‘cozinha’
/v/	['livru]	livru	‘livro’
	[fa' voor]	favour	‘favor’
	[du' vida]	duvida	‘dúvida’
/z/	[goza]	goza	‘gozar’
	[zera' saun]	jerasaun	‘geração’
	['zura]	jura	‘jurar’

/ʒ/	['finʒi]	finji	‘fingir’
	[ban'deʒa]	bandeja	‘bandeja’

4.7.2 Fonemas vocálicos no léxico emprestado

Os fonemas vocálicos encontrados no léxico emprestado são os mesmos encontrados em Mambae. Em palavras emprestadas com vogais nasais, diferentemente da pronúncia dos falantes de português como língua materna, os falantes de Mambae não nasalizam estas vogais.

(165)	Português	Mambae
	['bãŋku]	['banku]
	['tãŋki]	['tanki]

Observou-se também que falantes de Mambae – assim como no Tetun - tendem a alongar as vogais para compensar o acento em palavras oxítonas de origem portuguesa.

(166)	Português	Mambae
	[ka'fɛ]	[ka'fɛ:]
	[fa'vor]	[fa'vo:r]

4.7.3 Estrutura silábica em empréstimos lexicais

A estrutura das palavras emprestadas, especialmente do Português, diferem do Mambae principalmente em: 1) nos encontros consonantais que ocorrem na última sílaba e 2) existência de palavras polissílabas (com quatro ou mais sílabas) - enquanto no Mambae a estrutura lexical máxima é de uma sílaba + pé métrico (ou três sílabas).

Tabela 4.15 - Raiz lexical com um pé métrico e uma consoante extra.

Estrutura das Palavras emprestadas	Transcrição Mambae	Glossa
CV_CVC CV_CVC	[governa'do:r]	‘governador’
CV_CV_ CVCCV_	[kilo'metru]	‘quilômetro’
CVCCVC	[¹mestri]	‘mestri’
CVCCV_	[¹maski]	‘mas que’

4.8 Observações fonéticas-fonológicas nas Línguas Mambae.

Algumas observações fonéticas foram evidenciadas durante o processo de análise entre as línguas Mambae Noroeste, Mambae Nordeste-Central e Mambae Sul. A que mais chama a atenção e é destacada por todos os falantes de Mambae é o fortalecimento do fone [f] para [p] no Mambae Noroeste, que também notou-se ocorrer em algumas partes do Mambae Sul (Hatu-Udo e Betano) em apenas alguns casos.

Tabela 4.16 - Os fones [p] e [f] em Mambae.

Mambae Noroeste	Mambae Nordeste-Central	Mambae Sul	Português
<i>napai/nahai</i>	<i>nafai</i>	<i>napai/nafai</i>	‘hoje’
<i>nipa</i>	<i>nifa</i>	<i>nipa/nifa</i>	‘dente’
<i>puu</i>	<i>fuu</i>	<i>puu/fuu</i>	‘soprar’
<i>aepa</i>	<i>aifa</i>	<i>aep/ae f</i>	‘fogo’
<i>proa</i>	<i>froa</i>	<i>roo</i>	‘barco’
<i>garpu</i>	<i>garfu</i>	<i>garfu</i>	‘garfo’
<i>poa</i>	<i>foa</i>	<i>poo/foo</i>	‘manga’
<i>kapee</i>	<i>kafee</i>	<i>kafee</i>	‘café’
<i>pdesi</i>	<i>kbesi</i>	<i>fdesi</i>	‘perto’
<i>arpiil</i>	<i>arfiil</i>	<i>arfiil</i>	‘quando’
<i>paat</i>	<i>faat</i>	<i>paat/faat</i>	‘quatro’
<i>pliiik</i>	<i>fliik</i>	<i>fliik</i>	‘ouvir’
<i>pnao</i>	<i>fnao</i>	<i>fnao</i>	‘roubar’

Observa-se que a mudança fonética de [f] para [p] é consistente no Mambae Noroeste, mas apenas em alguns dados do Mambae Sul. Esta consistência permanece em palavras emprestadas do português como ‘garfo’ e ‘café’.

Há três dados em que ocorre uma certa mudança de [l] para [n] dentro do Mambae Nordeste-Central, exclusivamente em palavras referentes as partes do corpo.

lima ~ nima	‘mão’
glutan ~ gnutan	‘cabeça’
ilu ~ inun	‘nariz’

Outra observação fonética é uma variação livre entre os pares fonéticos [k] e [g], [a] e [e]. Isto ocorreu de modo não específico entre as diferentes comunidades de fala Mambae.

gugun ~ kukun	‘boca’
saguul ~ sakuul	‘dez’
hina ~ hine	‘mulher’

Há também o que Crowley (1987, p. 31) denomina de compressão, processo no qual uma ou mais sílabas apagam do final ou meio de uma palavra. Observa-se isto em algumas palavras entre todas as variantes Mambae, o que sinaliza que esta compressão é um processo corrente nas línguas Mambae.

lamalaun ~ lama	‘língua’
hohoteten ~ hoho	‘costas’
kukeran ~ kui	‘urina’
tadloo ~ taad	‘saber’

Os dois últimos processos a se destacar aqui é o de Metátese e Resilabificação presentes na tabela abaixo.

Tabela 4.17 - Comparação de Mudança Fonética

Mambae Noroeste	Mambae Sul	Mambae Nordeste-Central	Português
<i>asu</i>	<i>aus</i>	<i>ausa</i>	‘cão’
<i>etu</i>	<i>eut</i>	<i>euta</i>	‘arroz cozido’
<i>manu</i>	<i>maun</i>	<i>mauna</i>	‘pássaro’
<i>hato</i>	<i>haut</i>	<i>hauta</i>	‘pedra’
<i>hito</i>	<i>hiut</i>	<i>hiuta</i>	‘estrela’
<i>nero</i>	<i>neur</i>	<i>neura</i>	‘faca’
<i>sabu</i>	<i>saub</i>	<i>sauba</i>	‘bruxo’
<i>liro</i>	<i>leor</i>	<i>leura</i>	‘macaco’
<i>heha</i>	<i>haeh</i>	<i>haiha</i>	‘porco’
<i>laho</i>	<i>laoh</i>	<i>laha</i>	‘rato’
<i>daro</i>	<i>daor</i>	<i>daura</i>	‘mexirica’

Uma característica única do Mambae Sul é o processo de Metátese, que não ocorre nos Mambae Noroeste e Nordeste-Central. Crowley (1987, p. 34) define Metátese como a “simples

mudança da ordem que os sons ocorrem”⁵⁰. Entre as línguas Mambae o que ocorre é, geralmente, a inversão da última sílaba no Mambae Sul, como apresentado nos dados acima. O fenômeno de metátese na língua Mambae Sul é muito mais complexo e será analisado nos próximos capítulos de descrição gramatical.

No Mambae Nordeste-Central evidencia-se a adição do sufixo {-a} no final de nomes comuns em formas metatesificadas, ressilabificando as palavras. Considerando que no Mambae as palavras são predominantemente paroxítonas, há a alteração do acento destas, que passam a ser trissílabas, mas com acentuação na segunda sílaba. Segundo Blust (2009, p. 633), este morfema {-a} também foi identificado na língua Kiandarat by Collins (1982, p. 119 apud Blust, 2009, p. 633), mas ainda não foi identificado ou clarificado, sendo necessário uma análise sincrônica e diacrônica deste fenômeno dentro das línguas Austronésias.

4.9 Ortografia

A ortografia adotada para os fonemas consonantais e vocálicos nesta gramática são apresentadas na tabela abaixo.

Tabela 4.18 - Convenções ortográficas para o Mambae

Consoantes																
Fonemas	p	b	t	d	k	g	m	n	r	f	v	s	z	ʒ	h	l
Ortografia	p	b	t	d	k	g	m	n	r	f	v	s	z	j	h	l
Vogais																
Fonemas	i	e	ɛ	a	ɔ	o	u									
Ortografia	i	e	e	a	o	o	u									

A ortografia é baseada na fonologia apresentada nesta pesquisa e segue basicamente a mesma ortografia da língua oficial de Timor-Leste, o Tetun. A letra j é adotada para o fonema português /ʒ/. Os fones vogais alongados [V:] são representados por uma sequências vocálica idêntica VV, baseada na análise fonológica.

⁵⁰ ‘it is simply a change in the order of sounds as they occur’ (CROWLEY, 1987, P. 34)

4.10 Síntese

O inventário fonêmico do Mambae Sul consiste de 12 fonemas consonantais (cinco oclusivas, duas nasais, uma vibrante múltipla, três fricativas e uma aproximante lateral) e 7 fonemas vocálicos (três anteriores, três posteriores e uma central baixa).

O Mambae mostra uma clara preferência por palavras dissilábicas e por sílabas CV(C), que são consideradas estruturas tipologicamente comuns. A acentuação primária ocorre sempre na penúltima sílaba.

Descreveu-se cinco processos morfofonêmicos em Mambae como: apagamento, coalescência, prótese, metátese e assimilação, sendo que a metátese é o processo mais complexo e é condicionado por diferentes elementos dentro da gramática da língua.

Adicionalmente ao sistema consonantal nativo de 12 fonemas, o Mambae adotou quatro segmentos fonológicos emprestados /p/, /v/, /z/ e /ʒ/ e permite ocorrer outras estruturas lexicais em palavras emprestadas, como palavras polissílabas e a ocorrência de palavras CVCCVC.

5 FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Mambae possui pouca produtividade morfológica, no qual cada palavra consiste em um morfema, ou seja, cada raiz lexical é uma palavra e cada elemento gramatical é considerado como uma palavra distinta. Esta é uma característica de uma língua classificada na morfologia como língua tipologicamente isolante (DIXON, 2010 e CROWLEY 1987).

Contudo, a língua Mambae não se encaixa exatamente somente nesta tipologia morfológica, pois possui alguns processos morfológicos na formação de palavras como lexicalização, derivação e metátese. Dixon (2010, p. 226) aborda um agrupamento de origem grega, no qual o Mambae se encontra na tipologia analítica, pois acumula poucos componentes morfológicos por palavra. Isto se evidencia no quadro abaixo.

Tabela 5.1 - Classificação Tipológica Mambae

A					
Polissintética					
Sintética					
Analítica					
	Mambae	Isolante	Aglutinante	Fusional	B

(Retirado de Dixon, 2009, p. 227)

Na língua Mambae é necessário distinguir entre raízes lexicais e elementos funcionais. Raízes lexicais formam a base do conteúdo das palavras como nomes, verbos, adjetivos e advérbios. Os elementos funcionais⁵¹ são aqueles que tendem a modificar as principais raízes lexicais, como marcadores de tempo-aspecto-modo, classificadores e preposições. Estes tendem a serem menores que uma raíze lexical e não são lexicalmente acentuados.

Os processos básicos de formação de palavras no Mambae são composição, lexicalização, reduplicação, derivação e metátese, que são detalhadamente descritos nas próximas seções.

⁵¹ Em inglês *functors*.

5.1 Composição

Composição consiste na formação de um novo lexema pela junção de duas ou mais raízes dentro de uma só palavra. Em Mambae, a demarcação entre composição e uma expressão sintagmática não são sempre claras. Não existe um critério fonológico, morfológico, morfossintático ou semântico que permita classificar a sequência de palavras ambíguas como composição ou um sintagma.

Alguns critérios que são sugeridos por Aikhenvald (2007, p. 24) para distinguir palavras compostas de uma expressão sintagmática: critérios fonológicos, morfológicos, morfossintáticos e semânticos. Contudo, nos dados em Mambae, estes critérios não permitiram classificar a sequência de palavras ambíguas. Há apenas três dados em que ocorre um processo morfofonêmico de apócope (ver §4.6.1.3):

(01)	[an'maɛn]	‘menino’	<	['ana-'maɛn]
(02)	[an'hina]	‘menina’	<	['ana-'hina]
(03)	[ɛr'tiris]	‘cachoeira’	<	['ɛra-'tiris]

Desta forma, opta-se por seguir a definição de composição feita por Lieber e Stekauer's (2009, p. 14), no qual algumas combinações de palavras são “como composição”⁵² e outras “nem tanto como composição”⁵³, fazendo a distinção entre palavras compostas e expressão sintagmática pelo contexto e frequência de ocorrência.

Sintaticamente as palavras compostas em Mambae são consideradas como uma única palavra. A maioria das palavras compostas são nominais, composta de duas entradas lexicais, organizadas em pelo menos alguns tipos de composição nominais, dos quais quatro são descritos abaixo.

O primeiro tipo é uma composição genérica-específica, no qual o primeiro nome é um classificador genérico e o segundo nome traz uma especificidade ao primeiro.

(04)	<i>ana</i>	‘filho’ (geral)
	<i>ana mane</i>	‘filho’
	<i>ana hina</i>	‘filha’
	<i>anmane</i>	‘menino’
	<i>anhina</i>	‘menina’
	<i>ankate</i>	‘criança’

⁵² *More compound-like.*

⁵³ *Less compound-like.*

- (05) *ai* 'árvore'
ai hetu 'flor'
ai hua 'fruta'
ai nora 'folha'
ai tia 'casca'
- (06) *maun* 'pássaro ou galo'
maun telo 'ovo'
maun ina 'ave fêmea ou galinha'

O segundo tipo de composição é uma construção possessiva, no qual o primeiro nome funciona como o principal elemento e o segundo traz uma modificação ou contém uma função específica. Geralmente ocorre com nomes de partes do corpo, produtos animais, partes de plantas e frutas específicas.

- (07) *Aidiil* 'mamão'
Aidiil hetu 'flor do mamão'
Aidiil nora 'folha do mamão'
- (08) *hua* 'coração'
oe hua 'dedo do pé'
liim hua 'dedo da mão'
mata hua 'globo ocular'
ai hua 'fruta'

O terceiro tipo são palavras compostas para especificar lugares onde geralmente ocorrem certas atividades.

- (09) *mori hati* 'lugar de nascimento'
hela hati 'lar'
rate hati 'cemitério'
ana hati 'útero'

No quarto tipo nenhum dos nomes funcionam como constituinte principal. Eles especificam algo que não é uma subcategoria de ambos os componentes.

- (10) *ina-ama* ‘pais’
 (11) *hoda-ada* ‘dia e noite continuamente’
 (12) *duu-sae* ‘ir para cima e para baixo’ (caminhar nas montanhas)
 (13) *laa-maa* ‘ida e volta’

Não há ainda um consenso ainda na ortografia do Mambae, por ser esta uma língua oral. Alguns escrevem as palavras compostas como uma única palavra (*anmane* ‘menino’), outros como duas (*ana mane* ‘filho’) e outros utilizando o hífen. Neste trabalho optou-se por utilizar o hífen nos casos em que pode haver ambiguidade no significado, como mostra o exemplo abaixo:

- (14) *laura* ‘Laura’ (nome de pessoa)
la ura ‘não ele’
la-ura ‘lá’

5.2 Lexicalização

Segundo Grimes (2013, p. 90), lexicalização é a combinação não produtiva de raízes lexicais com forma e significado semântico estáticos, geralmente motivada por tabu. Em Mambae encontrou-se alguns casos de lexicalização, conforme os exemplos abaixo.

- (15) *namaa* ‘comida’ < *nam aa* ‘coisa comer’
 (16) *namaer* ‘luz’ < *nam aef* ‘coisa fogo’
 (17) *itubudaot* ‘crocodilo’ < *iit ubu daot* ‘3S pessoa senhor’
 (18) *matadoo* ‘feiticeiro’ < *mata doo* ‘olho longe’
 (19) *hulai-maa* ‘menstruação’ < *hulai maa* ‘mês vem’
 (20) *bisa-nor-malai* ‘benção’ < *bisa nor malai* ‘frio e leve’
 (21) *kuku-nor-lama* ‘representante’ < *kuku nor lama* ‘boca e língua’

5.3 Reduplicação

Reduplicação refere-se à “operação morfológica em que uma nova palavra (ou forma) é criada ao copiar uma palavra ou uma parte dessa e afixar esta cópia em sua base”⁵⁴ (BOOIJ, 2007, p. 321). Uma característica das línguas Austronésias é que a reduplicação possui uma produtividade morfológica alta para o surgimento de novas palavras (HIMMELMANN, 2005).

⁵⁴ “the morphological operation in which a new word (form) is created by copyin a word or a part thereof, and affixing that copy to the base”.

Contudo, no Mambae Sul não se encontrou muitos casos de reduplicação, geralmente com advérbios, indicando intensidade ou coletividade.

A reduplicação em Mambae se dá de forma parcial. A parte reduplicante é uma sílaba pesada que é prefixada à raiz da qual empresta a melodia fonêmica.

- (22)
- | | | | |
|--------------|--------------|------------|------------------|
| σ | $*\sigma$ | σ | |
| | | | |
| CVC | -CVC | CVC | |
| <i>m e t</i> | - <i>m e</i> | <i>e t</i> | ‘todos’ |
| <i>k i d</i> | - <i>k i</i> | <i>i d</i> | ‘de um em um’ |
| <i>h e l</i> | - <i>h e</i> | <i>e l</i> | ‘lentamente’ |
| <i>h u r</i> | - <i>h u</i> | <i>u r</i> | ‘rapidamente’ |
| <i>k o d</i> | - <i>k o</i> | <i>e d</i> | ‘cuidadosamente’ |

Observa-se no exemplo acima que a sílaba afixada a raiz é parcialmente a sua réplica, modificada com o apagamento da segunda vogal da sequencia vocálica VV da raiz. Contudo, encontrou-se dois exemplos em que a reduplicação parcial funciona de forma um pouco diferente. No exemplo 23 a reduplicação acontece com a prefixação de uma sílaba pesada formada pelos três primeiros fonemas da raiz. Já no exemplo 24, com uma raiz iniciada em vogal, o início VC é copiado para cima do esqueleto silábico reduplicado.

- (23)
- | | | | |
|--------------|----------------|----------|-----------------|
| σ | $*\sigma$ | σ | |
| | | | |
| CVC | -CVC | CVC | |
| <i>b a k</i> | - <i>b a k</i> | <i>o</i> | ‘continuamente’ |

- (24)
- | | | | |
|------------|--------------|----------|-----------|
| σ | $*\sigma$ | σ | |
| | | | |
| CVC | -CVC | CVC | |
| <i>i d</i> | - <i>i d</i> | <i>a</i> | ‘cada um’ |

Observa-se que em todos os casos a reduplicação ocorre em raízes lexicais dissilábicas, reduplicando a sílaba acentuada - que no caso do Mambae é sempre a penúltima sílaba.

5.4 Derivação

Em Mambae derivação é um processo morfológico no qual um afixo é unido a raiz lexical para produzir novos léxicos. Este processo tipicamente se aplica a nomes e verbos. No domínio verbal, verbos causativos podem ser derivados de verbos intransitivos e adjetivos pela prefixação de {a-} (§5.4.1). Há também os sufixos {-door} {-tee} e {-n}, que são afixados a nomes e adjetivos indicando o ator da ação e são descritos nas seções de §5.4.2 a §5.4.4 respectivamente.

5.4.1 O prefixo a-

Em Mambae a causativização morfológica é efetuada pelo acréscimo, no verbo ou adjetivo, do morfema derivacional {a-} com significado causativo, aumentando, conseqüentemente, a valência deste verbo, como observado na tabela 5.1.

Tabela 5.2 - Causativização em Mambae.

adjetivo	{a-} + adjetivo	glossa
<i>kiak</i>	<i>akiak</i>	‘criar’
<i>loor</i>	<i>aloor</i>	‘associar-se com’
<i>moo</i>	<i>amoo</i>	‘limpar’
verbo intransitivo	{a-} + verbo intransitivo	glossa
<i>libur</i>	<i>alibur</i>	‘reunir’
<i>mou</i>	<i>amou</i>	‘fazer cair’
<i>sae</i>	<i>asae</i>	‘levantar’
<i>sai</i>	<i>asai</i>	‘remover’

Encontrou-se dados apenas uma ocorrência de causativização em nome, como observa-se no exemplo 191.

(25) *nai* ‘senhor’ *anai* ‘adorar’

Há no Mambae alguns verbos causativos que iniciam com o morfema {a-} mas que não derivam de nenhum outro verbo intransitivo, adjetivo ou nome.

(26) *alui* ‘derrubar algo’

(27) *araik* ‘tornar humilde’

- (28) *asoor* ‘confrontar’

5.4.2 O sufixo -door

O sufixo {-door} é um nominalizador, um sufixo nominal de origem latina que ocorre em nomes derivados de verbos e exprime a idéia de agente. É um sufixo português que chegou ao Mambae por meio do Tetun. Os exemplos de 29 a 32 são de raízes lexicais de origem Mambae no qual houve a sufixação. Os demais exemplos são palavras de origem portuguesa que foram adotadas pelos falantes Mambae.

- (29) *loet-door* ‘assassino’
 (30) *man-door* ‘capataz’
 (31) *brusi-door* ‘pessoa nervosa’
 (32) *soro-door* ‘caçador’
 (33) *traidoor* ‘traidor’
 (34) *governadoor* ‘governador’
 (35) *peskadoor* ‘pescador’

5.4.3 O sufixo -tee

O sufixo {-tee} é adicionado a adjetivos (ex. 36 e 37) ou a verbos (ex. 38 e 39) para criar um adjetivo agentivo, que descreve a pessoa que realiza a atividade ou a característica identificada da raiz lexical. É uma derivação perjorativa, pois *tee* significa ‘fezes’ em Mambae.

- (36) *beik-tee* ‘idiota’
 (37) *nakar-tee* ‘perverso’
 (38) *fnao-tee* ‘ladrão’
 (39) *mlaku-tee* ‘beberrão’

5.4.4 O sufixo -n

O morfema {-n} é um sufixo nominal que marca o caso genitivo em grande parte das línguas Austronésias, indicando posse inalienável para termos de parentesco, partes do corpo, etc. Este morfema não é característico do Mambae Sul, ocorre somente nas variantes Mambae Nordeste-Central e Mambae Noroeste. No Mambae Sul o genitivo é caracterizado pelo processo de metátese, como se vê na próxima seção.

5.5 Metátese

Em Mambae o processo de metátese possui diferentes funções. Em morfologia possui uma função na construção de classe de palavras (BURQUEST, 2006, p 176). A forma-NM define os nomes, enquanto a forma-M determina os verbos.

Tabela 5.3 - processo morfológico de metátese nos nomes-verbos.

Nome	Glossa	Verbo	glossa
<i>domi</i>	‘amor’	<i>doim</i>	‘amar’
<i>mate</i>	‘morte’	<i>maet</i>	‘morrer’
<i>mori</i>	‘vida’	<i>moir</i>	‘viver’
<i>nori</i>	‘ensino’	<i>noir</i>	‘ensinar’
<i>kuidadu</i>	‘cuidado’	<i>kuidaud</i>	‘cuidar’

Observa-se que nos dados da tabela 5.2, esse processo ocorre com verbos relacionados a nomes abstratos, incluindo um empréstimo lexical da língua portuguesa (por meio da língua Tetun), *kuidadu*, que passa pelo processo de metátese para gerar o verbo *kuidaud* ‘cuidar’.

Há também duas ocorrências de metátese com um advérbio ‘perto’ e com um adjetivo ‘quebrado’.

(40)	<i>fedesi</i>	‘perto’	<i>fedeis</i>	‘aproximar’
(41)	<i>afo</i>	‘quebrado’	<i>aof</i>	‘quebrar’

6 SINTAGMA NOMINAL

Este capítulo descreve o sintagma nominal simples na língua Mambae com seus componentes e estruturas. O sintagma nominal mínimo é tipicamente preenchido por um nome. Os sintagmas nominais mais extensos podem ser constituídos por outros modificadores gramaticais como adjetivos, possessivos, numerais e determinantes.

Tabela 6.1 - Estrutura simples do sintagma nominal

(possessivo)	Núcleo	(modificadores)	
		(atributivos)	(determinantes)
		sintagma nominal descritivo	demonstrativos
		sintagma possessivo	locativos
		sintagma adjetival	quantificadores
		sintagma numeral	

Como observa-se na tabela 6.1, o núcleo é formado principalmente por um nome (§6.1), que pode estar só ou ser modificado por um constituinte pré-posto ou pós-posto. Na posição antes do nome encontra-se o possessivo, enquanto depois do nome segue-se os modificadores, que podem ser divididos em duas categorias – atributivos e determinantes. Os atributivos são sintagmas nominais descritivos (§6.1.1), possessivos (§6.3), adjetivais (§6.4), e numerais (§6.5). Todos estes ocupam a posição entre o núcleo e os determinantes, que são os demonstrativos e locativos (§6.6) e quantificadores (§6.7). Embora múltiplas categorias de atributivos e determinantes são permitidos, não é muito comum encontrar sintagma nominal com mais que três modificadores.

(01) *Room ubu ruu lalai ni saal.* [núcleo-número]
 pessoa CLAS:HUM dois andar PREP estrada
 ‘Duas pessoas estão andando na estrada.’

(02) *Biub serгаа met au.* [núcleo-quantificador]
 cabra QUANT:PL também 1S:POSS
 ‘Todas estas cabras são minhas.’

6.1 Núcleo do Sintagma Nominal

O Núcleo do sintagma nominal é comumente preenchido por nomes comuns, nomes próprios ou pronomes, como observa-se nos exemplos abaixo respectivamente.

- (03) *Malae buti agora maa noir Timor met.*
Estrangeiro branco agora vir ensinar Timor ANT
'Os estrangeiros brancos vieram ensinar em Timor (Timor-Leste).'
- (04) *Yaya ura eskola klase teul soob.*
Yaya 3S escola classe três PERF
'A Yaya já está no terceiro ano escolar.'
- (05) *Au nei au kau mane kiid.*
1S have 1S:POSS irmão mais novo homem DET
'Eu tenho um irmão mais novo.'

Em Mambae não há concordância de gênero no nome. Quando há a necessidade de se especificar o gênero humano ou animal, acrescenta-se ao nome as palavras masculino e feminino, que em Mambae são definidas respectivamente para humanos, mane e hina, e para animais, ama e ina.

- | | | |
|------|---|---|
| (06) | <i>ana mane</i>
filho masculino
'filho' | <i>ana hina</i>
filho feminino
'filha' |
| (07) | <i>biub mlae ama</i>
cabra estrangeiro macho
'carneiro' | <i>biub mlae ina</i>
cabra estrangeiro fêmea
'ovelha' |
| (08) | <i>maun ama</i>
pássaro macho
'galo' | <i>maun ina</i>
pássaro fêmea
'galinha' |

6.1.1 Sintagma nominal descritivo

Um sintagma nominal descritivo é composto por um núcleo nominal modificado por outro nome que descreve o núcleo nominal. Isto implica que existem sintagmas nominais

descritivos de tipos similares para contrastar, e estes tendem apresentar uma estratégia genérica-específica para o processo informacional.

- (09) *maun hui* ‘galo selvagem’
 maun Filipinu ‘galo filipino’

O mesmo nome *maun* pode ser modificado por atributivos – adjetivos ou modificadores verbais.

- (10) *maun buti* ‘galo branco’
 maun moras ‘galo doente’

É importante destacar a diferença entre sintagma nominal descritivo e composição de palavras nominais. Como foi abordado em §5.1, não há muita clareza entre a diferença de palavras compostas e sintagma nominal descritivo. Entretanto, observa-se nos dados que a segunda palavra do sintagma nominal descritivo geralmente tem por objetivo descrever o primeiro nome (218); enquanto na composição nominal, o segundo nome tem função de definir ou identificar partes do primeiro nome (219).

- (11) *maun Filipinu* ‘galo filipino’
 (12) *maun telo* ‘ovo’

6.2 Pronomes

Em Mambae os pronomes são definidos como uma classe de palavras fechada que varia por pessoa. ‘Pro-nome’ sugere um substituto para um nome (DIXON, p. 190). Como observa-se nas seções abaixo, o pronome pode substituir os nomes ou mesmo sintagmas nominais inteiros. Encontrou-se em Mambae os pronomes pessoais (§6.2.1), possessivos (§6.2.2), reflexivos (§6.2.3) e recíprocos (§6.2.4).

6.2.1 Pronomes pessoais

Os pronomes pessoais em Mambae podem ser definidos como um referente inerente e de expressões definidas, e sua principal função é indicar a definição e o valores de número de pessoa, permitindo a identificação inequívoca de seus referentes. Para completar estas

características, os pronomes pessoais também definem seus referentes – não marcam caso ou gênero. Eles podem ocupar a posição de núcleo do sintagma nominal ou ser usados como substitutos para um sintagma nominal.

Os pronomes pessoais encontrados em Mambae são listados na tabela 6.2.

Tabela 6.2 - Pronomes Pessoais em Mambae

	singular	plural inclusivo	plural exclusivo
1ª pessoa	au ‘eu’	iit ‘nós’	aem ‘nós’
2ª pessoa	iit ‘você’		iim ‘vocês’
3ª pessoa	ura ‘ele’		room ‘eles’

Em Mambae há sete tipos de pronomes pessoais: três singulares e quatro plurais. Detaca-se a diferença entre os dois pronomes de primeira pessoa do plural *iit* e *aem*. *iit* é um pronome inclusivo e *aem* um pronome exclusivo.

Os pronomes pessoais são considerados pronomes livres em Mambae - podem ser usados de forma igualitária para sujeito de verbos intransitivos e agente e objeto de verbos transitivos. Os exemplos abaixo ilustram o comportamento pronominal com verbos transitivos ativos (220 e 221), intransitivos ativos (222 e 223) e verbos não-ativos (224 e 225).

- (13) *Mahee au dae fuil telo ura.*
 mas 1S bater matar PERF 3S
 ‘Mas eu bati nele até matá-lo.’
- (14) *Roo dae room nor sikoti.*
 pessoa bater 3PL com chicote
 ‘As pessoas bateram neles com o chicote.’
- (15) *Ura laa ni hati kiid seneda.*
 3S ir LOC lugar DERT tranquilo
 ‘Ele foi para um lugar tranquilo.’
- (16) *Room suil la Same.*
 3PL voltar PREP Same
 ‘Eles voltaram de Same.’
- (17) *Ura mate.*
 3S morrer
 ‘Ele morreu.’

- (18) *Au beli tustus.*
 1S fome muito
 ‘Eu estou faminto.’

Observa-se nos exemplos acima que dificilmente se utiliza um pronome como agente e um pronome como objeto na mesma sentença. Isto ocorre porque no discurso Mambae, apenas o principal personagem é traqueado com pronome. Todos os outros personagens secundários são identificados por nome. A única exceção é referente ao pronome de primeira e segunda pessoa, como observa-se no exemplo 217.

Esta diferenciação de primeira e segunda pessoa ocorre pois no Mambae há uma distinção dêitica no qual a terceira pessoa tem uma situação especial, não possui traços que são comuns à primeira e à segunda pessoas, somente o *eu* e *tu* indicam pessoas, enquanto o *ele* pode ser uma infinidade de sujeitos ou nenhum específico, explicitado apenas no contexto e não na situação.

Benveniste (2005) elenca duas características para esta distinção: a unicidade e a inversibilidade. Para ele, o *eu* e *tu* são únicos, o *eu* que enuncia e o *tu* ao qual o *eu* se dirige. E são inversíveis pois o que *eu* define como *tu* pode tornar-se *eu* e o *eu* inverter-se para *tu* – o que é impossível numa relação entre estes pronomes e *ele*. Este assunto será abordado novamente no capítulo 10.

6.2.2 Pronomes possessivos

Os pronomes pessoais se tornam pronomes possessivos atributivos quando antecedem um nome dentro do sintagma nominal, conforme os exemplos abaixo.

- (19) *Au ama nor apa kase ura ba fliik.*
 1S mãe CONJ pai falar 3S NEG ouvir
 ‘Meus pais falavam, mas ele não ouvia’.
- (20) *Aem ana liim: hiin faat, maen iid.*
 1EXCL filho cinco feminino quatro masculino um
 ‘Nós temos cinco filhos: quatro mulheres e um homem.’

- (21) *Im sergia fee Au ina nor Au kau dloo.*
 2PL DEIT FOC 1S mãe CONJ 1S irmão mais novo verdade
 Vocês são minha mãe e meus irmãos verdadeiros.

Observa-se nos dados acima que a construção pronominal é o pronome possessivo + nome possuído. Esta construção ocorre com nomes inalienáveis. Já com nomes alienáveis, acrescenta-se o possessivo *ni* após o pronome.

- (22) *Agora au konta siil au ni viagem la nasaun Indonesia.*
 agora 1S contar novamente 1S POSS viagem PREP nasaun Indonésia
 ‘Agora eu vou contar sobre minha viagem para a Indonésia’
- (23) *Arfila ura mate, ura ni ama hei mori.*
 quando 3S morrer 3S POSS pai CONT vida
 ‘Quando ele morreu, seu pai ainda estava vivo.’

A questão de posseção em Mambae é descrita detalhadamente na seção §6.3 deste capítulo.

6.2.3 Pronome reflexivo

O marcador pronominal *lolo* é usado para criar expressões reflexivas. No Mambae expressões reflexivas são formadas com este pronome reflexivo que refere-se a mesma pessoa ou coisa do sujeito verbal. O pronome reflexivo *lolo* pode ocorrer como objeto direto após o verbo referindo-se ao sujeito.

- (24) *Atino defende lolo ni tribunal.*
 Atino defender RECP LOC tribunal
 ‘Atino se defende no tribunal’
- (25) *Mahee ura koo lolo ba kode.*
 mas 3S esconder RECP NEG bom
 ‘Mas ele não conseguiu se esconder’

Ou pode ocorrer como um modificador atributivo, procedendo o nome dentro do sintagma nominal.

- (26) *Kuandu au maet, iim tenki oid au eta lolo la taan ni tata Azé*
quando 1S morrer 2PL ter-que trazer 1S corpo RECP PREP enterrar LOC avô Azé
ni rate.
POSS título
‘Quando eu morrer, vocês têm que me enterrar junto do avô Azé.’

6.2.4 Pronome recíproco

A reciprocidade em Mambae é marcada pelo pronome recíproco *loor*. Ele pode ser usado para indicar uma relação recíproca entre nominais (parentesco) (ex. 234) ou uma ação ou estado de reciprocidade. Quando *loor* é usado com verbos de ação ele ocorre como objeto, indicando ação de reciprocidade e uma pluralidade do sujeito que está atuando simultaneamente como Agente e Paciente (ex. 235 e 236).

- (27) *Manuel asoor loor nor ni bou.*
Manuel encontrar RECP com POSS irmão mais velho
‘Manuel encontrou-se com seu irmão mais velho.’
- (28) *Room ba leob komprende loor des.*
3PL NEG poder compreender RECP consequentemente
‘Consequentemente eles não conseguiam se entender.’
- (29) *Nei daot ubu faat alibur loor futu.*
existir rei CLAS:humano quatro reunir RECP junto
‘Existiam quatro reis que se uniram.’
- (30) *Amau nor Anita kof loor nor muma loor bel.*
Amau CONJ Anita abraçar RECP CONJ beijar RECP CONT
‘Amau e Anita se abraçavam e se beijavam.’

Com verbos não-ativos, o pronome recíproco segue o verbo indicando uma atitude, orientação ou estado de reciprocidade.

- (31) *I ura ba kode loor nor au man muna.*
CON 3S NEG bom RECP CONJ 1S igual PASS
‘E ele não é bom comigo como antigamente.’

6.3 Possessivos

As construções possessivas são formas típicas de como línguas expressam diferentes relações semânticas dentro de uma mesma construção formal usada para expressar posse, embora uma relação semântica nem sempre é uma possessão. Desde modo, é importante distinguir sintagma nominal possessivo de orações possessivas (ver §8.13). Segundo Payne (1997, p. 104), “um sintagma nominal possessivo contém dois elementos: um possuidor e algo possuído”⁵⁵. Às vezes o possuidor é referido como o genitivo, enquanto o outro elemento é o possuído.

A língua Mambae faz distinção entre posse alienável, inalienável e nominalização, que possuem construções possessivas gramaticais diferentes dentro de um sintagma nominal, como observa-se nas seções a seguir.

6.3.1 Posse alienável

A posse alienável é o tipo de possessão que possui um fim (PAYNE, 2007, p. 105). O Mambae possui um marcador de genitivo *ni*, que geralmente é introduzido entre o nome possuidor (genitivo) e o nome possuído. O *ni* é um marcador de genitivo comumente encontrado em grande parte das línguas Austronésias.

Em Mambae a posse alienável dentro do sintagma nominal possui duas ordens, como na tabela 6.3.

Tabela 6.3 - Construção de Posse alienável em Mambae

genitivo (possuidor)	+	ni	+	possuído
possuído	+	genitivo (possuidor)	+	ni

O possuidor é sempre marcado pela forma *ni*, identificando assim o genitivo, independente de sua posição no sintagma nominal, como observa-se nos exemplos abaixo.

⁵⁵ “a possessive noun phrase contains two elements: a possessor e a possessed item.”

- (32) *Aem ni komandanti companhia pelutaun room.*
 2EXCL POSS comandante companhia pelotão PL
 ‘O comandante do nosso pelotão’
- (33) *Au fliik Euriko ni tero ni uri.*
 1S ouvir Euriko POSS voz LOC aqui
 ‘Eu ouvi a voz do Euriko aqui’
- (34) *... tempu kiid malae buti kiid muna ni Portugal ni.*
 tempo DET estrangeiro branco DET antigamente LOC Portugal POSS
 ‘naquele tempo eram os estrangeiros portugueses’
- (35) *Au naha konta istoria kaet-keen een la kultura, tradisaun een la Same ni een la haah hiin nor la maen.*
 1S FUT contar história pouco sobre PREP cultura tradição sobre PREP Same
 POSS sobre PREP chamar mulher CONJ PREP homem.
 ‘Eu vou contar um pouco sobre a cultura, sobre a tradição de Same, sobre o dote no casamento.’

Como visto em §6.2.2, os pronomes possessivos geralmente possuem a mesma construção possessiva (possuidor – ni – possuído), com o marcador *ni* para nomes alienáveis. Entretanto, encontrou-se nos dados que esta construção possessiva pode ocorrer com nomes inalienáveis quando com pronome de terceira pessoa, baseando-se no distal dêixico do discurso.

- (36) *Ura ni kau, kala Eze.*
 3S POSS irmão mais novo nome Eze
 ‘Seu irmão mai novo chamado Eze’
- (37) *Ura ni bei-ana sai badae.*
 3S POSS descendentes ser marceneiro
 Seus descendentes são marceneiros.

6.3.2 Posse inalienável

Segundo Payne (2007, p. 105) posse inalienável é aquela que geralmente não possui um fim, que geralmente não mudam de possuidor, como nomes de parentesco e partes do corpo. Em Mambae observa-se que há alguns itens culturalmente importante que se enquadram na categoria de posse inalienável, tais como casa, algumas árvores, etc.

As variedades Mambae Nordeste-Central e Noroeste marcam a posse inalienável com o sufixo genitivo {-n} pós-fixado na coisa possuída - uma marcação de posse comumente encontrada nas línguas Austronésias (BLUST, 2005, p. 215). Entretanto, no Mambae Sul, a posse inalienável é marcada pelo forma Não-Metátese do nome possuído. O possuidor pode ser um nome ou um pronome possessivo atributivo (ver §6.2.2).

(38) *Maen idura la universidadi.*
homem DET PREP universidade
'Este homem vai para a universidade.'

(39) *Ura mane la universidadi.*
3S homem PREP universidade
'O marido dela vai para a universidade.'

A estrutura de posse inalienável dentro do sintagma nominal é a apresentada na tabela 6.4.

Tabela 6.4 - Construção de Posse Inalienável em Mambae

nome possuídor	+	nome possuído na forma-NM
pronome possessivo	+	nome possuído na forma-NM

A construção de posse inalienável ocorre dentro de um sintagma nominal, e abrange os seguintes tópicos:

A. Propriedade. Dentro do grupo Mambae o conceito de propriedade pode ser inalienável, como o caso de casa e algumas árvores (especialmente árvores frutíferas – quem planta se torna o dono daquela árvore). Observa-se a diferença nos exemplos 245 e 246, quando há ou não especificação de quem pertence a casa.

(40) *Au laa uum.*
1S ir casa
'Eu vou para casa'

- (41) *Au laa au uma.*
 1S ir 1S:POSS casa
 ‘Eu vou para minha casa’

B. Relação inteiro-parte. Aqui ‘inteiro’ é sempre o possuidor e ‘parte’ é o possuído. Em Mambae esta construção pode ser usada para partes do corpo humano (249), partes de animais (250) e partes da natureza e outras coisas (251-252).

- (42) *mata hua*
 olho coração
 ‘globo ocular’

- (43) *haeh sisa*
 porco carne
 ‘carne de porco’

- (44) *ai tia*
 árvore pele
 ‘casca da árvore’

- (45) *... man ekor ni taes kuku.*
 igual areia LOC mar boca
 ‘igual a areia da praia’

C. Relação de parentesco. Relações de parentesco incluem relações com parentes vivos ou não, bem como com ancestrais.

- (46) *Des manura fe, oo nor oo hina nor oo ana room tbae*
 por causa disto 2S CONJ 2S:POSS mulher CONJ 2S:POSS filho PL entrar
soob la uum lala.
 imediatamente PREP casa interior
 ‘Por causa disto, você, sua esposa e seus filhos entrem imediatamente para dentro de casa’
- (47) *maen hina*
 homem feminino
 ‘esposa’

6.3.3 Nominalização

Em Mambae, quando um verbo é possuído, ele se torna um nome. A nominalização tem sua construção formada pelo possuidor + ni + verbo. Neste processo, o verbo que tiver uma forma-M altera-se para o forma-NM.

(48) *Ura ni haree.*
 3S POSS ver
 ‘a opinião dele’

(49) *Ni tempu kidura Julio mesa tuir ura ni ama ni akaar.*
 LOC tempo DET Julio só seguir 3S POSS pai POSS querer
 ‘Naquele tempo somente o Julio seguia o querer de seu pai.’

6.4 Adjetivos

Payne (2007, p. 63) define que um adjetivo é “uma palavra que pode ser usada em um sintagma nominal para especificar algumas propriedades do nome nuclear do sintagma”⁵⁶. Segundo Dixon (2010, p. 62), foi sugerido por muitos pesquisadores a impossibilidade ou a inapropriada identificação de uma classe de adjetivos em algumas línguas. Mas como ele mesmo reconhece, o que acontece é que os adjetivos se comportam de diferentes formas nas diferentes línguas. Há línguas com classe de adjetivos grandes, outras pequenas; algumas como uma classe de palavras aberta, outras como uma classe de palavras fechada e até restrita; e até com diferentes propriedades gramaticais. Payne (2007) e Dooley (2010) afirmam que se uma língua tem uma classe distinta de adjetivos, esta classe vai incluir pelo menos as seguintes categorias: idade, dimensão, valor e cor.

Em Mambae os adjetivos formam uma classe de palavras fechada e restrita que ocorre como modificador atributivo dentro do sintagma nominal. Possui as categorias mínimas necessárias para caracterizar como uma classe distinta, como idade, dimensão, valor e cor, como observa-se na tabela abaixo.

⁵⁶ “a word that can be used in a noun phrase to specify some property of the head noun of the phrase.”

Tabela 6.5 - Categorias de Adjetivos em Mambae

idade	<i>mane hina sae</i>	‘jovem’ (pessoas)
	<i>idadi faklau</i>	‘velho’ (pessoas)
	<i>heu</i>	‘novo’ (coisas)
	<i>bosa</i>	‘velho’ (coisas)
dimensão	<i>tuu</i>	‘grande’
	<i>loba</i>	‘pequeno’
	<i>manaru</i>	‘alto’
	<i>bada</i>	‘baixo’
valor	<i>kode</i>	‘bom’
	<i>klao</i>	‘mau’
cor	<i>meta</i>	‘preto’
	<i>buti</i>	‘branco’
	<i>mera</i>	‘vermelho’
	<i>megee</i>	‘amarelo’
	<i>moro</i>	‘verde’

Em Mambae os adjetivos são usados na descrição de participantes no qual se comporta mais como um atributivo ao nome.

- (50) *Oo fun uum manaru.*
 2S fazer casa comprida
 Você fez uma casa comprida
- (51) *I au aan loba met mdei aef aan maen iid.*
 CONEC 1S:POSS filho pequeno também dar a luz filho homem um
 ‘E minha filha mais nova também deu a luz à um filho homem.’

Geralmente os verbos estativos se comportam como atributivos, qualificando o nome quando dentro de um sintagma nominal, como observa-se nos exemplos (52) e (53). Este tópico é detalhado em (§7.2.1).

- (52) *Depois aem huu namhoos ni karon-karon soek la taes lala, la*
 depois 2EXCL pegar arroz POSS saco-saco jogar PREP mar interior PREP
fun froo lehe.
 fazer barco leve
 ‘Depois nós pegamos os sacos de arroz para jogar ao mar, para o barco ficar leve.’

- (53) *Leol baan idura au hua lala triste tustus.*
 dia DET 1S interior triste ITENS
 ‘Naquele dia eu estava muito triste.’

6.5 Numerais

Como expressões numéricas, os numerais em Mambae designam divisões contáveis de seus referentes. Os números são o núcleo do sintagma numérico que ocorre como modificador dentro do sintagma nominal. Os números ordinais são apresentados em §6.5.1, os números cardinais em §6.5.2 e os classificadores numéricos em §6.5.3. Em §6.5.4, uma função adicional não-enumerica do número *iid* ‘um’ é apresentado.

6.5.1 Números Cardinais

Segundo Blust (2009, p. 269), o sistema numérico comumente encontrado nas línguas Austronésias é o decimal. As línguas na tabela 6.6 representam quase que alcance geográfico total da família linguística Austronésia.

Tabela 6.6 - Os numerais de 1-10 em Proto-Austronésio e cinco descendentes

PAN	Paiwan	Cebuano	Malagasy	Tetun	Hawaiian
*esa/isa	ita	usá	ísa	ida	(ʔe-kahi)
*duSa	ɖusa	duhá	róa	rua	ʔe-lua
*telu	tjəlu	tulú	télo	tolu	ʔe-kolu
*Sepat	səpatj	upát	éfatra	hat	ʔe-hā
*lima	lima	limá	dímy	lima	ʔe-lima
*enem	ənəm/unəm	unúm	énina	nen	ʔe-ono
*pitu	pitju	pitú	fíto	hitu	ʔe-hiku
*walu	valu	walú	válo	walu	ʔe-walu
*Siwa	siva	(siyám)	sívy	sia	ʔe-iwa
*sa-puluq	ta-puluq	púluʔ	fólo	sa-n-ulu	(ʔumi)

(BLUST, 2009, p. 269)

Entretanto, Blust destaca que muitas línguas da Indonésia oriental modificaram os sistemas decimais que utilizam, adicionando alguma outra operação aritmética. Ele acrescenta que é possível encontrar dados de algumas línguas das ilhas de Flores e de Sumba que utilizam outros sistemas numéricos (1,2,3,4,5, 5+1, 5+2, 2x4, 10-1; 1,2,3,4,5,6,7,8, 5+4, 10, etc.)

Na seção §3.3.4 desta pesquisa, apresentou-se os diferentes sistemas numéricos entre as três línguas Mambae. Enquanto o Mambae Nordeste-Central possui um sistema numérico decimal, o Mambae Noroeste e o Mambae Sul possuem um sistema numérico quinário, mas com léxico distinto. Esta comparação é apresentada na Tabela 3.2: Sistema Numérico nas diferentes línguas Mambae.

Os números cardinais básicos e a operação aritmética que constrói o sistema numérico do Mambae (Sul) é descrito na tabela 6.7.

Tabela 6.7 - Números Cardinais Básicos em Mambae

	Números	aritmética
1	<i>iid</i>	1
2	<i>ruu</i>	2
3	<i>teul</i>	3
4	<i>faat</i>	4
5	<i>liim</i>	5
6	<i>liim nai-ida</i>	5+1
7	<i>liim nai-rua</i>	5+2
8	<i>liim nai-telu</i>	5+3
9	<i>liim nai-fata</i>	5+4
10	<i>saguul</i>	10
11	<i>saguul resi iid</i>	10+1
12	<i>saguul resi ruu</i>	10+2
13	<i>saguul resi teul</i>	10+3
14	<i>saguul resi faat</i>	10+4
15	<i>saguul resi liim</i>	10+5
16	<i>saguul resi liim nai-ida</i>	10+5+1
17	<i>saguul resi liim nai-rua</i>	10+5+2
18	<i>saguul resi liim nai-telu</i>	10+5+3
19	<i>saguul resi liim nai-fata</i>	10+5+4
20	<i>haet ruu</i>	10x2
23	<i>haet ruu resi teul</i>	10x2+3
30	<i>haet teul</i>	10x3
40	<i>haet faat</i>	10x4
50	<i>haet liim</i>	10x5
100	<i>atus iid</i>	
200	<i>atus ruu</i>	
300	<i>atus teul</i>	
1000	<i>rihun idd</i>	

Como ilustrado na tabela 6.5, os números complexos são formados indicando os números das unidades mais fortes, seguida pelos números da seguinte casa numérica, até chegar nos dígitos de unidade. Os componentes individuais dos números complexos são combinados por justaposição, como mostra a fórmula na tabela abaixo:

- (56) *Arfila aan mane numeru iid Amau, tuu soob, Yata laa tuuk aan*
quando filho masculino número um Amau grande já Yata ir perguntar filho
hina kiid, kala Eti, I room ubu ruu kaben
feminino um nome Eti CONJ 3PL CLASS dois casar
‘Quando seu primeiro filho já era crescido, Yata foi buscar uma jovem para ele,
chamada Eti, e eles dois se casaram.’
- (57) *Aem ana liim (...) aan numeru teul kala Nelia.*
3EXCL filho cinco filho número três nome Nelia
‘Nós temos cinco filhos (...) a terceira filha chama-se Nélia.’

Esta estratégia apresentada acima é muito comum nas línguas Austronésias para expressar a noção de números ordinais. Outra estratégia que o Mambae usa, especialmente para parentesco é usar *tuu* ‘grande’ para o filho mais velho (263) e *io* ‘rabo’ para representar ‘último’ filho como em (264).

- (58) *Aem ana liim, hiin faat, maen iid. Hiin tuu kala Ana Paula.*
3EXCL filho cinco mulher quatro homen um. Mulher grande nome Ana Paula
‘Nós temos cinco filhos: quarto mulheres e um homem. A filha mais velha chama-se Ana Paula’
- (59) *I aan io fe maen iid kala Paulo Jorge.*
CONEC filho rabo FOC homem um nome Paulo Jorge
‘E meu último filho (é) homem, chama-se Paulo Jorge.’

A última estratégia para números ordinais aqui descrita é utilizada mais para descrever tempo, ocasião, situação. As duas palavras são *muun iid* ‘primeiro’ e *fnori* ‘último’.

- (60) *Ate ruu ni ana too la muun iid ni iskola.*
Ate enviar POSS filho chegar PREP primeiro LOC escola
‘Ate enviou o seu filho para ser o primeiro a chegar na escola.’
- (61) *Au fe fnori ni forma.*
1S FOC último LOC fila
Eu sou o último da fila.

6.5.3 Classificadores numéricos

Encontrou-se três classificadores numéricos em Mambae, que são utilizados dentro do sintagma numérico, antecedendo o núcleo numérico, conforme a tabela 6.9 e os exemplos (267-269)

Tabela 6.9 - Classificadores Numéricos em Mambae.

Classificador	Uso
<i>hua</i>	objetos redondos
<i>nora</i>	objetos planos finos como papel, cartões
<i>ubu</i>	humanos

(62) *Aem nei paun hua ruu lea.*
 1EXCL ter pão CLASS dois somente
 ‘Nós só temos dois pães.’

(63) *Oo nei haru nora ruu.*
 2S ter camisa CLASS dois
 ‘Você tem duas camisas.’

(64) *I room ubu ruu kaben.*
 CONEC 3PL CLASS dois casar
 ‘E eles dois se casaram’

6.5.4 Função adicional do *iid* ‘um’

Em adição a função enumerativa como posposição, o adjunto adnominal *iid* ‘um’ pode ser empregado para especificar nomes indefinidos. Isto é, em um sintagma numérico o adnominal *iid* ‘um’ demonstra especificidade, mas não identifica o referente, dando uma indefinição específica como ‘um certo N’. Esta indefinição pode se referir a nomes animados e inanimados, como observa-se nos exemplos abaixo. Destaca-se que após nomes terminados em vogal, *iid* se torna *kiid*.

(65) *Toom maa mae n iid maa dena nor ura raat blebuus kokrauf.*
 Então homem INDF vir lutar com 3S até amanhecer
 ‘Então um homem veio lutar com ele até o amanhecer’

- (66) *Oo laa kaben nor au nai Aloi ni ana hina kiid.*
 2S ir casar com 1S senhor Aloi POSS filho feminino INDEF
 ‘Você vai casar com uma filha do meu senhor Aloi.’

6.6 Demonstrativos e Locativos

O Mambae tem um sistema demonstrativo e locativos dêiticos baseados em dois termos: um proximal *uri* ‘D.PROX’ e um distal *ura* ‘D.DIST’. Como expressões dêiticas estes orientam os ouvintes e especificam o sinal. Ou seja, eles direcionam a atenção do ouvinte para a ocorrência particular de uma entidade envolvida pela situação ou pelo discurso. Enquanto *uri* ‘D.PROX’ indica proximidade com esta entidade, *ura* ‘D.DIST’ sinaliza sua distância – em termos espaciais e não-espaciais, com observa-se na tabela 6.10.

Tabela 6.10 - Sistema Dêitico Mambae.

<i>uri</i>	Proximal em espaço, tempo ou referência. Baseado em informação dada ou assumida. Posição pós nuclear em sintagma nominal simples. Sintagma final em sintagma nominal complexo. Desencadeia um deslocamento de sentença topicalizada à esquerda. Usado após pronomes.
<i>ura</i>	Distal em espaço, tempo ou referência. Baseado em informação dada ou assumida. Posição pós nuclear em sintagma nominal simples. Sintagma final em sintagma nominal complexo. Desencadeia um deslocamento de sentença topicalizada à esquerda. Usado após pronomes pessoais.

Mesmo *ura* sendo a mesma palavra usada para o pronome de terceira pessoa, os demonstrativos (§6.6.1) são distintos de outras classes de palavras como pronomes pessoais (§6.2.1) e locativos (§6.6.2) nos temos das seguintes propriedades sintáticas: a) demonstrativos são distintos de pronomes pessoais por terem uso adverbial, podem assumir o espaço adnominal de posse em construções possessivas, e sinalizam especificidade enquanto pronomes pessoais expressam definição; b) em contraste com locativos, os demonstrativos são empregados como nominais independentes no sintagma nominal e podem ocorrer como possuidor ou possuído numa construção possessiva.

6.6.1 Demonstrativos

Há seis demonstrativos dêiticos em Mambae conforme tabela 6.11. Os demonstrativos são baseados na distância a partir da perspectiva do falante. Podem ser definidos ou indefinidos.

Tabela 6.11 - Demonstrativos em Mambae.

Demonstrativos	Uso
<i>uri</i>	Demonstrativo definido baseado em informação já conhecida pelo falante – próximo do falante
<i>ura</i>	Demonstrativo definido baseado em informação já conhecida pelo falante – distante do falante
<i>iduri / kiduri</i>	demonstrativo definido próximo do falante
<i>idura / kidura</i>	demonstrativo definido distante do falante
<i>manuri</i>	demonstrativo indefinido próximo do falante
<i>manura</i>	demonstrativo indefinido distante do falante

- (67) *Aan hina uri fe au loi.*
 filho feminino D.PROX FOC 1S escolher
 ‘Esta é a jovem que escolhi.’
- (68) *Paulino dega “Room ura au ana”.*
 Paulino falar 3PL D.DIST 1S filho
 ‘Paulino falou “estes são meus filhos”.’
- (69) *Aem eot hena kiduri.*
 1EXCL encontrar camisa D.PROX
 ‘Nós encontramos esta camisa’
- (70) *Ni tempu kidura, ura suli la uum, ura fun testi polisi.*
 LOC tempo D.DIST 3S voltar PREP casa 3S fazer teste polícia
 ‘Naquele tempo, ele voltou para casa e fez um teste para ser policial.’
- (71) *Des idura au tuuk manuri.*
 Então D.DIST 1S perguntar D.PROX
 ‘Por causa daquilo eu perguntei isso’
- (72) *Arfila room kase manura.*
 Quando 3PL falar D.DIST
 ‘Quando eles falaram aquilo’

6.6.2 Locativos

Diferentemente do esperado para as línguas Austronésias que geralmente possuem três termos para o sistema locativo (próximo, médio e distante), o Mambae possui seis locativos organizados em três formas: estático (aqui e lá); em direção ao falante (próximo e distante) e em direção contrária ao falante (próximo e distante), como detalhado na tabela 6.12 e destacado nos exemplos abaixo.

Tabela 6.12 - Locativos em Mambae.

Locativos	Uso
<i>ni-uri</i>	‘aqui’
<i>ni-ura</i>	‘lá’
<i>la-uri</i>	em direção oposta ao falante – próximo ao falante
<i>la-ura</i>	em direção oposta ao falante – distante do falante
<i>ma-uri</i>	em direção ao falante – próximo ao falante
<i>ma-ura</i>	em direção ao falante – distante do falante

- (73) *Ura hela laad ni-uri.*
 3S morar primeiro L-PROX
 ‘Primeiro você mora aqui.’
- (74) *I ura loet Oko nor maen hailagaa ni-ura ni uum lala.*
 CONEC 3S matar Oko CONEC homem PL L.DIST POSS casa interior
 ‘Então ele matou Oko e todos os homens que estavam em sua casa.’
- (75) *Roo la-uri rini tustus.*
 pessoa L-PROX PL INT
 ‘Há muitas pessoas aqui.’
- (76) *Flaer manhati la ni rae lau la-ura la iim ba leob mate.*
 Correr sempre PREP LOC montanha L-DIST PREP 2PL NEG poder morrer
 ‘Continue correndo para o alto daquela montanha, assim vocês não serão mortos.’
- (77) *Mahee problema bae ke iim oid ma-uri, iim problema uum lala.*
 CONEC problema REL 2PL trazer L-PROX 2PL problema casa interior
 ‘Mas este problema que vocês estão trazendo, são problemas da família de vocês.’

- (78) *Senhor iid lalai ma-ura, seen?*
 senhor INDF andar L-DIST quem
 ‘Aquele senhor que está caminhando lá, quem é ele?’

6.7 Quantificadores

Como expressões numéricas, o Mambae possui quantificadores não numéricos que denotam quantidades definidas ou indefinidas de seus referentes, que aqui são distintos em dois grupos: os universais e os de alcance médio. Os quantificadores não numéricos ocorrem após o núcleo do sintagma nominal.

Os quantificadores universais são organizados por localização dêitica, ou seja, de acordo com a proximidade do falante, em três escalas: próximo do falante, distante do falante e muito longe do falante e do ouvinte. Os quantificadores universais são apresentados na tabela 6.13.

Tabela 6.13 - Quantificadores Universais.

Q. Universais	Uso
<i>gaa</i>	‘tudo’ ‘todos’ – próximo ao falante
<i>haigaa</i>	‘tudo’ ‘todos’ – distância medial do falante
<i>hailagaa</i>	‘tudo’ ‘todos’ – longa distância do falante
<i>sergia</i>	‘todos estes’ – próximo ao falante
<i>sergaa</i>	‘todos esses’ – distância medial do falante
<i>serlagaa</i>	‘todos aqueles lá’ – longa distância do falante

Observa-se na tabela que *gaa*, *haigaa* e *hailagaa* se refere a ‘tudo’, ‘todos’, ‘inteiro’, ‘completo’. Já *sergia*, *sergaa* e *serlagaa* é um ‘todo’ mais genérico.

- (79) *Noel nor ni hiin, nor ni ana gaa, room sai ois Timor-Leste.*
 Noel com POSS mulher com POSS filho todos 3PL sair de Timor-Leste
 ‘Noel com sua esposa e com todos os seus filhos saíram de Timor-Leste’
- (80) *Agora iim haigaa duu soob ois froo uri.*
 Agora 2PL todos descer imediatamente de barco D.PROX
 ‘Agora todos vocês devem descer deste barco.’

- (81) *Entaun Carlos fun festa kazamentu iid, i konvida roo hailagaa ni*
 CONEC Carlos fazer festa casamento um CONJ convidar pessoa todos POSS
rae idura.
 terra D.DIST
 ‘Então Carlos deu uma festa de casamento e convidou todas as pessoas de sua região.’
- (82) *Au ba fiar! Iim sergia espiaun!*
 1S NEG acreditar 2PL todos espião
 ‘Eu não acredito! Todos vocês são espiões.’
- (83) *Iim ba leob fun klao la au bainaka sergaa.*
 2PL NEG poder fazer mal PREP1S visita todos
 ‘Vocês não deveriam tratar mal as minhas visitas.’
- (84) *Ura ruu aem la tabae room ni uum serlagaa.*
 3S ordenar 1EXCL PREP entrar 3PL POSS casa todos
 ‘Ele nos ordenou entrar em todas as casas deles.’

Os quantificadores de alcance médio são apresentados na tabela 6.14 e nos exemplos logo abaixo. Destaca-se o uso do empréstimo lexical português *demais* ‘demais’, que chegou ao Mambae através da língua oficial Tetun.

Tabela 6.14 - Quantificadores de Alcance Médio.

Locativos	Glossa
<i>demais</i>	‘demais’
<i>kaet-keen</i>	‘pouco’
<i>loi</i>	‘mais’
<i>met-met</i>	‘todos-todos’ (somente para humanos)
<i>rini</i>	‘muitos’
<i>room</i>	plural definido para sintagma nominal
<i>selu</i>	‘outro’
<i>seri</i>	‘alguns’ ‘parte’

- (85) *matau demais*
 medo demais
 ‘medo demais’

- (86) *eer kaet-keen*
água pouco
‘pouca água’
- (87) *kase loi*
falar mais
‘falar muito’
- (88) *artuub met-met*
pessoa todas
‘todas as pessoas’
- (89) *ana rini*
filho muito
‘muitos filhos’
- (90) *hati selu*
lugar outro
‘outro lugar’
- (91) *rae seri*
terra parte
‘um pedaço de terra’

7 ORAÇÃO

Este capítulo discute os diferentes tipos de orações verbais em Mambae, em que um verbo ocupa o cerne semântico e sintático da oração. Nas orações verbais em Mambae, o predicado segue tipicamente o sujeito e, em orações transitivas, precede o objeto direto. Em orações negativas, a negação precede o predicado.

Os verbos em Mambae - núcleo do predicado – formam uma grande classe de palavras em Mambae. No predicado não sofrem flexão ou nenhum outro tipo de transformação morfológica de concordância nominal – com exceção das orações causativas (§7.3). O tempo (§8.1), aspecto (§8.2) e modo (§8.3) são marcados por elementos sintáticos. Os verbos também podem ocorrer em composição serial (§9.1).

A composição e ordem dos constituintes em Mambae são descritas em §7.1. As orações verbais em Mambae podem ser distintas em orações transitivas e intransitivas (§7.2). As seções seguintes descrevem as orações causativas (§7.3) e possessivas (§7.4). As orações negativas são descritas em §9.5.3.

7.1 Oração Verbal

A ordem básica não marcada dos constituintes em sentenças intransitivas e transitivas em Mambae é, respectivamente, Sujeito-Verbo e Agente-Verbo-Objeto, como observa-se nos exemplos abaixo.

- (01) *Ura flaer.*
3S correr
'Ele correu.'
- (02) *Namoro au boe soob.*
noite anterior 1S dormir PERF
'Na noite anterior eu realmente dormi.'
- (03) *Se au aa ai-hua iduri...*
se 1S comer fruta D-PROX
'Se eu comer esta fruta...'

- (04) *I ura loet Oko...*
 CONEC 3S matar Oko
 ‘Então ele matou Oko...’
- (05) *Ura fun malisan la room.*
 3S fazer maldição para 3PL
 ‘Ele fez algo mal para vocês.’

7.2 Orações Intransitiva e Transitiva

As orações verbais em Mambae podem ser intransitivas, transitivas ou bitransitivas. Tipicamente as orações intransitivas são formadas por verbos monovalentes que requerem apenas um argumento. Orações transitivas são geralmente formadas por verbos bivalentes que exigem dois argumentos, o sujeito e o objeto direto. Estes dois tipos de verbos e orações verbais são o mais comum em Mambae. Mambae também possui orações bitransitivas formadas por um número pequeno de verbos trivalentes que poder ter três argumentos, um sujeito, o objeto direto e um objeto indireto.

É importante destacar que em orações com verbos bivalentes ou trivalentes, os argumentos podem ser omitidos quando estes são subentendidos pelo contexto. Por conta disto, esta seção é organizada com base na valência dos verbos e descreve como estes são usados em orações intransitivas, transitivas e bitransitivas.

7.2.1 Orações Verbais com verbos monovalentes

O Mambae possui uma grande classe de verbos monovalentes. Envolvendo apenas um participante, eles ocorrem em orações intransitivas. Semanticamente os verbos monovalentes podem ser divididos em dinâmicos e estativos (que atuam como verbos atributivos – ver §6.4), como os exemplos da tabela 7.1. Nas orações com verbos dinâmicos o sujeito geralmente é o macro-agente. Já nas orações estativas o sujeito, no papel de tema, pode ser considerado como macro-paciente.

Tipicamente os verbos monovalentes seguem o sujeito oracional, como é mostrado com o verbo dinâmico *mdei* ‘sentar’ em (315) e com o estativo *moras* ‘estar doente’ em (316).

- (06) *José mdei.*
 José sentar
 ‘José sentou’

- (07) *Ura ni ama moras.*
 3S POSS pai estar doente
 ‘Seu pai está doente’

Tabela 7.1 - Verbos monovalentes em Mambae

Verbos monovalentes dinâmicos			
<i>blee</i>	‘acordar’	<i>suli</i>	‘voltar’
<i>maa</i>	‘vir’	<i>flaer</i>	‘correr’
<i>mdei</i>	‘sentar’	<i>rio</i>	‘tomar banho’
<i>moir</i>	‘viver’	<i>laa</i>	‘ir’
<i>lolai</i>	‘caminhar’	<i>luhu</i>	‘voar’
<i>mou</i>	‘cair’	<i>taho</i>	‘tossir’
Verbos monovalentes estativos			
<i>kode</i>	‘estar bem’	<i>moras</i>	‘estar doente’
<i>klao</i>	‘estar mal’	<i>kole</i>	‘estar cansado’
<i>loba</i>	‘ser pequeno’	<i>fraku</i>	‘estar fraco’
<i>manaru</i>	‘ser alto’	<i>bruis</i>	‘estar quente’

O sujeito pode ser omitido se este puder ser inferido pelo contexto. Em (317) a omissão é do sujeito *ura* ‘3S’.

- (08) *Ni leolbaan iid, ura suli siil ma, Ø maa siil uum.*
 em dia um 3S voltar novamente para vir novamente casa
 ‘Um dia, ele voltou, veio novamente para casa.’

Pode ocorrer a mudança da ordem da segunda oração quando ocorre a conexão de idéias entre o final de uma sentença e o início de outra⁵⁷.

- (09) *Flaer la ai-lala aem ni forsa sergaa.*
 correr para mato 1EXCL POSS pelotão todos
 ‘Corremos para o mato nós todos do pelotão’

⁵⁷ Em inglês este fenômeno chama-se tail-head link

7.2.2 Orações Verbais com verbos bivalentes

O Mambae possui também uma grande classe aberta de verbos bivalentes (ver exemplos na tabela 7.2). Verbos bivalentes possuem dois argumentos: um sujeito e um objeto. Quando há dois argumentos em uma oração transitiva, o sujeito é sempre mais agentivo - macro-agente, enquanto objeto direto é o macro-paciente. Exemplos de verbos bivalentes são *foil* ‘insultar’ em (318) e *loi* ‘escolher’ em (319).

Tabela 7.2 - Verbos bivalentes em Mambae

<i>toom</i>	‘seguir’	<i>akiak</i>	‘criar’
<i>kee</i>	‘cavar’	<i>rakut</i>	‘partir’
<i>loi</i>	‘escolher’	<i>koof</i>	‘abraçar’
<i>loet</i>	‘matar’	<i>blai</i>	‘derrubar’
<i>dlai</i>	‘incomodar’	<i>foil</i>	‘insultar’

- (10) *Ni leolbaan kidura, au bou foil au ni ina.*
 LOC dia D-DIST 1S:POSS irmão insultar 1S POSS mãe
 ‘Naquele dia, meu irmão desrespeitou minha mãe.’
- (11) *Tio Chico loi met rae rema ni slook.*
 tio Chico escolher todo terra plana LOC rio
 ‘Tio Chico escolheu toda a terra plana do rio.’

As orações transitivas acima apresentam a ordem canônica sujeito-verbo-objeto para verbos bivalentes. Quando um ou ambos os argumentos podem ser entendidos pelo contexto, eles podem ser omitidos. A omissão do sujeito é demonstrada no exemplo (320) e de ambos os argumentos em (321).

- (12) *Arfila ura maa soob, roo hei fun susar i Ø loet ura.*
 quando 3S vir PERF pessoa FUT fazer dificultar CONNEC matar 3S
 ‘Quando ele vier, as pessoas vão dificultar para ele e (eles) vão matá-lo.’
- (13) *Intaun Ako laa fael haeh iid, Ø loet telo Ø, Ø oid la ni ina.*
 então Ako ir pegar porco um matar PERF trazer para POSS mãe
 ‘Então Ako foi pegar um porco, (ele) matou (o porco), (e ele) trouxe para sua mãe.’

7.2.3 Orações Verbais com verbos trivalentes

O Mambae possui poucos verbos trivalentes com três argumentos, com um sujeito, um objeto direto e um objeto indireto, como os exemplos apresentados na tabela 7.3. Em termos de papéis semânticos, a ação é feita pelo sujeito macro-agente no objeto direto macro-paciente para um objeto indireto beneficiário. Exemplos de verbos trivalentes são *ruu* ‘enviar’ em (14) e *nee* ‘comida’ em (15).

Tabela 7.3 - Verbos trivalentes em Mambae

<i>ruu</i>	‘enviar’	<i>nee</i>	‘dar’
<i>dega</i>	‘falar’	<i>noir</i>	‘ensinar’
<i>naha</i>	‘buscar’		

- (14) *Ura ruu ni ana room la loet arbau baak too la tui.*
 3S enviar POSS filho PL para matar vaca DEF para cozinhar
 ‘Ele enviou seus filhos para matar a vaca para cozinhar.’

- (15) *Au nee namaa la ura.*
 1S dar comida para 3S
 ‘Eu dei comida para ele’

As orações bitransitivas dos exemplos (323) e (324) apresentam a ordem canônica sujeito-verbo-objetoD-objetoID para verbos trivalentes. Apesar de não ser muito comum, a ordem dos argumentos pode ser alterada como forma de topicalização, com um dos objetos deslocados à esquerda, como no exemplo (325) e (326)

- (16) *Nam sergaa met Au nee la room.*
 coisas PL todos 1S dar para 3PL
 ‘Todas essas coisas eu dei para eles.’

- (17) *Au nee la ura namaa*
 1S dar para 3S comida
 ‘Eu dei, para ele, comida.’

Quando um ou mais argumentos podem ser entendidos pelo contexto, eles podem ser omitidos. A omissão do sujeito é demonstrada no exemplo abaixo.

- (18) *Malae buti maa, sempre Ø noir nam rini la aem.*
 malae branco vir sempre ensinar coisa muito para 1EXCL
 ‘O malae branco vem, (eles) sempre ensinam muita coisa para nós’.

Como os outros tipos de oração, a oração bitransitiva pode ter constituintes periféricos. Enquanto o verbo *nee* ‘dar’ requer três argumentos, sendo bitransitivo, o verbo *aal* ‘comprar’ sendo bivalente, só requer dois; se um beneficiário for mencionado, seria como um termo periférico, como observa-se nos exemplos (328) e (329) respectivamente.

- (19) *Ura nee haru iid la au.*
 3S dar camisa um para 1S
 ‘Ele me deu uma camisa.’
- (20) *Ura aal haru iid la au.*
 3S comprar camisa um para 1S
 ‘Ele comprou uma camisa para mim.’

7.2.4 Orações Verbais com redução de valência

A valência de alguns verbos pode ser reduzida por processos que eliminam um dos argumentos. Em Mambae este ocorre pela eliminação do objeto direto, por meio de pronomes reflexivos e recíprocos.

Numa oração reflexiva, o objeto direto é correferencial com o sujeito, reduzindo a valência do verbo, pois outro objeto não é mais possível. Nos exemplos abaixo, observa-se que muda-se a valência e o conteúdo semântico do verbo pode ser outro, ainda relacionado com o inicial. Em Mambae não há uma palavra para ‘aprender’ – às vezes alguns usam ‘aprende’ do português. Desta forma, quando se usa o pronome reflexivo, o verbo *noir* ‘ensinar’ em (330) tem sua valência reduzida e seu significado alterado, como em (331).

- (21) *Room noir aem.*
 3PL ensinar 1EXCL
 ‘Eles nos ensinam’
- (22) *Au noir lolo.*
 1S ensinar REFL
 ‘Eu aprendo’ (me ensino)

Numa oração recíproca, o sujeito é um grupo cujos membros agem entre si, uns aos outros, sendo que o objeto direto é o próprio sujeito, reduzindo a valência do verbo. Este caso é restrito ao sujeito quando no plural, como no exemplo a seguir.

- (23) *Room ba leob komprende loor des.*
 3PL NEG poder compreender RECP consequentemente
 ‘Consequentemente eles não conseguiam se entender.’

7.3 Orações Causativas

As orações causativas em Mambae são construídas de duas formas: morfológica, pelo sufixo derivacional {a-} ou sintática, pela construção de verbos seriais com o verbo *fun* ‘fazer’.

7.3.1 Construções com a-

Como já visto §5.4.1, o processo causativo morfológico é efetuado pelo acréscimo do morfema {a-} em alguns verbos ou adjetivos (ver tabela 5.1). Este processo aumenta a valência dos verbos que eram intransitivos (24) e (26) e passam a ser transitivos (25) e (27) em Mambae, como observa-se nos dados abaixo.

- (24) *Au nor au ana hei sae la ni idura.*
 1S com 1S:POSS filho FUT ir para cima para LOC D-DIST
 ‘Eu com o meu filho vamos lá para cima.’

- (25) *Ura asae ura ni ana.*
 3S levantar 3S POSS filho
 ‘Ele levantou o seu filho.’

- (26) *Arfila leol mata mou soob...*
 quando sol cair PERF
 ‘Quando o sol se pôs...’

- (27) *Ura amou ni haru.*
 3S derrubar POSS camisa
 ‘Ele derrubou sua camisa.’

7.3.2 Construções com *fun*

Outra construção causativa encontrada em Mambae é o causativo sintático, formado pelo verbo serial composto pela sequência do verbo causativo *fun* ‘fazer’ à um verbo dinâmico ou estativo.

- (28) *Nafai room oid maa uum soob room fun fliik ma tabar.*
 Hoje 3PL para vir casa PERF 3PL fazer ouvir para falar
 ‘Hoje eles vêm para casa, eles vão ouvir para (poder) falar’
- (29) *Ura tenki fun tuir aan sergaa ni akar.*
 3S ter que fazer seguir filho PL POSS querer
 ‘Você tem que fazer seus filhos seguirem o seu querer.’
- (30) *Ura fun kode la au.*
 3S fazer bem para 1S
 ‘Ele fez bem para mim.’

7.4 Orações Possessivas

A oração possessiva possui uma estrutura um pouco diferente do sintagma nominal possessivo. Na oração possessiva, o marcador possessivo *ni* é utilizado no objeto direto para identificar o agente como possuidor (genitivo) do objeto direto, não sendo necessário a identificação do possuidor com pronomes ou nomes no predicado, como observa-se nos exemplos abaixo.

- (31) *Azé loet Ø ni kau Amou.*
 Azé matar POSS irmão mais novo Amou
 ‘Azé matou seu irmão mais novo Amou’
- (32) *Manuel asoor loor nor ni bou.*
 Manuel encontrar RECP com POSS irmão mais velho
 ‘Manuel encontrou-se com seu irmão mais velho.’
- (33) *Intaun Ako laa fael haeh iid, Ø loet telo Ø, Ø oid la ni ina.*
 então Ako ir pegar porco um matar PERF trazer para POSS mãe
 ‘Então Ako foi pegar um porco, (ele) matou (o porco), (e ele) trouxe para sua mãe.’

7.5 Preposições

As preposições em Mambae servem para denotar relações gramaticais e semânticas entre seus complementos e o predicado. As preposições seguem estas características: introduzir o sintagma preposicional com um sintagma nominal complementar; introduzir modificadores periféricos na oração; introduzir sintagma preposicional que pode funcionar como modificador dentro de um sintagma nominal.

A estrutura básica do sintagma nominal é a preposição como núcleo, seguida pelo complemento preposicional, que pode ser um sintagma nominal simples ou complexo ou um pronome.

As preposições em Mambae são apresentadas na tabela 7.4. Quatro grupos de preposições são distinguidos de acordo com as relações semânticas entre seus complementos e o predicado: 1) localização em tempo e espaço; 2) acompanhamento/ instrumento, objetivo e benefício; 3) comparação e 4) causa.

- (34) *Eti raat her ni ama ni uma.*
Eti chegar em POSS pai POSS casa
'Eti chegou na casa de seu pai'
- (35) *Ura fois kala la aan hina too, Kristah.*
3S colocar nome para filho feminino DEF Kristah
'Ele deu o nome de sua filha Kristah'
- (36) *Met telo, aem ubu ruu suli siil ma ni uri.*
Tudo PERF 1EXCL CLAS dois voltar novamente para LOC D-PROX
'Depois disto, nós dois iremos voltar novamente para cá.'
- (37) *Au kala Paulino, au ois Same.*
1S nome Paulino 1S de Same
'Meu nome é Paulino, sou de Same.'
- (38) *Mahee au flaer manhati raat eha, oid eot premiu.*
Mas 1S correr sempre até fim para obter prêmio
'Mas eu correrei até o fim, a fim de ganhar o prêmio.'
- (39) *Aem ataan la room dega, room hailagaa akiak animaal fes iim*
1EXCL responder para 3PL dizer 3PL todos criar animal desde 2PL
hei loba, man aem tata room.
ainda pequeno como 1EXCL avo PL

‘Nós respondemos para eles dizendo que eles deveriam criar os animais desde pequenos, como faziam nossos ancestrais.’

- (40) *Noel nor ni hiin, nor ni ana gaa, room sai ois Timor-Leste.*
 Noel com POSS mulher com POSS filho todos 3PL sair de Timor-Leste
 ‘Noel com sua esposa e com todos os seus filhos saíram de Timor-Leste’

Tabela 7.4 - Preposições em Mambae

Localização em espaço e tempo		
Preposição	Glossa	Relação Semântica
<i>ni</i>	‘em’	locação estática
<i>her</i>	‘em’	locação conhecida
<i>la</i>	‘para’	movimento a partir da locação do referente.
<i>ma</i>	‘para’	movimento em direção ao referente
<i>ois</i>	‘de’	origem
<i>fes</i>	‘desde’	tempo
Acompanhamento/instrumento, objetivo e benefício		
Preposição	Glossa	Relação Semântica
<i>nor</i>	‘com’	acompanhamento
<i>ba nor</i>	‘sem’	acompanhamento
<i>oid</i>	‘para’	objetivo
<i>des</i>	‘para’	benefício
Comparação		
Preposição	Glossa	Relação Semântica
<i>man</i>	‘como’	similariedade
<i>faklau</i>	‘mais que’	similariedade aumentada
Causa		
<i>deslaa</i>	‘por causa de’	oferece ao sintagma nominal a razão descrita antes da preposição.

- (41) *Mahee room fael ura kod-koed lea, ba nor brutu...*
 mas 3PL prender 3S muito bem só sem bruto
 ‘Mas eles prenderam com cuidado, sem brutalidade.’
- (42) *Mahee Azé doim faklau Foni.*
 mas Azé amar mais que Foni
 ‘Mas Azé amava mais Foni’.
- (43) *Deslaa ura ama mesa...*
 por causa disto 3:POSS pai só
 ‘Por causa disto seu pai estava sozinho...’

A preposição locativa *ni* é a mais comum e a mais usada, tanto para localizações temporais e físicas.

(44) *Aem agora moir ni Dili.*
 2EXCL agora viver em Dili
 Agora nós vivemos em Dili.

(45) *Momentu ni huun ni Timor ni 1975, Indonesia tabae ni Timor, aem flaer*
 Momento POS guerra em Timor em 1975 Indonesia entrar em Timor 1EXCL correr
la ai-lala.
 para mato
 ‘Na época da guerra em Timor em 1975, a Indonesia invadiu Timor e nós corremos para dentro do mato.’

(46) *Ni leolbaan iid, ura suli siil ma, maa siil uum.*
 em dia um 3S voltar novamente para vir novamente casa
 ‘Um dia, ele voltou, veio novamente para casa.’

Destaca-se que algumas preposições possuem membresia em duas classes de palavras simultaneamente. Quatro preposições são usadas como conectivos: *ni* ‘durante’, *tan la* ‘por causa disto’, *faklau* ‘depois’, *nor* ‘com’; e uma usada como verbo: *oid* ‘trazer’.

8 MODIFICADORES DA ORAÇÃO

Este capítulo aborda os constituintes da oração e sintagmas verbais que não são núcleo do predicado, argumentos ou constituintes periféricos. Primeiramente aborda-se a questão do TAM: tempo (§9.1), aspecto (§9.2) e modalidade (§9.3), que são auxiliares verbais que ocorrem na expressão verbal.

Em seguida apresenta-se a classe de palavras adverbiais (§9.4) que ocorrem dentro do predicado, modificando o verbo. E por último descreve-se os verbos seriais (§9.5) e como estes se comportam no predicado Mambae.

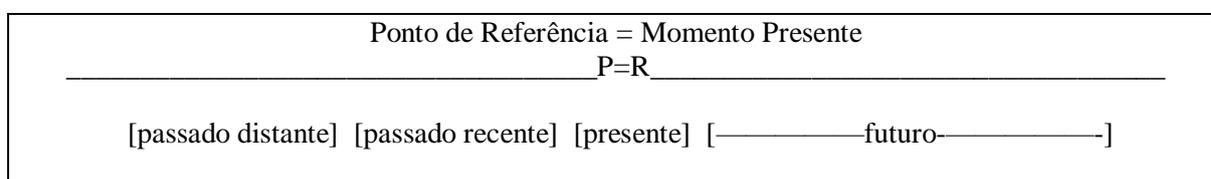
8.1 Tempo

O tempo gramatical é um tipo de marcação que localiza a ação num sistema de referência temporal: passado, presente e futuro, podendo ainda assinalar o tempo remoto ou imediato.

Em Mambae o tempo gramatical pode ser assinalado de duas formas: o tempo absoluto, sintaticamente, através de auxiliares verbais que ocorrem antes do verbo dentro do predicado; o tempo relativo, no discurso.

No tempo absoluto, o ponto de referência é o momento presente, o instante da fala. O tempo do evento referido pode ser antes, durante ou depois do momento presente, como observa-se no figura 8.1.

Figura 8.1 - Tempo absoluto em Mambae



(Adaptado de DOOLEY, 2010).

Em Mambae, o presente não possui nenhuma marcação, como observa-se nos exemplos abaixo.

- (01) *Au nei au kau mane kiid.*
 1S have 1S:POSS irmão mais novo homem DET
 ‘Eu tenho um irmão mais novo.’

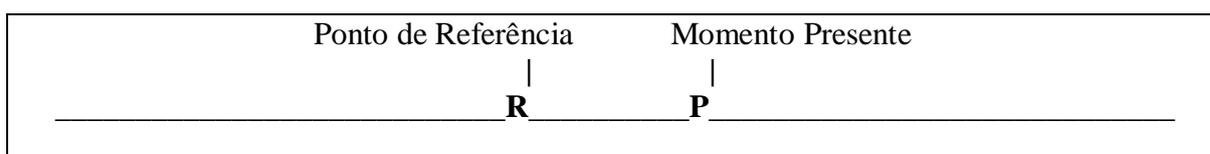
- (02) *Au aa ai-hua.*
1S comer fruta
'Eu como fruta'
- (03) *Au bruís tustuus.*
1S nervoso muito
'Eu estou muito nervoso'.

O passado distante é marcado por *met* 'PAS' em (04) e (05), o passado recente por *hina* 'PASR' em (06) e (07), e o futuro por *hei* 'FUT' (08) e (09). Destaca-se que os verbos auxiliares podem ocorrer tanto com verbos estáticos como dinâmicos, em orações intransitivas, transitivas e ditransitivas.

- (04) *Aem met aa futu.*
1EXCL PAS comer junto
'Nós comemos juntos'
- (05) *Manura Chico met bruís tustus, fun ni ahe sio telo.*
desta forma Chico PAS nervoso muito fazer POSS rosto raiva PERF
'Desta forma Chico estava muito bravo, que seu rosto demonstrava raiva'.
- (06) *Man ura hina eot namaa.*
então 3S PASR conseguir comida
'Então ele conseguiu comida.'
- (07) *Au hina fliik nam iduri.*
1S PASR ouvir coisa D-PROX
'Eu acabei de ouvir isto.'
- (08) *Ura mata hei klao telo.*
3S olho FUT mal PERF
'Ele ficará cego.'
- (09) *Ura hei nee haru kiid la oo.*
3S FUT dar camisa DEF para 2S
'Ele dará uma camisa para você.'

No tempo relativo em Mambae, o ponto de referência é deslocado do momento presente, ocorrendo antes ou depois dele. No gráfico apresentado na figura 8.2 o ponto de referência fica antes do momento presente. O tempo do evento referido pode ocorrer antes ou depois do ponto de referência. Quando o evento ocorrer simultaneamente com o ponto de referência, pode não haver como distingui-lo do passado absoluto.

Figura 8.2 - Tempo Relativo em Mambae



(Adaptado de DOOLEY, 2010)

Nas narrativas em Mambae, o tempo relativo gramatical é feito por advérbios ou expressões de tempo. Estas expressões podem ocorrer uma vez, no início da história, e daí é subentendido que cada oração tenha aquele tempo. Ou o tempo pode ser marcado no começo de cada episódio, quando a narrativa aborda diferentes tempos, como observa-se nos exemplos abaixo e nos textos do Apêndice C.

- | | | |
|------|---------------------------------|----------------------------|
| (10) | <i>depois</i> | ‘depois’ |
| | <i>arfila</i> | ‘quando’ |
| | <i>derpenti</i> | ‘de repente’ |
| (11) | <i>blebuus</i> | ‘manhã’ |
| | <i>leol seri</i> | ‘tarde’ |
| | <i>hoda</i> | ‘noite’ |
| | <i>leolbaan-leolbaan</i> | ‘todo dia’ |
| | <i>nafai</i> | ‘hoje’ |
| | <i>narua</i> | ‘ontem’ |
| | <i>ada</i> | ‘amanhã’ |
| (12) | <i>muna</i> | ‘há muito tempo atrás’ |
| | <i>ni tempu kidura</i> | ‘naquele tempo’ |
| | <i>fes muna faklau</i> | ‘naquela época’ |
| | <i>ni tempu aem tata sergaa</i> | ‘no tempo dos nossos avós’ |

- (13) *Muna, ura hei ankate, au apa nor ama doim tuus ura,*
 muito tempo atrás 3S FUT criança 1S:POSS pai CONJ mãe amar muito 3S
fei kod-koed.
 ver bem-bem
 ‘Muito tempo atrás, ele era uma criança, meus pais amavam muito ele, (eles) cuidavam muito bem (dele).’
- (14) *Au desde au mori ma, au taad sabiid fe sae aviaun nor lila.*
 1S desde 1S:POSS vida REAL 1S saber que FOC sair avião CONJ asa
 ‘Desde que eu nasci, eu sei que (quero) passear de avião (que tem asas)’
- (15) *Momentu ni huun ni Timor ni 1975, Indonesia tabae ni Timor, aem flaer*
 Momento POS guerra em Timor em 1975 Indonesia entrar em Timor 1EXCL correr
la ai-lala.
 para mato
 ‘Na época da guerra em Timor em 1975, a Indonesia invadiu Timor e nós corremos para dentro do mato.’

8.2 Aspecto

O aspecto é a expressão gramatical da estrutura temporal interna de um evento ou estado, ou seja, como o falante vê o desenrolar do evento/estado no tempo. Em Mambae o aspecto é marcado por auxiliares verbais que ocorrem depois do verbo. Os aspectos encontrados são classificados como inceptivo, completivo, contínuo ou progressivo, anterior, habitual, imperfectivo, perfectivo, perfeito e plu-perfeito (Payne, 2007; Dooley, 2010)

O aspecto inceptivo, que salienta o início do evento, é marcado por *ni fuu* ‘INCEP’ como observa-se no exemplo (16).

- (16) *Idura man ai-hua bae ke kode atuud ni fuu kode.*
 D-DIST igual fruta REL bom mostra INCEP bom
 ‘Igual a fruta que se mostra boa desde o início.’

O aspecto completivo salienta o final do processo, que em Mambae é evidenciado pelo auxiliar verbal *soob* ‘COMPL’.

- (17) *I depois roo aan hina ni ina ni ama kuandu akar soob*
 CONJ depois pessoa filho feminino POSS mãe POSS pai quando querer COMPL
i depois man roo loi leolbaan iid room laa haigaa fuut.
 CONJ depois igual pessoa escolher dia DEF 3PL ir todos junto
 ‘E depois quando os pais da moça quiserem, eles marcam um dia para todos sentarem juntos.’
- (18) *Aviaun nor lila kuandu luhu soob...*
 avião CONJ asa quando voar COMPL
 ‘Quando o avião decolou...’
- (19) *Novembro aem kumesa maa siil ni lala, kumesa kode soob.*
 novembro 1EXCL começar vir novamente LOC interior começar bom COMPL
 ‘No mês de novembro nós começamos a voltar do interior, (a situação) começou a ficar realmente boa.’

Em Mambae o auxiliar verbal *bel* marca o aspecto contínuo/progressivo, isto é, quando o ouvinte se encontra dentro de um processo que está em andamento.

- (20) *Intaun au met araska bel, oos ba nei...*
 então 1S PAS difícil CONT dinheiro NEG ter
 ‘Então eu continuava com dificuldade, dinheiro não tinha...’
- (21) *Mahee au sempre fun bel orasaun seneda kode la au ana sergaa.*
 mas 1S sempre fazer CONT oração paz bom para 1S filho PL
 ‘Mas eu sempre faço oração de paz e bondade para meus filhos.’
- (22) *Amon mdei bel keul ni uma ahe.*
 Amon sentar CONT ar POSS casa frente
 ‘Amon continuou sentado ao vento em frente de sua casa.’

O aspecto habitual visa a repetição seriada de atos semelhantes, que em Mambae é marcado por *manhati* ‘sempre’.

- (23) *Agora ura serbius manhati.*
 agora 1S trabalhar sempre
 ‘Agora ele continua trabalhando.’

(24) *Intaun aem tuuk manhati la nasaun Brasil.*
então 1EXCL pedir sempre para nação Brasil
'Então nós continuamos a pedir para a nação Brasil.'

(25) *Uus tuu maa manhati.*
chuva forte vir sempre
'Vêm uma chuva constante.'

No aspecto imperfectivo a situação é vista como de “dentro”, como um processo em andamento, que ainda não terminou. Em Mambae usa-se o auxiliar verbal *hehei* ‘IMPERF’.

(26) *Agora hela fe aan hina ruu kaben hehei.*
agora morar FOC filho feminino dois casar IMPERF
'Agora ainda há duas filhas que ainda não casaram.'

(27) *Kuandu ura moras hehei.*
quando 3S estar doente IMPERF
'Quando ele estava doente.'

(28) *Oo dega hehei.*
2S falar IMPERF
'Você estava falando.'

No aspecto perfectivo a situação é vista como um todo, independente do tempo. Geralmente a maioria dos eventos de uma narrativa são contadas a partir do aspecto perfectivo (Payne, 2007, p. 239), que em Mambae é marcado por *telo* ‘PERF’

(29) *I room la koo telo lolo ni ai-lala.*
CONJ 3PL ir esconder PERF RECP LOC mato
'E eles foram se esconder no mato.'

(30) *Ura sai telo ois Same.*
3S sair PERF de Same
'Ele saiu de Same.'

(31) *Oo kau ma hlaet telo au.*
2S irmão mais novo ir decepcionar PERF 1S
'Seu irmão mais novo me decepcionou.'

Já o aspecto perfeito “descreve um estado relevante atualmente provocado pela situação (geralmente um evento) expressado pelo verbo” (Payne, 2007, p. 239). Em Mambae se utiliza a combinação de auxiliares verbais *telo met* ‘PERFT’.

- (32) *I room aa telo met.*
 CONJ 3PL comer PERFT
 ‘E eles comeram.’
- (33) *Aze kase telo met manura, ura suli siil la ni uma.*
 Aze falar PERFT D.DIST 3S voltar novamente para POSS casa
 ‘Quando o Aze acabou de falar, ele voltou novamente para sua casa.’
- (34) *I aus maa loi telo met.*
 CONJ cão vir pegar PERFT
 ‘E o cão veio pegar.’

Há em Mambae o que se denomina aqui de aspecto perfeito completivo, quando o evento está totalmente encerrado. O aspecto perfeito completivo é realizado através dos verbos auxiliares *telo soob* ‘PERFC’.

- (35) *Idura tradisaun iid bae ke muna nor agora ba man loor telo soob.*
 D.DIST tradição DEF REL antes CONJ agora NEG igual REFL PERFC
 ‘Está é uma tradição que antes era uma, agora não é mais igual.’
- (36) *Sara met roo taan telo soob ni haut koa kidura.*
 Sara PAS longe enterrar PERFC LOC pedra buraco D.DIST
 ‘Eles também enterraram Sara naquela gruta.’
- (37) *Manuel sai riku tuu telo soob.*
 Manuel sair rico muito PERFC
 ‘Manuel ficou muito rico.’

Payne (2010, p. 240) aborda o que ele denomina de aspecto plu-perfeito⁵⁸. O Aspecto plu-perfeito, assim como o passado, refere-se à combinação de um marcador de tempo e um aspecto, que em Mambae é, respectivamente, *met soob*.

⁵⁸ Em inglês, pluperfect (PAYNE, 2010, p. 240).

- (38) *Yaya ura eskola klase teul met soob.*
 Yaya 3S escola classe três PLU-PERF
 ‘A Yaya havia concluído o terceiro ano escolar.’
- (39) *Ura serbius met soob, ni siil ada, ura deskansa.*
 3S serviço PLU-PERF LOC novamente amanhã 3S descansar
 ‘Quando ele havia terminado o serviço, no dia seguinte, ele descansou.’
- (40) *Arfila room tabae met soob la froo...*
 quando 3PL entrar PLU-PERF para barco
 Quando eles haviam entrado no barco...

8.3 Modalidade

Segundo Dooley (2010), é na modalidade que o falante pode expressar como ele entende ou não a factualidade do seu enunciado: verdadeiro, possível, etc. Dixon (2012, p. 22) afirma que algumas línguas marcam a realidade de um evento ou estado através de um sistema gramatical – realis e irrealis. Para ele, realis refere-se a alguma coisa que está acontecendo, que acabou de acontecer, ou é certo que acontecerá. Já irrealis refere-se a algo que (ainda) não aconteceu.

Em Mambae realis é evidenciada pela naturalidade dos verbos e aspectos, enquanto irrealis é expressa por verbos modais, *laa*, *maa*, *leob* e *tenki*. Estes formam um tipo de verbos seriais, precedendo outro verbo. No caso de *maa* (em direção ao falante) e *laa* (direção contrária ao falante), estes estão subordinados ao verbo principal que os seguem.

- (41) *I ura laa tabaar la ni mane.*
 CONJ 3S ir reportar para POSS masculino
 ‘Então ela foi contar para seu marido.’
- (42) *I ura laa asoor roo Same room.*
 CONJ 3S ir encontrar pessoa Same PL
 ‘Então ele foi reunir com as pessoas de Same.’
- (43) *Ura maa sium aem ni taes kuku.*
 3S vir receber 1EXCL LOC mar boca
 ‘Ele veio nos receber na praia.’

- (44) *Deslaa ura maa vizita au bak-bako ni kadeia.*
 por isso 3S vir visitar 1S frequentemente LOC cadeia
 ‘Por isso ele vinha me visitar frequentemente na cadeia.’

Já os verbos modais *leob* e *tenki*, expressam, respectivamente habilidade e obrigação/necessidade.

- (45) *Iim ba leob fun klao la au bainaka serгаа.*
 2PL NEG poder fazer mal PREP1S visita todos
 ‘Vocês não deveriam tratar mal as minhas visitas.’

- (46) *Room ba leob komprende loor des.*
 3PL NEG poder compreender RECP consequentemente
 ‘Consequentemente eles não conseguiram se entender.’

- (47) *Kuandu au maet, iim tenki oid au eta lolo la taan ni tata Azé*
 quando 1S morrer 2PL ter-que trazer 1S corpo RECP PREP enterrar LOC avô Azé
ni rate.
 POSS túmulo
 ‘Quando eu morrer, vocês têm que me enterrar junto do avô Azé.’

- (48) *Ura tenki fun tuir aan serгаа ni akar.*
 3S ter que fazer seguir filho PL POSS querer
 ‘Você tem que fazer seus filhos seguirem o seu querer.’

8.4 Advérbios

O Mambae possui uma grande classe de palavras aberta de advérbios, que modificam constituintes no predicado. Os advérbios ocorrem após o verbo. A principal função deles é de indicar tempo, lugar, maneira e intensidade, sendo que alguns deles podem ser usados para indicar TAM.

8.4.1 Advérbios de Tempo

Os advérbios de tempo designam pontos temporais no discurso, provendo informação temporal sobre o evento ou estado descrito pelo verbo, em termos de completude e duração. Os advérbios de tempo em Mambae são listados na tabela 8.1.

- (49) *Arfila ura mate, ura ni ama hei mori.*
quando 3S morrer 3S POSS pai CONT vida
‘Quando ele morreu, seu pai ainda estava vivo.’
- (50) *Leolbaan nafai au la konta enlaa au mori.*
dia hoje 1S ir contar sobre 1S:POSS vida
‘No dia de hoje eu vou contar sobre minha vida.’
- (51) *I ura ba kode loor nor au man muna.*
CON 3S NEG bom RECP CONJ 1S igual antigamente
‘E ele não é bom comigo como antigamente.’
- (52) *I uus met maa hoda-ada ba para.*
CONJ chuva PASS vir dia-noite NEG parar
‘E o choveu dia e noite sem parar.’

Tabela 8.1 - Advérbios de Tempo

<i>depois</i>	‘depois’
<i>arfila</i>	‘quando’
<i>derpentí</i>	‘de repente’
<i>blebuus</i>	‘manhã’
<i>leol seri</i>	‘tarde’
<i>hoda</i>	‘noite’
<i>leolbaan-leolbaan</i>	‘diariamente’
<i>nafai</i>	‘hoje’
<i>narua</i>	‘ontem’
<i>ada</i>	‘amanhã’
<i>muna</i>	‘antigamente’
<i>molo</i>	‘antes’
<i>manhati</i>	‘sempre’
<i>hoda-ada</i>	‘dia e noite’

8.4.2 Advérbios de Lugar

Os advérbios de lugar apontam para a direção e localidade do evento ou estado do discurso. Em Mambae o lugar é baseado na dêixis, ou seja, na distância e direção do falante no discurso (ver em 6.6.2).

Tabela 8.2 - Advérbios de Lugar

<i>fedesi</i>	‘perto’
<i>la-uri</i>	‘aqui’
<i>la-ura</i>	‘ali’
<i>leol duu</i>	‘oeste’
<i>leol sae</i>	‘leste’
<i>lau</i>	‘em cima’
<i>fusu</i>	‘central’
<i>leom-leom</i>	‘todos os lugares’
<i>lala</i>	‘dentro’

- (53) *Arfila room fedeis soob Letefoho...*
quando 3PL perto COMPL Letefoho
‘Quando eles estavam perto de Letefoho...’
- (54) *Roo la-uri rini tustus.*
pessoa aqui PL INT
‘Há muitas pessoas aqui.’
- (55) *Flaer manhati la ni rae lau la-ura la iim ba leob mate.*
Correr sempre PREP LOC montanha lá PREP 2PL NEG poder morrer
‘Continue correndo para o alto daquela montanha, assim vocês não serão mortos.’
- (56) *I ura loet Oko nor maen hailagaa ni-ura ni uum lala.*
CONEC 3S matar Oko CONEC homem PL L.DIST POSS casa dentro
‘Então ele matou Oko e todos os homens que estavam em sua casa.’

8.4.3 Advérbios de Modo

Os advérbios de modo é uma grande categoria adverbial em Mambae. Alguns destes advérbios são formados a partir da reduplicação de verbos estativos, como *noot* ‘quieto’ e *not-noot* ‘quietamente’.

Tabela 8.3 - Advérbios de Modo

<i>kode</i>	‘bem’
<i>klao</i>	‘mal’
<i>heel</i>	‘devagar’
<i>dloo</i>	‘verdadeiramente’
<i>ahali-ahali</i>	‘repetidamente’
<i>not-noot</i>	‘quietamente’
<i>enene</i>	‘imediatamente’
<i>mo-moo</i>	‘claramente’

- (57) *Man room haigaa lalai toom heel.*
então 3PL todos andar seguir devagar
‘Então eles seguiram andando devagar.’
- (58) *Au tuuk ura ahali-ahali.*
1S perguntar 3S repetidamente
‘Eu perguntei a ele repetidamente.’
- (59) *Iim ba leob fun klao la au bainaka serгаа.*
2PL NEG poder fazer mal PREP1S visita todos
‘Vocês não deveriam tratar mal as minhas visitas.’
- (60) *Ura tenki fun tuir tata room akar nor mori dloo.*
3S ter que fazer seguir avô PL querer CONJ viver verdadeiramente
‘Ele tem que seguir o querer dos ancestrais e viver verdadeiramente.’

8.4.4 Advérbios de Intensidade

Os advérbios de intensidade ou frequência geralmente apontam o número de vezes que alguma coisa aconteceu durante um determinado intervalo de tempo. Os advérbios de intensidade são listados na tabela 8.4.

Tabela 8.4 - Advérbios de Intensidade

<i>didi</i>	‘realmente’
<i>adada</i>	‘frequentemente’
<i>bak-bako</i>	‘continuamente’
<i>rini</i>	‘muito’
<i>kaet-keen</i>	‘pouco’

- (61) *Roo la-uri rini tustus.*
 pessoa L-PROX PL INT
 ‘Há muitas pessoas aqui.’
- (62) *Au akar kase istoria kaet-keen enlaa itubudaot bae ke ni rae Same ni.*
 1S querer falar história pouco sobre crocodilo REL LOC terra Same POSS
 ‘Eu quero contar um pouco da história sobre o crocodilo da terra de Same.’
- (63) *Ura met sero bak-bako la ni ana too.*
 3S PASS chorar continuamente para POSS filho DEF
 ‘Ele chorou sem parar pelo seu filho.’
- (64) *Room adada nae ikan.*
 3PL frequentemente procurar peixe
 ‘Eles pescam frequentemente.’

9 ORAÇÕES COMPLEXAS

No capítulo anterior discutiu-se as diferentes formas de alteração que ocorrem com os verbos e com o predicado. Em todas as línguas há diferentes formas de combinar os itens lexicais, como os verbos, e formar expressões mais complexas. Desta forma, este capítulo aborda quatro diferentes formas de construções envolvendo múltiplos verbos como verbos seriais (§9.1), conjunções e suas funções (§9.2) nas orações coordenadas (§9.3) e orações subordinadas em (§9.4). Além disso este capítulo também descreve outros tipos de orações como imperativas, interrogativas e de negação.

9.1 Verbos Seriais

Segundo Dixon (2012, p. 476), a construção de verbos seriais possui “um predicativo que consiste de dois (ou mais) verbos, em que cada um poderia possuir um predicado por si só, e que sua combinação é concebida como descrevendo uma única ação; deve haver um único sujeito para este todo.”⁵⁹ Payne (2007, p. 307) afirma que construções como esta ocorrem comumente em línguas que possuem pouco ou nenhuma morfologia verbal, característica de línguas isolantes, no qual pode-se enquadrar o Mambae (ver §5).

Em Mambae é comum encontrar sentenças com sequências de dois e até três verbos. Contudo, é necessário observar se um verbo modifica o outro ou se ambos os verbos em uma sequência em particular dividem o estatus sintático de núcleo. Destaca-se que os verbos seriais podem ocorrer isoladamente, como em (01), ou em série como em (02).

(01) *Roo dae room nor sikoti.*
 pessoa bater 3PL com chicote
 ‘As pessoas bateram neles com o chicote.’

(02) *Mahee au dae fuil telo ura.*
 mas 1S bater matar PERF 3S
 ‘Mas eu bati (até) matá-lo.’

⁵⁹ Serial verb construction: has a predicate consisting of two (or more) verbs, each of which could make up a predicate on its own, and whose combination is conceived of as describing a single action; there must be a single subject applying to the whole. (DIXON, 2012, p. 476)

Observa-se nos exemplos (01) e (02) a diferença entre a função dos verbos. Em (01) o verbo *dae* ‘bater’ é o único verbo do predicado. Já em (02) há uma construção serial em que ambos os verbos representam várias facetas de um evento complexo - os verbos bater e matar se complementam como ação sequencial, sendo o segundo verbo, *fuil*, o objetivo final do primeiro verbo *dae* (bater até matar).

Em Mambae a construção serial é formada por dois ou mais verbos, não ocorrendo nenhum outro elemento sintático – como aspecto, tempo, modo, conjunções ou advérbios – entre eles.

(03) *Au akar kase istoria kaet-keen enlaa itubudaot bae ke ni rae Same ni.*
 1S querer falar história pouco sobre crocodilo REL LOC terra Same POSS
 ‘Eu quero contar um pouco da história sobre o crocodilo da terra de Same.

(04) *Mahee room boe mliuk telo.*
 mas 3PL dormir esquecer PERF
 ‘Mas eles dormiram profundamente.

Os verbos modais *laa* ‘ir’ e *maa* ‘vir’ são considerados verbos de movimento, pois indicam a direção da ação do segundo verbo em relação ao falante nos exemplos (06) e (08). Estes também ocorrem isoladamente, mantendo sua semântica de movimento ou direção, como nos exemplos (05) e (07).

(05) *Arfila ura maa soob, roo hei fun susar i Ø loet ura.*
 quando 3S vir PERF pessoa FUT fazer dificultar CONNEC matar 3S
 ‘Quando ele vier as pessoas vão dificultar para ele e (eles) vão matá-lo.

(06) *Malae buti agora maa noir Timor met.*
 Estrangeiro branco agora vir ensinar Timor ANT
 ‘Os estrangeiros brancos vieram ensinar em Timor (Timor-Leste).’

(07) *Ura laa ni hati kiid seneda.*
 3S ir LOC lugar DERT tranquilo
 ‘Ele foi para um lugar tranquilo.’

(08) *Oo laa kaben nor au nai Aloi ni ana hina kiid.*
 2S ir casar com 1S senhor Aloi POSS filho feminino INDEF
 ‘Você vai casar com uma filha do meu senhor Aloi.’

Mesmo verbos modais já constituírem uma construção de verbos seriais, pode-se encontrar construções como a do exemplo abaixo, com um verbo modal, um verbo causativo mais um verbo transitivo, sendo que todos eles se complementam e dividem o mesmo sujeito.

- (09) *Ura tenki fun tuir tata room akar nor mori dloo.*
 3S ter que fazer seguir avô PL querer CONJ viver verdadeiramente
 ‘Ele tem que seguir o querer dos ancestrais e viver verdadeiramente.’

9.2 Conjunções

Em Mambae, as conjunções servem para conectar sintagmas e orações. As conjunções se caracterizam por combinar diferentes constituintes sintáticos, não sendo núcleo de nenhum sintagma.

As conjunções apresentadas na tabela 9.1 foram organizadas em dois grupos: as que combinam o mesmo tipo de constituintes, como orações coordenadas, e aquelas que ligam diferentes tipos de constituintes, como orações subordinadas.

Tabela 9.1 - Conjunções em Mambae

Conjunções que combinam mesmo tipo de constituintes (9.3)		
conjunção	glossa	relação semântica
<i>nor</i>	‘com’	adição
<i>i</i>	‘e’	adição
<i>ka</i>	‘ou’	alternativa
<i>raat</i>	‘até’	anterioridade
<i>des</i>	‘então’	objetivo
<i>mahee</i>	‘mas’	contraste
<i>se</i>	‘se’	posterioridade
<i>des idura</i>	‘por isso que’	sequência
<i>fes</i>	‘desde’	resultado
<i>fedu</i>	‘embora’	concessão
<i>mansaba</i>	‘como’	similariedade
Conjunções que combinam diferentes tipos de constituintes (9.4)		
conjunção	glossa	relação semântica
<i>dega</i>	‘que’	complementação
<i>bae ke</i>	‘REL’	relativização

- (10) ...*mahee* Azé doim faklau Foni.
 mas Azé amar mais que Foni
 ‘...mas Azé amava mais Foni’.

- (11) *Des manura fe, oo nor oo hina nor oo ana room tbae*
 por causa disto 2S CONJ 2S:POSS mulher CONJ 2S:POSS filho PL entrar
soob la uum lala.
 imediatamente PREP casa interior
 ‘Por causa disto, você, sua esposa e seus filhos entrem imediatamente para dentro de casa.’
- (12) *Ako hei mori des toon saguul resi liim nai-rua ni Indonesia, raat*
 Ako ainda viver consequentemente anos dezessete LOC Indonesia até
 \emptyset ni tona fuut haet-faat resi liim nai-rua.
 (Ako) POSS anos junto quarenta e sete
 ‘Ako ainda viveu por mais dezessete anos na Indonésia, até (ele) ter quarenta e sete anos.’
- (13) *Kode ka ba kode?*
 bom ou NEG bom
 Você está bem ou não?
- (14) *Arfila aan mane numeru iid Amau, tuu soob, Yata laa tuuk aan*
 quando filho masculino número um Amau grande já Yata ir perguntar filho
hina kiid, kala Eti, i room ubu ruu kaben
 feminino um nome Eti CONJ 3PL CLASS dois casar
 ‘Quando seu primeiro filho já era crescido, Yata foi buscar uma jovem para ele, chamada Eti, e eles dois se casaram.’
- (15) *Mahee problema bae ke iim oid ma-uri, iim problema uum lala.*
 CONJ problema REL 2PL trazer L-PROX 2PL problema casa interior
 ‘Mas este problema que vocês estão trazendo, é problema de dentro da família de vocês.’

Algumas conjunções são membros de duas classes de palavras, como preposições, marcação de orações interrogativas e advérbios. Em §10.4 descreve-se um pouco mais sobre as conjunções como conectores discursivos.

9.3 Orações Coordenadas

As orações coordenadas em Mambae são aquelas em que ambas as orações têm a mesma função sintática, que podem ocorrer com uma conjunção – oração coordenada sindética -, ou sem uma conjunção – oração coordenada assindética ou justaposta (DOOLEY, 2010). Nas

orações coordenadas sindéticas, utilizam-se as conjunções que combinam mesmo tipo de constituintes, apresentadas na tabela 9.1.

- (16) ... *ba suil la tradisaun **mahee** agora iit fei tuir man iit ankate*
 NEG voltar para tradição mas agora 1INCL ver seguir igual 1INCL crianças
agora nafai leolbaan-leolbaan gia...
 agora hoje dia-dia INDEF
 ‘... não volta para a tradição mas agora nós fazemos igual nossos filhos hoje em dia...’
- (17) *au hela ba hakmatek **deslaa** ni au nunka la missa i au nunka fliik Maromak*
 1S ficar NEG calmo porque POSS 1S nunca ir missa e 1S nunca ouvir Deus
ni tero hua.
 POSS língua coração.
 ‘Eu não ficava em paz porque eu nunca ia à missa e eu nunca ouvi sobre Deus e sua palavra.’
- (18) *Ba leob fun laoh estraga i maun ba leob estraga, aem fei hati bae iid*
 NEG poder fazer rato estragar e galo NEG poder estragar 1EXCL ver lugar REL um
ke manaru aem lui kod-koed aem kuidado para aem oid aa
 REL comprido 1EXCL guardar bem 1EXCL cuidado para 1EXCL assim comer
*raat hulai faat **ka** liim.*
 até mês quarto ou cinco.
 ‘(para) não deixar o rato estragar e o galo não pode estragar, nós fizemos um lugar que é comprido, nós guardamos bem, nós cuidamos para que assim possamos comer por até quarto ou cinco meses.’

No exemplo (16) a conjunção *mahee* está apresentando um contraste da segunda oração diante da primeira. Os exemplos (17) e (18) mostram adição no qual uma oração acrescenta informação à outra por meio da conjunção *i*. E ainda em (18) a conjunção *ka* apresenta uma alternativa. É importante destacar que mesmo tendo a mesma glossa ‘e’, as conjunções *i* e *nor* tem usos diferenciados em Mambae. A conjunção *nor* é utilizada para coordenar sintagmas nominais, como em (19), enquanto *i* coordena orações em (17) e (18).

- (19) ..., *durante roo maa ajuda aem ni susar **nor** aem terus.*
 durante pessoa vir ajudar 1EXCL POSS dificuldade e 1EXCL sofrimento
 ‘... durante (o período que) as pessoas vieram ajudar em nossa dificuldade e sofrimento.’

Em Mambae encontram-se também orações coordenadas assindéticas ou justapostas, em que não há uma conjunção para unir constituintes como duas orações ou sintagmas nominais, como observa-se nos exemplos abaixo.

- (20) *Animaal bae iid ke ni Same ni lala kuud aem uza la oid ajuda,*
 animal REL um REL LOC Same POSS interior cavalo 1EXCL usar para ajudar
ajuda met aem oid tuul manah, tuul batar, tuul aih.
 ajudar PERF 1EXCL para transportar carga transportar milho transportar mandioca
 ‘O animal que nós temos em Same, cavalo, nós usamos para nos ajudar a transportar carga, transportar milho, transportar mandioca.’
- (21) *Au sai ois Same ma Dili, Dili ma Atambua, Atambua ma Kupang.*
 1S sair de Same para Dili Dili para Atambua Atambua para Kupang
 ‘Eu sai de Same para Dili, Dili para Atambua, Atambua para Kupang.’
- (22) *Barlaki ni Timor too id-ida nor ni, Ainaru ni foi, Suai ni*
 Barlaque LOC Timor DEF cada um com POSS Ainaro POSS diferente Suai POSS
foi, leolsae ni foi, Same ni foi.
 diferente leste POSS diferente Same POSS diferente
 ‘O barlaque em Timor, cada um tem o seu, de Ainaro diferente, de Suai diferente, de leste diferente, de Same diferente.’
- (23) *Au naha konta istoria kaet-keen een la kultura, tradisaun een la Same*
 1S FUT contar história pouco sobre PREP cultura tradição sobre PREP Same
ni een la haah hiin nor la maen.
 POSS sobre PREP chamar mulher CONJ PREP homem.
 ‘Eu vou contar um pouco sobre a cultura, sobre a tradição de Same, sobre o dote no casamento.’

9.4 Orações Subordinadas

A oração subordinada é a construção de duas orações no qual uma delas modifica ou se encaixa dentro da outra oração. Em Mambae temos orações complementares e orações relativas. As orações complementares ocorrem por meio da conjunção complementar *dega* ‘que’, que ocorre logo após o verbo. Salienta-se que *dega* também significa ‘falar’, e só exerce o papel sintático de conjunção quando ocorrer após um verbo bivalente como *taad* ‘saber’ em (24), *anoin* ‘pensar’ em (25), *kase* ‘falar’ em (26) e *fiar* ‘acreditar’ (27).

- (24) *Taad dega fun umaen fe la-ura, hiin haat fe iduri...*
saber que fazer família da noiva FOC lá família do noivo FOC aqui
'Sabendo que a família da noiva é esta ali, a família do noivo esta aqui.'
- (25) *Room anoin dega ura maet telo soob.*
3PL pensar que 3S morrer PERFC
'Eles pensavam que ele havia morrido.'
- (26) *Ura kumesa kase dega iim hela ni ai-lala.*
3S começar falar que 2PL morar LOC mato
'Ele começou a faar que vocês estavam no mato.'
- (27) *Au ni mori fe manura, badun tristi badun kontenti des mambae au fiar dega*
1S POSS vida FOC D.DIST parte triste parte contenti porque 1S acreditar que
Maromak sempre fuut nor au.
Deus sempre junto com 1S
'Minha vida é assim, às vezes triste, às vezes contente, porque eu acredito que Deus sempre está junto comigo.'

O relativizador *bae ke* 'REL' introduz uma oração relativa que funciona como um modificador nominal, como em (28) e (29). Às vezes pode ocorrer o definitivo *iid* no meio do relativizador, ficando *bae iid ke*, como nos exemplos (30) e (31).

- (28) *Au naha tuir kaet-keen enlaa animal bae ke ni Same.*
1S querer seguir pouco sobre animal REL LOC Same
'Eu contarei um pouco sobre os animais que há em Same.'
- (29) *Arbau bae ke aem akiak, seer leob ajuda aem oid doo rae.*
búfalo REL 1EXCL criar alguns poder ajudar 1EXCL para arar terra
'Os búfalos que nós criamos, parte pode ajudar-nos arar a terra.'
- (30) *Istoria bae iid ke enlaa au ni mori...*
história REL DEF REL sobre 1S POSS vida
'A história que (conto é) sobre minha vida.'
- (31) *Animaal bae iid ke ni Same tuir aem taad i au ni taad fe*
animal REL DEF REL LOC Same seguir 1EXCL saber CONJ 1S POSS saber FOC
au konta sai too ura.
1S contar sair DEF D.DIST
'O Animal que tem em Same, conforme nós sabemos, eu sei sobre, eu contarei isso.'

9.5 Outros Tipos de Orações

Há em Mambae orações imperativas, interrogativas e negativas. As orações imperativas são discutidas em §9.5.1. As orações interrogativas, incluindo questões alternativas, são apresentadas em §9.5.2. Já as orações negativas formadas com os negadores *ba* e *tais* estão em §9.5.3.

9.5.1 Imperativas

Em Mambae as orações imperativas são utilizadas para emitir comandos. As orações imperativas sempre envolve uma segunda pessoa, sendo esta quem se espera atender a ação requisitada. O imperativo é marcado por dois elementos sintáticos: *laab* e *laad*.

Laab é um marcador de imperativo pontual, como observa-se nos exemplos (32) e (33), enquanto *laad* é uma modalidade expressada pela atividade agendada, sendo seu uso uma forma de polidez, como em (34) e (35).

(32) *Blee laab!*
acordar IMP
'Acorde!'

(33) *Fois laab au!*
deixar IMP 1S
'Deixe-me ir!'

(34) Favour iid! Tulun au **laad!**
favor um ajudar 1S IMP
'Por favor! me ajude!'

(35) *Azito, maa laad ni uri!*
Azito vir IMP LOC aqui
'Azito, venha cá!'

Os verbos *maa* e *laa* podem também serem usados como marcadores de imperativo, indicando a direção da ação: *maa* indica a ação em direção ao falante em (36) e (37), enquanto *laa* a ação segue em direção oposta ao falante em (38) e (39).

- (36) *Ama, anoin au maa!*
 pai pensar 1S IMP
 ‘Pai, pensa em mim!’
- (37) *Fliik maa!*
 ouvir IMP
 ‘Ouça!’
- (38) *Flaer hurhuur laa!*
 correr rapidamente IMP
 ‘Corra!’
- (39) *Mahee fois laa!*
 mas deixar IMP
 ‘Mas deixe isso para lá!’

9.5.2 Interrogativas

Em Mambae há questões interrogativas de informação e questões alternativas. As questões interrogativas são formadas a partir de pronomes interrogativos como *her bae* ‘onde’ em (40), *mansaba* ‘como’ em (41), *seen* ‘quem’ em (42) e *sabiid* ‘o que’ em (43).

- (40) Ura **her bae**?
 3S onde
 ‘Onde ele está?’
- (41) *hanoin too mansaba?*
 pensar DEF como
 ‘Como pensar?’
- (42) *Mahee ura seen?*
 mas 3S quem
 ‘Mas que é ele?’
- (43) *Oo kala sabiid?*
 2S nome qual
 ‘Qual é o seu nome?’

As questões de informação podem ser feitas a partir de dois ‘por quê’: *mambae* ‘por quê’ para obter uma razão (44) e *des sabiid* ‘por quê’ como forma de encontrar o objetivo na resposta (45).

(44) *Fun mambae?*
fazer por quê
‘Por quê isso?’

(45) *Des sabiid fe ura klin?*
por quê FOC 3S rir
Por quê ele riu?

Em Mambae as questões alternativas são formadas com o marcador-alternativo de conjunção *ka* ‘ou’. Este requer que o ouvinte escolha a resposta certa a partir da lista de possibilidades de respostas apresentada na questão, como em (46) e (47).

(46) *Iit kode ka ba kode?*
2S bem ou NEG bem
‘Você está bem ou não?’

(47) *Room idura maa ka tais?*
3PL D-DIST vir ou não
‘Aqueles vêm ou não?’

9.5.3 Negação

Em Mambae as orações negativas são formadas a partir de dois elementos de negação, *ba* e *tais*. A ocorrência de *ba* se dá antes do predicado que irá negar, como em (48) e (49), incluindo verbos seriais como nos exemplos (50) e (51).

(48) *Au ama nor apa kase ura ba fliik.*
1S mãe CONJ pai falar 3S NEG ouvir
‘Meus pais falavam, mas ele não ouvia’

(49) *Mahee ura koo lolo ba kode.*
mas 3S esconder RECP NEG bom
‘Mas ele não conseguiu se esconder’

(50) *Flaer manhati la ni rae lau la-ura la iim ba leob mate.*
 Correr sempre PREP LOC montanha L-DIST PREP 2PL NEG poder morrer
 ‘Continue correndo para o alto daquela montanha, assim vocês não serão mortos.’

(51) *Mahee au ba dae fuil telo ura.*
 mas 1S NEG bater matar PERF 3S
 ‘Mas eu bati (até) matá-lo.’

O elemento de negação *tais* é utilizado como um negativo pro-oração, sendo comumente usado em orações interrogativas alternativas, no qual se espera uma resposta de sim ou não, como nas orações abaixo.

(52) *Se tais room ubu ruu mou met la rae koa.*
 se NEG 3PL CLAS dois cair todos para terra buraco
 ‘Se não, os dois irão cair no buraco.’

(53) *Oo leob suur ka tais?*
 2S poder contar ou NEG
 ‘Você pode contar ou não?’

(54) *... mahee suko seer tais.*
 mas suco alguns NEG
 ‘...mas alguns sucos não.’

10 ASPECTOS DO DISCURSO

Um falante, de uma língua qualquer, pode expressar através de diferentes construções sintáticas o mesmo conteúdo proposicional. Esta variedade se dá como consequência da comunicação, na qual as informações trocadas apontam algo que já está presente na representação mental do ouvinte, enquanto outros são acrescentados com o objetivo de alterar o que já está lá.

Este capítulo apresenta a estrutura informacional composta por relações pragmáticas contextuais que refletem estados cognitivos transitórios dentro do discurso Mambae, tais como as construções de foco-suposto e tópico-comentário, e como os conectivos são utilizados para ligar as idéias dentro do discurso, com base na teoria de análise do discurso proposta por Dooley e Levinsohn (2003) e Dixon (2012).

10.1 Foco

Segundo Dooley e Levinsohn (2003), o foco de um enunciado é a parte que indica o que o falante assume como mais importante ou uma mudança saliente a ser feita na representação mental do ouvinte. O que está em foco geralmente adiciona uma nova informação ou muda o que já foi apresentado.

Em Mambae o marcador de foco *fe* ‘FOC’ vem depois do primeiro elemento da sentença, definindo que a pressuposição é verdadeira para aquela pessoa, coisa ou lugar focado, como observa-se nos exemplos abaixo.

- (01) *Aan hina uri fe au loi.*
 filho feminino D.PROX FOC 1S escolher
 ‘Esta é a jovem que escolhi.’
- (02) *Au ni mori fe manura, badun tristi badun kontenti...*
 1S POSS vida FOC D.DIST parte triste parte contente
 ‘Minha vida é assim, às vezes triste, às vezes contente...’
- (03) *I aan io fe maen iid kala Paulo Jorge.*
 CONEC filho rabo FOC homem um nome Paulo Jorge
 ‘E meu último filho (é) homem, chama-se Paulo Jorge.’

- (04) *Au fe fnori ni forma.*
 1S FOC último LOC fila
 Eu sou o último da fila.

O foco da sentença ou do discurso também pode ser evidenciado pelas preposições *ma* e *la*, que direcionam o enunciado em direção ao falante (ver 05 e 06) ou em direção oposta ao falante (em 07 e 08).

- (05) *Met telo, aem ubu ruu suli siil ma ni uri.*
 tudo PERF 1EXCL CLAS dois voltar novamente PREP LOC D-PROX
 ‘Depois disto, nós dois iremos voltar novamente para cá.’

- (06) *Mas ura tuuk obrigadu ma au.*
 mas 3S dizer obrigado PREP 1S
 ‘Mas ele me disse obrigado.’

- (07) *Ate ruu ni ana too la muun iid ni iskola.*
 Ate enviar POSS filho chegar PREP primeiro LOC escola
 ‘Ate enviou o seu filho para ser o primeiro a chegar na escola.’

- (08) *Ura fun kode la au.*
 3S fazer bem PREP 1S
 ‘Ele fez bem para mim.’

10.2 Tópico

Segundo Dik (1978), tópico é a entidade sobre a qual a sentença principal diz respeito, e o comentário é o foco de predicado ou foco informacional. Dooley (2003) afirma que na maioria das línguas o tópico regularmente precede o comentário, o que faz com que muitos confundam o função de tópico e de sujeito nas sentenças. Nesta seção, descreve-se como ocorre o tópico sintático e discursivo em Mambae.

10.2.1 Tópico sintático

Dooley e Levinsohn (2003) afirma que na construção tópico-comentário, o tópico é a entidade sobre a qual o foco diz respeito. O Mambae distingue tópico marcado e tópico não-

marcado. Os tópicos marcados são salientados: são comumente prepostos, deslocados à esquerda, seguidos de uma pausa, para separar o comentário que segue.

- (09) *La ura, Au **nee** namaa.*
 para 3S 1S dar comida
 ‘Para ele, eu dei comida’
- (10) *Nam **sergaa met**, Au **nee** la room.*
 coisas PL todos 1S dar para 3PL
 ‘Todas essas coisas, eu dei para eles.’

Observa-se nos exemplos acima que o tópico é deslocado para a esquerda, seguido do comentário, da informação ao qual o tópico se refere. Por outro lado, o tópico não marcado é, geralmente, o sujeito da oração que ocorrem na posição padrão de sujeito, que Dooley e Levinsohn (2003) denominam de construção padrão.

- (11) *Ura gosta laa festa, ura gosta laa dansa...*
 3S gostar ir festa 3S gostar ir dançar
 ‘Ele gosta de ir para as festas, ele gosta de ir dançar [...].’
- (12) *Aem nei ana liim: hiin faat, maen iid.*
 1EXCL ter filho cinco mulher quatro homem um
 ‘Nós temos cinco filhos: quatro mulheres e um homem.’

Os exemplos (11) e (12) mostram que em Mambae o sujeito pode ser topicalizado, sem alterar sua posição na oração. No exemplo (11) o tópico é *ura* ‘ele’, enquanto o comentário o que este gosta. Já no exemplo (12), o tópico é *aem* ‘nós’, e o comentário é a descrição de quantos filhos este ‘nós’ possui.

10.2.2 Tópico discursivo

Em Mambae o tópico discursivo é marcado de duas formas: através do participante referente ou do padrão *tail-head linkage*, como descreve-se nas seções à seguir.

10.2.2.1 Participante referente

Em Mambae, o participante referente, quando se torna o tópico do discurso, ele é marcado por um pronome anafórico, enquanto os participantes secundários são referidos sempre pelo nome ou sintagma nominal. Assim, “a identidade do tópico da sentença pode algumas vezes ser evidenciado somente quando a sentença é considerada dentro do contexto do discurso” (Dixon, 2013, p. 198).

(13)

Au nei au kau mane kiid. Muna ura hei ankate, au apa nor ama
 1S ter 1S irmão mais novo masculino um antigamente DIST ainda criança 1S pai CONJ mãe
doim tuus ura fei kod-koed, kuidadu kod-koed raat ura tuu.
 amar ITENS 3S ver cuidadosamente cuidado bem até 3S grande
 ‘Eu tenho um irmão mais novo. Há muito tempo atrás, quando ele ainda era criança, meu pai e
 minha mãe o amavam muito, eles cuidavam muito bem dele, cuidaram até ele crescer.

Ura klosan soob, ura komesa ba tamau soob au ama nor au apa. Au ama nor apa
 3S jovem PERF 3S começar NEG respeitar PERF 1S mãe CONJ 1S pai 1S mãe CONJ pai
kase ura ba fliik, ura nakar tustuus.
 falar 3S NEG ouvir 3S rebelde muito
 ‘(Quando) ele já era jovem, ele começou a desrespeitar minha mãe e meu pai. Minha mãe e pai
 falavam ele não ouvia, ele era muito rebelde.’

No trecho retirado do texto do Apêndice C, observa-se que o principal personagem é irmão do narrador, e que só é assim identificado na primeira sentença da narrativa. Por ser o tópico principal da narrativa, todas as vezes que este é citado, a narradora utiliza o pronome pessoal, aqui usado como pronome anafórico, *ura* ‘ele’. Como seus pais são personagens secundários, todas as vezes que são mencionados, a narradora repete o sintagma nominal *au ama nor au apa* ‘minha mãe e meu pai’.

Esta é uma forma de marcação de tópico dentro do discurso Mambae, no qual os pronomes pessoais de terceira pessoa se tornam pronomes anafóricos para identificar o elemento topicalizado dentro da narrativa.

10.2.2.2 Deslocamento de orações em tail-head linkage

Segundo Grimes (1991), *tail-head linkage* é um padrão discursivo no qual a segunda oração de uma sentença (tail) é repetida como a primeira oração da próxima sentença (head). Em Mambae, a função deste padrão discursivo é mostrar a continuidade do tópico por meio de

relatos da progressão sequencial dos eventos. A continuidade referencial lida com o mesmo participante referente, estando o sujeito da oração (head) evidencial ou oculto.

- (14) *Momentu ni huun ni Timor ni 1975, Indonesia tabae ni Timor, aem flaer*
 Momento POS guerra em Timor em 1975 Indonesia entrar em Timor 1EXCL correr
la ai-lala.
 para mato
 ‘Na época da guerra em Timor em 1975, a Indonesia invadiu Timor, (e) nós corremos
 para dentro do mato.’

Flaer la ai-lala, aem ni forsa sergaa.
 correr para mato 1EXCL POSS pelotão todos
 ‘Corremos para o mato, nós todos do pelotão’

O deslocamento à frente das orações em um *tail-head linkage* não marca estas orações como possuindo uma importância especial no discurso, mas busca enfatizar a continuidade e a inter-relação da progressão dos eventos em um episódio do discurso.

10.3 Conectivos Discursivos

Os conectivos em Mambae exercem uma função pragmática, de ligar as idéias entre parágrafos dentro do discurso. Os conectivos são formados por conjunções, advérbios de tempo e dêiticos. A tabela 10.1 apresenta alguns dos conectivos discursivos em Mambae.

- (15) *Des manura fe, oo nor oo hina nor oo ana room tbae*
 por causa disto 2S CONJ 2S:POSS mulher CONJ 2S:POSS filho PL entrar
soob la uum lala.
 imediatamente PREP casa interior
 ‘Por causa disto, você, sua esposa e seus filhos entrem imediatamente para dentro de casa’
- (16) *Toom maa maen iid maa dena nor ura raat blebuus kokrauf.*
 Então homem INDF vir lutar com 3S até amanhecer
 ‘Então um homem veio lutar com ele até o amanhecer’
- (17) *Mahee problema bae ke iim oid ma-uri, iim problema uum lala.*
 CONJ problema REL 2PL trazer L-PROX 2PL problema casa interior
 ‘Mas este problema que vocês estão trazendo, é problema de dentro da família de vocês.’

- (18) *Deslaa ura ama mesa...*
 por causa disto 3:POSS pai só
 ‘Por causa disto seu pai estava sozinho...’
- (19) *Agora hela fe aan hina ruu kaben hehei.*
 agora morar FOC filho feminino dois casar IMPERF
 ‘Agora ainda há duas filhas que ainda não casaram.’

Tabela 10.1 - Conectivos Discursivos em Mambae.

Categoria Gramatical	Conectivos Mambae	em	Glossa
Advérbio	Ni		During at; while
Conjunção	Afinal		In fact; actually; in truth
Conjunção	Des		So; consequently; therefore; for; since; because of
Conjunção	Des idura		That is why
Conjunção	Des manura		Because of that; so
Conjunção	Des manura fe		Because of that
Conjunção	Des manuri		Because of this
Conjunção	Des sabiid fe		Why; for what reason
Conjunção	Deslaa		Because
Conjunção	Intaun		Then
Conjunção	Fedu		Even though; even if
Conjunção	I		And; then
Conjunção	Keer kode		It would be good if
Conjunção	Mafee		But
Conjunção	Mahee		But; nevertheless
Conjunção	Mas		But
Conjunção	Maski		Even though; even if
Conjunção	Nor		And; with
Conjunção	Se		If
Dêítico	Idura/ Kidura		That
Dêítico	Iduri / kiduri		This
Tempo	Toom maa		Then; later
Tempo	Agora		Now
Tempo	Arfila		When
Tempo	Depois		After
Tempo	Derpenti		Suddenly; unexpectedly
Tempo	Faklau telo		Later on; after that
Tempo	Fei manura		seeing that
Tempo	Maer too		That’s
Tempo	Muna		Long ago; beforehand; previously
Tempo	Ni tempu kidura		During that time
Tempo	Raat agora		Until now

Assim como na língua Guarany Mbyá (Dooley, 2010), observa-se que o Mambae possui pares de conectivos que diferem entre si em relação ao nível discursivo no qual eles funcionam. Os dois conectivos adverbiais *arfĩil* e *arfila* significam ‘quando’ na macrofunção ideacional. A diferença principal (além da forma metátese) está na hierarquia textual: a forma-M *arfĩil* ‘quando’ é usado para ligar orações ou passos dentro do parágrafo, enquanto a forma-NM *arfila* ‘quando’ tende a ligar parágrafos entre si.

- (20) *Arfila room fedeis soob Letefoho...*
 quando 3PL perto COMPL Letefoho
 ‘Quando eles estavam perto de Letefoho...’
- (21) [...] *deslaa iim ba taad arfĩil uum ubu suli.*
 porque 2PL NEG saber quando casa senhor voltar
 ‘[...] porque vocês não sabem quando o dono da casa retornará’.

11 OUTROS ASPECTOS ECOLINGUÍSTICOS

Este capítulo trata o que Makkai (1973) e Couto (2007) denominam de exoecologia linguística. Segundo ambos os autores, a exoecologia linguística é aquela que estuda as línguas em contatos e as relações da língua com seu meio ambiente.

Por exoecologia queremos dizer desenvolvimento, distribuição, características sociais, estatísticas de populações, *status* no seio de estados nacionais como língua minoritárias ou majoritárias, situação legal, chances de sobrevivência, facilidades educacionais e assim por diante, de línguas individuais e de dialetos encarados como entidades ou corpos culturais. (MAKKAI, 2016, p. 46).

Assim, ao falar em exoecologia linguística, não há como não relacionar o Ecossistema Fundamental da Língua Mambae e sua diversidade com a Ecodiversidade na qual este se situa. Segundo o documento da UNESCO (BRENZINGER et al., 2003, p. 7), a conservação biológica está ligada a conservação linguística, e esta conexão é significativa por sugerir que a diversidade da vida é constituída da diversidade da natureza, da cultura e da língua. Desta forma, quando a diversidade biológica está em risco, a cultura e a língua dos grupos etnolinguístico que fazem parte deste ecossistema também estão em perigo.

Ao se avaliar a exoecologia de um EFL, nenhum fator pode ser avaliado isoladamente. Assim, a UNESCO desenvolveu um método composto de nove fatores: seis fatores averiguam a vitalidade, uso e estado de risco de uma língua, dois fatores avaliam a atitude linguística e um fator para identificar a urgência ou não de documentação de uma língua. Juntos, estes nove fatores são especialmente úteis para caracterizar um panorama da situação do EFL. Nenhum destes fatores devem ser usados separadamente, pois uma língua pode obter uma pontuação alta somente em um critério e nos demais não.

Portanto, descreve-se aqui a exoecologia Mambae baseando-se nas entrevistas e na observação etnográfica realizada durante o trabalho de campo, pautando-se nos nove fatores do método de avaliação da UNESCO, abordando as questões de vitalidade (§11.1), uso (§11.2), atitudes (§11.3) e status (§11.4) da língua Mambae.

11.1 A Vitalidade Etnolinguística

Difícilmente uma língua pode ser avaliada como viva ou em perigo de extinção sem primeiro estabelecer os parâmetros de delimitação da análise. Desta forma, a vitalidade

etnolinguística do povo Mambae é aqui examinada com base em três fatores: transmissão intergeracional da língua, número absoluto de falantes e a proporção de falantes dentro da população total.

O fator mais comum numa avaliação de vitalidade linguística é a *transmissão intergeracional da língua*, ou seja, se uma língua é ou não transmitida de uma geração para outra. O nível do risco das línguas pode ser classificado como um contínuo de estável à extinto. A tabela 11.1 mostra o nível do risco e o grau proposto pela Unesco.

Tabela 11.1 - Transmissão Intergeracional da Língua

Nível do risco	Grau	População de falantes
<i>Segura</i>	5	A língua é usada por todas as idades, das crianças aos mais velhos.
<i>Em perigo</i>	4	A língua é usada por algumas crianças em todos os domínios; é usada por todas as crianças em domínios limitados.
<i>Definitivamente em Risco</i>	3	A língua é mais usada pela geração dos pais e mais velhos.
<i>Risco Alto</i>	2	A língua é usada principalmente pela geração dos avós.
<i>Risco Crítico</i>	1	A língua é usada por poucos falantes da geração dos avós ou bisavós.
<i>Extinta</i>	0	Não existe mais nenhum falante.

(Fonte: BREZINGER et al., 2003, p. 8).

O povo Mambae é basicamente bilíngue com quase todas as pessoas falando Mambae e Tetun (língua oficial). Ao nascer, a primeira língua que as crianças aprendem é o Mambae, tendo posteriormente o contato com a língua Tetun nos primeiros anos escolares. Dos pequeninos aos mais velhos, todos são falantes de Mambae, havendo até alguns idosos monolíngues.

Nas entrevistas, os pais afirmaram a importância da transmissão da língua para os filhos, pois esta faz parte da cultura de seu povo. Esta afirmação ocorre entre os povos que moram dentro do nicho ecológico Mambae. No entanto, esta não é a mesma ideia de alguns Mambae que moram na capital do país, Dili. Por estarem há muito tempo longe de suas vilas, muitos destes acreditam que os filhos precisam aprender apenas Tetun, pois está é a única forma de ascenderem socialmente.

Outra condição que interfere na transmissão intergeracional é o casamento exogâmico, ou seja, casamento entre indivíduos de ecossistemas linguísticos distintos. Quando isto ocorre, a transmissão intergeracional da língua vai depender do local de moradia da nova família. Se um indivíduo Mambae se casa com um não-Mambae, mas estes morarem no território Mambae, a criança irá aprender Mambae. Entretanto, se forem morar em Dili, a língua de comunicação então será o Tetun.

Considerando os fatores apresentados e os parâmetros da tabela 11.1, pode-se classificar o Mambae como uma língua não-segura, grau 4, no que se diz respeito a transmissão intergeracional da língua.

O segundo fator abordado por Brenzinger et al. (2003) é o *número absoluto de falantes*. O povo Mambae é considerado o maior povo de Timor-Leste, e a segunda língua mais falada (até agora era considerada como uma única língua). Segundo os dados do Censu 2015 (RDTL, 2017b) há atualmente 195.778 falantes de Mambae, 16,59% da população total de Timor-Leste. Destes 17.295 estão na área urbana (capital Dili e capital dos postos administrativos) e 178.483 na área rural.

Comparando os dados acima com os do Censu de 2010 (RDTL, 2013) – 110.071 falantes de Mambae acima de 6 anos de idade (12,64% da população total de Timor-Leste acima de 6 anos) -, observa-se um crescimento numérico porcentual, o que suporta a vitalidade Mambae dentro do quadro linguístico timorense.

O terceiro fator proposto por Brenzinger et al. (2003) para avaliar a vitalidade etnolinguística é a *proporção de falantes dentro da população total*. O número de falantes em relação a totalidade da população de um grupo é um indicador significativo da vitalidade de uma língua. Os parâmetros propostos para avaliação do nível de risco e grau mediante a proporção de falantes é apresentado na tabela 11.2.

Tabela 11.2 - Proporção de Falantes dentro da População Total.

Nível do risco	Grau	Proporção de falantes dentro de uma população total de referência.
<i>Seguro</i>	5	Todos falam a língua.
<i>Não seguro</i>	4	Quase todos falam a língua.
<i>Definitivamente em risco</i>	3	A maioria fala a língua.
<i>Gravemente ameaçado</i>	2	A minoria fala a língua.
<i>Criticamente ameaçado</i>	1	Pouquíssimos falantes da língua.
<i>Extinto</i>	0	Nenhum falante da língua.

Como já observado nos capítulos 2 e 3, nem todo Mambae é falante de Mambae. Há aqueles que são oriundos de *uma lisan* Tetun. Diante deste fato, Observa-se na tabela 11.3 a proporção de falantes de Mambae e de Tetun (língua oficial) dentro dos municípios falantes de Mambae, baseado nos dados fornecidos no Censu 2015 (RDTL, 2017b).

Tabela 11.3 - Falantes de Mambae e Tetun por Município.

Município	Tetun (tdt)		Mambae (mgm)		Total de falantes
Aileu	14.262	29%	33.542	69%	48759
Ainaro	18.261	29%	39.325	62%	62988
Ermera	23.701	19%	76.785	63%	125302
Liquica	11.679	16%	13.118	18%	71709
Manatuto	2.790	6%	3.086	7%	46588
Manufahi	14.216	26%	18.436	34%	53685
Total de falantes:	84.909	20%	184.292	45%	409031

Observa-se na tabela acima que os três primeiros municípios onde a língua principal é o Mambae, mais que 60% da população de falantes têm o Mambae como língua materna. Já nos outros três municípios, observa-se que o número ainda é alto (com exceção de Manatuto, que praticamente só tem falantes na fronteira com Aileu e Manufahi), considerando que há outras línguas fronteiriças dentro destes municípios.

A partir destes dados (menos de 70% de falantes Mambae), considerando que esta é uma porcentagem demonstrativa que abrange além do Ecossistema Fundamental Mambae, e outras observações já realizadas nos capítulos 2 e 3, pode-se classificar a proporção de falantes dentro da população total Mambae como grau 3, (definitivamente) em risco.

11.2 Uso Da Língua

Onde, com quem e a escolha dos tópicos nos quais uma língua é usada refletem se há uma manutenção da língua ou uma mudança de língua. Em outras palavras, estes padrões afetam diretamente ou não sua transmissão de uma língua para a próxima geração.

Timor-Leste possui uma situação de multilinguismo territorial, ou seja, é uma ecologia linguística complexa. Como visto nos capítulos anteriores, a constituição do país declara como línguas oficiais o Português e o Tetun, como línguas de trabalho o Inglês e Indonésio, e

reconhece as demais línguas como línguas nacionais, entre elas o Mambae. A partir deste multilinguismo presente, é possível perceber que o domínio de uso das línguas não são igualitários.

Como consequência de uma ecologia linguística complexa, em Timor-Leste ocorre o que Mkilifi (1978) denomina de “diglossia sobreposta”⁶⁰, quando uma língua pode ter o papel de variedade alta e variedade baixa (FERGUSON, 1959) dependendo com qual outras variedades esta é comparada - neste caso a língua oficial Tetun é que exerce este papel. Quando a língua Tetun é comparado com as outras línguas nacionais - como o Mambae -, ela ocupa o papel de prestígio, variedade alta. Contudo, se torna uma variedade baixa quando comparada com a língua Portuguesa (ou mesmo com as línguas de trabalho).

Assim, a distribuição do domínios de uso implica que em certas situações o Mambae é mais apropriado (enquanto variedade baixa), enquanto em outros domínios o Tetun ou o Portugues se torna apropriado (como variedade alta).

Brenzinger et al. (2003) propõe três fatores para análise do uso da língua e seus domínios: mudança nos domínios de uso da língua; resposta a novos domínios e a mídia; e materiais para educação na língua e alfabetização. Abaixo os três fatores são discutidos em maiores detalhes.

Como mencionado na seção anterior, a língua Mambae é a primeira língua falada pelas crianças dentro do Território Mambae. Ela não é apenas a primeira língua adquirida, como também é a mais falada pelo povo Mambae. A língua de uso para a comunicação depende do interlocutor. Se um falante de Mambae encontra outro falante de Mambae da mesma variedade (mesma língua), a comunicação é toda em Mambae. Quando este falante encontra com outro Mambae de uma variante diferente ou com outra pessoa de um grupo étnico distinto, a comunicação ocorre em Tetun. Apenas com estrangeiros não falantes de Tetun que alguns Mambae comunicavam em Português ou Inglês,

As línguas Mambae e Tetun possuem domínios de uso definidos. Os Mambae consideram sua língua materna como meio da transmissão da sua cultura, educação informal, das crenças e base de sua organização social, isto é, a língua é um dos elementos fundamentais na formação de sua identidade. É utilizada principalmente dentro de casa, no mercado, às vezes na comunicação oral em repartições públicas e informalmente como língua auxiliar nos primeiros anos escolares.

⁶⁰ “double overlapping diglossia”.

Já a língua Tetun é utilizada como língua principal de instrução nas escolas, como língua litúrgica nas missas e como língua oficial nos documentos emitidos dentro das repartições públicas.

De acordo com a tabela 11.4 proposta por Brenzinger et al. (2003) sobre *mudança nos domínios de uso da língua*, o Mambae se enquadra no nível de paridade multilíngue, grau 4.

Tabela 11.4 - Mudança nos domínios de uso da língua.

Nível de risco	Grau	Domínios e funções.
<i>Uso universal</i>	5	A língua é usada em todos os domínios e para todas as funções.
<i>Paridade multilíngue</i>	4	Duas ou mais línguas podem ser usadas em grande parte dos domínios sociais e para muitas funções; a língua de origem é raramente usada em domínio público.
<i>Domínios reduzidos</i>	3	A língua é usada no domínio familiar e para muitas funções, mas a língua dominante começa penetrar no domínio familiar.
<i>Domínios limitados</i>	2	A língua tem o uso limitado nos domínios sociais e em severas funções.
<i>Domínios altamente limitados</i>	1	A língua é usada somente em domínios muito restritos e em pouquíssimas funções.
<i>Extinto</i>	0	A língua não é mais usada em nenhum domínio ou para nenhuma função.

Para Brenzinger et al. (2003), a paridade multilíngue ocorre em situações de diglossia, quando a língua dominante é a língua primária na maioria dos domínios oficiais (sistema educacional e repartições públicas), e a língua materna em questão continua ser utilizada em alguns domínios públicos restritos como na prática da religião tradicional e mercados locais. Esta co-existência de línguas dominantes e não-dominantes resulta no uso de cada língua para diferentes funções, sendo a não-dominante – neste caso o Mambae -, usado em contextos informais e em casa, enquanto a língua dominante (o Tetun) é usado nos contextos públicos e formais.

Isto ocorre porque muitos falantes Mambae, principalmente os jovens, consideram a língua dominante (Tetun) ser a língua de oportunidade de ascensão social e econômica, enquanto os anciãos Mambae consideram de maior importância a língua de seus ancestrais.

Outro fator proposto por Brenzinger et al. (2003), é a resposta a novos domínios e mídia. Timor-Leste se tornou um país independente há 15 anos, e desde então vem se desenvolvendo

gradativamente em todos os aspectos, incluindo a mídia e tecnologia. Hoje a televisão é presente em muitas das casas timorenses, e atualmente conta com dois canais de programação local em língua Tetun e Português - um canal estatal, a RTTL e um privado, GMN TV -, um canal português e um canal indonésio. Há também as opções de canais estrangeiros por meio de pacotes privados. Não há nenhuma programação televisiva realizada nas línguas nacionais não-oficiais.

Outra mídia com acesso expansivo é a internet. Hoje o país conta com três operadoras de telefone que cobrem quase que a totalidade do território timorense, permitindo o acesso a internet a todos aqueles que tem condições financeiras de bancar os altos custos dos pacotes oferecidos. Por meio da internet, os timorenses tem acesso as redes sociais como Facebook e WhatsApp, que se popularizou principalmente entre os jovens universitários na capital de Dili. É interessante observar grupos étnicos dentro do Facebook, no qual só é permitido a comunicação através da língua materna, como o *Ermera Anan Gase se Mambae* ‘filhos de Ermera que falam Mambae’. Quando a comunicação nestas mídias sociais ocorre entre pessoas do mesmo grupo étnico, as postagens ocorrem tanto em Mambae como em Tetun.

Considerando a tabela 11.5 proposta por Brenzinger et al. (2003), pode-se classificar o Mambae como *ativo*, grau 4, quando referir-se a internet e redes sociais, e como *inativo*, grau 0, referente as programações televisivas.

Tabela 11.5 - Resposta aos novos domínios e mídia

Nível de risco	Grau	Novos domínios e mídia aceitos por línguas em risco.
<i>dinâmico</i>	5	A língua é usada em todos os novos domínios.
<i>ativo</i>	4	A língua é usada na maioria dos novos domínios.
<i>receptivo</i>	3	A língua é usada em muitos domínios.
<i>cópia</i>	2	A língua é usada em alguns dos novos domínios.
<i>mínimo</i>	1	A língua é usada somente em poucos dos novos domínios.
<i>inativo</i>	0	A língua não é usada em nenhum dos novos domínios.

O último fator proposto por Brenzinger et al. (2003), dentro do tópico de uso da língua, é de *materiais para educação na língua e alfabetização*. Para ele, a educação na língua materna é essencial para a vitalidade da mesma. Existem muitas comunidades linguísticas que mantêm tradições orais fortes e que não desejam que sua língua seja escrita. Em outras comunidades, a

alfabetização nas suas línguas é uma questão de orgulho. A tabela 11.6 mostra os graus de avaliação proposto por Brenzinger et al. (2003).

Tabela 11.6 - Materiais para a Educação e Alfabetização na Língua.

Grau	Acessibilidade a materiais escritos.
5	Possui uma ortografia estável, alfabetização tradicional com gramáticas, dicionários, textos, literatura e mídia diária na língua. A escrita é usada na administração e educação.
4	Material escrito existe e as escolas estão desenvolvendo a alfabetização na língua materna. A escrita não é usada na forma escrita da administração.
3	Existe material escrito e as crianças podem ser expostas a forma escrita da língua na escola. O letramento não é promovido por meio de material impresso.
2	Existe material escrito, mas eles geralmente são úteis somente para alguns membros da comunidade; e para outros, pode ter um significado simbólico. Letramento na língua materna não é parte do currículo escolar.
1	Uma ortografia prática é conhecida pela comunidade e possui algum material escrito na língua.
0	Não há nenhuma ortografia disponível para a comunidade.

De acordo com a tabela acima, o Mambae hoje se classifica no grau 0, pois não há nenhuma ortografia disponível para a comunidade e nenhum material disponível na língua Mambae. Atualmente o governo timorense possui um projeto piloto chamado EMBLI⁶¹ - Educação Multilíngue Baseada na Língua Materna. O projeto piloto já ocorre há cinco anos e abrange os grupos étnicos Fataluku, Galolen e Baikeno. Está previsto para o ano de 2018 a expansão do projeto para os grupos Mambae, Makasae, Kemak e Tetun Terik.

11.3 Atitudes Linguísticas

O documento da Unesco (Brenzinger et al., 2003) traz dois fatores avaliativos em relação as atitudes linguísticas de um grupo étnico. O primeiro fator trata sobre a *política e atitudes da língua institucional e governamental, incluindo seu status oficial e de uso*. O governo de Timor-Leste possui uma política explícita de uso das línguas dentro de seu contexto multilíngue. A Constituição da RDTL (2010), em seu artigo 13.º, sobre as línguas oficiais e línguas nacionais diz que

⁶¹ Em Tetun: “*Edukasaun Multilinge bazeia Lian Inan*”

1. O tétum e o português são as línguas oficiais da República Democrática de Timor-Leste.
2. O tétum e as outras línguas nacionais são valorizadas e desenvolvidas pelo Estado.

Observa-se que o Estado Timorense reconhece as línguas maternas como línguas nacionais que devem ser valorizadas e desenvolvidas pelo próprio Estado, mas até hoje não se percebeu nenhum projeto de valorização e manutenção das mesmas.

Diante da tabela 11.7 proposta por Brenzinger et al. (2003), pode-se classificar a situação multilíngue oficial de Timor-Leste dentro do nível de suporte de assimilação passiva, grau 3. As autoridades centrais timorenses se mostram indiferentes quanto ao uso ou não das línguas nacionais não-oficiais, enquanto as línguas dominantes, Tetun e Português, sejam as línguas de interação nos espaços públicos. Destaca-se que as línguas nacionais não-oficiais, como o Mambae, não possuem nenhum prestígio social por parte dos órgãos governamentais.

Tabela 11.7 - Política e Atitudes da Língua Institucional e Governamental, Incluindo seu Status Oficial e de Uso.

Nível de suporte	Grau	Atitudes oficiais referentes a língua.
<i>Suporte igualitário</i>	5	Todas as línguas são protegidas.
<i>Suporte diferenciado</i>	4	Línguas minoritárias são protegidas primariamente como língua de domínios privados. O uso da língua é sinal de prestígio.
<i>Assimilação passiva</i>	3	Não existe política explícita para línguas minoritárias; a língua dominante prevalece no domínio público.
<i>Assimilação ativa</i>	2	Governo incentiva a assimilação da língua dominante. Não existe nenhum programa de proteção para as línguas minoritárias.
<i>Assimilação forçada</i>	1	A língua dominante é a língua oficial única, enquanto as línguas não dominantes não são reconhecidas ou protegidas.
<i>Proibição</i>	0	As línguas minoritárias são proibidas

Outro fator destacado no documento da Unesco é referente as *atitudes dos membros da comunidade em relação suas próprias línguas*. Durante as entrevistas realizadas durante o trabalho de campo, os falantes de Mambae associavam a língua Mambae com intimidade e informalidade, enquanto as línguas Tetun e Português eles associavam à distância social e formalidade.

Os entrevistados acreditam na importância sua língua local e que esta é parte de sua identidade e cultura, e que esta deve ser preservada para as futuras gerações. Ao mesmo tempo não conseguem ver como sua língua pode ser utilizada oficialmente dentro das escolas, pois até agora não há sequer um material produzido na língua Mambae.

Com base na tabela 11.8 (Brenzinger et al., 2003), o grupo Mambae se enquadra no grau 4, no qual a maioria dos membros suportam a manutenção da língua. Alguns poucos Mambae não conseguem enxergar prestígio social na manutenção da sua língua, preferindo a língua Mambae pela língua oficial Tetun.

Tabela 11.8 - Atitude dos membros da comunidade em relação a sua própria língua.

Grau	Atitude dos membros da comunidade em relação a língua.
5	<i>Todos</i> os membros valorizam sua língua e desejam ver esta promovida.
4	<i>A maioria</i> dos membros suportam a manutenção da língua.
3	<i>Muitos</i> dos membros apoiam a manutenção da língua; outros são indiferentes ou ainda podem apoiar a perda da mesma.
2	<i>Alguns</i> membros suportam a manutenção da língua; outros são indiferentes ou ainda podem apoiar a perda da mesma.
1	<i>Poucos</i> membros apoiam a manutenção da língua; outros são indiferentes ou ainda podem apoiar a perda da mesma.
0	<i>Ninguém</i> se importa se a língua está perdida; todos preferem usar a língua dominante.

11.4 Status E Documentação Da Língua

O último fator descrito por Brenzinger et al. (2003) é sobre a *quantidade e qualidade da documentação*: A identificação do material existente na língua é como um guia na avaliação da urgência da documentação e vitalidade da mesma, como textos escritos, incluindo transcrições, traduções, e gravações audiovisuais.

Como visto na introdução desta pesquisa, há pouco material de documentação sobre a língua e cultura Mambae. Na área antropológica e cultural há os trabalhos de Traube (1980a, 1980b, 1986, 2007), Fox (1980 e 2003) e Araújo (2010). Na área de linguística há as pesquisas de Corte-Real (1998), Hull (2001 e 2003), Fogaça (2013) e Albuquerque (2013).

Tabela 11.9 - Quantidade e Qualidade da Documentação.

Natureza da documentação	Grau	Documentação da língua
<i>superlativo</i>	5	Há descrições gramaticais e dicionários, literatura, mídia diária e fluxo de materiais na língua. Existem abundantes gravações de áudio e vídeo de alta qualidade na língua.
<i>bom</i>	4	Existem uma boa gramática e um número adequado de gramáticas, dicionários, textos, literatura e ocasionalmente mídia; e gravações de áudio e vídeo adequadamente transcritos.
<i>médio</i>	3	Existe em número adequado ou suficiente algumas gramáticas, dicionários e textos, mas não mídia diária; pode haver áudio e vídeo com qualidade diversa ou ainda com algumas transcrições.
<i>fragmentado</i>	2	Existe alguns esboços gramaticais, listas de palavras e textos úteis para pesquisa linguística limitada que cobre inadequadamente os aspectos da língua. Pode haver áudio e vídeo com qualidade variada com ou sem algumas transcrições
<i>inadequado</i>	1	Pouquíssimos esboços gramaticais, listas de palavras e textos fragmentados. Gravações de áudio e vídeo não existem: não são úteis ou estão sem transcrição.
<i>não documentado</i>	0	Não existe material.

Com base na tabela 11.9 acima apresentada, pode-se afirmar que a língua Mambae até agora possuía uma natureza de documentação fragmentada, grau 2, com pouco material analisado. Durante o trabalho de campo, preocupou-se em realizar gravações de áudio e vídeo de qualidade para a análise aqui apresentada e para estudos posteriores.

11.5 Síntese

Os nove fatores acima apresentados e analisados dentro do Ecossistema Fundamental Mambae, compõe a metodologia criada pela UNESCO (BRENZINGER et al. 2003) na avaliação da situação da língua de uma comunidade para identificar o tipo de suporte que estes podem receber para a manutenção, revitalização, perpetuação e documentação da língua.

A tabela 11.10 apresenta um resumo dos nove fatores e seu grau de classificação em relação a exoecologia linguística Mambae aqui descrita.

Tabela 11.10 - Os novos fatores aplicados ao Mambae.

Fator	Grau
1. transmissão intergeracional da língua	4
2. número absoluto de falantes	+60%
3. proporção de falantes dentro da população total	3
4. mudança nos domínios de uso da língua	4
5a. novos domínios e mídia aceitos por línguas em risco (redes sociais)	4
5b. novos domínios e mídia aceitos por línguas em risco (televisão)	0
6. materiais para a educação e alfabetização na língua	0
7. política e atitudes da língua institucional e governamental, incluindo seu status oficial e de uso	3
8. atitude dos membros da comunidade em relação a sua própria língua	4
9. quantidade e qualidade da documentação.	2

Segundo Fase et al. (1992), quando uma língua materna permanece na comunicação intragrupal e ocorre a mudança de língua apenas na comunicação intergrupala, pode-se afirmar que há uma manutenção da língua e que o bilinguismo está estável. Ou seja, os domínios de uso estão bem definidos. Contudo, observa-se na tabela acima que a situação linguística Mambae é bem delicada e, que se não revertida, pode-se levar a obsolescência da mesma.

12 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo final retoma as perguntas, objetivos e hipótese descritos no capítulo introdutório, apresenta sugestões de pesquisas futuras com base nas limitações deste estudo e, por último, evidencia a relevância e a aplicação desta pesquisa no contexto de Timor-Leste.

12.1 Revisitando perguntas, objetivos e hipóteses

O presente trabalho sobre a ecologia do povo e da língua Mambae teve como objetivo responder as seguintes perguntas: quem fala Mambae? Qual Mambae? Para quem? Quando? Onde? Como visto até aqui, o ecossistema linguístico Mambae é complexo, pois se localiza em um território multilíngue, e está em constante contato com outros EFLs. Dentro do Ecossistema Mambae, confirmou-se que nem todo Mambae é realmente um falante de Mambae. Há dentro deste território pessoas oriundas de *uma lisan* ‘casa tradicional’ Mambae, mas de língua Tetun. Assim, a resposta da primeira pergunta é que nem todo Mambae fala Mambae, pois sua identidade étnica não está ligada à língua, e sim a sua crença de origem.

Mas por que alguns daqueles que falam Mambae, quando se encontram, se comunicam na língua oficial Tetun? Como resultado da comparação lexical sincrônica dos dados coletados em Mambae, pode-se confirmar a hipótese que dentro do território Mambae há três variedades que se comportam como três línguas distintas, que neste trabalho optou-se por fazer a seguinte classificação: **Comunidade de Fala Mambae Noroeste** – formada pelo posto administrativo de Bazartete, município de Liquiça, e pelos postos administrativos de Railaco, Ermera, Hatulia e Letefoho no município de Ermera -, **Comunidade de Fala Mambae Nordeste-Central** - composta pelo posto administrativo de Metinaro, município de Dili, os postos administrativos de Remexio, Laulara, Liquidoe e Aileu Vila no município de Aileu, o posto administrativo de Laclo (região fronteiriça) no Município de Manatuto, os postos administrativos de Maubisse e Hatu-Builico no município de Ainaro, os postos administrativos de Turiscaí e Norte de Same (até o suco de Holarua) no município de Manufahi -, e **Comunidade de Fala Mambae Sul** - formada pelo posto administrativo de Same (do suco de Letefoho até o mar sul) no município de Manufahi, e pelos postos administrativos de Ainaro e Hato-Udo no município de Ainaro. Como resultado desta diversidade ecolinguística, é compreensível que pessoas Mambae não consigam comunicar-se entre si, pois se não são da mesma variedade Mambae, impossibilitando uma inteligibilidade mútua.

A partir de texto coletados foi possível realizar uma análise endoecológica Mambae, descrevendo aspectos gramaticais da língua Mambae Sul, destacando quando possível diferenças com as demais línguas Mambae. Esta análise teve por base a Teoria Básica da Linguística, proposta por Dixon. Embora não se presumisse cobrir todos os aspectos da endoecologia Mambae, e nem uma análise profunda em todas as áreas, a intenção foi de oferecer uma primeira descrição gramatical detalhada do Mambae, evidenciando a riqueza e a diversidade do nicho ecológico Mambae.

Dentro da análise exoecológica Mambae encontrou-se a resposta para quando e onde as línguas Mambae são faladas. Observou-se através da análise dos nove fatores propostos pela Unesco (BRENZINGER et al., 2003, p. 8) de que a língua Mambae está viva, ativa, mas que é necessário uma ação de preservação e manutenção, para que o Ecossistema Fundamental da Língua Mambae continue completo.

12.2 Limitações do estudo e sugestões de pesquisas futuras

As limitações deste estudo serão apresentadas em forma de sugestões para estudos futuros. A primeira sugestão é a necessidade de uma análise descritiva dos aspectos gramaticais das comunidades de fala Mambae Noroeste e Mambae Nordeste-Central. Conforme discutido ao longo desta pesquisa, há poucos estudos a respeito da língua e do povo Mambae, por isso a necessidade da descrição das demais variedades Mambae e seus ecossistemas, bem como das outras línguas timorenses que ali coexistem.

Uma das dificuldades encontradas durante o trabalho de campo foi consequência da falta de estudos e documentação nas áreas de antropologia e história sobre o povo Mambae, pois para entender por completo o Ecossistema Fundamental da Língua Mambae, é necessário uma análise holística, não detendo-se apenas a área de linguística, mas ampliando o campo de estudo para outras áreas. Nesta pesquisa apresentou-se uma breve análise e algumas hipóteses para entender a diversidade dentro do ecossistema Mambae. Entretanto, registra-se aqui a necessidade de pesquisas em outras áreas científicas sobre Mambae, como antropologia, história, entre outras.

Uma última sugestão seria a análise diacrônica do Ecossistema Fundamental Mambae, fazendo uma reconstrução de um provável Proto-Mambae, além de uma comparação do contínuo formado desta com as demais línguas fronteiriças, considerando que a presente pesquisa limitou-se a fazer uma análise sincrônica somente das variedades Mambae.

12.3 Relevância e aplicação desta pesquisa

Além da relevância dos resultados já discutidos neste capítulo, esta pesquisa também contribui para a documentação linguística Mambae, pois os dados coletados poderão ser utilizados para futuras pesquisas. Outro resultado relevante é que a análise comparativa aqui apresentada possibilita um melhor direcionamento para a produção de materiais educativos e de alfabetização, caso o Ministério da Educação de Timor-Leste extenda o projeto EMBLI para a língua Mambae, considerando que será necessário a produção de diferentes materiais para as diferentes variedades Mambae.

A análise exoecológica possibilitou uma reflexão sobre a atual situação sociolinguística Mambae e como novas políticas linguísticas e educativas podem ser adotadas para a manutenção e preservação das línguas Mambae, tais como: treinamento pedagógico e em linguística básica; suportar e desenvolver a política linguística nacional; suportar e desenvolver a política educacional e aprimorar as condições de vida e respeito para os direitos humanos das comunidades de fala.

APÊNDICE A: LISTA DE PALAVRAS COMPARATIVA

	1. 'boca'	2. 'braço'	3. 'cotovelo'	4. 'ombro'	5. 'cabeça'	6. 'dor de cabeça'
LB	<i>gugun</i>	<i>liman</i>	<i>lima sikun</i>	<i>kaba:s</i>	<i>gnutan</i>	<i>gnutan ba:n</i>
EH	<i>gugun</i>	<i>liman</i>	<i>liman sikun</i>	<i>kabasan</i>	<i>glutan</i>	<i>glutan ba:n</i>
ER	<i>gugun</i>	<i>liman</i>	<i>siun</i>	<i>kabasan</i>	<i>ulun</i>	<i>glutan ba:n</i>
AL	<i>kukun</i>	<i>niman</i>	<i>nima siun</i>	<i>kaba:s</i>	<i>ulun</i>	<i>ulun ba:n</i>
AV	<i>kukun</i>	<i>niman</i>	<i>nima siun</i>	<i>kabasa</i>	<i>ulun</i>	<i>ulun ba:n</i>
ALI	<i>kukun</i>	<i>lima</i>	<i>lima siun</i>	<i>kabasa</i>	<i>ulun</i>	<i>glutan ba:n</i>
AHB	<i>kukun</i>	<i>liman</i>	<i>lima siun</i>	<i>kaba:s</i>	<i>glutan</i>	<i>glutan ba:n</i>
AHU	<i>kuku</i>	<i>lima</i>	<i>lima sikun</i>	<i>laba:s</i>	<i>ulu</i>	<i>ulu hatusae</i>
MSL	<i>kuku</i>	<i>lima</i>	<i>lima siku</i>	<i>kaba:s</i>	<i>ulu hatu</i>	<i>ulu hatusae</i>
MSB	<i>kuku</i>	<i>lima</i>	<i>lima siku</i>	<i>au bala:s</i>	<i>ulu</i>	<i>ulu hatusae</i>

	7. cabelo	8. cabelo preto	9. carne (humana)	10. coração	11. costas	12. dente
LB	<i>ulu nōran</i>	<i>ulu meta</i>	<i>eta lōlon</i>	<i>hua</i>	<i>hōhon tēten</i>	<i>nipan</i>
EH	<i>ulu laun</i>	<i>ulu meta</i>	<i>etan</i>	<i>huan</i>	<i>hoho tēten</i>	<i>nipan</i>
ER	<i>ulun</i>	<i>ulu meta</i>	<i>etan</i>	<i>huan</i>	<i>hōhon</i>	<i>nipan</i>
AL	<i>ulun lahon</i>	<i>ulun meta</i>	<i>etan</i>	<i>huan</i>	<i>hoho tēten</i>	<i>nifan</i>
AV	<i>ulu nōra</i>	<i>ulu nōra meta</i>	<i>etan</i>	<i>huan</i>	<i>hōhon</i>	<i>nifan</i>
ALI	<i>ulun noran</i>	<i>ulun meta</i>	<i>etan</i>	<i>huan</i>	<i>hoho tēten</i>	<i>nifan</i>
AHB	<i>ulun</i>	<i>ulun meta</i>	<i>etan</i>	<i>huan</i>	<i>asa</i>	<i>nifan</i>
AHU	<i>ulu</i>	<i>ulu meta</i>	<i>eta lōlo</i>	<i>hua</i>	<i>hōho</i>	<i>nipa</i>
MSL	<i>ulu</i>	<i>ulu meta</i>	<i>eta lōlo</i>	<i>hua</i>	<i>hōhō tēte</i>	<i>nifa</i>
MSB	<i>ulu nora</i>	<i>ulu laha meta</i>	<i>eta lolo</i>	<i>hua</i>	<i>hoho</i>	<i>nifa</i>

	13. dedo	14. fígado	15. língua	16. mão	17. nariz	18. olho
LB	<i>lima huan</i>	<i>aten</i>	<i>lamalaun</i>	<i>liman</i>	<i>ilu</i>	<i>matan</i>
EH	<i>lima huan</i>	<i>aten</i>	<i>lamalaun</i>	<i>liman</i>	<i>ilun</i>	<i>matan</i>
ER	<i>lima huan</i>	<i>aten</i>	<i>lamalau</i>	<i>liman</i>	<i>ilun</i>	<i>matan</i>
AL	<i>nima huan</i>	<i>aten</i>	<i>lamalaun</i>	<i>niman</i>	<i>inun</i>	<i>matan</i>
AV	<i>lima huan</i>	<i>aten</i>	<i>laman</i>	<i>niman</i>	<i>inun</i>	<i>matan</i>
ALI	<i>lima kakun</i>	<i>aten</i>	<i>lamalaun</i>	<i>liman</i>	<i>ilun</i>	<i>matan</i>
AHB	<i>lima huan</i>	<i>aten</i>	<i>lamelaun</i>	<i>liman</i>	<i>inun</i>	<i>matan</i>
AHU	<i>lima hua</i>	<i>ate</i>	<i>lama</i>	<i>lima</i>	<i>ilu</i>	<i>mata</i>
MSL	<i>lima hua</i>	<i>ate</i>	<i>lama</i>	<i>lima sanak</i>	<i>ilu</i>	<i>mata</i>
MSB	<i>lima hua</i>	<i>ate</i>	<i>lama</i>	<i>lima</i>	<i>ilu</i>	<i>mata</i>

	19. cego/ cegueira	20. orelha	21. surdo / surdez	22. osso	23. pé	24. pele
LB	matan klao	teliga	teliga baka	rui	ɔɛn	litan
EH	matan klao	tligan	tligan baka	ruin	oɛn	eta litan
ER	matan klao	tliga	tligan baka	ruin	ɔɛn	litan
AL	ni matan klao	kikan	kikan baka	ruin	ɔɛn	litan
AV	matan klao	kika nɔran	kikan baka	ruin	ɔɛn	litan
ALI	matan klao	tika noran	tikan ban	ruin	ɔɛn	litan
AHB	matan klao	kikan	kikan bakar	ruin	ɔɛn	litan
AHU	mata klao	teliga	teliga diu	rui	oe	tia
MSL	mata klao	teliga	teliga baa	rui	ɔɛ	tia
MSB	mata klao	teliga	teliga diuk	rui	oe	eta tia

	25. perna	26. pescoço	27. sangue	28. doente	29. leite (materno)	30. urina
LB	ɔɛn	tgeun	lara	muisanbana	suseran	kui
EH	oen	tgeun	lara	moras	suseran	kui
ER	ɔɛn	tgeun	lara	ba:n	susera	kui
AL	ɔɛn	tgeun	laran	pa:n	suseran	kukeran
AV	ɔɛn	tgeun	lara	mɔras	suseran	kukeran
ALI	ɔɛn	kdeun	lalan	eta ru:m	suseran	kukeran
AHB	ɔɛn		laran	ba:n	suseran	kukeran
AHU	oe	tgeu	la:r	sae	susera	kui
MSL	ɔɛ	tegeu	lara	moras	susera	kui
MSB	oe	tegeu	la:r	moras	susu	kui

	31. excremento	32. homem	33. mulher	34. criança	35. menino	36. menina
LB	muilate:	mane	hine	ankaua	ankau mane	ankau hine
EH	te:	mane	hina	loban	loba mane	loba hinen
ER	te:	mane	hina	loban	loban mane	loban hina
AL	te:	mane	hina	ankoloba	ankoloba mane	ankoloba hinan
AV	te:	mane	hina	ankoloba	anko mane	anko hina
ALI	te:	maɛna	hinen	ankoloba	ankoloba manen	anko hinen
AHB	te:	maɛna	hina	ankaloban	ankaloban mane	ankaloban hine
AHU	te:	ma:n	hi:n	ankate	ankate ma:n	ankate hi:n
MSL	te:	maɛn	hi:n	ankate	anmane	anhina
MSB	te:	mane	hine	ankate	anmane	anhine

	37. grávida	38. bebê	39. pai	40. mãe	41. marido	42. esposa
LB	etan ru:	ankaua meran	apan	aman	laen	hinan
EH	bii heta rua	loba meran	papa:	mama:	laen	hinen
ER	hina eta ru:	loba kumura	aman	inan	laen	fe:n
AL	hinan eta ru:	anka kumuran	aman	inan	lain	fe:n
AV	atu hina etan ru:	ankok mura	apa	ama	laen	hinan
ALI	hinen etan ba krai	ankloba kumura	aman	inan	laen maena	he:n hinen
AHB	tatini ki:d da: etan ru:	ankaloban kumura	apa:	ama:	laen	hinen
AHU	hi:n eta rua	ankate naru	ama	ina	ma:n	hi:n
MSL	eta ru:	ankoso	ama	ina	maen	hi:n
MSB	anhine lolo rua	ankoso	ama	ina	maen	hine

	43. solteiro	44. filho	45. filha	46. irmão mais velho	47. irmão mais novo	48. irmã mais velha
LB	lōsan	ana manen	ana hinen	nara rasik	alin	kaka hinen
EH	klosan	ana manen	ana hinen	kaka rion	alin	bi:n
ER	lōsa	ana mane	ana hina	nara rasik	alin	bin
AL	lōsa	ana manen	ana hinan	kaka	alin	kaka hinan
AV	lōsan	ana manen	ana hinan	naran	alin	kakan
ALI	hilōsan	ana mane	ana hine	kakan	alin	tbou hinen
AHB	lōsa	ana mane	ana hine	nara rasin	alin	kakan
AHU	lōsa	an mane	an hine	bou tu:	ali	ku:
MSL	ulu koe	ana maen	ana hi:n	bou	kau	bi:
MSB	ahilōsa	ana maen	ana hi:n		kau	vi:

	49. tio (irmão mais velho do pai)	50. tio (irmão mais novo do pai)	51. tia (irmã do pai)	52. tia (irmã mais velha da mãe)	53. tia (irmã mais nova da mãe)	54. avô
LB	apa bo:t	apa mueira	tia	ama bo:t	ama mueira	avo manen
EH	ama mai tuun	ama loban	tia	ina mai tuun	ina loban	abo mane
ER	apa mai tu:	apa loba	tia	ama mai tu:	ama loba	tatan
AL	apa tu:n	apa loban	tia	ama tu:	ama loba	abo manen
AV	apa tu:	ama loba	titia	ama tu:	ama loba	abo
ALI	ama tun	ama loban	kain	ina tun	ina loban	tatan
AHB	nara mai tu:n	ama loban	tia	ama tu:n	inan loban	avo
AHU	ama tu:	ama loba	kai	ina tu:	ina loba	abo ma:n
MSL	a:m tu:	a:m loba	kai etu	i:n tu:	i:n loba	tata maen
MSB	a:m tu:	a:m loba	kai	i:n tu:	i:n loba	abo maen

	55. avó	56. dote	57. Deus	58. alma	59. mal	60. feiticeiro
LB	avo hinen	barlake	maromak	smaga	klao	matando:k
EH	abo fetu	helin	maromak	sumaga	klao	matando:k
ER	tatan	doto	maromak	smagan	klao	matdo:n
AL	abo hinan	barlakadu	maromak	smakan	klao	kuka
AV	abo	barlake	maromak	smaka	klao	kuka
ALI	tatan	berlake	maromak	sumakan	soko	le: lubun
AHB	avo	barlake	maromak	smakan	klao	matando:k
AHU	abo hi:n	he:l	maromak	samaga	klao	do:
MSL	tata hi:n	barlake	maromak	sama:k	klao	do:
MSB	abo hi:n	kaben nai	maromak	samaga	kalao	mataruak

	61. bruxo	62. senhor da terra	63. ladrão	64. professor	65. chefe	66. pessoa
LB	sabo	liurai	fnaħɔ:	mestri	ʒefi	atuba
EH	sabu	liurai	punaħoon	profesor	ʒefi	atu
ER	sabu	kornel	pnaohon	mestri	ʒefi	atuba
AL	sauba	kornel	fnaħɔ	mestri	ʒefi	atuba
AV	sauba	liurai	fnaoho:n	profesor	ʒefi	rɔ:
ALI	sauba		fnaohɔ:	mestri	ʒefi	atauba
AHB	sauba	liurai	fnaoho:n	profesor	ʒefi	atauba
AHU	sabu	liurai	pnau klao	mestri	ʒefi	rɔ:
MSL	saub	daot	fnaute:	mestri	ʒefi	artu:b
MSB	sabu		fnaodɔ:	psɔr	ʒefi	rɔ:

	67. timorense	68. estrangeiro	69. padre	70. amigo	71. escravo	72. árvore
LB	timor ana	malɛa	amu	kolega	atan	aia
EH	timor ana	malae	amu	kolega	atan	aia
ER	timor ana	malɛa	amu	belu	atan	aia
AL	timor ana	malaia	amu	kolega	atan	aia
AV	timor ana	malaia	amu	kolega	atan	aia
ALI	timor anan	malɛa	amu don	belun	atan	aia
AHB	timor ana	malaia		kraɛn	atan	aia
AHU	timor ana	malai	amu	taha	ata	ai
MSL	timor ana	malae	a:m lulik			ai
MSB	timor ni ana	malae	amu	belun	atan	ai

	73. capim	74. flor	75. fruta	76. semente	77. folha	78. raiz
LB	gura	ai hetun	ai huan	hina	ai nɔra	ai ramu
EH	gura	hetun	ai huan	fini	nɔra	ramu
ER	gura	ai hetun	ai huan	hina	ai nɔra	ramun
AL	kura	ai hetun	ai huan	hina	nɔra	ramum
AV	kura	hetun	ai huan	hina tle:	nɔran	ramu
ALI	kura	ai hetun	ai huan	(batar) hina	nɔran	ramun
AHB	kura	ai hetun	ai huan	fini	nɔran	ramu
AHU	gu:r	hetu	ai hua	hi:n	nɔra	ha:
MSL	ku:r	ai hetu	ai hua	hi:n	ai nɔra	ha:
MSB	gu:r	ai hetu	ai hua	fini	ai nɔra	ha:

	79. casca	80. pedra	81. terra	82. terra seca	83. areia	84. poeira
LB	ai litan	hato	raia	rae glia	egor	rɛa apan
EH	ai litan	hato	raia	rae glian	rae egor	rae papan
ER	ai litan	hato	raia	raia gmega	rae henek	rae apan
AL	ai litan	hauta	raia	raia kmeka	rae henek	rae afon
AV	ai litan	hauta	raia	rae kmeka	rae henek	rae afon
ALI	ai litan	hauta	raia	rae kmekan	rae henek	rae rahun
AHB	ai litan	hauta	raia	raia klea	rae henek	rae afon
AHU	ai tia	ha:t	rae	rae gmega	rae henek	rae afo
MSL	ai tia	haut	rae	rae ma:s	ɛkor	rae afo
MSB	ai tia	ha:t	rae	rae ma:r	rae henek	rae afo

	85. montanha	86. montanha sagrada	87. pico da montanha	88. bambu	89. vegetais	90. floresta
LB	hoho lao	hoho lao kere luli	hoho lao mansare udu	betun	marotok	ai lalan
EH	hoho laun	foho luli	foho tutun	betun	marotok	ai lalan
ER	hoha	mat smaga	rai ud teten	betun	marotok	ai lalan
AL	hoha	hoha luli	hoha ni laun	betun	marotok	ai lalan
AV	hoha	rae luli	rae lao	betun	marotok	ai lalan
ALI	rae bon	rae bon ke la luli	rae bon laun	betun	kadokan	ai lalan
AHB	foho	foho lulin	foho teten	betun	marotok	ai lalan
AHU	udu	udu luli	udu lau	ɔ:r	mɔdo	ai lala
MSL	rae udu	rae luli	rae lao	ɔ:r	mɔ:d nɔra	ai lala
MSB	foho	foho luli	foho tutu	ɔ:r	ludu	ai lala

	91. sol	92. lua	93. céu	94. estrela	95. água	96. chuva
LB	lɛlon	hula	lɛlo ni teten	hito	ɛra	usa
EH	lelo	hula	leol mata	hito	ɛra	usa
ER	lɛlon	hula	lɛlo lɛtan	hiuta	ɛra	usa
AL	lɛɔla	hula	lɛol teten	hiuta	ɛra	usa
AV	lɛɔla	hula	lɛol lau	hiuta	ɛra	usa
ALI	lɛla	hula	lɛlaun	hiuta	ɛra	usa hua
AHB	lɛɔla	hula	leol tete	heuta	ɛra	usa
AHU	lɛ:lba:n	hulai	lɛ: lao	hi:t	ɛ:r	u:s
MSL	leol mata	hulai	leol lau	hiut	ɛ:r	u:s
MSB	lɛ:l	hulai	hulai ni tete	hi:t	ɛ:r	u:s

	97. chuva forte	98. seca (tempo de seca)	99. nuvem	100. fogo	101. fumaça	102. cinzas
LB	usa tu:	mgliã	leolmatan	ɛpa	masu	ɛpa kalan
EH	usa tu:	glia	kalohan	epa	masu	rapapan
ER	usa tu:	gmega	sabaia	aɛpa	aɛp masu	rapina
AL	usa tu:	kmɛka	sabaia	aifa	masu	rau finan
AV	usa hua tu:	kmeka	leolau	aifa	masu	aifruin
ALI	usa tu:	rai klia	sohar	aifa	aifa masu	rau finan
AHB	usa tu:	klea	sabaia	aifa	masun	aifafun
AHU	u:s tu:	le:lai	sabai	a:p	a:p masu	a:p rapo
MSL	u:s tu:n maka:s	leolai malara	abu-abu	aɛf	masu	aɛf luta
MSB	u:s tu:	ma:s	hɔb:r	aɛp	masu	aɛp ni rapu

	103. prata	104. ouro	105. ar	106. rio	107. canoa	108. barco
LB	ɔ:s butin	ɔ:s meran	gelo	slɔga	proa	proa
EH	o:s butin	o:s meran	gelo	sloga	proa	proa
ER	ɔ:s buti	ɔ:s meran	gelo	slɔga	bɛron	proa
AL	ɔ:s butin	ɔ:s meran	keula	slɔka	foro lɔban	foroa
AV	ɔ:s buti	ɔ:s mera	keula	slɔka	bɛro	froa
ALI	ɔ:s butin	ɔ:s meran	kiula	slɔka	bɛron	froa
AHB	o:s butin	o:s meran	keola	slɔka	bɛro	rɔ:
AHU	ɔ:s buti	ɔ:s mera	kɛ:l	slɔ:k	bɛro	rɔ:
MSL	ɔ:s buti	ɔ:s mera	keul	slɔ:k	bɛro	rɔ:
MSB	ɔ:s buti	ɔ:s mera	ge:l	slɔ:k	bɛro	rɔ:

	109. remo	110. praia	111. estrada	112. casa	113. casa sagrada	114. telhado
LB		ta:s gugun	da:	pada	pa:d lulin	pa:d teten
EH	ai hean	tais gugun	da:	pada	pada lulin	pada ni kakulu
ER	aia dai	ta:s gugun	da:	pada	pa:d lulin	pa:d hohon
AL	ai hean	tais kukun	da:n	fada	fa:d lulin	fa:d teten
AV	ai heun	tais kukun	da:	fada	fa:d lulin	fa:d huhun
ALI	ai hean	tais kukun	ta:n	fada	fa:d luli	fa:d uhun
AHB	ai hean	tais kukun	dalblon	fada	fa:d lulin	fa:d ulun
AHU	ai hean	ta:s gugu	sa:l	u:m	u:m luli	u:m sulu
MSL	ai bela oid hean bero	tais kuku	sa:l	u:m	u:m luli	u:m lau
MSB	bero ni lima	tais gugu	sa:l	u:m	u:m luli	u:m ni tatias

	115. porta	116. cozinha	117. panela	118. cesto	119. faca	120. facão
LB	da: matan	dapur	ura	taka	nero	katana
EH	da: matan	dapur	ura	taka	nero	katana
ER	da: matan	dapur	ura	taka	nero	katana
AL	da: matan	dapur	ura	taka	neura	kataena
AV	da: matan	dapur	ura	taka	neura	kataena
ALI	da: matan	dapur	ura	taka	niura	kataena
AHB	sa:l matan	dapur	ura	taka	niura	kataina
AHU	sa:l mata	dapur	u:r	nukat	ne:r	kata:n
MSL	sa:l mata	dapur	u:r	nukar	neor	kata:n
MSB	sa:l mata	dapur	u:r	nuka	ne:r	kata:n

	121. colher	122. garfo	123. corda	124. vassoura	125. chão	126. animal
LB	snura	karfu	aɛla	sa:r	rɛa	animal
EH	sunura	garpu	taila	da:	raia	animal
ER	snura	garpu	taela	dasa	raia	arbaua
AL	snura	garfu	taila	sda:	raia	animal
AV	snura	karfu	taela	da:s	raia	animal
ALI	sura	karfu	taela	sida:	raia	
AHB	sura	garfu	taila	da:s	raia	saunanan
AHU	sunu:r	karfu	ta:l	da:s	pada	animal
MSL	sunu:r	garfu	tael	ai-sa:r	rae	animal
MSB	sunu:r	garfu	tael	da:s	rae	animal

	127. abelha	128. cão	129. macaco	130. galo	131. galinha	132. peixe
LB	ɛna	aso	liro	ma:n ama	ma:n ina	ika
EH	aena	asu	lero	ma:n aman	ma:n inan	ika
ER	aena	asu	liro	ma:n aman	ma:n inan	ika
AL	aina	ausa	leura	maun aman	maun inan	ika
AV	aena	ausa	leura	mauna	maun inan	ikan
ALI	aina	ausa	leura	mauna	maun inan	ikan
AHB	bani	ausa	leura	maun aman	maun inan	ikan
AHU	a:n	a:s	le:r	ma:n aman	ma:n inan	ikan
MSL	aen	aus	leor	maun ama	maun ina	ikan
MSB	aɛn	a:s	le:r	ma:n ama	ma:n ina	ikan

	133. porco	134. búfalo	135. formiga	136. cavalo	137. rato	138. crocodilo
LB	heha	arbaua	haro	kuda	laho	lafaek
EH	heha	arbaua	haro	kuda	laho	tatubea
ER	heha	arbaua	meret	kuda	laho	luita
AL	haiha	arbaua	hara	kuda	laha	lafaik
AV	haiha	arbaua	harkisin	kuda	laha	lafaek
ALI	haεha	arbaua	nehek	kuda	laha	lahaek
AHB	haiha	arbaua	mauhara	kuda	laha	lafaek
AHU	hae	arbau	ha:	ku:d	la:h	u:t dato
MSL	haeh	arbau	ha:h	ku:d	laoh	itubudaot
MSB	haeh	arbau	ha:	ku:d	la:h	ubuda:t

	139. cauda	140. largatixa	141. lagatixa 'toke'	142. pássaro	143. chifre	144. asa
LB	ion	toke	toke	manu	diun	lilan
EH	ion	teki	toke	manu	diun	lilan
ER	ion	teki	tōke	manu	diun	lilan
AL	ion	teki	tōke	mauna	diun	lilan
AV	ion	teki	tōke	mauna	diun	lilan
ALI	ion	teki	token	mauna	diun	lilan
AHB	eon	teki	toke		diun	lilan
AHU	io	teki	toke	man hui	diu	lila
MSL	io	teki	toke	maun hui	diu	lila
MSB	io	teki	tōke	ma:n	diu ne:	lira

	145. pena	146. ovo (de galinha)	147. cobra	148. piolho	149. aranha	150. cabra
LB	hulun	ma:ntelo	sokaia	uta	labadain	bibi
EH	hulun	mantelo	sokaia	uta	labadain	bi:b
ER	hulun	mantelon	sokaia	uta	lagloia	bibi
AL	hulun	mauntelon	sokaia	uta	labadain	biut
AV	hulun	mauntelon	sokaia	uta	lakloa	biub
ALI	hulun	mauntelon	solaia	utun	lakloa	biub
AHB	hulun	mauntelon	solaia	utun	lakloa	biub
AHU	hulu	mantelo	sohai	u:t	laklo:	bi:b
MSL	hulu	mauntelo	sohai	u:t		biub
MSB	hulu	ma:ntelo	sohai	u:t	labadae	bi:b

	151. gato	152. tartaruga	153. sapo	154. carne (animal)	155. abacaxi	156. mamão
LB	busa	lenuk	keredokan	(arbau) sisa	aibor malea	dila
EH	busa	lenu	kerlokou	sisa (arbaua)	ainana:s	dila
ER	busan	lenuk	kedalokou	sisa (arbaua)	ainana:s	dilka:l
AL	busa	lenuk	kaidilokou	sisa (arbaua)	ainana:s	kaidila
AV	busan	lenuk	kerlokou	(arbau) isi	ainana:s	kaidila
ALI	busan	lenuk	didaloko	sisa	ainana:s	kaidila
AHB	busa	lenuk	manduku	si:s (arbaua)	ainana:s	aidil
AHU	busa	lenu	manduku	si:s (arbau)	bo:r	aidi:l
MSL	busa	lenuk	manduku	si:s (arbau)	anana:s	aidi:l
MSB	busa	lenu	manduku	si:s	ainana:s	aidi:l

	157. flor do mamão	158. folha do mamão	159. feijão	160. arroz (cru)	161. arroz (cozido)	162. goiaba
LB	di:l hetun	di:l nɔra	kasɔ	samuan	samuan mami	biaba
EH	di:l hetun	di:l nora	kasɔ	memrea	sanu	biaba
ER	di:l hetun	di:l nɔran	kasɔ	mean	mean	biaba
AL	kaidil hetun	kaidil noran	kasa	hɔ:s	euta	biaba
AV	kaidil hetun	kaidil nɔran	asa	mea	euta	biaba
ALI	kaidil hetun	kaidil noran	as kalen	hɔ:s	mklia	kuitabas
AHB	aidil hetun	aidil noran	asa	mea	euta	goiaba
AHU	aidi:l hetu	aidi:l nora	ura:s	sa:n	nama:	koiab
MSL	aidil hetun	aidi:l nɔra	aos	saun	eut	koiab
MSB	aidi:l hetu	aidi:l nɔra	koto	fɔ:s	e:t	koiab

	163. manga	164. mandioca	165. milho	166. banana	167. banana verde	168. batata doce
LB	poa	samaia	sɛla	muka	mu:k baten	seker meda
EH	pua	ai sema	sɛla	muka	mu:k baten	sekar medan
ER	poa	samaia	sɛla	muka	muku baten	serka medan
AL	foa	sumkleson	sɛla	muka	mu:k baten	sekar
AV	foa	saɛma	sɛla	muka	mu:k baten	sekar
ALI	froa	padikun	patar	mua	mu: tunun	urlai
AHB	foa	batikun	batar	mua		urlai
AHU	pɔ:	ai uhi	batar	mu:	mu: bate	mlae bia
MSL	fɔ:	ai-i:	batar	mu:	mu: koso	umlai
MSB	pɔ:		batar	mu:	mu: bate	um lae bia

	169. açúcar	170. sal	171. café	172. café da manhã	173. almoço	174. jantar
LB	meda	sia	kafe:	matabijo	mua miudia	mua namhoda
EH	meda	sia	kapen	matabijo	mua miodianin	mua naam hoda nin
ER	sia	medan	kape:n	matabijo	mu: miudia	mu: namhoda
AL	sekar bea	sia	kafe:n	matabijo	mu: miudia	mu: hodan
AV	bea	sia	kafe:	matabijo	mu: miudia	mu: hoda
ALI	pea	sia	kafe:n	itu matabijo	mu: miudia	mu: hodan
AHB	bea	sia	kafe:n	matabijo	mu: miodia	mu: hoda
AHU	bia	sia	kafe:	matabijo	a: meiudia	a: hoda
MSL	si: bea	si:	kafe:	na'ma: belebu:s	na'ma: meiudia	na'ma: hoda
MSB	bia	sia	kafe:		a: meiudia ni	a: hoda

	175. coco	176. farinha	177. mexirica	178. vinho	179. comida	180. amendoim
LB	noa	samaia apan	daro	naua	samuan	hurisa
EH	noa	ai semapan	daro	naua	samuan	horisa
ER	noa	samai apan	daro	naua	samuan	hurisa
AL	noa	sumkleson afon	daura	naua	samuan	hursa
AV	noa	semafon	daura	naua	samu:n	hurisa
ALI	noa	padikun afo	taura	naua	aumu:	hurmikin
AHB	noa	badiku afon	daura	naua	samuan	hoera
AHU	no:	ai hi apo	da:r	nao	nama:	hur malae
MSL	no:	trigu afo	daor	nau	nama:	ho:r malae
MSB	no:	ai uhi apo	sabraka	nau	nama:	a:s

	181. ontem	182. anteontem	183. hoje	184. amanhã	185. depois de amanhã	186. agora
LB	nabolan	airuan	nahain	ada	adairu:	agora
EH	nabolan	airuan	napai	ada	adairua	agora
ER	nabolan	airuan	nahai	ada	adairu:	agora
AL	nabolan	airuan	nafaen	ada	adairu:	orsi:d
AV	nabola	airuan	nafai	ada	adairu:	agora
ALI	naruan	airuan	nafai	ada	adairu:	nafai
AHB	naruan	airuan	nahain	ada	adairu:	nahain
AHU	narua	airua	napai	ada	adairua	agora
MSL	narua	airua	nafai	ada	airu:	nafai leolbaan
MSB	narua	airuata	nafai	ada	adairua	agora

	187. manhã	188. tarde	189. noite	190. dia	191. semana	192. mês
LB	bu:s	leolrai	namhoda	namada	semana	hula
EH	bu:s	leolrai	namhoda	lelo	semana	hula
ER	lahbusa	leolrai	namhoda	namada	semana i:d	hula
AL	adabus	leolrai	hoda	lelon	semanahen	hulan
AV	busloe	leolrai	hoda	namada	semana	hula
ALI	ada	leolrai	hoda	lela	semana	hulan
AHB	busloin	leolrain	hoda	leola	semana	hula
AHU	blebus	ler bisa	hoda	le:lban	semana	hulai
MSL	ni belebus	ni leolseri	hoda	leolba:n	semana	hulai
MSB	belemabus	le:l bisa	hoda	le:l	semana	

	193. ano	194. onde	195. ali	196. aqui	197. bem/bom	198. mau/mal
LB	tonan	nebe:	hər ba:	hər ia	kɔde	klao
EH	tonan	hər bae	hər laba	hər ia	kode	klau
ER	tona i:d	hər ibe	hər bibana	hər bilia	kɔde	klao
AL	tonan	hər ibe	hər iba	hər idia	kɔde	klao
AV	tonan	hər be:	lae bana	lae dia	kɔde	klao
ALI	tona	i:d bæ	la uri ba	ni idia	kɔde	klao
AHB	tonan	i:d bee	la i:d bana	la idia	kɔde	klao
AHU	to:n	hər bae	hər la ran	hər rae	kɔde	klao
MSL	to:n	hər bae	la ura	la uri	kode	klao
MSB	to:n	hər bae	hər lara/nilara	hər lurai/nilrai	kode	klao

	199. longo	200. curto	201. grande	202. pequeno	203. tudo	204. nada
LB	manaru	blɔko	tu:	kruma	mere:t	ba leob i:d
EH	manaru	gaiana	tu:	blokon	kaesi	ba san i:d
ER	manaru	lɛpa	tu:	blɔko	hele:r	ba san i:d
AL	naru	blɔkon	tu:	loba	mare:t	ba saona i:d
AV	naru	pada	tu:	loba	kdu:d	ba saon i:d
ALI	narun	padan	tu:	loba	sera meret	ba sauna i:d
AHB	narun	bada	tu:	loba	met-meet	ba saun i:d
AHU	naru	bada	tu:	loba	me:t	
MSL	manaruk	bada	tu:	loba	met	ba nam iid
MSB	manaru	loba	tu:		me:t	ba ninam i:d

	205. fino	206. largo	207. forte	208. alto	209. baixo	210.gordo
LB	hilire	mlua	forti		bloko	etan tu:
EH	herdira		forte	a:s	aia blokon	kuduku
ER	hilira	mlua	forsa	ailao	bloko	tumuku
AL	mihis	mlua	maka:s	naru	blokon	etan tu:
AV	helira	mlua		naru	pada	tu:
ALI	mihis bæ		forti	naru	bada	etan tu:
AHB	lira	mlua	forte	naru	(ai) badan	etan tu:
AHU	hilire	lua	forti	naru	bada	ole
MSL	hilira	mulua	forti	manaru	bada	ole
MSB	loba bêl	mlua	forti	manaru	bada bêl	eta tu:

	211. magro	212. novo	213. velho (coisas)	214. quente	215. frio	216. seco
LB	ruí	heu	tumua	bana	mlala	gmeqa
EH	krekas	heu	agi	bana	mlala	glia
ER	ruí	heu	agin	bana	mlala	gmeqa
AL	etan biko	heu	aki	bruis	mlala	kmeka
AV	krekas	heu	aki	bruis	bisa	kmeka
ALI	tiko	heun	tumua	pruis	mlao	kmeka
AHB	etan ruma	heu	aki	bruis	mlala	klea
AHU	to:	heu	agi	brus	bisa	gmeqa
MSL	to:	heu	bosa	brusi	bisa	ma:s
MSB	eta loba	heu	abi su:	bruis	bisa	ma:s

	217. molhado	218. pesado	219. leve	220. perto	221. longe	222. limpo
LB	bræ	mdeda	lehe	pdesi	rɔ:	mɔ:
EH	broe	dmeda	lehe	pdesi	roam	mo:
ER	tita	mdeda	lehe	pdesi	ro:m	mo:
AL	tita	mdeda	lɛhe	kbesi	rɔ:	mɔ:
AV	tita	dme:d	lɛhe	kbeis	rɔ:	mɔ:
ALI	titan	tme:t	lehe	kbesi	rɔ:	heun
AHB	tida	tme:t	lehe	kbeis	ro:	sira:
AHU	ɛra	mde:d	lehe	sebi	rɔ:	mɔ:
MSL	ɛra	medɛt	lɛhe	fdesi	rɔ:	mɔ:
MSB	ɛra	mede:l	lɛhe	fde:s	rɔ:	mɔ:

	223. sujo	224. bonito	225. feio	226. sim	227. não	228. cheio
LB	kiniri	kapas	ahen klao	dlɔ:	lae	benu
EH	kiniri	kabasaan	ahen klau	dlo:	bani	benu
ER	kniri	kɔde	ahen klao	dlɔ:	lae	benu
AL	rae	kɔde	ahen klao	dlɔ:	paleop	peun
AV	rae	kapa:s	ahen klao	dlɔ:	banei	beun
ALI	rae	noi	ahen soko	dlɔ:	tai nei	peun
AHB	rae	kɔde	ahe klao	dlɔ:	tais i:d	beun
AHU	foer	kɔde	ahe klao	dlɔ:	tesil	be:n
MSL	foer	kɔde	klau	dlɔ:	baleop	beun
MSB	foer	kode	ahi kalao	lohoer	banei	benu

	229. vazio	230. frente	231. atrás	232. em cima	233. embaixo	234. quando?
LB	mamu	ahen	hohon teten	teten	suan	arpi:l
EH	mamu	ahen	hoho teten	teten	suan	arpi:l
ER	mamu	nahain	hoho	teten	suan	arpi:l
AL	maum	ahen	hoho teten	teten	suan	arfi:l
AV	maum	ahen	hohon	teten	suan	arfi:l
ALI	maum bein	ahen	hoho teten	salnal tetan	dula nal sua	arfi:l
AHB	maum	ahen	hohon	teten	suan	arfi:l
AHU	mamu	ahe	hoho	tete	sua	arpi:l
MSL	mamu	ahe	hoho teten	tete	sua	arfi:l
MSB	mamu be:l	ahe	hoho	tete	sua	arfi:l

	235. leste	236. oeste	237. o que?	238. quem?	239. como?	240. por que?
LB	leolsai	leoldu:n	sapa	sini	sapa	tu:k sapa
EH	leol saen	leoldu:n	sapani:d	si:n i:d	mambae	tan sapan i:d
ER	leolsaen	leoldu:n	sapanid	sepdua	mambe	tan sapan i:d
AL	leolsaen	leoldu:n	safi:d	se:n	safi:d	tan la: saf:i:d
AV	leolsae	leolu:n	mambae	senir	mansafa	tanasafa
ALI	lela sae	lela mu mundia la	sabi:d fi da	se:n fi da	i fun mambae	tan la sabi:d
AHB	leolsaen	leoldu:n	sabi:d	se:n	man sa:	sabi:d
AHU	leol sae	leol mou	sapi:d	se:n	mansapa	de sapi:d
MSL	leol sae	leol du:	sabi:d	se:n	mansaba	des sabiid
MSB	le:lsae	le:ldu:	sabi:d	se:m	fun sabi:d	mambae

	241. um	242. dois	243. três	244. quatro	245. cinco
LB	i:d	ru:	teul	pa:t	li:m
EH	i:d	rua	teul	pa:t	li:m
ER	i:d	ru:	teul	pa:t	li:m
AL	i:d	ru:	teul	fa:t	li:m
AV	i:d	ru:	teul	fa:t	li:m
ALI	i:d	ru:	teu:l	fa:t	li:m
AHB	i:d	ru:	teul	fa:t	li:m
AHU	i:d	rua	teul	pa:t	li:m
MSL	i:d	ru:	teul	fa:t	li:m
MSB	i:d	ru:	teul	pa:t	li:m

	246. seis	247. sete	248. oito	249. nove	250. dez
LB	hohon i:d	hoho ru:	hoho teul	hoho pa:t	sagu:l
EH	hohon i:d	hoho rua	hoho teul	hoho pa:t	sagu:l
ER	hohon i:d	hoho ru:	hoho teul	hoho pa:t	sagu:l
AL	ne:n	hitu	ualu	sia	saku:l
AV	ne:n	hitu	ualu	sia	saku:l
ALI	ne:n	hitu	ualu	sia	saku:l
AHB	ne:n	hitu	ualu	sian	saku:l
AHU	li:m nai ni:d	li:m nai rua	li:m nai telu	li:m nai pata	sagu:l
MSL	li:m nai ida	li:m nai rua	li:m nai telu	li:m nai fata	sagu:l
MSB	li:m nai ida	li:m nai rua	li:m nai telu	li:m nai pata	sagu:l

	251. onze	252. doze	253. treze	254. quatorze	255. quinze
LB	sagu:l resin i:d	sagu:l resin rua	sagu:l resin teul	sagu:l resin pa:t	sagu:l resin li:m
EH	sagu:l resin i:d	sagu:l resin rua	sagu:l resin teul	sagu:l resin pa:t	sagu:l resin li:m
ER	sagu:l resin i:d	sagu:l resin rua	sagu:l resin teul	sagu:l resin pa:t	sagu:l resin li:m
AL	saku:l resin i:d	saku:l resin ru:	saku:l resin teul	saku:l resin fa:t	saku:l resin li:m
AV	saku:l resin i:d	saku:l resin ru:	saku:l resin teul	saku:l resin fa:t	saku:l resin li:m
ALI	saku:l resin i:d	saku:l resin ru:	saku:l resin teul	saku:l resin fa:t	saku:l resin li:m
AHB	saku:l resin i:d	saku:l resin ru:	saku:l resin teul	saku:l resin fa:t	saku:l resin li:m
AHU	sagu:l resi ki:d	sagu:l resi rua	sagu:l resi teul	sagu:l resi pa:t	sagu:l resi li:m
MSL	sagu:l resi ki:d	sagu:l resi ru:	sagu:l resi teul	sagu:l resi fa:t	sagu:l resi li:m
MSB	sagu:l resi i:d	sagu:l resi rua	sagu:l resi teul	sagu:l resi pa:t	sagu:l resi li:m

	256. vinte	257. trinta	258. quarenta	259. cinquenta	260. cem	261. duzentos
LB	gu:l ru;	gu:l teul	gu:l pa:t	gu:l li:m	gulu resin i:d	gulu resin rua
EH	gu:l rua	gu:l teul	gu:l pa:t	gu:l li:m	atus i:d	atus rua
ER	gu:l ru:	gu:l teul	gu:l pa:t	gu:l li:m	atus i:d	atus ru:
AL	rua nu:l	teul nu:l	fa:t nu:l	lima nu:l	atus i:d	atus ru:
AV	rua nu:l	teul nu:l	fa:t nu:l	lima nu:l	atus i:d	atus ru:
ALI	rua nu:l	teul nu:l	fa:t nu:l	lima nu:l	atus i:d	atus ru:
AHB	rua nulo	teul nulo	fa:t nulo	li:m nulo	atus i:d	atus ru:
AHU	sagu:l haet rua	sagu:l haet teul	sagu:l haet pa:t	sagu:l haet li:m	atus i:d	atus rua
MSL	haet ru:	haet teul	haet fa:t	haet li:m	atus i:d	atus ru:
MSB	haet ru:	haet teul	haet fa:t	haet li:m	tokon i:d	atus ru:

	262. trezentos	263. mil	264. muito	265. pouco	266. algum	267. moeda
LB	gulu resin teul	rihun i:d	hado	koska:n	koskanas	o:s besa
EH	atus teul	rihun i:d	doto	koskana	baisero	o:s besa
ER	atus teul	rihun i:d	doto	koska:n	hoh pat	jina
AL	atus teul	rihun i:d	niri	koska:n	viseren	o:s ruin
AV	atus teul	rihun i:d	klen	koska:n	si:r	osa rahun
ALI	atus tu:l	rihun i:d	klen	koska:n	tseri	
AHB	atus teul	rihun i:d	klen	koska:n	koska:n lean	o:s besa
AHU	atus teul	rihun i:d	niri	kaet ke:n	seri	o:s mera
MSL	atus teul	rihun i:d	rini	kaet ke:n	se:r	o:s buti
MSB	atus teul	rihun i:d	niri	ka:t ke:n	aloba	suat

	268. dinheiro	269. primeiro	270. segundo	271. terceiro	272. último
LB	osa	munan	ha:t ru	ha:t teul	lelopenori
EH	osa	premeru	la segundo	la terceiro	pnuer
ER	osa	damuna	lahat ru:	hat teul	ramata
AL	osa	la muin	la ru:	la teul	fnori
AV	osa	muin	lalan ru:	lalan teul	remata
ALI	osa	ta: muina	ta: ru:	ta: teul	funorin
AHB	osa	i:d muina	la: rua	dala teul	breet to:m desa
AHU	o:s	i:d mu:n	i:d ha:t rua	i:d ha:t teul	nori
MSL	o:s	ha:t i:d	ha:t ru:	ha:t teul	fnori
MSB	o:s	ha:t i:d	ha:t rua	ha:t teul	fnuer pklao

	273. vermelho	274. azul	275. amarelo	276. verde	277. branco	278. preto
LB	taho	kmoro	gme:	kmoro	buti	meta
EH	mera	azul	gemeen	komorok	buti	metan
ER	mera	azul	gme:	kmoro	buti	meta
AL	mera	kumora	kme:n	kumora	buti	meta
AV	mera		kme:	moro	buti	meta
ALI	meran	kumoron	kimen	matan	butin	metan
AHB	mera	kmoru	kme:	kmoru	puti	metan
AHU	mera	azul	mege:	moro	buti	meta
MSL	mera	rafu	me'ge:	moro	buti	meta
MSB	mera	azul	kinur	matak	buti	meta

	279. 1S	280. 2S	281. 3S	282. 1INCL	283. 1EXCL
LB	au	i:t	ua	i:t	aem
EH	au	i:t	ua	i:t	e:m
ER	au	i:t	ua	i:t lete	aemesa
AL	au	ɔ:	ua	i:t marɛt	aem
AV	au	ɔ:	ua	i:t siria	aem
ALI	au	i:t	ua	i:t siria	aem
AHB	au	i:t	ua	i:t ira	aem
AHU	au	i:t	ura	i:t	a:m
MSL	au	ɔ:	ura	i:t	aem
MSB	au	i:t	ua	i:t me:t	aem

	284. 2PL	285. 3PL	286. acordar	287. assar	288. atirar	289. bater
LB	i:m	rɔ:	ble:	tu:n	tea	bon
EH		rɔ:	ble:	tu:n	tia	bu:m
ER	i:mesa	rɔ: idesa	ble:	tu:n	tea	bo:b
AL	rɔ:	rɔ: maret	blɛ:	tu:n	te:	bɔp
AV	i:m	rɔ:	ble:	tu:n	te:	bop
ALI	i:m	rɔ: sira	ble	tu:n	te:	bop
AHB	i:m	rɔ: sira	ble:	tu:n	te:	daɛ:
AHU	i:m	ro:m	ble:	tu:n	tia	dae
MSL	i:m	ro:m	ble:	tu:n	te:	dae
MSB	i:m	ro:m	bele:	tu:n	tia	dae

	290. beber	291. brincar	292. buscar	293. caçar	294. cantar	295. casar
LB	e:n	bdlai	sanaɛ	kasa	kanta	kaben
EH	e:n	dlai	nae	kasa	kanta	kaben
ER	e:n	dlai	nɛh	kasar	kanta	kaben
AL	eun	tilu	klæɛ	odi	kanta	kau rɔ:
AV	eun	dlai	klai	kasa	kanta	kaben
ALI	eun	tilu	klɛ:	kasa	aloli	kaben
AHB	eun	tilu	klæɛ	kasar	kanta	kaben
AHU	e:n	bau	gɔ:s	kasa	kanta	kaben
MSL	eun	tilu	naha	sɔro	kanta	kaben
MSB	e:n	mneu	nae	kasa	kanta	kaben

	296. cavar	297. cheirar	298. chover	299. comer	300. conhecer	301. cozinhar
LB	kuhurɔ	pne:	usa	mua	ta:dlɔ:	do:t
EH	kurok	pne:l	usa	mua	ta:dlo:	tlei
ER	akuak	plem	usa	mua	ta:dlɔ	tlein
AL	kuh rɔ:	fleɔn	usa	mu:	ta:d lɔ	tlein
AV	uhu rɔ:	fleon	usa	mu:	ta:d	t lei
ALI	kof	slem	usa hua	mu:	ta:dlɔ	tlei
AHB	ɔ:s	flen	usa	mu:	ta:d	tlei
AHU	ko"p	nu:	u:s	a:	ta:d	tui
MSL	kɛ:r (rai)	nu:n	u:s tu:	a:	ta:d	tui
MSB	kɔ:p	fne:n	u:s	a:	ta:d	tui

	302. chutar	303. dançar	304. dar	305. deitar	306. dormir	307. encontrar
LB	be:t	dansa	ne:	lɛla	bue	e:t
EH	luasiig	dansa	ne:	le:l	boe	e:t
ER	tusni	dansa	ne:	lakan	bue	ɛ:t
AL	beut	dansa	ne:	lɛla	bɔe	ɛt
AV	beot	dansa	ne:	lat bei	boɛ	ɪt
ALI	teut	dansa	ne:	la:t	bɔɛ	ɛ:t
AHB	beot	dansa	ne:	lat	boe	ɛt
AHU		dansa	ne:	ui	boe	e:t
MSL	beut	dansa	ne:	hata	boɛ	ɛt
MSB	te:	dansa	ne:	ha:t	boɛ	ɛ:t

	308. ensinar	309. enviar	310. escrever	311. falar	312. fechar	313. jogar
LB	hanorin	babar	kɛ:r	gase	tapa	be:t
EH	hanorin	laka	ke:r	gase	taka	ʒoga
ER	hanori	baba:r	kɛ:r	gase	taku	ʒoga
AL	nori	babar	kɛrek	kase	ta:k	beut
AV	norin	laka	kɛrek	kase	ta:k	ʒoga
ALI	nuri	baba:r	lakerek	kase	sdei	hlɛk
AHB	noer	laka	hakerek	kase	tak	ʒoga
AHU	no:r	tiba	hakerek	tete:r	ta:	ʒoga
MSL	noer	ru:	halai	kase	ta:	te:
MSB	noer	tiba	akerek	kase	ta:	ʒoga

	314. lavar	315. mentir	316. morar	317. morrer	318. matar	319. nascer
LB	ha:s	bea	hela	me:t	sae	mori
EH	ha:s	beaho	hela	me:t		mori
ER	ha:s	bea	hɛ:r	mɛ:t	bob	muir
AL	haes	rau	hela	maɛt	bɔp	moer
AV	hɛ:s	rau	hela	maɛt	bop	mori
ALI	haes	rau	kdei	maɛt	bo:b	mori
AHB	hɛ:s	rau	hela	maɛt	ta:r	mori
AHU	ha:s	doha	hela	mɛ:t	oho	mori
MSL	ha:s	halaet	hela	maɛt	loɛt	mori
MSB	ha:s	halaet	hela	maɛt		mori

	320. ouvir	321. pensar	322. perder	323. perguntar	324. pescar	325. roubar
LB	pli:k	anoin	lako	tu:k	kail	pnao
EH	pli:k	hanoin	lako	tu:g	kael	punaho:
ER	pli:k	hanoin	lako	kbe:n	pɛ:l	pnao
AL	fli:k	hanoin	lako	tu:k	kail	fnao
AV	fli:k	hanoin	lako	tu:k	kael	fnao
ALI	fli:k	hanoin	lako	tuku	fael	fnao
AHB	fli:k	dimer	lako	tu:k	fael	fnao
AHU	pli:k	hanoin	lako	tu:k	hakail	pnao
MSL	fli:k	anoin	lako	tu:k	fael	fnao
MSB	fli:k	anoin	lako	tu:k	kael	fnao

	326. saber	327. segurar	328. sentar	329. soprar	330. tirar	331. tomar banho
LB	ta:dlo:	pɛ:l	kdei	pu:	huhua	riu
EH	ta:dlo:	pɛ:l	mdei	pua	hua	riu
ER	ta:dlo:	pɛ:l	kdei	pu:	hu:	riu
AL	ta:dlo:	fail	kdei	fu:	hu:	riu
AV	ta:d	fael	kdei	fu:	hu:	riu
ALI	ta:d	fael	kdei	fu:	hu:	lariu
AHB	ta:d	fael	kdei	fu:	hu:	riu
AHU	ta:d	pa:l	mdei	pua	hua	riu
MSL	ta:d	fael	medei	fu:	hu:	riu
MSB	ta:d	fael	medei	fua	hua	riu

	332. tossir	333. trabalhar	334. ver	335. vir	336. viver	337. voar
LB	taho	serbisu	kabo	ma:	mori	lu:h
EH	taho	serbi:s	kobo:	ma:	mori	luhu
ER	tahu	serbi:s	kobo:	ma:	mori	plɛ:r
AL	tahu	serbiusa	ɛɔt	ma:	moer	lu:h
AV	tauha	servisu	ko:	ma:	moeri	lu:h
ALI	tahu	serbius	ko:	ma:	muir	lu:h
AHB	taho	servisu	ko:	ma:	moer	luhu
AHU	taho	servi:s	pei	ma:	mori	luhu
MSL	taho	serbius	fei	ma:	mori	luhu
MSB	taho	serbi:s	fei	ma:	mori	lore

APÊNDICE B: LISTA DE PALAVRAS E SENTENÇAS

A lista de palavras e setenças abaixo foi utilizada para a coleta de dados, que foi realizada por meio da língua nacional de Timor-Leste, o Tetun.

Português	Tetun Dili	42	bebê	<i>labarik nurak</i>
1 Como estás?	<i>Diak ka lae?</i>	43	recém-nascido	<i>kosok oan</i>
2 Estou bem	<i>Hau diak</i>	44	pai	<i>aman</i>
3 Onde você vai?	<i>Ba nee be?</i>	45	mãe	<i>inan</i>
4 O que é isso?	<i>Ida nee saida?</i>	46	marido	<i>lain</i>
5 boca	<i>ibun</i>	47	esposa	<i>feen</i>
6 braço	<i>liman</i>	48	solteiro	<i>klosan</i>
7 cotovelo	<i>liman sikun</i>	49	jovem	<i>joven</i>
8 ombro	<i>kabaas</i>	50	filho	<i>oan mane</i>
9 cabeça	<i>ulun</i>	51	filha	<i>oan feto</i>
10 dor de cabeça	<i>ulun moras</i>	52	irmão mais velho	<i>maun boot</i>
11 cabelo	<i>fuuk</i>	53	irmão mais novo	<i>alin</i>
12 cabelo preto	<i>fuuk metan</i>	54	irmã mais velha	<i>biin</i>
13 carne (humana)	<i>isin</i>	55	irmã mais nova	<i>alin</i>
14 coração	<i>fuan</i>	56	tio (irmão mais velho do pai)	<i>aman boot</i>
15 costas	<i>kotuk</i>	57	tio (irmão mais novo do pai)	<i>aman kiik</i>
16 dente	<i>nehan</i>	58	tia (irmã do pai)	<i>tia</i>
17 dedo	<i>liman fuan</i>	59	tio (irmão da mãe)	<i>tiu</i>
18 fígado	<i>aten</i>	60	tia (irmã mais velha da mãe)	<i>inan boot</i>
19 língua	<i>nanaal</i>	61	tia (irmã mais nova da mãe)	<i>inan kiik</i>
20 mão	<i>liman</i>	62	primu (paralelo)	
21 nariz	<i>inus</i>	63	primu (cruzado)	
22 olho	<i>matan</i>	64	avô	<i>abo / avoo mane</i>
23 cego/ cegueira	<i>matan aat</i>	65	avó	<i>abó / avoo feto</i>
24 orelha	<i>tilun</i>	66	sobrinho	<i>subrinhu</i>
25 surdo / surdez	<i>tilun diuk</i>	67	sobrinha	<i>subrinha</i>
26 osso	<i>ruin</i>	68	neto/ neta	<i>bei-oan</i>
27 pé	<i>ain</i>	69	dote	<i>barlake</i>
28 pele	<i>kulit</i>	70	Deus	<i>Maromak</i>
29 perna	<i>ain</i>	71	alma	<i>klamar</i>
30 pescoço	<i>kakorok</i>	72	mal	<i>aat</i>
31 sangue	<i>raan</i>	73	feiticeiro	<i>matandook</i>
32 doente	<i>moras</i>	74	bruxo	<i>buan</i>
33 leite (materno)	<i>susu been</i>	75	lit: senhor da terra	<i>liurai</i>
34 urina	<i>mii</i>		lit: senhor da	
35 excremento	<i>teen</i>	76	palavra	<i>lianai</i>
36 homem	<i>mane</i>	77	ladrão	<i>nauktein</i>
37 mulher	<i>feto</i>	78	professor	<i>mestri</i>
38 criança	<i>labarik</i>	79	pastor	<i>pendeta (ind)</i>
39 menino	<i>labarik mane</i>	80	presidente	<i>prezidenti</i>
40 menina	<i>labarik feto</i>			
41 grávida	<i>feto isin-rua</i>			

81	chefe	<i>xefi</i>	127	ar/vento	<i>anin</i>
82	pessoa	<i>ema</i>	128	noite	<i>kalan</i>
83	timorense	<i>timor-oan</i>	129	dia	<i>loron</i>
84	estrangeiro	<i>malae</i>	130	rio	<i>mota</i>
85	padre	<i>amu</i>	131	canoa	<i>bero</i>
86	amigo	<i>belun / colega</i>	132	barco	<i>roo</i>
87	escravo	<i>atan</i>	133	remo	<i>ai hean</i>
88	árvore	<i>ai</i>	134	cachoeira	<i>udan been</i>
89	capim	<i>duut</i>	135	praia	<i>tasiibun dalam (jalam lurus)</i>
90	flor	<i>funan</i>	136	estrada	
91	fruta	<i>ai fuan</i>	137	casa	<i>uma</i>
92	semente	<i>fini</i>	138	casa sagrada	<i>uma lulik</i>
93	folha	<i>tahan</i>	139	telhado	<i>uma kakuluk</i>
94	raiz	<i>abut</i>	140	porta	<i>odamatan</i>
95	casca	<i>ai kulit</i>	141	cozinha	<i>dapur</i>
96	pedra	<i>fatu</i>	142	panela	<i>sanan</i>
97	pedra de afiar	<i>fatuhodi kroat</i>	143	cesto	<i>luhu</i>
98	terra	<i>rai</i>	144	banco	<i>banku</i>
99	terra seca	<i>rai maran</i>	145	faca	<i>tudik</i>
100	areia	<i>rai henek</i>	146	facão	<i>katana</i>
101	poeira	<i>rai rahun</i>	147	colher	<i>kanuru</i>
102	montanha	<i>foho</i>	148	garfo	<i>garfu</i>
103	montanha sagrada	<i>foho lulik</i>	149	corda	<i>tali</i>
104	pico da montanha	<i>foho tutun</i>	150	vassoura	<i>dasa hadak (feito de material)</i>
105	bambu	<i>au</i>	151	chão	<i>eskola</i>
106	espinho	<i>ai tarak</i>	152	escola	<i>eskola</i>
107	vegetais	<i>marotok / modo</i>	153	igreja	<i>uma kreda</i>
108	floresta	<i>ai laran</i>	154	animal	<i>animal/ balada</i>
109	sol	<i>loro</i>	155	abelha	<i>bani</i>
110	lua	<i>fulan</i>	156	mel	<i>bani been</i>
111	céu	<i>loro leten</i>	157	cão	<i>asu</i>
112	céu (religioso)	<i>lalehan</i>	158	macaco	<i>lekirauk</i>
113	estrela	<i>fitun</i>	159	galo	<i>manu aman</i>
114	água	<i>bee</i>	160	galinha	<i>manu inan</i>
115	chuva	<i>udan</i>	161	pintinho	<i>manu oan</i>
116	trovão	<i>rai tarutu</i>	162	peixe	<i>ikan</i>
117	raio	<i>udan biska</i>	163	porco	<i>fahi</i>
118	tempestade	<i>udan anin</i>	164	búfalo (de água)	<i>karau</i>
119	chuva forte seca (tempo de	<i>udan boot</i>	165	formiga	<i>nehek</i>
120	seca)	<i>bailoron</i>	166	cavalo	<i>kuda</i>
121	nuvem	<i>kalohan</i>	167	rato	<i>laho</i>
122	fogo	<i>ahi</i>	168	crocodilo	<i>lafaek</i>
123	fumaça	<i>ahi suar</i>	169	cauda	<i>ikun</i>
124	cinzas	<i>ahi kdesan</i>	170	largatixa	<i>teki</i>
125	prata	<i>osan mutin</i>	171	lagatixa (grande que vive nas casas	<i>toke</i>
126	ouro	<i>osan mean</i>			

	e arvores e faz o barulho 'tokee')		214	hoje	<i>ohin</i>
172	pássaro	<i>manu fuik</i>	215	amanhã	<i>aban</i>
173	chifre	<i>dikur</i>	216	depois de amanhã	<i>aban bainrua</i>
174	asa	<i>liras</i>	217	agora	<i>agora</i>
175	pena	<i>fulun</i>	218	manhã	<i>dadeer</i>
176	ovo (de galinha)	<i>mantolun</i>	219	tarde	<i>lokraik</i>
177	cobra	<i>samea</i>	220	semana	<i>semana</i>
178	piolho	<i>kutun</i>	221	mês	<i>fulan</i>
179	aranha	<i>labadain</i>	222	ano	<i>tinan</i>
180	ovelha / cabra	<i>bibi</i>	223	onde	<i>nebee</i>
181	gato	<i>busa</i>	224	ali	<i>iha nebaa</i>
182	tartaruga	<i>lenuk</i>	225	aqui	<i>iha nee</i>
183	sapo	<i>manduku</i>	226	bem/bom	<i>diak</i>
	carne (de búfalo/		227	mau/mal	<i>aat</i>
184	animal)	<i>karau naan</i>	228	longo	<i>naruk</i>
185	abacaxi	<i>ai nanás</i>	229	curto	<i>badak</i>
186	mamão	<i>aidilan</i>	230	grande	<i>boot</i>
187	flor do mamão	<i>aidilan funan</i>	231	pequeno	<i>kiik</i>
188	folha do mamão	<i>aidila tahan</i>	232	tudo/todos	<i>hotu</i>
189	feijão	<i>koto</i>	233	inteiro/completo	<i>tomak</i>
190	arroz cru	<i>foos</i>	234	fino	<i>mihis</i>
191	arroz cozido	<i>etu</i>	235	grosso	<i>mahar</i>
	planta do arroz/		236	largo	<i>luan</i>
192	arroz na casca	<i>hare</i>	237	estreito	<i>kloot</i>
193	goiaba	<i>goiaba</i>	238	fraco	<i>fraku</i>
194	manga	<i>haas</i>	239	forte	<i>forti</i>
195	mandioca	<i>ai farina</i>	240	macio	<i>mamar</i>
196	milho	<i>batar</i>	241	duro	<i>toos</i>
197	banana	<i>hudi</i>	242	alto	<i>aas</i>
	banana verde		243	baixo	<i>badak</i>
	(coração da		244	gordo	<i>bokur</i>
198	banana)	<i>hudi dubun</i>	245	magro	<i>krekas</i>
199	batata doce	<i>fehuk midar</i>	246	novo	<i>foun</i>
200	açúcar	<i>midar</i>	247	velho	<i>tuan</i>
201	sal	<i>masin</i>	248	quente	<i>manas</i>
202	café	<i>kafe</i>	249	frio	<i>maliri</i>
203	café da manhã	<i>matabixu</i>	250	seco	<i>maran</i>
204	almoço	<i>haan meiudia</i>	251	molhado	<i>bokon</i>
205	jantar	<i>haan kalan</i>	252	pesado	<i>todan</i>
206	coco	<i>nuu</i>	253	leve	<i>kamaan</i>
207	farinha	<i>ai farina uut</i>	254	perto	<i>besik</i>
208	laranja/ mexirica	<i>sabraka</i>	255	longe	<i>dook</i>
209	vinho	<i>tua</i>	256	limpo	<i>mos</i>
210	comida	<i>hahan</i>	257	sujo	<i>foer</i>
211	amendoim	<i>forai</i>	258	bonito	<i>kapaas</i>
212	ontem	<i>horiseik</i>	259	feio	<i>oin aat</i>
213	anteontem	<i>horibainrua</i>			

260	sim	<i>sin</i>	306	último	<i>ikus</i>
261	não	<i>lae</i>	307	vermelho	<i>mean</i>
262	cheio	<i>nakonu</i>	308	azul	<i>azul</i>
263	vazio	<i>mamu</i>	309	amarelo	<i>kinur</i>
264	frente	<i>oin</i>			<i>matak (verde</i>
265	atras	<i>kotok</i>	310	verde	<i>natural)/ modok</i>
266	em cima	<i>leten</i>	311	branco	<i>mutin</i>
267	embaixo	<i>kraik</i>	312	preto	<i>metan</i>
268	leste	<i>lorosae</i>	313	1PS	<i>hau</i>
269	oeste	<i>loromono</i>	314	2PS	<i>ita / o</i>
270	o que?	<i>sa ida?</i>	315	3PS	<i>nia</i>
271	quem?	<i>see?</i>	316	1PP (incl)	<i>ita</i>
272	como?	<i>oinsa?</i>	317	1PP (excl)	<i>ami</i>
273	por que?	<i>tamba saa?</i>	318	2PP	<i>imi</i>
274	quando?	<i>bainhira</i>	319	3PP	<i>sira</i>
275	um	<i>ida</i>	320	acordar	<i>hader</i>
276	dois	<i>rua</i>	321	assar	<i>tunu</i>
277	três	<i>tolu</i>	322	atirar	<i>tuda</i>
278	quatro	<i>haat</i>	323	bater	<i>baku</i>
279	cinco	<i>lima</i>	324	beber	<i>hemu</i>
280	seis	<i>nee</i>	325	brincar	<i>halimar</i>
281	sete	<i>hitu</i>	326	buscar	<i>buka</i>
282	oito	<i>ualu</i>	327	caçar	<i>kasa</i>
283	nove	<i>sia</i>	328	cantar	<i>hanano / kanta</i>
284	dez	<i>sanulu</i>	329	casar	<i>kaben</i>
285	onze	<i>sanulu hesin ida</i>	330	cavar	<i>hakuak</i>
286	doze	<i>sanulu hesin rua</i>	331	cheirar	<i>horon</i>
287	treze	<i>sanulu hesin tolu</i>	332	chover	<i>udan</i>
288	quatorze	<i>sanulu hesin haat</i>	333	comer	<i>han</i>
289	quinze	<i>sanulu hesin lima</i>	334	conhecer	<i>hatene</i>
290	vinte	<i>rua nulu</i>	335	cozinhar	<i>tein</i>
291	trinta	<i>tolu nulu</i>	336	dançar	<i>dansa</i>
292	quarenta	<i>haat nulu</i>	337	dar	<i>fo</i>
293	cinquenta	<i>lima nulu</i>	338	deitar	<i>latan</i>
294	cem	<i>atus ida</i>	339	dormir	<i>toba</i>
295	duzentos	<i>atus rua</i>	340	encontrar	<i>hetan</i>
296	trezentos	<i>atus tolu</i>	341	ensinar	<i>hanorin</i>
297	mil	<i>rihun ida</i>	342	enviar	<i>haruka</i>
298	muito	<i>barak</i>	343	escrever	<i>hakerek</i>
299	pouco	<i>ituan</i>	344	falar	<i>koalia</i>
300	algum	<i>balun</i>	345	fechar	<i>taka</i>
301	moeda	<i>osan mean</i>	346	jogar	<i>joga</i>
302	dinheiro	<i>osan</i>	347	lavar	<i>fasi</i>
303	primeiro	<i>ba dala uluk</i>	348	mentir	<i>bosok</i>
304	segundo	<i>ba dala rua</i>	349	morar	<i>hela</i>
305	terceiro	<i>ba dala tolu</i>	350	morrer	<i>mate</i>
			351	matar	<i>oho</i>

352	nacer	<i>moris</i>	362	soprar	<i>huu</i>
353	ouvir	<i>rona</i>	363	tirar	<i>foti</i>
354	pensar	<i>hanoin</i>	364	Tomar banho	<i>haris</i>
355	perder	<i>lakon</i>	365	tossir	<i>mear</i>
356	perguntar	<i>husu</i>	366	trabalhar	<i>servisu</i>
357	pescar	<i>hakail</i>	367	ver	<i>hare</i>
358	roubar	<i>nauk</i>	368	vir	<i>mai</i>
359	saber	<i>hatene</i>	369	viver	<i>moris</i>
360	segurar	<i>kaer</i>	370	voar	<i>semo</i>
361	sentar	<i>tur</i>			

Português	Tetun Dili
1 dor de cabeça	<i>Ulun moras</i>
2 eu estou com dor de cabeça	<i>Hau ulun moras</i>
3 ele está apertando a mão do menino	<i>Nia "kaer" labarik nia liman</i>
4 o nariz dele está machucado	<i>Nia inus knek</i>
5 ela está lavando os pés do bebê	<i>Nia fasi nia oan nia ain</i>
6 o pescoço da menina é comprido	<i>Labarik feto iha kakorok naruk</i>
7 a criança está cantando	<i>Labarik hanano</i>
8 o menino correu	<i>Labarik mane halai</i>
9 a menina caiu	<i>Labarik feto mono</i>
10 muitas sementes	<i>Fini barak</i>
11 a folha é pequena	<i>Tahan kiik</i>
12 ele jogou a pedra	<i>Nia tuda fatu</i>
13 Sol redondo	<i>Loro kabuar</i>
14 Lua grande	<i>Fulan boot</i>
15 Muitas estrelas	<i>Fitun barak</i>
16 Água fria	<i>Bee malirin</i>
17 Rio estreito	<i>Mota klood</i>
18 A canoa está cheia de areia	<i>Bero iha rai henek barak</i>
19 O peixe nada	<i>Ikan nanin</i>
20 A asa do pássaro é branca	<i>Manu iha liras mutin</i>
21 O ovo da galinha	<i>Manu inan nia manu tolu</i>
22 Ele está comendo os ovos	<i>Nia han manu tolo</i>
23 Ele tem medo da cobra	<i>Nia tauk husi samea</i>
24 A menina está com muito piolhos na cabeça	<i>Labarik nia ulun iha kutun barak</i>
25 Ele acordou cedo	<i>Nia hader dader saan</i>
26 Ele assou a carne do porco	<i>Nia tunu naan fahi</i>
27 Ele atirou a pedra	<i>Nia tuda fatu</i>
28 Ele bateu no amigo	<i>Nia baku malu ho belun</i>
29 Ele brincou com o amigo	<i>Nia halimar ho belu</i>
30 Choveu ontem pela manhã	<i>Horiseik dader udan tau</i>
31 Ele comeu banana	<i>Nia han hudi</i>
32 Ele cozinha arroz	<i>Nia tein etu</i>
33 Ele deu um presente para a mãe dele	<i>Nia fo presente ba ninia inan</i>
34 ele dormiu no chão	<i>Nia toba iha rai</i>
35 Ele encontrou um facão	<i>Nia hetan katana ida</i>
36 Ele ensina crianças	<i>Nia hanorin ba labarik sira</i>
37 Ele ensinou o menino como pescar	<i>Nia hanorin labarik kaer ikan</i>
38 Ele fala com o pai e a mãe dele	<i>Nia koalia ho ninia aman no inan</i>
39 Ele lavou o carro	<i>Nia fasi nia kareta</i>
40 ele matou o rato	<i>Nia oho laho ida</i>
41 Ele mora em Same	<i>Nia hela iha same</i>
42 Ele morreu	<i>Nia mate</i>
43 Ele nasceu ontem	<i>Nia moris horiseik</i>
44 Ele perguntou a menina sobre o facão	<i>Nia husu ba labarik feto kona ba katana</i>
45 Ele pescou muitos peixes	<i>Nia hakail ikan barak</i>
46 Ele roubou o galo do vizinho	<i>Nia nauk vizinhu nia manu</i>

47	Ele segura a corda	<i>Nia kaer tali</i>
48	Ele tomou banho no rio	<i>Nia haris iha mota</i>
49	Ele trabalhou o dia todo	<i>Nia servisu loron tomak</i>
50	Ele viu a cobra	<i>Nia hare samea</i>
51	O homem veio ontem	<i>Mane mai horiseik</i>
52	A mulher veio ontem	<i>Feto mai horiseik</i>
53	Ele veio ontem	<i>Nia mai horiseik</i>
54	O homem estava comendo arroz	<i>Mane han etu</i>
55	Ele comeu arroz	<i>Nia han etu</i>
56	Os cães mordem as pessoas	<i>Asu tata ema ida</i>
57	O cão mordeu ele	<i>Asu tata nia</i>
58	O Homem estava doente	<i>Mane moras</i>
59	Ele está doente	<i>Nia moras</i>
60	O homem deu dinheiro para o meu pai	<i>Mane fo osan ba hau nia aman</i>
61	Ele deu dinheiro para o meu pai	<i>Nia fo osan ba hau nia aman</i>
62	O homem deu dinheiro para ela	<i>Mane fo osan ba nia</i>
63	O homem ganhou dinheiro	<i>Mane simu osan</i>
64	Eles viviam na aldeia	<i>Sira hela iha aldeia</i>
65	O homem foi para a aldeia	<i>Horiseik mane ba aldeia</i>
66	O homem veio da aldeia	<i>Horiseik mane mai husi aldeia</i>
67	O homem vai para a aldeia	<i>Aban mane ba aldeia</i>
68	O homem virá da sua aldeia	<i>Aban mane mai husi aldeia</i>
69	O homem foi com sua esposa	<i>Maun ba hamutuk nia kaben</i>

APÊNDICE C: MAMBAE – PORTUGUÊS

A a

a- [a] *adj* > *vt pfx*. Causativo. Sufixo verbal adicionado a adjetivos ou a verbos intransitivos. Aumenta valência.

aksolok *vi* estar feliz.

alaok *vt* eliminar, exterminar, fazer desaparecer.

aloor *vt* associar-se com, acompanhar.

amoo *vt* limpar, purificar, remover (sujeira), apagar.

amou *vt* fazer cair, derrubar.

aa [a:] *vt*. comer. (*kan, akan)

comp. **namaa** comida

aal [a:l] *vt*. comprar.

aam loba ['a:m 'lɔba] *n*. irmão mais novo do pai.

aam tuu ['a:m 'tu:] *n*. irmão mais velho do pai. Lit: pai grande.

(**comp. of ama1**)

aan [a:n] *n*. filho, filha, descendência..

Variante: N-Met **ana**.

aan hina [a:n 'hina] *n*. filha, menina. Lit: filho feminino.

aan koso ['a:n 'kɔso] *n*. bebê, recém nascido.

aan maen ['aan 'maɛn] *n*. filho.

(**comp. of aan, mane**)

aan mane ['a:n 'mane] *n*. filho, menino.

Variante: Met. **aan maen; ana mane**

aba ['aba] *n*. saliva, cuspe, baba.

ada ['ada] *tempo*. amanhã.

comp. **hoda-ada** dia e noite,

continuamente

ada-airuu ['ada ʔai'ru:] *tempo*. no futuro.

Lit: amanhã-próximo dia.

adada [a'dada] *adv*. frequente, normalmente, geralmente.

adeer-lolo [a'de:r 'lolo] *n*. jejum.

adora [a'dora] *vt*. adorar, venerar.(Origem: Português)

aef ['aɛf] *n*. fogo.

comp. **mdei aef** parir, dar à luz

aef leo *n* chama, flama, fogo.

aef leo ['aɛf 'leo] *n*. chama, flama, fogo.

(**comp. of aef, leo**)

aef muta ['aɛf 'muta] *n*. cinzas.

aef suha ['aɛp¹ 'suha] *n*. fumaça.

aem2 ['aem] *n*. abelha.

aem1 ['aem] *pron.pes.*. nós. (não inclui a pessoa com quem se está falando).

afee [afe:] *conec.* isto porque.

afinal [a'final] *conec.* afinal, na verdade.(Origem: Português)

afo ['afo] *adj*. quebrado em muitos pedaços, destruído, fragmentado.

comp. **fun afo** quebrar, destruir,

fragmentar , **rae afo** poeira, terra seca

agora [a'gora] *tempo*. agora.(Origem: Português)

agradese [agradese] *v*. agradecer.(Origem: Português)

ahali-ahali [a'hali a'hali] *adv*.

repetidamente *Au tuuk ura ahali-ahali.* '

[Free translation] Eu perguntei a ele repetidamente'.

ahe ['ahe] **1.** *n.* face, rosto. **2.** *adj.* à frente, adiante, futuro.

ai ['ai] *n.* **1.** árvore **ai haa** *n.* raiz (de planta) . **2.** madeira, galho.

ai hean *n.* remo.

ai diil ['ai 'di:l] *n.* mamão, papaia.

ai dona ['ai 'dona] *n.* cacetede, porrete.

ai haa ['ai 'ha:] *n.* raiz (de planta).

(**unspec. comp. form of ai 1, haa2**)

ai hean ['ai 'hean] *n.* remo. Lit: madeira-remar.

(**comp. of ai, hean**)

ai hetu ['ai 'hetu] *n.* flor.

ai hua ['ai 'hua] *n.* fruta *aihua klau.* ' [Free translation] fruta estragada'.

ai ii [ai i:] *n.* mandioca.

ai kruus ['kru:s] *n.* cruz.

ai lala ['ai 'lala] *n.* floresta, mato.

ai mluu *n.* sawdust, wood shaving.

ai nora [ai nɔra] *n.* folha *ainɔra lɔba.* ' [Free translation] folha pequena'.

[Free translation] folha pequena'.

ai rui ['ai 'rui] *n.* espinho.

ai saar ['ai 'sa:r] *n.* vassoura.

ai tia ['ai 'tia] *n.* casca.

ai tonka ['ai 'tonka] *n.* vara, bengala.

ainanaas [aina'na:s] *n.* abacaxi.

airuu [ai'ru:] *tempo.* depois de amanhã, em dois dias.

akaas [a'ka:s] *vt.* trabalhar duro, fazer um grande esforço.

akahik [a'kahik] *vt.* prevenir, proteger.

akar ['akar] **1.** *vt.* querer, desejar. **2.** *n.* desejo, vontade.

aki ['aki] *tempo.* por muito tempo.

akiak [a'kiakʔ] *vt.* criar, cuidar, adotar (*crianças ou animais*).

aksolok [ak'sɔlokʔ] *vi.* estar feliz.

(**der. of a-, ksolok**)

alaok [a'laokʔ] *vt.* eliminar, exterminar, fazer desaparecer.

(**der. of a-, lako**)

aldeia [al'deⁱ'a] *n.* aldeia.(Origem: Português)

alibur [a'libur] *vi.* reunir, ajuntar, congregar.

aloor [a'lo:r] *vt.* associar-se com, acompanhar.

(**der. of a-, loor**)

aluga [a'luga] *vt.* alugar.(Origem: Português)

alui [a'lui] *vt.* abaixar, desapontar, humilhar, derrubar (os preços).

ama2 [a'ma] *n.* mãe.

ama1 ['ama] *n.* pai, irmão do pai. comp. **ina-ama** pais

aam tuu *n.* irmão mais velho do pai.

***amaat roo x aa maat roo** deceive, commit fraud.

amenta [a'menta] *vt.* aumentar, adicionar mais.(Origem: Português)

comp. **keer amenta** aumentar ; acrescentar mais (em números)

amoo [a'mɔ:] *vt.* limpar, purificar, remover (sujeira), apagar.

(**der. of a-, moo**)

amou [a'mou] *vt.* fazer cair, derrubar. (**unspec. comp. form of a-, mou1**)

amu luli ['amu 'luli] *n.* padre.

ana [ana] *n.* filho ; filha ; descendência. Variante: **N-Met aan**

ana hina [a:n 'hina] *n.* menina; filha
anhina mou. ' [Free translation] a
 menina caiu'.
 (comp. of aan)

ana maen [ana 'maen] *n.* filho.
 Variante: **Met. aan mane**

ana mane [ana 'mane] *n.* filho.

anai [a'nai] *vt.* adorar, glorificar.

andar [andar] *n.* andar, piso.(Origem:
 Português)

animaal [anima:l] *n.* animal.(Origem:
 Português)

ankate [an'kate] *n.* criança *ankate kanta.* '
 [Free translation] a criança canta'.
 [Free translation] a criança canta'.

anoin [a'noin] **1.** *vt.* lembrar, pensar. **2.** *n.*
 pensamento, idéia, opinião.

aof [a'of] *vt.* quebrar, espedaçar (vidro,
 azuleijo).

aos [aos] *n.* feijão.

apa [a'pa] *n.* pai.

aprende [a'prende] *vt.* aprender.(Origem:
 Português)

araik [a'raik] *vt.* humilhar, tornar
 humilde.

arbau [ar'bau] *n.* búfalo.

arbau baak [ar'bau 'ba:k] *n.* vaca, boi,
 touro, gado.

arbiru [ar'biru] *adv.* arbitrário, sem pensar
 nas consequências.

arepende [are'pende] *v.*
 arrepende.(Origem: Português)

arfiil [ar'fi:l] *tempo.* quando. Variante:
met. arfila quando.

arfila [ar'fila] *tempo.* quando.

argola [ar'gola] *n.* aro, argola,

braçadeira.(Origem: Português)

arohan [a'rohan] *vt.* orar.

arteul [ar'teul] *tempo.* dois dias depois de
 amanhã.

artuub [ar'tu:b] *n.* pessoa.

artuub dadu [ar'tu:b 'dadur] *n.*
 prisioneiro.

asae [a'sae] *vt.* levantar, colocar para
 cima, oferecer (a Deus).

asai [a'sai] *vt.* tirar, remover.

asee [a'se:] *vt.* cumprimentar.

asoor [a'so:r] *vt.* **1.** encontrar. **2.** se opor,
 confrontar.

ata [ata] *n.* escravo.
 comp. **biub ata** pastor

ataam *vt.* colocar em, meter, inserir.

ataan [a'ta:n] *vt.* responder.

Atambua [atam'bu] *sub prop.* cidade da
 Indonésia *Au sai ois Same maa Dili, Dili
 maa Atambua, Atambua maa Kupang.* '
 [Free translation] Eu sai de Same, fui
 para Dili, de Dili para Atambua, de
 Atambua vim para Kupang.'

ate [ate] *n.* fígado *aus ni ate.* ' [Free
 translation] o fígado do cão'.

atus iid [atus 'i:d] *num.* cem .

atus ruu [atus 'ru:] *num.* duzentos.

atus teul [atus 'teul] *num.* trezentos.

atuta [a'tuta] *vt.* continuar, prosseguir,
 manter, adicionar (palavras).

atuud [a'tu:d] *vt.* mostrar, indicar.

au [au] *pron.pes.* Eu ; meu.

aus [aus] *n.* cão, cachorro ' [Free
 translation]'.
aus ina [aus 'ina] *n.* cadela, cachorra.

B b

- ba** ['ba] **1.** *neg.* não, negativo.
comp. **eha ba nei** que não tem fim, para sempre, eterno
- ba halimar** ['ba ha'limar] **1.** *adj.* ótimo, extraordinário, surpreendente. **2.** *adv.* muito.
- ba leob** ['ba 'leob^ɿ] *aux.* não, não poder.
- ba liik** ['ba 'li:k^ɿ] *vt.* não se importa com, ignora.
- ba loos** ['ba 'lo:s] *adj.* errado, incorreto, não verdadeiro.
- ba nei** ['ba 'nei] *vi.* sem ; não há ; não está.
- ba-fois** ['ba 'fois] *neg.* não permitir.
- baas** ['ba:s] *vt.* dar um tapa, esbofetear.
- bada** ['bada] *adj.* curto, baixo.
- badae ai** [ba'dae 'ai] *n.* carpinteiro.
- badinas** [ba'dinas] *adj.* trabalhador, aquele que trabalha muito.
- bae2** ['bae] *adj.* prenha.
- bae1** ['bae] *rel.* qual, o que, aquele, quem.
comp. **her bae** onde
- bae ke** ['bae 'ke] **1.** *rel.* qual, o que, aquele, quem.
- bae la** ['bae 'la ~ 'be: 'la] *rel.* qual, o que, aquele, quem.
- bahat** ['bahat^ɿ] *vt.* escupir.
- bai** ['bai] *n.* barriga, abdomen (interno e externo), estômago.
- bainaka** [bai'naka] *n.* visitante.
- bak-bako** ['bak^ɿ bako] *adv.*
continuamente, frequentemente, sempre, constantemente.
- baklaal** ['bak^ɿ 'la:l] *vi.* torcer, alegrar, animar.
- bali** ['bali] *vt.* **1.** guardar, vigiar, proteger. **2.** esperar.
- balikan** [ba'likan] *aux.* don't need, need not, not worry, unnecessary.
- bandeja** [ban'deʒa] *n.* bandeja, travessa.
- bandu** ['bandu] *vt.* proibido.
- banku** ['banku] *n.* **1.** banco. **2.** banco (*financeiro*).
- barlake** [bar'lake] *n.* dote; contrato matrimonial que consiste na troca de bens entre a família dos noivos (nos costumes tradicionais).
- baskari** [bas'kari] *vt.* espalhar, dispersar.
- batailaun** [batai'laun] *n.*
batalhão.(Origem: Português)
- batar** ['batar] *n.* milho.
- batina** [ba'tina] *n.* batina, toga.
- be fun laa** ['be 'fun 'la:] *adv.* para que não, com receio de, a fim de que não.
- beed laad** ['be:d 'la:d^ɿ] *interj.* espere.
- beel** [bɛ:l] *aux.* **1.** em processo de. **2.** viver, estar, permanecer (*em um lugar*).
- bei-ala** ['bei-ala] *n.* ancestral.
- bei-ana** ['bei 'ana] *n.* neto, neta.
- beik-tee** ['beik 'te:] *adj.* idiota, burro, babaca.
- belebuus** [bele'bu:s] *tempo.* manhã.
belebuus kokar *tempo* manhã (antes do sol nascer).
- belebuus kokar** [bele'bu:s 'kokar] *tempo.* manhã (*antes do sol nascer*). Lit: manhã

escuro.

(**comp. of belebuus, kokar**)

belhaet [bel'haet] *n.* comida para viagem.

beli ['beli] *adj.* fome.

bensaun [ben'saun] *n.* benção.(Origem: Português)

benu ['benu] *adj.* cheio.

bero ['bero] *n.* canoa.

besu ['besu] *adj.* cheio, satisfeito (*comida*).

beut ['beut⁷] *vt.* chutar.

bii ['bi:] *n.* irmã mais velha.

biil [bi:l] *vt.* embrulhar, empacotar, cobrir.

bira ['bira] *n.* raio.

bisa ['bisa] *adj.* frio.

bisa nor malai *n.* benção.

bisa nor malai ['bisa 'nor ma'lai] *n.* benção. Lit: frio e leve.

(**comp. of bisa, nor, malai**)

biub ['biub⁷] *n.* cabra.

biub ata *n.* pastor (de cabras e ovelhas).

biub malae *n.* ovelha.

biub ata ['biub⁷ 'ata] *n.* pastor (*de cabras e ovelhas*).

(**comp. of biub, ata**)

biub malae ['biub⁷ mlae] *n.* ovelha.

(**comp. of biub, malae**)

blai [b⁷'lai] *vt.* derrubar, lançar (*ao chão*).

blebuus [ble'bu:s] *tempo.* manhã.

blebuus kokrauf [ble'bu:s kok⁷'rauf]

tempo. manhã (*antes do sol nascer*).

blee ['ble:] *vi.* acordar, despertar *ura blee ai koka.* ' [Free translation] ele acordou cedo'.

boe ['boe] *vi.* deitar ; descansar ; dormir.

boe mliuk ['boe m'liuk⁷] *vi.* dormir, dormir profundamente.

boet ['boet] *n.* cesto.

boi ['boi] *vt.* não querer, recusar.

book ['bo:k⁷] *vt.* tocar .

boor ['bo:r] *vi.* interromper, terminar.

bosa ['bɔsa] *adj.* velho (*para coisas*).

botir ['botir] *n.* garrafa (*que não seja de plástico*).

bou ['bou] *n.* irmão mais velho.

brani ['brani] *adj.* corajoso, bravo, audacioso.

broe ['broe] *adj.* 1. podre, estragado. 2. excessivamente sentimental.

bruis ['bruis] 1. *adj.* quente, apimentado. 2. *adj.* bravo ; nervoso. 3. *vt.* repreender.

brusi ['brusi] 1. *adj.* quente, apimentado. 2. angry.

busa ['busa] *n.* gato.

butar ['butar] *vt.* enganar.

buti ['buti] 1. *adj.* branco. 2. *n.* prata.

buu [bu:] *n.* noz de betel, noz de areca.

D d

daad [da:d] *vt.* puxar, arrancar, arrastar.

dadu ['dadu] *vt.* prender, manter cativo.

dae ['dae] *vt.* 1. bater, ferir. 2. retirar (*poeira*).

dalai [da'lai] *vi.* tremer, sacudir, abalar,

estremecer.

comp. **hei dalai** nakdoko , **rae dalai** terremoto

dansa ['dansa] *vi.* dançar.(Origem: Português)

daor ['daor] *n.* laranja (fruta), mexirica.

daot ['daot] *n.* classe nobre timorense, um dos níveis de governança tradicional timorense.

comp. **itubudaot** crocodilo. O crocodilo é considerado um animal sagrado em Timo-Leste. Não pode ser morto ou comido.

dapur ['dapur] *n.* cozinha.

dato ['dato] *n.* classe nobre timorense, um dos níveis de governança tradicional timorense.

daun ['daun] *n.* agulha *daun koa*. ' [Free translation] buraco da agulha'.

dega ['dɛga] *vt.* 1. falar, dizer.

2. significar ; indicar.

dega klao ['dɛga 'klao] *vt.* blasfemar, criticar, falar mal de outro. Lit: falar mal.

deis ['deis] *adv.* novamente, outra vez, mais.

demais [de'mais] *adv.* demais.(Origem: Português)

depois [de'pois] *tempo.* depois.(Origem: Português)

derpenti [der'penti] *tempo.* de repente, repentinamente, imprevistamente.(Origem: Português)

des ['des] 1. *conec.* então, conseqüentemente, por causa de.

des idura *conec* é por isso que .

des manura *conec* Então (conseqüentemente), por causa disto.

des manura fee *conec* por causa daquilo.

des idura ['des i'dura] *conec.* é por isso

que .

(**comp. of des, idura**)

des manura ['des ma'nura] *conec.* Então (conseqüentemente), por causa disto.

(**comp. of des, manura**)

des manura fee ['des ma'nura 'fe:] *conec.* por causa daquilo.

(**comp. of des, manura, fe**)

des manuri ['des ma'nuri] *adv.* por causa disto, assim, como isso.

des sabiid fe ['des sa'bi:d 'fe] *inter..* por que, por qual razão.

deskansa [des'kansa] *vi.*

descansar.(Origem: Português)

deslaa [des'la:] *conec.* because, because of, for the reason that, due to.

deum ['hoban] *vt.* mergulhar.

diaub [di'aub] *n.* espírito maligno, demônio, diabo.(Origem: Português)

dida ['dida] *n.* sombra, vigilância, proteção.

dida-era *n* orvalho.

dida-era ['dida 'era] *n.* orvalho.

(**comp. of dida, era**)

didi ['didi] *adv.* usado para enfatizar algo ou como resposta de confirmação.

diku ['diku] *vi.* ajoelhar.

Dili ['dili] *sub prop.* cidade ; capital de Timor-Leste.

direitu [dire'itu] *n.* direitos.(Origem: Português)

diskuti [dis'kuti] *vt.* discutir.(Origem: Português)

diu ['diu] *n.* chifre.

dlai [d'lai] *vt.* incomodar ; aborrecer.

dleus [d'leus] *v.* se soltar, fazer sair,

projetar para fora.

dlo-dloo [dlɔ d'lɔ:] *adv.* exatamente, verdadeiramente.

dloo [d'lɔ:] *adv.* sim, verdade, correto, certo.

doben [dɔben] **1.** *adj.* amado, querido *aan doben*. ' [Free translation] beloved child'.
2. *n.* namorado ; namorada.

doim [dɔim] *vt.* amar.

domi [domi] *n.* amor.

doo2 [dɔ:] *n.* feiticeiro ; curandeiro 61.

comp. **haah doo** curandeiro, feiticeiro

doo1 [dɔ:] *vt.* cortar *doo tegeu*. ' [Free translation] cortar a garganta ; cortar o pescoço'.

dood [dɔ:d] *vt.* multidão, se agrupar em um grande grupo.

-door [dɔ:r] *v > n sfx.* Nominalizador. Sufixo nominal de origem latina que

ocorre em nomes derivados de verbos e exprime a idéia de agente..(Origem: Português)

doutoor [dou'to:r] *n.* doutor, médico.(Origem: Português)

duke [du'kee] *conec.* do que, que.

dulur ['dulur] *vt.* misturar, conectar, relacionar com.

dura ['dura] *vi.* durar.(Origem: Português)

duu [du:] *vi.* descer, descender, ir para baixo.

duu-sae ['du: 'sae] *vt.* ir para cima e para baixo (ex. montanhas).

duud ['du:dʷ] *vt.* empurrar.

duuk ['du:kʷ] *vt.* um grande número de pessoas em volta, frequentemente para ver algo novo.

duvida [du'vida] *vt.* duvidar.(Origem: Português)

E e

een [e:n] *vt.* tocar, afetar, infectar.

een-kois [e:n 'kois] *vt.* tocar de leve (sem segurar).

eer [ɛ:r] *n.* água.

eer mata *n* nascente.

eer ina [ɛ:r 'ina] *n.* lagoa pequena ; laguinho.

eer mata [ɛ:r 'mata] *n.* nascente. Lit: água olho.

(comp. of **eer, mata1**)

eer naal [ɛ:r na:l] *vi.* afogar, submergir.

eer ubu [ɛ:r 'ubu] *n.* senhor das águas.

eha1 [ɛha] *n.* beira, borda, aba, canto, fim.

eha ba nei *adj* que não tem fim, para sempre, eterno.

eha2 [ɛha] *n.* parte, pedaço; fim.

eha ba nei [ɛha 'ba 'nei] *adj.* que não tem fim, para sempre, eterno. Lit: fim não existe.

(comp. of **eha1, ba, nei**)

eis [ɛis] *vt.* vincular, ligar, atar.

ekor [ɛkɔr] *n.* areia.

enene [ɛ'nene] *adv.* **1.** immediately, directly, straight away. **2.** beforehand, in advance.

enlaa [ɛn'la:] *prep.* sobre.

entaun [ɛn'taun] *conec.* então.(Origem:

Português)
entrega [en'trega] *vt.* entregar.(Origem: Português)
eot ['eot] *vt.* **1.** encontrar, obter, ter, conseguir *eot tempu kode.* ' [Free translation] encontrar um oportunidade'. **2.** ver, olhar. **3.** levar para fora, dar a luz, estar grávidda.
era ['era] *n.* água.
 comp. **dida-era** orvalho , **fun era** molhar
ertiris [e:r'tiris] *n.* cachoeira.
eskola [es'kɔla] *n.* escola.(Origem: Português)

esmola [es'mola] *n.* esmola.(Origem: Português)
espirtu [es'pirtu] *n.* espírito.(Origem: Português)
espirtu klao *n.* espírito maligno.
espirtu klao [es'pirtu 'klao] *n.* espírito maligno. Lit: espírito mal.
 (comp. of **espirtu, klao**)
eta ['eta] *n.* corpo, carne (*humana*).
eta lolo ['eta 'lɔlɔ] *n.* corpo (*da pessoa*).
eta ruu ['eta 'ru:] *n.* grávida (para pessoas).
eun ['eun] *vt.* beber, tomar (remédio).
eut ['eut] *n.* arroz cozido.

F f

faat [fa:tʰ] *num.* quatro.
fadigadu [fadi'gadu] *adj.* ocupado, ativo, inquieto, ansioso.
fae ['fae] *vt.* arranjar ; organizar um em cima do outro.
fael ['fael] *vt.* **1.** pescar. **2.** segurar, capturar, prender.
fael tama *vt.* segurar firme, segurar com certeza.
fael tama ['fael 'tama] *vt.* segurar firme, segurar com certeza.
 (comp. of **fael, tama**)
fak ['fakʰ] **1.** *n.* passo. **2.** *vi.* dar um passo ; andar a passo.
faklau [fak'lau] **1.** *compar.* muito, mais, mais que, extremamente. **2.** *adv.* mais que, ir além .
 comp. **fes muna faklau** desde muito

tempo atrás ; há muito tempo , **kode faklau** melhor, muito bom
faklau telo *conec* então, mais tarde, depois disto.
faklau telo [fak'lau 'telo] *conec.* então, mais tarde, depois disto.
 (comp. of **faklau, telo**)
falta ['falta] *vt.* faltar.(Origem: Português)
faluk ['falukʰ] *n.* viúva.
familia [fami'lia] *n.* família, parentes.(Origem: Português)
fanao [fa'nao] *vt.* roubar. Variante: **fr.**
var. of fnao.
favoor [fa'vo:r] *n.* favor.(Origem: Português)
fdeis Variante: **fr. var. of fedeis.**
fdesi Variante: **fr. var. of fedesi.**
fdiu [f'diu] *n.* canto, esquina, ângulo.

fe ['fe] *foc.* 'fe' vem após um Nome para focalizar o conteúdo daquela sentença sobre aquele nome (que pode ser pessoa, coisa, tempo ou lugar).

comp. **des manura fee** por causa daquilo

fedeis [fe'deis] *vt.* aproximar, abordar, chegar-se.

Variante: **fr. var. fdeis**

fedesi [fe'desi] *adv.* perto, próximo.

Variante: **fr. var. fdesi**

fedu ['fedu] *conec.* mesmo se, apesar de, embora.

fei ['fei] **1.** *vt. ver.* **2.** *n.* visão, opinião *lit toom Aze ni fei.* ' [Free translation] Você segue a visão do Aze'.

fei manura *conec* vendo isto.

fei manura ['fei ma'nura] *conec.* vendo isto.

(**comp. of fei, manura**)

fermentu [fer'mentu] *n.* fermento.

fes ['fes] *prep.* desde, a partir de.

fes muna faklau *conec* desde muito tempo atrás ; há muito tempo.

fes muna faklau ['fes 'muna fak'lau] *conec.* desde muito tempo atrás ; há muito tempo.

(**comp. of fes, muna, faklau**)

festa ['festa] *n.* festa, celebração.(Origem: Português)

fiar ['fiar] **1.** *vt.* Crer, acreditar, ter fé em.

2. *n.* fé, confiança, crença.(Origem: Português)

fii ['fi:] *n.* derramar, verter (*líquido*) *ura fii kafee nei kopu.* ' [Free translation] Ela colocou café na xícara'.

fiif ['fi:f] *vt.* espremer, apertar, comprimir.

fiil2 ['fi:l] *num.* quanto(s) ; quanta(s) *toom fil la hoho.* ' [Free translation] muitos anos atrás'.

fiil1 ['fi:l] *vt.* iluminar, clarear, dar luz.

finji ['finzi] *vt.* fingir.(Origem: Português)

flaer ['flaer] *vi.* correr.

fliik ['fli:k] *vt.* ouvir, escutar.

fnaklao [fnak'lao] *n.* ladrão ; bandido.

Variante: **fr. var. fnao-tee**

fnao [fnao] *vt.* roubar.

Variante: **fr. var. fanao**

fnao-tee [fnao 'tee] *n.* ladrão, bandido.

Variante: **fr. var. of fnaklao.**

fnori [fnori] *adj.* fim, último.

foer ['foer] **1.** *adj.* sujo. **2.** *n.* sujeira, lixo. comp. **fun foer** sujar

foil ['foil] *vt.* insultar.

foin ['foin] *vi.* cantar (*do galo*).

fois1 ['fois] *vt.* colocar, pôr.

fois kala *vt* nomear.

fois2 ['fois] *vt.* deixar, ir embora, rejeitar, abandonar *Des idura, maen tenki fois ura ni ina-ama.* ' [Free translation] Por causa disto, o homem deixa seu pai e sua mãe.'.

comp. **fois siil** liberar, soltar

fois kala ['fois 'kala] *vt.* nomear.

(**comp. of fois1, kala**)

fois mata ['fois 'mata] *vt.* cuidar de, tomar conta de.

fois siil ['fois 'si:l] *vt.* liberar, soltar.

(**comp. of fois2, siil**)

foo ['fɔ:] *n.* manga (*fruta*) 161.

forsa ['forsa] *n.* força, poder.(Origem: Português)

forti ['forti] *adj.* forte.(Origem: Português)

fraku ['fraku] *adj.* fraco.(Origem: Português)

free1 ['fre:] *vt.* ancorar.

free2 ['fre:] *vi.* para (de ir).

fresi ['fresi] *vt.* discutir *Mahee room fresi loor des, la eer posu too..* ' [Free translation] Mas eles discutiram novamente, por causa daquele poço.'

froo [frɔ:] *n.* barco, navio, balsa 111.

fuil ['fuil] *vt.* matar.

fun ['fun] **1.** *vt.* fazer, criar. **2.** *v.* causar.

fun afo *vt* quebrar, destruir, fragmentar

.

fun era *vt* molhar.

fun foer *vt* sujar.

fun orasaun *vi* orar.

fun tuir *vt* copiar, imitar, obedecer, manter (uma promessa), cumprir (uma ordem).

fun afo ['fun 'afo] *vt.* quebrar, destruir, fragmentar .

(**comp. of fun, afo**)

fun era ['fun 'era] *vt.* molhar.

(**comp. of fun, era**)

fun foer ['fun 'foer] *vt.* sujar.

(**comp. of fun, foer**)

fun kode ['fun 'kɔde] *vt.* curar, tornar bom.

fun kole ['fun 'kole] *vt.* aborrecer ; importunar ; cansar.

fun mansaba ['fun man'saba] *inter..* como, de que modo.

fun orasaun ['fun ora'saun] *vi.* orar.

(**comp. of fun, orasaun**)

fun tuir ['fun 'tuir] *vt.* copiar, imitar, obedecer, manter (uma promessa), cumprir (uma ordem).

(**comp. of fun, tuir**)

fusu ['fusu] *loc.* meio, central.

futu ['futu] *vt.* junto.

fuu2 ['fu:] *n.* **1.** árvore, base, essência.

2. causa, começo, início *ois fuu nor eha.* ' [Free translation] do início ao fim '

fuu1 ['fu:] *vt.* soprar.

fuut ['fu:tʰ] *vt.* junto.

G g

gaa ['ga:] *det.* este, esse, estes, esses.

governadoor [governa'do:r] *n.*

governador.(Origem: Português)

goza ['goza] *vt.* gozar ; ridicularizar ; zombar.

grupu ['grupu] *n.* grupo.

H h

haa2 ['ha:] *n.* raiz.

unspec. comp. form **ai haa** raiz (de planta)

haa1 ['ha:] *n.* formiga.

haah ['ha:h] *vt.* chamar, convocar (*alguém*).

haah doo *n* curandeiro, feiticeiro.

haah des ['ha:h 'des] *vt.* casar.

haah doo ['ha:h 'do:] *n.* curandeiro, feiticeiro.

(**comp. of haah, doo2**)

haas ['ha:s] *vt.* lavar 296.

haat2 ['ha:tʰ] *n.* formiga.

haat1 ['ha:tʰ] *vt.* deitar.

hae ['haɛ] *vt.* distribuir, dividir, separar 292.

comp. **mata hae** estar sonolento, bocejar, cochilar

hae loor ['haɛ 'lo:r] *vt.* divorciar, separar, ir por caminhos diferentes.

haeh ['haeh] *n.* porco.

hael ['hael] *vt.* rolar *Toom maa room hael haut tuu kiid oid la taa telo haut koa too..* ' [Free translation] Então eles rolaram uma grande pedra para fechar bem a entrada do túmulo'.

haet ['haetʰ] *n.* vezes.

haet faat ['haetʰ fa:tʰ] *num.* quarenta.

haet liim ['haetʰ li:m] *num.* cinquenta 239.

haet ruu ['haetʰ 'ru:] *num.* vinte.

haet teul ['haetʰ 'teul] *num.* trinta.

hahalok [ha'halokʰ] *n.* ação ; ato.

haigaa [hai'gaa] *quant.* tudo ; todos ; inteiro.

haihuu [hai'hu:] *vi.* prostrar.

hailagaa [haila'ga:] *quant.* todos, tudo.

hailagaa met *quant* todos, tudo.

hailagaa met [haila'ga: 'metʰ] *quant.* todos, tudo.

(**comp. of hailagaa, met2**)

hakal ['hakal] *vt.* derramar, entornar, transbordar.

hakar ['hakar] *vt.* despejar, derramar, entornar.

halaet [ha'laetʰ] *vt.* mentir 297.

halai [ha'lai] *vt.* escrever, escrito.

Variante: **fr. var. hlai**

haru ['haru] *n.* camisas ; blusas.

hata ['hata] *vt.* deitar, cochilar.

hati ['hati] *n.* lugar.

haut ['hautʰ] *n.* pedra, rocha ' [Free translation]' 78 *haut teul.* ' [Free translation] três pedras'.

haut koa *n* caverna, gruta.

haut koa ['hautʰ 'koa] *n.* caverna, gruta.

(**comp. of haut, koa**)

hean ['hean] *vt.* remar (*para canoas e barcos*).

comp. **ai hean** remo

heel2 ['he:l] *adv.* devagar.

heel1 ['he:l] *adv.* se, talvez, possivelmente, porventura.

hehei [he'hei] *tempo.* ainda não.

hei ['hei] 1. *adv.* ainda, até agora.

2. *modal.* querer, desejar.

hei dalai nakdoko.

hei dalai nakdoko.

(**comp. of hei, dalai**)

hel-heel [hel 'he:l] *adv.* lentamente.

hela ['hela] *vt.* morar, residir, habitar.

hena ['hena] *n.* roupa, tecido.

her ['her] *prep.* em, de, para, por, dentro.

her bae *q* onde.

her bae ['her 'bae] *q.* onde.

(**comp. of her, bae1**)

heu ['heu] *adv.* novo.

heul ['heul] *vt.* separar, partir (*com as mãos*).

hihir ['hihir] *vt.* examinar, verificar, olhar, espiar, lançar o olhar.

hiin1 ['hi:n] *n.* mulher, feminino.

hiin2 ['hi:n] *n.* semente (*para plantar*) *hiin rini.* ' [Free translation] muitas sementes'.

hilira [hi'lira] *adj.* fino.

hina1 ['hina] *adv.* acabar de ; agora mesmo ; há pouco.

hina tilu kani *conec* pouco tempo atrás, recentemente.

hina2 ['hina] *n.* 1. feminino. 2. esposa.

hina sae ['hina 'sae] *adj.* jovem, solteiro (*somente para moças*).

hina tilu kani ['hina 'tilu 'kani] *conec.* pouco tempo atrás, recentemente.
(**comp. of hina1, tilu2, kani**)

hiut ['hiut⁷] *n.* estrela *hiut rini.* ' [Free translation] muitas estrelas' 93.

hlai [h'lai] *vt.* escrever, escrito. Variante:
fr. var. of halai.

hleeh [h'le:h] *vi.* surpreender ; maravilhar.
hleel maa *conec* de repente.

hleel maa [h'le:l 'ma:] *conec.* de repente.
(**comp. of hleeh, maa**)

hleu [h'leu] *vt.* cercar, rodear, circundar.

hoda [hɔda] *n.* noite.

hoda-ada *tempo* dia e noite, continuamente.

hoda-ada [hɔda 'ada] *tempo.* dia e noite, continuamente.
(**comp. of hoda, ada**)

hoho [hɔho] *adj.* atrás, anteriormente, passado.

hoho teten [hɔho 'teten] *n.* costas.

hoi ['hoi] *vt.* morder.

hoku ['hoku] *vi.* deitar na lama ; lamear-se (*para porcos e búfalos*).

hor malae ['hor ma'lae] *n.* amendoim.

hua2 ['hua] *clas.* classificador para contagem de objetos redondos.

hua1 ['hua] *n.* coração ' [Free translation]' 6.

hua-lala *n* interior, centro das emoções.

hua-lala kede *adj* unidos ; ser um ; juntos um.

hua-lala ['hua 'lala] *n.* interior, centro das emoções.

(**comp. of hua1, lala**)

hua-lala kede *adj* unidos ; ser um ; juntos um.

hua-lala kede ['hua 'lala 'kede] *adj.* unidos ; ser um ; juntos um. Lit: dentro um.

(**comp. of hua-lala, kede**)

hui ['hui] *adj.* selvagem.

comp. **rae hui** região selvagem, região inóspita , **rae hui maas** deserto

huka ['huka] *n.* machucado.

hula ['hula] *adj.* 1. delicioso, gostoso.

2. maravilhoso, muito bom.

hulai [hu'lai] *n.* lua, mês.

comp. **osa hulai** salário

hulai maa *n* menstruação.

hulai maa [hu'lai 'ma:] *n.* menstruação.
(**comp. of hulai, maa**)

hulu ['hulu] *n.* pêlos (humano), pena (dos passaros), lã (da ovelha), crina (do cavalo).

hur-huur ['hur 'hu:r] *adv.* rapidamente, depressa, velozmente.

huu ['hu:] *vt.* colher com as mãos, pegar.

huun ['hu:n] *n.* guerra, luta.

huut ['hu:t⁷] *vt.* vestir, colocar roupa.

I i

i ['i] *conec.* e.

id-ida [id 'ida] *num.* cada um, um por vez.

idura [i'dura] *det.* aquele, aquela, aquilo.

(**comp. of iid, ura1**) **comp. des idura** é por isso que, **kidura** distante, lá; aquele, aquela, aquilo

iduri [i'duri] *det.* este, esta, isto.

(**comp. of iid, uri**) **comp. kiduri** próximo, aqui, este, esta, isto

igreja [i'greza] *n.* igreja. (Origem: Português)

iid ['i:d] **1.** *num.* um, uma. **2.** *this.*

comp. kiid um, uma

idura *det* aquele, aquela, aquilo.

iduri *det* este, esta, isto.

iim ['i:m] *pron.pes.* vocês.

iin loba ['i:n 'lɔba] *n.* tia (irmã mais nova da mãe), segunda esposa do pai 47.

iin tuu ['i:n 'tu:] *n.* tia (irmã mais velha da mãe).

iir ['i:r] *vt.* aquecer-se (pelo fogo, fogueira).

iit ['i:t] *pron.pes.* nós (inclue a pessoa com quem se está falando).

iit tuu *pron.pes.* você, tu. Uso formal, mostra respeito para com o ouvinte..

itubudaot *n* crocodilo. O crocodilo é considerado um animal sagrado em Timo-Leste. Não pode ser morto ou comido..

iit tuu ['i:t tu:] *pron.pes.* você, tu. Uso formal, mostra respeito para com o ouvinte..

(**comp. of iit**)

ikan ['ikan] *n.* peixe ' [Free translation]' 133.

ilu ['ilu] *n.* nariz ' [Free translation]'.

impostu [im'postu] *n.* imposto. (Origem: Português)

ina2 ['ina] *adj.* fêmea.

ina1 ['ina] *n.* mãe ; tia materna.

ina-ama *n* pais.

ina-ama ['ina 'ama] *n.* pais. Lit: mãe-pai.

(**comp. of ina1, ama1**)

inimigu [ini'migu] *n.* inimigo. (Origem: Português)

io ['iɔ] **1.** *n.* rabo 144. **2.** youngest child
Aan io hei forti res iid tuu. ' [Free translation]' Gen 25.23.

isi ['isi] *n.* conteúdo ; essência.

comp. maet isi cadáver

isik ['isikʷ] *vt.* agitar, sacudir.

istori [is'tori] *n.* história.

itubudaot [itubu'daotʷ] *n.* crocodilo. O crocodilo é considerado um animal sagrado em Timo-Leste. Não pode ser morto ou comido.. Lit: 3S pessoa senhor.
(**comp. of iit, ubu1, daot**)

J j

jerasaun ['zerasaun] *n.* geração, descendência, descendente.(Origem: Português)

Jesus ['zezuz] *sub prop.* Jesus.

jura ['zura] *vt.* jurar.(Origem: Português)

K k

ka ['ka] *conec.* ou.

kabaas [ka'ba:s] *n.* ombro.

kaben ['kaben] *vt.* casar.

kaben nain *adj* pessoa casada.

kaben nain ['kaben 'nain] *adj.* pessoa casada.

(**unspec. comp. form of kaben**)

kadeia [kade'ia] *n.* cadeira.(Origem: Português)

kaet-keen ['kaet^ɾ 'ke:n] *adv.* pouco.

kafee [ka'fee] *n.* café.(Origem: Português)

kahur ['kahur] *vt.* misturar.

kai etu ['kai 'etu] *n.* tia (irmã do pai).

kaixa ['kaisa] *n.* caixa.(Origem: Português)

kaixaun [kai'saun] *n.* caixão.(Origem: Português)

kakaha [ka'kaha] *vi.* admirar de boca aberta.

kakahe la-kakahe [ka'kahe 'la ka'kahe]
1. *vt.* manter ocupado. 2. *adj.* ocupado, ativo, inquieto, ansioso.

kala ['kala] *n.* nome.
comp. **fois kala** nomear

kalman ['kalman] *adv.* aproximadamente, cerca de, mais ou menos.

kani ['kani] *det.* este, aquele (que há pouco foi referido).
comp. **hina tilu kani** pouco tempo atrás, recentemente

kanta ['kanta] *v.* cantar.(Origem: Português)

kapaas [ka'pa:s] *adj.* bonito, lindo, delicioso, capaz, excelente, maravilhoso, eficiente.

karik ['karik^ɾ] *adv.* talvez ; se ; quiçá.

karu ['karu] *adj.* caro.

kase ['kase] 1. falar. 2. fala, discurso.
kase klao *vt* blasfemar, criticar, falar mal de.

kase klao ['kase 'klao] *vt.* blasfemar, criticar, falar mal de.
(**comp. of kase, klao**)

kastigu [kas'tigu] 1. *vt.* castigar, punir.
2. *n.* castigo.(Origem: Português)

kataan [ka'ta:n] *n.* facção.

kateri [ka'teri] *n.* tesoura.

kau ['kau] 1. *n.* irmão mais novo.

kau hiin ['kau 'hi:n] *n.* irmã mais nova.

kauk ['kauk^ɾ] *vt.* sacudir, tremer, balançar, abalar.

kauk ulu ['kauk^ɾ 'ulu] *n.* balançar a cabeça para cima e para baixo como forma de admiração. Lit: balançar cabeça.

kaus ['kaus] *vt.* remover, retirar.

kbiit [k'bi:t^ɾ] *n.* autoridade, poder, influência.

ke ['ke] *rel.* que, quem, no qual, onde.

kidura dex distante, lá; aquele, aquela,

- aquilo.
- kiduri** *dex* próximo, aqui, este, esta, isto.
- kiid** 1. *num* um, uma.
- kede** ['kede] *adj.* um, unido, junto, ligado.
Lit: interior-um.
comp. **hua-lala kede** unidos ; ser um ; juntos um
- kee** ['ke:] *vt.* cavar.
- keer** ['ke:r] *intens.* muito, extremamente, completamente.
keer amenta *vt* aumentar ; acrescentar mais (em números).
keer kode *conec* seria melhor se, seria muito bom.
- keer amenta** ['ke:r a'menta] *vt.* aumentar ; acrescentar mais (em números).
(comp. of **keer, amenta**)
- keer kode** ['ke:r 'kode] *conec.* seria melhor se, seria muito bom.
(comp. of **keer, kode**)
- kesar** ['kesar] *vd.* reportar ; reclamar contra.
- keul** ['keul] *n.* vento, ar ' [Free translation]' 107.
- kiak** [kiak^ˀ] *adj.* pobre.
- kidura** [ki'dura] *dex.* distante, lá; aquele, aquela, aquilo.
(comp. of **ke, idura**)
- kiduri** [ki'duri] *dex.* próximo, aqui, este, esta, isto.
(comp. of **ke, iduri**)
- kiid** ['ki:d^ˀ] 1. *num.* um, uma.
(comp. of **ke, iid**)
- kilometru** [kilo'metru] *n.* quilômetro.(Origem: Português)
- kirai** [ki'rai] *vi.* gritar, chamar bem alto, berrar.
- kirilil** ['kirilil] *vt.* gritar.
- klao** ['klao] *adj.* 1. mau, mal, que não é bom. 2. estragado, quebrado, fora de uso.
comp. **espíritu klao** espírito maligno , **kase klao** blasfemar, criticar, falar mal de , **mata klao** cego
- klia** ['klia] *n.* seca, estação da seca.
- kliin** ['kli:n] *vt.* rir, sorrir.
- kloo** ['klo:] *vt.* concordar.
- klosan** ['klosan] *n.* jovem.(Origem: Tetum)
- kluur** ['klu:r] *vt.* acordar (alguem).
- knaan** [k'naan] *vt.* esperar.
- koa** ['koa] *n.* buraco ; caverna.
comp. **haut koa** caverna, gruta , **rae koa** buraco no chão, cratera
- kod-koed** ['kɔd^ˀ 'koed^ˀ] *intens.* bem, cuidadosamente.
- kode** ['kɔde] 1. *adj.* bom, bem. 2. *adv.* bem, satisfatoriamente, com êxito.
comp. **keer kode** seria melhor se, seria muito bom
kode faklau *adj* melhor, muito bom.
- kode faklau** ['kɔde fak'lau] *adj.* melhor, muito bom.
(comp. of **kode, faklau**)
- kokar** ['kokar] *adj.* escuro.
comp. **belebuus kokar** manhã
- kokrauf** [kok'rauf] *adj.* escuro.
- kole** ['kɔle] *adj.* cansado, fatigado.
- komandanti** [koman'danti] *n.* comandante.(Origem: Português)

kombina [kom'bina] *vt.* combinar, arranjar.(Origem: Português)
komesa [ko'mesa] *vt.* começar, iniciar.(Origem: Português)
komparasaun [kompara'saun] *n.* comparação.(Origem: Português)
konta ['konta] *vd.* contar.(Origem: Português)
kontra ['kontra] *vt.* ser contra, se opor.(Origem: Português)
koo ['ko:] *vd.* esconder.
koof ['ko:f] *vt.* abraçar.
kook [ko:kʷ] *vt.* testar.
koor ['ko:r] *n.* cor.(Origem: Português)
kou ['kou] *vt.* carregar ou manter contra a barriga ou peito.
krau ['krau] *vt.* apanhar, confiscar, agarrar, capturar.
kriis ['kri:s] *vi.* gritar, berrar, clamar em alta voz.
kruu ['kru:] *vt.* plantar, cativar.
ksolok [k'sɔlokʷ] *n.* alegria, felicidade.

der. **aksolok** estar feliz
kuartu *n.* quarto.(Origem: Português)
kuidadu [kui'dadu] *n.* cuidado.(Origem: Português)
kuidaud [kui'daudʷ] *vt.* cuidar.(Origem: Português)
kuku ['kuku] *n.* boca.
kuku nor lama *n.* representante ; embaixador, emissário, deputado. Aquele que fala em nome de alguém..
kuku nor lama ['kuku 'nor 'lama] *n.* representante ; embaixador, emissário, deputado. Aquele que fala em nome de alguém.. Lit: boca e língua.
(comp. of kuku, nor, lama)
kuud2 ['ku:dʷ] *vt.* plantar, cativar, fazer crescer (plantas).
kuud1 [ku:dʷ] *n.* cavalo.
kuum ['ku:m] *n.* pombo.
kuur ['kuur] *n.* capim.

L 1

la ['la] **1.** *prep.* para, em direção à (sentido oposto ao falante). **2.** *imp.* marcador de sentenças imperativas.
la-ura *loc* lá ; ali.
la-uri *loc* aqui.
la-ura ['la 'ura] *loc.* lá ; ali 192.
(comp. of la, ura1)
la-uri ['la 'uri] *loc.* aqui.
(comp. of la, uri)
laa ['la:] *vt.* ir (partindo de onde o falante

está).
laa-maa *loc* vai-e-vem, ida e volta.
laa-maa ['la: 'ma:] *loc.* vai-e-vem, ida e volta.
(comp. of laa, maa)
laab [la:b] *tam.* já, concluído.
laad [la:dʷ] *tam.* primeiro, agora, antes de fazer outra coisa.
laar moras ['la:r 'mɔras] **1.** *vi.* entristecer-se, chatear-se. **2.** *vt.* enciumar, invejar.

- Lit: interior-doente.
(**comp. of lala, moras**)
- laek** [laekʰ] *vt.* abrir, destampar.
- lako** [lako] *vt.* perder, desaparecer.
der. **alaok** eliminar, exterminar, fazer desaparecer
- lala** [lala] *n.* interior, centro das emoções.
comp. **hua-lala** interior, centro das emoções
- laar moras** **1.** *vi* entristecer-se, chatear-se **2.** *vt* enciumar, invejar.
- lalai** [la'lai] *v.* andar, caminhar, perambular.
Variante: **fr. var. lolai**
- lalehan** [la'lehan] *n.* céu.
- lalen** [lalen] *n.* espelho.
- lama** [lama] *n.* língua.
comp. **kuku nor lama** representante ; embaixador, emissário, deputado.
Aquele que fala em nome de alguém.
- laoh** [laoh] *n.* rato.
- lara** [lara] *n.* sangue ' [Free translation]'.
lau [lau] *loc.* em cima, parte de cima.
comp. **rae lau** montanha, monte
- lea2** [lea] *adj.* louco, doido.
- lea1** [lea] *adv.* somente, apenas, só.
- lee** [le:] *vt.* ler.
- lehe** [lehe] *adj.* leve.
- lei** [lei] *n.* lei.
- lenuk** [lenukʰ] *n.* tartaruga.
- leo** [leo] *vi.* estar aceso, (luz) ligada.
comp. **aef leo** chama, flama, fogo
- leob** [leobʰ] *modal.* poder.
- leol** [leol] *n.* sol, luz do sol ' [Free translation]'.
leol duu [leol 'du:] **1.** *n.* por do sol. **2.** *loc.* oeste.
- leol lau** [leol lau] *n.* céu.
- leol mata** [leol 'mata] *n.* sol (formato do sol).
- leol sae** [leol] **1.** *n.* nascer do sol. **2.** *loc.* leste.
- leol seri** [leol] *tempo.* tarde.
- leolbaan** [leol 'ba:n] *tempo.* dia, período de tempo.
comp. **nafai leolbaan** hoje, estes dias
- leolbaan-leolbaan** [leol 'ba:n 'leol 'ba:n] *tempo.* todo dia, diariamente.
- leom-leom** [leom 'leom] *loc.* em todos os lugares.
- leta** [leta] meio, espaço entre duas coisas.
- leub** [leubʰ] *n.* poço.
- leur** [leur] *n.* macaco.
- leus** [leus] *vt.* desembainhar.
- libur** [libur] *vt.* reunir, coletar, juntar.
- liik** [li:kʰ] *vt.* interessar, ter interesse.
- liim** [li:m] *num.* cinco.
- liim nai-fata** [li:m 'nai 'fata] *num.* nove.
- liim nai-ida** [li:m 'nai 'ida] *num.* seis 226.
- liim nai-rua** [li:m 'nai 'rua] *num.* sete 227.
- liim nai-telu** [li:m 'nai 'telu] *num.* oito.
- lila1** [lila] *n.* asa.
- lila2** [lila] *adj.* feroz, selvagem.
- lima** [lima] *n.* mão, braço.
- lima hua** [lima] *n.* dedo *lima-ina.* ' [Free translation] dedão da mão' *lima-sunusu.* ' [Free translation] dedo indicador da mão' *lima-fusu.* ' [Free translation] dedo médio e/ou dedo anelar' *lima kinu.* ' [Free translation] dedo midinho'.
- lima-kode** [lima 'kode] *n.* direita, mão direita.

lima-toi ['lima 'toi] *n.* esquerda (lado),
mão esquerda.

lisan ['lisan] *n.* tradição, costumes, lei
tradicional.

livru ['livru] *n.* livro. (Origem: Português)

loba ['loba] **1.** pequeno. **2.** novo, jovem,
moço, juvenil.

loet ['loetʰ] *vt.* mamar 295.

loi2 ['loi] *vt.* escolher, selecionar, apontar,
designar.

loi1 ['loi] *adv.* mais, outro, adicional.

lolai [lo'lai] *v.* andar ; caminhar ;
perambular. Variante: **fr. var. of lalai.**

lolo ['lolo] **1.** *refl.* si mesmo, próprio, ego.
comp. **rae lolo** enconsta da montanha

loor ['lo:r] *pron. recip.* mútuo ; recíproco.

luha ['luha] *n.* curral, baia, aprisco.

luhu ['luhu] *vi.* voar.

lui *vt.* guardar, colocar, manter.

luli ['luli] *adj.* sagrado, santo. Geralmente
associado a religião tradicional.

lulu ['lulu] *vt.* rolar, enrolar.

lulur ['lulur] *n.* rola (pássaro).

luri ['luri] *vt.* transpassar.

luu ['lu:] *vi.* cuspir.

luut ['lu:tʰ] *n.* cerc.

M m

ma ['ma] *prep.* para (em direção ao
falante).

maa ['ma:] **1.** *vt.* vir (em direção ao
falante). **2.** *vi.* .
comp. **hleel maa** de repente , **hulai
maa** menstruação , **laa-maa** vai-e-vem,
ida e volta

maas ['ma:s] *adj.* seco.
comp. **rae hui maas** deserto

madada [ma'dada] *v.* recuar, retroceder,
retirar-se.

maen ['maen] **1.** *n.* homem. **2.** *adj.*
masculino.

maer ['maer] *n.* sonho.

maet ['maetʰ] *vi.* morrer.
maet isi *n.* cadáver.

maet isi ['maetʰ 'isi] *n.* cadáver.
(comp. of **maet, isi**)

mahale [ma'hale] *vi.* rolar.

mahale laa-mahale maa [ma'hale 'la:

ma'hale 'ma:] *vi.* rolar de um lado para o
outro.

mahee [ma'he:] *conec.* mas, todavia,
porém, não obstante.

mai ['mai] *n.* idoso, ancião, senhor,
homem casado.

makaas [ma'ka:s] *intens.* forte, com força,
alto.

malae [ma'lae] *adj.* estrangeiro (não
inclue indonésio).
comp. **biub malae** ovelha

malai [ma'lai] *adj.* leve.
comp. **bisa nor malai** benção

mambae [mam'bae] *q.* por que. Usado em
perguntas para descobrir a razão, o
motivo.

Mambae [mam'bae] *sub prop.* povo
Mambae.

mamu ['mamu] *adj.* vazio.

man ['man] *compar.* igual, tal como, da

mesma maneira que.

manaan [ma'na:n] *vt.* ganhar, ter vitória, vencer.

manah ['manah] *vt.* empacotar, acondicionar,.

manaru [ma'naru] *adj.* comprido.

mandao [man'dao] *vi.* desmaiar.

manduku [man'duku] *n.* sapo.

mane ['mane] **1.** *adj.* masculino. **2.** *n.* marido.
comp. **aan maen** filho

mane hina sae jovem ; solteiro.

manhati [man'hati] *adv.* sempre, continuamente.

manku ['manku] *n.* taça, tigela, vasilha.

mansaba [man'saba] *q.* como.

manura [ma'nura] **1.** *dem.* aquele, aquela, aquilo. **2.** *comp.* para que, de modo que, a fim de que.
comp. **des manura** Então (consequentemente), por causa disto , **des manura fee** por causa daquilo , **fei manura** vendo isto

manuri [ma'nuri] **1.** *dem.* este ; esta ; isto. **2.** *conec.* deste modo, assim, por esta razão.

mara ['mara] *adj.* maduro (fruto).

Maromak [ma'romakʔ] *n.* Deus.

mas ['mas] *conec.* mas.(Origem: Português)

maski ['maski] *conec.* embora.(Origem: Português)

mata1 ['mata] *n.* olho.
comp. **eer mata** nascente

mata hae *vi* estar sonolento, bocejar, cochilar.

mata klao *n* cego.

mata2 ['mata] *n.* tampa.

mata hae ['mata 'hae] *vi.* estar sonolento, bocejar, cochilar.
(**comp. of mata1, hae**)

mata klao ['mata 'klao] *n.* cego.
(**comp. of mata1, klao**)

mata-doo ['mata 'dɔ:] *n.* feiticeiro, curandeiro.

matau [ma'tau] *vi.* ter medo, estar com medo.

mate ['mate] *n.* morte.

matenek [ma'tenekʔ] *adj.* sábio, inteligente, conhecedor, esperto.

mau ['mau] *n.* pessoa com baixa estima social.

maun ['maun] *n.* **1.** pássaro. Classificador que precede nomes de tipos de passáros. **2.** galo.

maun hui ['maun 'hui] *n.* pássaro selvagem.

maun ina ['maun 'ina] *n.* **1.** ave fêmea. **2.** galinha.

maun oe ['maun 'ɔe] *n.* porta voz.

maun telo ['maun 'telo] *n.* ovo 147.

mdeda [m'deda] *adj.* pesado, difícil, sério, grave.

mdei [m'dei] *vi.* sentar.
mdei aef *vi* parir, dar à luz.

mdei aef [m'dei 'aef] *vi.* parir, dar à luz.
(**comp. of mdei, aef**)

meer ['me:r] *adj.* salgado.

megee [me'ge:] *adj.* amarelo (igual a cor do ouro) 252.

megesa [me'gesa] *v.* igual, equivalente, idêntico.

mehi ['mehi] *vt.* sonhar.

meiudia [meiu'dia] *n.* meio-dia, período entre às 11 e 14 horas..(Origem: Português)

meki ['meki] *adj.* cheiroso.

mera ['mɛra] *adj.* cor vermelha; que tem cor encarnada muito viva; rubro.

mes-mesa [mes 'mesa] *tempo.* constante.

mesa ['mesa] *adj.* só, sozinho, .

mestri ['mestri] *n.* mestre.(Origem: Português)

met1 ['metˀ] **1.** *tam.* completar ; terminar ; acabar *Ura serbius met soob.* ' [Free translation] Ele terminou o serviço' Genesis 2.2.

met2 ['metˀ] *adv.* também *Au met flik soob sabiid fe o tuuk naha nee la Azito.* ' [Free translation] Eu também ouvi o que você pediu para dar ao Azito' Genesis 17.20 (mudei o nome).

comp. **hailagaa met** todos, tudo

met-met ['metˀ 'metˀ] *quant.* todos (*somente para pessoas*) *artuub ois nasaum met-met ni mundu.* . ' [Free translation] Pessoas de todas as nações do mundo' Apocalipse 20.3.

meta ['meta] *adj.* preto; cor mais escura entre todas; negro.

migia [mi'gia] *vt.* repulsar, rejeitar, ter aversão, repugnar.

milagri [mi'lagri] *n.* milagre.(Origem: Português)

mina ['mina] *n.* óleo.

mlai [m'lai] *adj.* suave, cortês, gentil, educado.

mlaku [m'laku] **1.** *n.* bêbado. **2.** drunk.

mliuk [m'liukˀ] *vt.* esquecer.

mlua [m'lua] *adj.* amplo, largo, espaçoso.

mluu [m'lu:] *n.* pó.

mniro [m'niro] *adj.* azedo.

mo-moo [mo'mo:] *adv.* claramente.

modoi [mo'doi] *adv.* vazio (para terreno). comp. **rae modoi** campo aberto, espaço plano

moir ['moir] *vi.* viver, nascer.

molo ['molo] *adv.* antes.

molo hleeh ['molo h'le:h] *conec.* de repente.

moo ['mo:] *adj.* limpo.

der. **amoo** limpar, purificar, remover (sujeira), apagar

moras ['mɔras] *vi.* adoecer.

comp. **laar moras** entristecer-se, chatear-se enciumar, invejar

mori ['mori] *n.* vida.

comp. **neo mori** cuidado

mori siil soob ['mori 'si:l 'so:b] *vt.* ressucitar.

moro ['mɔro] *adj.* verde; cor semelhante à das folhas da maior parte das árvores ou das ervas 253.

morteen [mor'te:n] *n.* tradicional colar de pérola.

mou1 ['mou] *vi.* cair.

unspec. comp. form **amou** fazer cair, derrubar

mou2 ['mou] *vt.* atravessar, cruzar (um rio).

mrao [m'rao] *n.* horta, plantação.

mrii [m'ri:] *v.* levantar.

muda ['muda] *vt.* mudar, mover.(Origem: Português)

mudansa ['mudansa] *n.* mudança.
muit ['muitʷ] *vi.* difícil, árduo, penoso, enfadonho.
mulua [mu'lua] *adj.* amplo, largo, espaçoso.
muma [mu'ma] *vt.* beijar (como cumprimentos em ambas as bochechas).
muna ['muna] *adv.* antigamente, antes, a princípio.

comp. **fes muna faklau** desde muito tempo atrás ; há muito tempo
muri ['muri] *vt.* mostrar, apontar, indicar.
muru ['muru] *n.* muro.
muta ['muta] *vi.* vomitar.
muu ['mu:] *n.* banana.
muun ['mu:n] *adv.* antes, previamente, primeiramente.

N n

naa-huni ['na: 'huni] *n.* glutão, comilão.
naam ['na:m] *n.* coisa.
nam-soi *n.* riqueza.
namaa *n.* comida.
nabilan [na'bilan] brilhar, reluzir, cintilar, refulgir, raiar.
nae ['nae] *vt.* procurar.
nae taad *vt.* procurar saber sobre.
nae taad ['nae 'ta:dʷ] *vt.* procurar saber sobre.
(comp. of nae, taad)
nafai [na'fai] *tempo.* **1.** hoje. **2.** agora; neste instante, há pouco tempo.
nafai leolbaan *tempo* hoje, estes dias.
nafai leolbaan [na'fai leol'ba:n] *tempo.* hoje, estes dias.
(comp. of nafai, leolbaan)
naha2 ['naha] *vt.* buscar.
naha1 ['naha] *tam.* ir para, querer algo.
nai ['nai] *n.* senhor, dono; mestre.
 comp. **rae nai** senhor da terra
nai etu ['nai 'etu] *n.* tio (irmão da mãe).
nai ulun ['nai 'ulun] *n.* líder, administrador, chefe.

nakar ['nakar] *adj.* bagunceiro, levado, atrevido.
nakar-tee ['nakar 'te:] *adj.* perverso, desobediente, maldoso, malcriado, impertinente, impróprio.
nam sab-saab ['nam sab'saab] *n.* tudo, todas as coisas.
nam-soi ['nam 'soi] *n.* riqueza.
(comp. of naam, soi)
namaa [na'ma:] *n.* comida.
(comp. of naam, aa)
namaer [na'maer] *n.* luz.
namhoos [nam'ho:s] *n.* arroz (não cozido).
namo ['namo] *n.* coisas (materiais); possessões, pertences, propriedades.
nara ['nara] *n.* irmão (de uma mulher).
narua [na'rua] *tempo.* ontem.
natoon [na'to:n] *conec.* no momento que, exatamente quando.
nau ['nau] **1.** *n.* vinho, suco de uva; líquido resultante da fermentação de um fruto.. **2.** vinho.
nau mlaku ['nau m'laku] **1.** *adj.* bêbado.

2. drunk.
nee ['ne:] *vt.* dar.
nee saal *vt.* criticar.
nee saal ['ne: 'sa:l] *vt.* criticar.
 (comp. of nee, sala)
nega ['nɛga] *vt.* negar, trair.
nei ['nei] 1. *vi.* exjstir. 2. *vt.* ter, possuir.
 comp. **eha ba nei** que não tem fim, para sempre, eterno
neo ['neo] *n.* cérebro, pensamento.
neo mori *vt.* cuidado.
neo mori ['neo 'mori] *vt.* cuidado.
 (comp. of neo, mori)
neo tama ['neo 'tama] *vt.* confiar, colocar confiança em.
nesai [ne'sai] *vt.* contar.
neur ['neur] *n.* faca.
ni2 [ni] 1. *prep.* em, no, na. 2. *conec.* durante, enquanto.
ni1 [ni] *poss.* meu, seu, dele, nosso, vosso, deles; genitivo, possessivo; .
ni fnori [ni f'nori] *conec.* depois, mais tarde.
nifa ['nifa] *n.* dente ' [Free translation]' 8.
 comp. **ruun nifa** ranger os dentes

niri ['niri] *quant.* muitos. Variante: **met. rini.**
noir ['noir] *vd.* ensinar.
noiva [noiva] *n.* noiva.(Origem: Português)
noivu [noivu] *n.* noivo.(Origem: Português)
noo ['no:] *n.* coco; fruto do coqueiro.
nor [nor] *conj. coor.* e.
 comp. **bisa nor malai** benção , **kuku nor lama** representante ; embaixador, emissário, deputado. Aquele que fala em nome de alguém.
nora2 ['nɔra] *n.* folha.
nora1 ['nɔra] *clas.* classificador para contar objetos planos finos como papel, cartões.
nori ['nori] *n.* ensino.
not-noot [not^ɿ'no:t^ɿ] *adv.* quieto, silencioso.
noto ['noto] *vi.* ficar quieto.
nukat ['nukat^ɿ] *n.* cesto grande.
numeru ['numeru] *n.* número.(Origem: Português)
nunka ['nunka] *adv.* nunca.

O o

obriga [o'briga] *v.* obrigar, forçar.(Origem: Português)
obrigadu [obri'gadu] *n.* obrigado.
odi ['ɔdi] *v.* odiar.(Origem: Português)
oe ['ɔɛ] *n.* 1. pé *ura haas ankɔsa ni ɔɛ.* ' [Free translation] ela está lavando os pés do bebê'. 2. perna.

oid1 ['oid] *comp.* para, em ordem de, para o uso de.
oid2 ['oid] *vt.* trazer.
ois ['ois] *prep.* de (origem).
ole ['ɔle] *adj.* gordo (para pessoa ou animal).
oo [ɔ:] *pron.pes.* tu, você.

oor ['ɔ:r] *n.* bambu *oor rui.* ' [Free translation] bambu com espinho' *oor lba.* ' [Free translation] bambu pequeno'.
oos ['ɔ:s] *n.* dinheiro.
 Variante: **N-Met osa**
oos buti ['ɔ:s 'buti] *n.* prata; metal nobre resistente a oxidação.
oos mera ['ɔ:s 'mɛrɐ] *n.* ouro; metal precioso de cor amarela.
oras ['ɔ:ras] *n.* horas.(Origem: Português)

orasaun [ora'saun] *n.* oração.(Origem: Português)
 comp. **fun orasaun** orar
orde ['ɔ:rdɛ] *n.* ordem, comando.
orsiid [or'si:dʷ] *tempo.* mais tarde, daqui a pouco.
osa ['osa] *n.* dinheiro. Variante: **N-Met oos.**
osa hulai ['osa hu'lai] *n.* salário.
 (comp. of **osa, hulai**)

P p

para ['para] *vi.* parar, cesar.(Origem: Português)
partidu [par'tidu] *n.* partido.(Origem: Português)
pasta ['pasta] *n.* bolsa.
paun ['paun] *n.* pão.
plantasaun [planta'saun] *n.* plantação,

pomar, vinhedo.(Origem: Português)
polisi [po'lisi] *n.* policia.
prepara [pre'para] *vt.* preparar.(Origem: Português)
presiza [pre'siza] *vt.* precisar.(Origem: Português)
prontu ['prontu] *v.* pronto.

R r

raat ['ra:tʷ] *prep.* até.
rae ['rae] *n.* terra, chão, sujeira ' [Free translation]'.
rae afo *n.* poeira, terra seca.
rae dalai *n.* terremoto.
rae hui *n.* região selvagem, região inóspita.
rae hui maas *n.* deserto.
rae koa *n.* buraco no chão, cratera.
rae lau *n.* montanha, monte.
rae lolo *n.* enconsta da montanha.
rae modoi *n.* campo aberto, espaço

plano.
rae nai *n.* senhor da terra.
rae ubu *n.* espírito da terra.
rae afo ['rae 'afo] *n.* poeira, terra seca.
 (comp. of **rae, afo**)
rae dalai ['rae da'lai] *n.* terremoto.
 (comp. of **rae, dalai**)
rae hui ['rae 'hui] *n.* região selvagem, região inóspita.
 (comp. of **rae, hui**)
rae hui maas ['rae 'hui 'ma:s] *n.* deserto.
 (comp. of **rae, hui, maas**)

rae koa ['rae 'koa] *n.* buraco no chão, cratera.

(**comp. of rae, koa**)

rae lau ['rae 'lau] *n.* montanha, monte.

(**comp. of rae, lau**)

rae lolo ['rae 'lolo] *n.* enconsta da montanha.

(**comp. of rae, lolo**)

rae modoi ['rae mo'doi] *n.* campo aberto, espaço plano.

(**comp. of rae, modoi**)

rae nai ['rae 'nai] *n.* senhor da terra.

(**comp. of rae, nai**)

rae ubu ['rae 'ubu] *n.* espírito da terra.

(**comp. of rae, ubu1**)

rafu ['rafu] *adj.* azul; cor do anil ou do céu sem nuvens.

rakut ['rakut'] *vt.* partir, quebrar.

rasik ['rasik'] *adj.* próprio, de si mesmo.

rate ['rate] *n.* cemitério, tumba, jazigo, túmulo, sepultura, vala, sepulcro.

ree hatu ['re: 'hatu] *n.* testa.

regra ['regra] *n.* regra.(Origem: Português)

reis ['reis] *vt.* adicionar, acrescentar, exceder, sobrar.

relijiaun [reli'jaun] *n.* religião.(Origem: Português)

rema ['rema] *n.* plano, liso, horizontal.

remata [re'mata] *vt.* terminar, completar, acabar.

renu ['renu] *n.* reino. Variante: **N-Met reun.**

resi ['resi] *n.* excesso, sobras, resto, saldo.

respeita [res'peta] *vt.* respeitar.(Origem:

Português)

reun ['reun] *n.* reino.

Variante: **N-Met renu**

rihun ['rihun] *num.* mil.

rini ['rini] *quant.* muito, muitos, vários.

Variante: **Met. niri**

riu ['riu] *vi.* tomar banho, banhar-se.

ronda ['ronda] *vt.* rondar, patrulhar.(Origem: Português)
comp. **roo ronda** guarda, segurança

roo2 ['rɔ:] *adj.* longe, distante.

roo1 ['rɔ:] *n.* pessoa, pessoas, ser humano.

roo ronda *n.* guarda, segurança.

roo tuu *n.* pessoa importante, líder.

roo ronda ['rɔ: 'ronda] *n.* guarda, segurança.

(**comp. of roo1, ronda**)

roo tuu ['rɔ: 'tu:] *n.* pessoa importante, líder. Lit: pessoa grande.

(**comp. of roo1**)

room2 ['ro:m] *quant.* marcador de plural; define o plural de sintagma nominal..

room1 ['ro:m] *pron.pes.* eles ; deles.

ru-ruu [ru'ru:] *num.* de dois em dois, em pares.

rui ['rui] *n.* osso.

run-ranga [run'ranga] *v.* bagunçar, perturbar, fazer barulhos.

ruu1 ['ru:] *vt.* ordenar, enviar.

ruu2 ['ru:] *num.* dois.

ruun ['ru:n] *vt.* mastigar.

ruun nifa *vi.* ranger os dentes.

ruun nifa ['ru:n 'nifa] *vi.* ranger os dentes.

(**comp. of ruun, nifa**)

S s

saa ['sa:] *vt.* apunhalar, furar, perfurar, transpassar, dar injeção.

saal ['sa:l] *n.* caminho, estrada, rua.

saal hati ['sa:l 'hati] *tempo.* às vezes, ocasionalmente, talvez.

saam ['sa:m] *vt.* pisar, esmagar, pisotear.

saba ['saba] *q.* o que.

sabai [sa'bai] *n.* nuvem, neblina, névoa, cerração.

Variante: **fr. var. sbai**

sabdu ['sabdu] *n.* sábado.

sabiid [sa'bi:dʷ] *q.* o que.

sae ['sae] *vi.* subir, escalar, ir para cima, decolar.

saguul [sa'gu:l] *num.* dez.

saguul resi-faat [sa'gu:l 'resi 'fa:tʷ] *num.* quatorze.

saguul resi-kiid [sa'gu:l 'resi 'ki:dʷ] *num.* onze.

saguul resi-liim [sa'gu:l 'resi 'li:m] *num.* quinze.

saguul resi-ruu [sa'gu:l 'resi 'ru:] *num.* doze.

saguul resi-teul [sa'gu:l 'resi] *num.* treze.

sai ['sai] *vi.* sair, ir para fora.(Origem: Português)

sala ['sala] *n.* erro, pecado.
comp. **nee saal** criticar

salmata [sal'mata] *n.* porta, entrada.

samaga [sa'maga] *n.* alma.

Same ['same] *sub prop.* posto administrativo do município de Manufahi.

samor ['samor] *n.* cobra venenosa (verde).

sao ['sao] *n.* amigo, colega; família, parente.

sapeo [sa'peo] *n.* chapéu, boné, boina.(Origem: Português)

saraen [sa'raen] *n.* batismo.

sarleol [sar'leol] *n.* tenda, barraca.

sasin ['sasin] *n.* testemunha.

saub ['saubʷ] **1.** *n.* bruxo. **2.** *adj.* magia, magia negra.

saugati [sau'gati] *adj.* grátis,.

saun ['saun] *n.* planta do arroz, arroz com casca.

sbai [s'bai] *n.* nuvem, neblina, névoa, cerração. Variante: **fr. var. of sabai**.

se ['se] *rel.* se.(Origem: Português)

seen ['se:n] *q.* quem.

seen-lolo ['se:n 'lolo] *vi.* uma pessoa empurrando a si mesma por meio de algo.

seen-loor ['se:n 'lo:r] *vt.* pessoas empurando-se .

seer ['se:r] *adj.* algum, alguns.

sei ['sei] *vt.* apertar, prender, firmar.

selu ['selu] *det.* outro.

sempre ['sempre] *tempo.* sempre.

sen-seen [sen'se:n] *pron.* qualquer um.

seneda [se'neda] *v.* calmo, tranquilo.

sentí ['senti] *vt.* sentir.(Origem: Português)

seo ['seo] *vt.* carregar nos ombros .

serbii [ser'bi:] *vt.* servir.(Origem: Português)

serbius [ser'buius] *vt.* trabalhar.(Origem:

Português)

sergaa [ser'ga:] *quant.* todos esses
(distância medial do falante).

sergia [ser'gia] *quant.* todos estes
(próximo ao falante).

seri ['seri] *n.* parte ; outro lado.

serlagaa [serla'ga:] *quant.* todos aqueles lá
(longa distância do falante).

sero kirai ['sero kirai] *vi.* chorar alto,
lamentar perto de um defunto.

seul ['seul] *vt.* pagar.

siber ['siber] *n.* açúcar 166.

sidadi [si'dadi] *n.* cidade.(Origem:
Português)

sigaru [si'garu] *n.* cigarro.

sii ['si:] *n.* sal.

siik ['si:kʷ] *vt.* adivinhar, supor, imaginar,
conjecturar.

siil ['si:l] *adv.* novamente, repetitivamente.

fois siil *vt.* liberar, soltar.

siis ['si:s] *n.* carne.

sikoti [si'kɔti] *n.* chicote.

sinaal [si'na:l] *n.* sinal, evidência.

sio ['sio] *adj.* duro, resistente.

sium ['sium] *vt.* receber, aceitar.

slook [s'lo:kʷ] *n.* rio.

snuga [s'nuga] *n.* respiração, fôlego,
sopro.

snuga boor [s'nuga bo:r] *vi.* último
suspiro. Lit: breath cut off.

soek ['soekʷ] *vt.* jogar fora, descartar.

sohai [so'hai] *n.* cobra.

soi ['soi] *n.* riqueza.

comp. **nam-soi** riqueza

soob ['so:bʷ] *adv.* aspecto completivo,
alienta o final do evento.

soro ['soro] *vt.* caçar 271.

soro-door *n.* caçador.

soro-door ['soro 'do:r] *n.* caçador.
(comp. of soro, ubu1)

sorti ['sorti] *n.* sorte.

sua ['sua] *n.* embaixo.

suat ['suatʷ] *adj.* envergonhado.

suil ['suil] *vi.* retornar.

suku ['suku] *n.* vila (uma vila é composta
de várias aldeias).

suli ['suli] *n.* retorno.

suli siil ['suli 'si:l] *vt.* retornar, voltar
novamente, voltar as origens.

sunun ['sunum] *n.* colher; utensílio
constituído geralmente em uma peça
única de metal, com um cabo e uma
parte côncava, e que serve
especialmente para levar alimentos à
boca.

suri ['suri] *n.* espada típica de Timor-
Leste.

susar ['susar] *vi.* difícil, árduo.

suur ['su:r] *vt.* contar.

T t

taa ['ta:] *vt.* fechar, tampar, cobrir.

taad ['ta:dʷ] *vt.* saber, conhecer, entender.
comp. **nae taad** procurar saber sobre

taan ['ta:n] *v.* enterrar.

tabaar [ta'ba:r] *vt.* falar, reportar.

tabae [ta'bae] *vt.* entrar.

tadu [ˈtadu] *vi.* aparecer, acontecer.
taer [ˈtaer] *n.* corda.
taes [ˈtaes] *n.* mar, oceano.
taes kuku [ˈtaes ˈkuku] *n.* praia.
taet [ˈtaetˀ] *vt.* nivelar o solo enchendo pontos baixos com sujeira.
tagael [taˈgael] *vt.* voltar, retornar, ir para casa.
tahu [ˈtahu] *vi.* tossir.
tais [ˈtais] *neg.* não.
tama [ˈtama] *adj.* prender firme, firmar.
 comp. **fael tama** segurar firme, segurar com certeza
tanaar [taˈna:r] *vt.* ouvir, escutar.
tanki [ˈtanki] *n.* tanque (de gasolina, de água). (Origem: Português)
tata [ˈtata] *n.* ancestral.
tata hiin [ˈtata ˈhi:n] *n.* avó.
tata maen [ˈtata ˈmaen] *n.* avô.
tau1 [ˈtau] *vt.* dar comida, alimentar.
tau2 [ˈtau] *vt.* socar.
taum [ˈtaum] *vt.* defumar, secar (alimentos para conservação).
tboo [tˈbo:] *n.* irmã (de um homem).
tee [ˈte:] *vt.* jogar alguma coisa na direção horizontal.
-tee [ˈte:] *adj > n sfx.* Nominalizador.
 Sufixo nominal que ocorre em nomes derivados de adjetivos, verbos ou nomes e exprime a idéia de agente, geralmente com conotação negativa.
tees [ˈte:s] *n.* teste.
tegeu [teˈgeu] *n.* pescoço, garganta.
teis1 [ˈteis] *vt.* decidir.
teis2 [ˈteis] *vt.* cortar, fatiar.
teki [ˈteki] *n.* lagartixa.

teliga [teˈliga] *n.* orelha.
telo [ˈtelo] *tam.* marca o aspecto perfectivo.
 comp. **faklau telo** então, mais tarde, depois disto
telo met [ˈtelo metˀ] *tam.* completamente ; por inteiro.
tema [ˈtema] *adv.* tudo, inteiro.
tempu [ˈtempu] *n.* tempo. (Origem: Português)
tenki [ˈtenki] *tam.* ter que. (Origem: Português)
teor [ˈteor] *n.* língua.
teor hua [ˈteor ˈhua] *n.* palavra.
teor menon [ˈteor ˈmenon] *n.* mensagem.
tero [ˈtero] *n.* voz.
terus [ˈterus] *n.* sofrimento, dificuldade.
testemunya *n.* testemunha.
tete [ˈtete] *adv.* em cima, .
tetmree [tet mˈre:] *n.* pelado, nu.
teul [ˈteul] *num.* três.
teum [ˈteum] *vd.* mencionar, referir.
tia [ˈtia] *n.* pele.
tida [ˈtida] *adj.* sujo.
tiid [ˈti:dˀ] *vt.* erguer, erigir, levantar, elevar (posição vertical).
tiik [ti:kˀ] *adj.* seco.
tilu2 [ˈtilu] *adv.* atualmente.
 comp. **hina tilu kani** pouco tempo atrás, recentemente
tilu1 [ˈtilu] *vt.* brincar.
tloo [tˈlɔ:] *vt.* levantar, elevar.
tloo lolo [tˈlɔ: ˈlɔlɔ] *adj.* arrogante.
todood [toˈdo:dˀ] *vt.* chacoalhar, agitar, sacudir.
toeh [ˈtoeh] *vt.* remover, retirar.

toka [ˈtɔka] *vt.* tocar.
toke [ˈtɔke] *n.* tipo de largatixa grande
 (espécie específica da região).
too1 [ˈto:] *vt.* chegar, aterrisar.
too2 [ˈtɔ:] *dex.* o, a. Definido.
toom [ˈto:m] *vt.* seguir.
toom maa [ˈto:m ˈma:] *conec.* então,
 depois, mais tarde.
toon [ˈto:n] *n.* ano.
totor [ˈtotor] *vi.* tremer.
traidoor [traɪˈdo:r] *n.* traidor.
trigu [ˈtrigu] *n.* trigo.
tristi [ˈtristi] *adj.* triste.
tua [ˈtua] *adj.* velho (para coisas).

tuar [ˈtuar] *vt.* trocar.
tubu [ˈtubu] *adj.* valioso.
tui [ˈtui] *vt.* cozinhar.
tuir [ˈtuir] *vt.* seguir.
 comp. **fun tuir** copiar, imitar, obedecer,
 manter (uma promessa), cumprir (uma
 ordem)
tusa [ˈtusa] *n.* dívida.
tustus [ˈtustus] *quant.* muito, muitos.
tuu [ˈtu:] *adj.* grande.
tuuk [ˈtu:kʷ] *vd.* perguntar.
tuul [ˈtu:l] *vt.* tocar.
tuun [ˈtu:n] *vt.* assar.
tuus [ˈtu:s] *vt.* verdade, correto.

U u

ubu1 [ˈubu] *n.* pessoa, pessoas, seres
 humanos.
 comp. **itubudaot** crocodilo. O
 crocodilo é considerado um animal
 sagrado em Timo-Leste. Não pode ser
 morto ou comido. , **rae ubu** espírito
 da terra , **soro-door** caçador
ubu2 [ˈubu] *clas.* precede o número
 quando este se referir a pessoas.
ukun [ˈukun] **1.** *n.* regra, regulamento.
2. *vt.* regerar, governar.
ulu [ˈulu] *n.* cabelo.
ulu hatu [ˈulu ˈhatu] *n.* cabeça.
uma [ˈuma] *n.* casa, lar.
umlae [umˈlae] *n.* batata doce.

umlau [umˈlau] *n.* telhado.
ura2 [ˈura] *pron.pes.* ele, ela.
ura1 [ˈura] *dex.* distante.
 comp. **idura** aquele, aquela, aquilo ,
la-ura lá ; ali
uri [ˈuri] *dex.* próximo, aqui.
 comp. **iduri** este, esta, isto , **la-uri**
 aqui
uum [ˈu:m] *n.* casa.
uur [ˈu:r] *n.* panela.
uus [ˈu:s] *n.* chuva.
uut [ˈu:tʷ] *n.* piolho.
uza [ˈuza] *vt.* usa, utilizar.(Origem:
 Português)

REFERÊNCIAS

- AIKHENVALD, Alexandra Y. Typological distinctions in word-formation. IN: SHOPEN, Timothy (ed.). **Language typology and syntactic description**. Volume 3: Grammatical categories and the lexicon. Cambridge & New York: Cambridge University Press, 2007, p. 1-65.
- ALBUQUERQUE, Davi B. Ecologia dos contatos linguísticos em Manbae, Timor-Leste. In: COUTO, Elza K. N. N.; ALBUQUERQUE, Davi B.; ARAÚJO, Gilberto P. (Org.). **Da Fonologia à Ecolinguística**. Ensaios em homenagem a Hildo Honório do Couto. Brasília: Thesaurus, 2013. p. 251-283.
- ANSALDO, Umberto. **Ecology and Evolution in Asia: Contact Languages**. Hong Kong: The University of Hong Kong, 2009.
- ARAÚJO, V. **Um estudo sobre o rito de tradição oral ai-hulun e as suas actuais práticas religiosas e mágicas no suco de Mauchiga**. Lisboa 2010. (Dissertação de Mestrado). Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2010.
- BECKER, H. Observação Social e Estudos de Caso Sociais. In: BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral** .2ed. vol. I e II. São Paulo: Pontes, 2005.
- BERGMAN, TED G. Rapid Appraisal of Languages. **Notes On Literature In Use And Language Programs**, n.28, p. 3-11, 1991
- BERNARD, H. Russell. Language Preservation and Publishing. In: HORNBERGER, Nancy H. **Indigenous Literacies in the Americas: Language Planning**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1996, p. 139-156.
- BLAIR, Frank. **Survey on a shoestrig: a manual for small-scale language survey**. Dallas: University of Texas at Arlington and SIL International, 1990.
- BLUST, Robert. A Note on the History of Genitive Marking in Austronesian Languages. **Oceanic Linguistics**, vol. 44, n.I, p.215-222, 2005.
- _____. **The Austronesian languages**. Canberra: Australian National University, 2009.
- BOOIJ, Geert E. **The grammar of words: An introduction to linguistic morphology**. 2nd ed. (Oxford Textbooks in Linguistics). Oxford & New York: Oxford University Press, 2007.
- BRENZINGER, M. et al. **Language Vitality And Endangerment**. UNESCO Ad Hoc Expert Group on Endangered Languages. Document adopted by the International Expert Meeting on UNESCO. Programme Safeguarding of Endangered Languages. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001836/183699E.pdf>>. Paris, 2003.
- BURQUEST, D. A. **Phonological Analysis: a functional approach**. Dallas: Summer Institute of Linguistics, 2006.

CAPELL, Arthur. People and Languages of Timor. **Oceania**, v.14, n.3, p. 191-219, 1943a.

_____. People and Languages of Timor. **Oceania**, v.14, n.4, p. 311-337, 1943b.

_____. People and Languages of Timor. **Oceania**, v.15, n.1, p. 19-48, 1944.

CASTRO, Luis Gárate. A Terra de Ainaro e a sua gente – aproximação geográfica, social, econômica e histórica. IN: SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA DO GOVERNO DE TIMOR-LESTE. **As uma lulik do distrito de Ainaro**: património cultural de Timor-Leste. Ferrol: Secretária de Estado da Cultura da República Democrática de Timor-Leste, 2010.

CHAMBERS, Jack K.; TRUDGILL, Peter. **Dialectology**. 2nd. Cambridge: Cambridge University Press, 1998

CORTE-REAL, Benjamin A.; HULL, Geoffrey. First texts in Mambai-Ainaro. **Studies in languages and cultures of East Timor**, v. 1, p. 69-87, 1998.

CORTE-REAL, Benjamin A. **Mambae and its verbal art genres**. A cultural reflection of Suro-Ainaro, East Timor. Tese de Doutorado. Sydney: Macquarie University, 1998.

_____. Social Order and Linguistic Symmetry: The case of Mambai, Suru-Ainaro. **Studies in Language and Culture of East Timor**, v. 3, p.31-36, 2000.

COUTO, Hildo H. **Ecolinguística**: estudo das relações entre língua e meio ambiente. Brasília: Thesaurus, 2007.

_____. **Linguística, ecologia e ecolinguística**: contato de línguas. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. O que vem a ser ecolinguística, afinal? **Cadernos de Linguagem & Sociedade**, v. 14, n. 1, p. 275-313, 2013.

_____. Ecological approaches in linguistics: a historical overview. **Language Sciences**, v. 41, p. 122-128, 2014a.

_____. **As conjunções e as relações entre linguagem e mundo extralinguístico**. Disponível em <<http://meioambienteelinguagem.blogspot.com.br/2013/10/as-conjuncoes-e-as-relacoes-entbre.html>>. Acesso em 20 out. 2014b.

_____. **Linguística ecossistêmica**. Disponível em <<http://meioambienteelinguagem.blogspot.com.br/2012/06/linguistica-ecossistemica.html>>. Acesso em 20 out. 2014c.

_____. **Linguística ambiental**. Disponível em: : <http://meioambienteelinguagem.blogspot.com.br/>. Acesso em 10 out 2017.

_____. **A metodologia na linguística ecossistêmica**. Disponível em: <http://meioambienteelinguagem.blogspot.com.br/>. Acesso em 10 out 2017.

CROWLEY, Terry. **An Introduction to Historical Linguistics**. Papua New Guinea: University of Papua New Guinea Press; Suva, Fiji: Institute of Pacific Studies, University of the South Pacific, 1987.

CRYSTAL, David. **A Dictionary of Linguistics and Phonetics**. 6th. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2008.

DIK, Simon. **Functional Grammar**. Amsterdã: North-Holland, 1978.

DIXON, R. M. W. **Basic linguistic theory - Volume 1: Methodology**. Oxford: Oxford University Press, 2009.

_____. **Basic linguistic theory - Volume 2: Grammatical topics**. Oxford: Oxford University Press, 2011.

_____. **Basic linguistic theory - Volume 3: Further grammatical topics**. Oxford: Oxford University Press, 2012.

DONOHUE, Mark & GRIMES, Charles E. Yet more on the position of the languages of Eastern Indonesia and East Timor. **Oceanic Linguistics**, vol. 47, n.I, p.114-158, 2008.

DOOLEY, Robert A. **Categorias Gramaticais**. 2010. (não publicado).

DOOLEY, A. R. & LEVINSOHN, S. H. **Análise do discurso**: conceitos básicos em lingüística. Petrópolis: Vozes, 2003.

DURAND, Frédéric. **História de Timor-Leste**: da pré-história à actualidade. 2ed. Lisboa: Lidel, 2009.

EDWARDS, Owen. **Metathesis and Unmetathesis**: Parallelism and Complementarity in Amarasi, Timor. Tese (Doutorado em Filosofia). Canberra: Australian National University, 2016.

EDWARDS, John. **Multilingualism**. London: Routledge & Kegan Paul, 1994.

FASE, Willem; JASPAERT, Koen; KROON, Sjaak (eds). **Maintenance and Loss of Minority Languages**. vol. 1. Studies in Bilingualism. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1992.

FASOLD, Ralph W. **The Sociolinguistics of Society**: Introduction to Sociolinguistics. vol. 1. Oxford: Basil Blackwell, 1984.

FERGUSON, Charles A. **Diglossia**. *Word*, vol. 15, p.325-340, 1959.

FILL, Alwin & MÜHLHÄUSLER, Peter (ed.). **The ecolinguistics reader**. Language, Ecology and Environment. Londres: Continuum, 2001. p. 167-173.

FISHMAN, Joshua A. Bilingualism with and without diglossia; diglossia with and without bilingualism. **Journal of Social Issues**, vol.23, n.2, p.29-38, 1967.

_____. **Sociolinguistics**: a brief introduction. Rowley Massachusetts: Newbury House Publishers, 1970.

FOGAÇA, Helem A. O. **Estudo fonético e fonológico do Mambae de Same**. Uma língua de Timor-Leste. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

FOGAÇA, Jessé Silveira. **Aspectos Gramaticais da Língua Makasae de Timor-Leste: Fonologia, Morfologia e Sintaxe**. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

FOX, James J. (ed.). **The Flow of Life: Essays on Eastern Indonesia**. Cambridge: Harvard University Press, 1980.

_____. *To Speak in Pairs: Essays on the Rituals Languages of Eastern Indonesia*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

_____. Tracing the path, recounting the path: historical perspectives on Timor. In: FOX, James J. & SOARES, Dionisio B. (eds.) **Out of the ashes: destruction and reconstruction of East Timor**. Hindmarsh: Crawford House Publishing, 2003a, p.1-29.

_____. Drawing from the past to prepare for the future: responding to the challenges of food security in East Timor. In: COSTA, H. *et al.* (Eds.). **Agriculture: New Directions for a New Nation - East Timor (Timor-Leste)**. Canberra: The Australian National University, 2003b, p. 105-114.

_____. Ritual languages, special registers, and speech decorum in Austronesian languages. In: ADELAAR, K. A. & HIMMELMANN, P. (eds.), **The Austronesian languages of Asia and Madagascar**. Londres: Curzon Press, 2005. p. 87-109.

_____. The Transformation of Progenitor Lines of Origin: Patterns of Precedence in Eastern Indonesia. In: FOX, James J. & SATHER, Clifford. (ed.). **Origins, Ancestry and Alliance: Explorations in Austronesian Ethnography**. Canberra: The Australian National University Press, 2006a. p. 133-156.

_____. Austronesian Societies and Their Transformations. In: BELLWOOD, Peter; FOX, James J.; TRYON, Darrell. **The Austronesians: Historical and Comparative Perspectives**. Canberra: ANU E Press, 2006b, p 229-244.

GIDDENS. Anthony. **Sociologia**. 6ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

GILES, Howard (ed.) **Language, ethnicity and intergroup relations**. London: Academic Press, 1977.

GILES, Howard; BOURHIS, Richard Yvon; TAYLOR Donald M. Towards a theory of language in ethnic group relations. IN: GILES, Howard (ed.) **Language, ethnicity and intergroup relations**. London: Academic Press, 1977, p. 307-349.

GLOVER, I. **Archeology in Eastern Timor, 1966-67**. Canberra: Research School of Pacific Studies, Australian National University, 1986.

GRIMES, Charles E. **Comparative Wordlist For Austronesian Languages of Maluku, Nusatenggara and Irian Jaya**. Centre for Moluccan Studies and Development - Pusat Kajian dan Pengembangan Maluku. Ambon, Pattimura University, 1990.

_____. **The Buru Language of Eastern Indonesia**. Tese (Doutorado em Filosofia). Canberra: Australian National University, 1991.

_____. **The Buru Language of Eastern Indonesia** (Versão modificada). Tese (Doutorado em Filosofia). Canberra: Australian National University, 2013.

GRIMES, Charles E.; GRIMES, Barbara D. **Languages of South Sulawesi**. Pacific Linguistics D-78. Canberra: The Australian National University, 1987.

GRIMES, Joseph E. **Language survey reference guide**. Dallas: SIL, 1995.

GUMPERZ, John J. Linguistic and social interaction in two communities. **American Anthropologist**, n. 66, p. 37-53, 1964.

GUMPERZ, John J. Types of linguistic communities. IN: FISHMAN, Joshua A. (ed). **Readings in the Sociology of Language**. The Hague: Mouton & Co., 1968, p. 460-472.

HALE, K. On endangered languages and the safeguarding of diversity. **Language**. n.68. 1992a, p. 1-3.

_____. Language endangerment and the human value of linguistic diversity. **Language**. 1992b, p. 68. 35-42.

HATFIELD, Deborah; LEWIS, M. Paul. Surveying ethnolinguistic vitality. IN: SIL. **Notes on Literature in Use and Language Programs**, vol. 48, 1996, p. 34-47.

HAUGEN, Einar. **The Ecology of language**. Stanford: Stanford University Press, 1972.

HICKS, David. Tetum Ghosts & Kin – **Fertility and gender in East Timor**. 2ed. Long Grove: Waveland Press, 2004.

HIMMELMANN, Nikolaus P. The Austronesian languages of Asia and Madagascar: Typological characteristics. IN: ADELAAR, K. Alexander; HIMMELMANN, Nikolaus P. (eds.). **The Austronesian languages of Asia and Madagascar** (Routledge Language Family Series). London & New York: Routledge, 2005, p. 110–181.

HULL, Geoffrey. **Mambai Language Manual** (Ainaro dialect). Sydney/Dili: Sebastião Aparício da Silva Project, 2001.

_____. **Southern Mambai (Ainaru Nor Same)**. Dili: Instituto Nacional de Lingüística-Universidade Nacional Timor Lorosa'e, 2003.

KLUGE, Angela. **A Grammar of Papuan Malay**. Studies in Diversity Linguistics 11. Berlin: Language Science Press, 2017.

LEWIS, M. Paul; SIMONS, Gary F.; FENNIG, Charles D. (eds.). **Ethnologue: Languages of the World**, Seventeenth edition. Dallas: SIL International, 2014. Disponível em: <http://www.ethnologue.com>. Acesso em: 8 out. 2014.

LIEBER, Rochelle; STEKAUER, Pavol (eds.). **The Oxford handbook of compounding** (Oxford Handbooks in Linguistics). Oxford: Oxford University Press, 2009.

LOVING, Richard; SIMONS, Gary F. (ed.) **Language variation and survey techniques**. Workpapers in Papua New Guinea Languages 21. Ukarumpa: Summer Institute of Linguistics, 1977.

MAGALHÃES, Antonio Barbedo de. **Timor-Leste na encruzilhada da tradição indonésia**. Lisboa: Gradiva, 1999.

MAKKAI, Adam. A pragmo-ecological view of linguistic structure and language universals. **Language Sciences**, v. 27, 1973, p.9-22.

_____. Da pragmática pragmo-ecológica à ecolinguística (1973-1993). **Eco-Rebel**, v. 2, n. 2, 2016, p.44-48.

MARTINET, André. **Eléments de linguistique générale**. Paris: Armand Colin, 1970.

MAUSS, Marcel. **Manual de Etnografia**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993 (1947), p. 27-35.

MENEZES, Francisco Xavier de. **Encontro de culturas em Timor-Leste: contribuição para o seu estudo**. Dili: Crocodilo Azul, 2006.

MKILIFI, M. Abdulaziz. Triglossia and Swahili-English bilingualism in Tanzania. IN: FISHMAN, Joshua (ed.) **Advances in the Study of Societal Multilingualism**. The Hague: Mouton, 1978, p. 129-152.

MUFWENE, Salikoko. Merissage des peuples et metissage des langues. IN: HAZAEL-MASSIEUX, M.C.; ROBILLARD, D.(eds). **Contacts de langues, contacts de culture, creolisation**. Paris: L'Harmattan, 1997.

NASH, Joshua. **Insular toponymies: pristine place-naming on Norfolk Island, South Pacific and Dudley Peninsula, Kangaroo Island, South Australia**. Tese (Doutorado em Linguística). School of Humanities, University of Adelaide, Adelaide, Austrália. 2011a.

_____. Norfolk Island, South Pacific: **An empirical ecolinguistic case study**. AUMLA – Journal of the Australasian Universities Language and Literature Association, v. 116, p.83-97, 2011b.

_____. **Insular Toponymies**. Pristine Place-naming on Norfolk Island, South Pacific and Dudley Peninsula, Kangaroo Island. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2013.

NYGAARD-CHRISTENSEN, Maj; BEXLEY, Angie (eds). **Fieldwork in Timor-Leste: understanding social change through practice**. Copenhagen: NIAS Press, 2017.

PAWLEY, A. Grammar Writing from a Dissertation Advisor's Perspective. IN: NAKAYAMA, Toshihide; RICE, Keren (ed.). **The Art and Practice of Grammar Writing**. Honolulu: University of Hawaii Press, 2014, p. 7-23.

PAYNE, Thomas E. **Describing Morphosyntax: A guide for field linguists**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

PELKEY, Jamim R. **Dialectology as dialect: interpreting Phula variation**. Revisão da tese de doutorado do autor – LaTrobe University, Austrália, 2008. Berlin: De Gruyter Mouton, 2011.

PLUMMER, Ken. Identidade. In: _____. **Dicionário do Pensamento Social do Século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

RENSCH, Calvin R. Sociolinguistic Community Profiles. IN: CASAD, Eugene H. (ed.) **Windows on bilingualism**. Dallas: University of Texas at Arlington; Dallas: Summer Institute of Linguistics, 1992, p. 49-52.

RDTL. **Constituição da República Democrática de Timor-Leste**. Dili: Tribunal de Recurso, 2010.

_____. **Population and Housing Census 2010 - Atlas**. Vol. 15. Dili: NSD e UNFPA, 2013a.

_____. **Population and Housing Census 2010 - Suco Report**. Vol. 4. Dili: NSD e UNFPA, 2013b.

_____. **Governo de Timor-Leste: sobre**. Disponível em: <http://timor-leste.gov.tl/?p=547&lang=pt>. Acesso em 22 out. 2014a.

_____. **Política Nacional da Cultura**. Disponível em: http://www.cultura.gov.tl/sites/default/files/Politica_nacional_cultura_portugues.pdf. Acesso em: 10 out. 2014b.

_____. **Population and Housing Census 2017 – Preliminary Results**. Disponível em: <http://www.statistics.gov.tl/preliminary-results-population-and-housing-census-2015>. Acesso em 10 ago. 2017a.

_____. **Population Distribution By Administrative Area - Language**. Vol. 2. Disponível em: <http://www.statistics.gov.tl/category/publications/census-publications>. Acesso em 10 ago. 2017b.

_____. **Population Distribution By Administrative Area - Nationality, Citizenship And Religion**. Vol. 2. Disponível em: <http://www.statistics.gov.tl/category/publications/census-publications>. Acesso em 10 ago. 2017c.

ROMAINE, Suzanne. **Language in Society: An Introduction to Sociolinguistics**. Oxford: OUP, 1994.

ROSS, M. 2005. 'Pronouns as a preliminary diagnostic for grouping Papuan languages'. In: A. Pawley, R. Attenborough, J. Golson and R. Hide (eds.). **Papuan Pasts**. Cultural, linguistic and biological histories of Papuan-speaking peoples. Canberra: Pacific Linguistics. 15-65.

SANDERS, Arden. Guidelines for conducting a lexicostatistic survey in Papua New Guinea. IN: LOVING, Richard; SIMONS, Gary F. (ed.) **Language variation and survey techniques**. Workpapers in Papua New Guinea Languages 21. Ukarumpa: Summer Institute of Linguistics, 1977, p. 21-41.

SAPIR, Edward. **Language and Environment**. In: American Anthropologist, N.S. 14, 1912.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHAPPER, Antoinette. **Bunaq**: a papuan language of central Timor. Tese (Doutorado em Filosofia). College of Asia & the Pacific, Australian National University, Canberra, 2009.

SIMONS, Gary. Tables of significance for lexicostatistics. IN: LOVING, Richard; SIMONS, Gary F. (ed.) **Language variation and survey techniques**. Workpapers in Papua New Guinea Languages 21. Ukarumpa: Summer Institute of Linguistics, 1977a, p. 75-106.

_____. Recognizing patterns of divergence and convergence in a matrix of lexicostatistic relations. IN: LOVING, Richard; SIMONS, Gary F. (ed.) **Language variation and survey techniques**. Workpapers in Papua New Guinea Languages 21. Ukarumpa: Summer Institute of Linguistics, 1977b, p. 107-134.

SMITH, Kenneth. The languages of Sabah: a tentative lexicostatistical classification. In: KING, Julie K. e KING, John W. (org) **Languages of Sabah**: a survey report. Canberra: Pacific Linguistics, 1984, p. 1-49.

STALDER, Juergen; BERGMAN, T. G. **Questionnaires**. Unpublished Manuscript. 1996.

STROHNER, Hans. Die neue Systemlinguistik: Zu einer ökosystemischen Sprachwissenschaft. In: FILL, Alwin (org.). **Sprachökologie und Ökolinquistik**. Tübingen: Stauffenburg Verlag, 1996. p. 49-58.

TABER, Mark. **Toward a better understanding of the indigenous languages of Southwestern Maluku**. Oceanic Linguistics 32, 1993, p. 389-441.

TANSLEY, Arthur G. **The use and abuse of vegetational concepts and terms**. Ecology 16,3. 284-307, 1935.

THOMAZ, Luis Filipe. **Babel Loro Sa'e**: O Problema Lingüístico de Timor Leste. Lisboa: Instituto Camões, 2002.

TRAUBE, Elizabeth G. Mambai rituals of black and white. In: Fox, James J. (ed.). **The flow of life**: Essays on Eastern Indonesia. p. 290-315. Cambridge: Harvard University Press, 1980a.

_____. Affines and the dead: Mambai rituals of alliance. **Bijdragen tot de Taal-, Land-, en Volkenkunde**, v.136, p.90-115, 1980b.

_____. **Cosmology and Social Life**: Ritual Exchange among the Mambai of East Timor. Chicago: University of Chicago Press, 1986.

_____. Unpaid Wages: Local Narratives and the Imagination of the Nation. **The Asia Pacific Journal of Anthropology**, v.8, n.1, 9-25, 2007.

_____. Planting the Flag. In: MCWILLIAM, Andrew & TRAUBE Elizabeth G. **Land and life in Timor-Leste**: ethnographic essays. Canberra: ANU E Press, 2011.

TRYON, Darrell. Proto-Austronesian and the Major Austronesian Subgroups. In: BELLWOOD, Peter; FOX, James J.; TRYON, Darrell. **The Austronesians**: Historical and Comparative Perspectives. Canberra: ANU E Press, 2006, p. 17-42.

VAN KLINKEN, Catharina Lumien. **A Grammar of the Fehan dialect of Tetun, na Austronesian language of West Timor**. Canberra: Pacific Linguistics – Research School of Pacific and Asian Studies, The Australian National University, 1999.